

LILIAN DOS SANTOS RAHAL

VIVER NO E DO SÍTIO: UM ESTUDO SOBRE AGRICULTORES SITIANTES DE JOANÓPOLIS – SP.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço

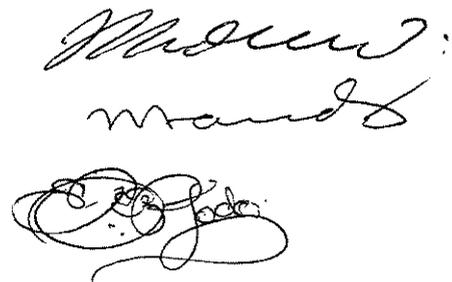
Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 21/02/2002

BANCA

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço (Orientador)

Profa. Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley

Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi



Fevereiro de 2002

UNIDADE JE
Nº CHAMADA 7/UNICAMP
R129v
V _____ EX _____
TOMBO BCI 49500
PROC 16-837/02
C _____ DX _____
PREÇO R\$ 11,00
DATA 08/06/02
Nº CPD _____

CM00168747-4

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

BIB ID 243428

R 129 v **Rahal, Lilian Santos**
 Viver no e do sítio: um estudo sobre os agricultores sitiantes de
 Joanópolis-SP / Lilian Santos Rahal. -- Campinas, SP : [s.n.],
 2002.

Orientador: Fernando Antonio Lourenço.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sítios – Joanópolis (SP). 2. Famílias rurais. 3. Pequenos
produtores. 4. Mulheres na agricultura. 5. Projetos. 6. Trabalho
familiar. I. Lourenço, Fernando Antonio. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. II. Título.

AGRADECIMENTOS.

São tantas as pessoas a agradecer, que temo incorrer em algum erro. Assim, já me desculpo por eventuais falhas na memória. Afinal, faz tanto tempo que esse trabalho começou...

Agradeço, inicialmente, aos agricultores sitiantes de Joanópolis, por terem aberto seus sítios, suas casas e suas vidas, ensinando-me o é que viver no e do sítio, o que é a agricultura familiar. A compreensão e paciência comigo foram fundamentais para que esta pesquisa se realizasse. Nas pessoas dos amigos Penha, José, seus filhos Giovani e Gustavo, seu Antônio e a falecida dona Bernardina (mãe Dina), que sempre nos acolheram com um carinho familiar, dona Aparecida, seu Chico, sua filha Lucinéia (Luana e Marco Antônio), Araci e sua filha Fernanda (a quem devo ainda a companhia em muitas visitas), Maria Lúcia, João e filhos, Neusa e Luís, Cinira e Roberto, dona Joana (todos do bairro dos Pretos), Olga (do Sabiaúna), agradeço a todos que colaboraram com este trabalho, em algum de seus muitos momentos. Agradeço aqui também a Alcides, antigo agrônomo da Casa da Agricultura, pelo apoio inicial.

No meio do caminho entre Joanópolis e Campinas, aproveito para agradecer os companheiros de pesquisa que também fizeram parte deste trabalho: Iara Rolim, amiga de muitas aventuras (que trocou Joanópolis pela Bahia), e o Professor Carlos Brandão. A este agradeço por ter me apresentado Joanópolis, por ter me ensinado a pesquisar o campo, por ter me levado para o caminho das gentes da roça.

Agradeço ao Professor Fernando Lourenço, mestre exemplar, meu orientador, por ter me possibilitado concluir este trabalho, aceitando-me como orientanda. Sem o seu compromisso e seriedade, sem a sua confiança e amizade, certamente este trabalho não teria chegado ao fim.

À professora Nazareth, agradeço a contribuição decisiva para minha formação, dada por meio dos muitos cursos que pude assistir, além da paciente orientação de parte deste trabalho, bastante influenciado por sua vontade de sempre saber mais sobre os muitos campos deste Brasil.

À professora Emília, pela colaboração fundamental no exame de qualificação. Sua leitura atenta, e as ricas observações, foram essenciais para que o trabalho avançasse, e

661572008

chegasse até aqui. Também lhe agradeço por aceitar participar, junto à professora Nazareth, desta Banca.

Foi de grande importância a colaboração que recebi da Secretaria de Pós-Graduação do IFCH, especialmente das funcionárias Christina e Lurdinha.

Teresa Gonzaga Alves, amiga e colega de trabalho no CESOP, ajudou-me (junto com Iara e Vilson) a decidir por ingressar no mestrado, e na elaboração do projeto, além de ter me ensinado a lidar com esse bicho chamado computador. A professora Rachel Meneguello, pela paciência naquele ano de trabalho. Os colegas de curso, e companheiros: Marcelão, Rosa, Pedro, Edwin, Mara, Kiki, Cacau, Adriana, Diógenes, Tedesco, Fátima.

Aos muitos amigos que acompanharam este trabalho, em Campinas, São Paulo e agora Brasília. As amigas de graduação, que nos acompanham pela vida: Deinha, Flávia, Carminha, Tatiana, Graziela, que se casou com meu amigo e colega de curso Arilson (também companheiro de trabalhos), e agora tem dois filhinhos lindos; Artionka, amiga e companheira de tantas horas, de tantos temas, que também já tem um filhinho, o Antônio; Gabi (Gabriela dos Reis Sampaio), pesquisadora das magias (que um dia nos acompanhou em Joanópolis), a primeira a ler este texto; Andrea Borghi (a segunda leitura), amiga querida, que me apresentou essa cidade, e suas muitas gentes; Leslie (que fez o desenho dos bairros) e Beto; Antonádia, quase uma orientadora, fez uma leitura mais que atenta deste texto, ajudando-me a entender muitos erros e acertos.

À minha família querida: minha mãe, Maria Stela, mulher de muita fibra, que pela força das circunstâncias se tornou uma sitiante, não tradicional (e que até hoje não entende como um trabalho pode demorar tanto tempo para ficar pronto); minha irmãzinha Clea, agora agrônoma, que já faz o seu mestrado. A elas e tantos outros (tios e primos), os que estão perto e os que já se foram, deixando-nos uma forte lembrança - em especial meu pai (eterno exemplo) e meus irmãos - agradeço por todo o carinho destes muitos anos.

Por fim, agradeço especialmente ao Carlão, meu amor, por seu carinho, sua lucidez, pelo apoio e compreensão em tantos momentos. Com ele, aprendi a dividir, e a fazer projetos, acreditando em um outro mundo possível.

RESUMO.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre os sítiantes de Joanópolis-SP, município localizado a cerca de 110 KM da cidade de São Paulo. Apresentam-se o município e algumas de suas características, bem como alguns indicadores socioeconômicos. Também são apresentadas as famílias de sítiantes entrevistadas, caracterizando-as conforme sua localização socioespacial no município. Procura-se contextualizar algumas mudanças pelas quais o município e essas famílias vêm passando. Nesse sentido, são analisados alguns aspectos do trabalho familiar rural. Procura-se examinar as categorias trabalho/ajuda e o modo como são apropriadas no cotidiano do sítio. Destaca-se a inserção ativa das mulheres no trabalho cotidiano da propriedade e na formação da renda familiar, capitaneando as atividades de transformação dos produtos dos sítios, o que, em muitos casos, vem viabilizando a manutenção dos mesmos, ao mesmo tempo em que provoca mudanças no papel social da mulher na família. Finalmente, procura-se realçar os projetos desses sítiantes para se manterem e à sua família **no e do sítio**, e as estratégias desenvolvidas para que isso se torne viável. Observa-se que essas estratégias incluem a opção por estabelecer uma vida no bairro rural, porém, com uma relação mais estreita com a cidade, pelo investimento na escolarização dos filhos e por estratégias econômicas que incluem tanto a diversificação da produção como dos investimentos.

ABSTRACT.

The present work is the result of an investigation on family farmers from Joanópolis (SP), a municipality distant 110 km from the city of São Paulo. The municipality is described, as well as some of its socio-economic indicators. The families whose members were interviewed are also presented and characterized according to their socio-spatial location in the municipality. Some of the changes that affected the municipality and the families are described in their context. In this sense, some features of rural family work are analyzed, and the categories of *work/help* are examined as well as the way they are apprehended in the daily life of the family farmers. The active participation of women in the property's daily work and in formation of family income are observed; women manage the activities of farm products transformation. This is what, in many cases, make the maintenance of the properties possible and, at same time, causes changes in the woman's social rule in the family. Finally, the family farmers projects to make a living *from* the farm and *in* the farm get special attention, as well as their strategies to make it viable. It is observed that such strategies include the choice of establish life in the rural district, keeping however a closer relation with the city, investing in children's education and choosing economic strategies that include the diversification of both production and investments.

SUMÁRIO.

APRESENTAÇÃO.	01
I – SÍTIOS, SITIANTES E BAIROS RURAIS EM JOANÓPOLIS.	09
I.1 - CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO.	09
I.2 – JOANÓPOLIS: PARA ALÉM DAS MONTANHAS E DAS CACHOEIRAS, UMA TERRA DE SÍTIOS, BAIROS RURAIS E UMA PEQUENA SEDE MUNICIPAL.	14
I.3 - OS BAIROS RURAIS DE JOANÓPOLIS.	23
I.4 - O " <i>TEMPO DOS ANTIGOS</i> ".	59
I.4.1 - TROCA E RECIPROCIDADE.	63
I.5 - UM ESPAÇO EM MUDANÇA.	66
II - HOMENS E MULHERES NO CAMPO: O TRABALHO DA FAMÍLIA RURAL HOJE.	79
II.1 - O TRABALHO FAMILIAR NO SÍTIO.	99
II.2 - TRABALHO E RECONHECIMENTO.	112
III - SER SITIANTE, AGRICULTOR FAMILIAR.	119
III.1 - O TRABALHO TORNA-SE "MAIS FAMILIAR".	119
III.2 - SER SITIANTE: UM MODO DE VIDA RURAL.	122
III.3 – PROJETOS.	133
III.4 – SÍTIO E CIDADE.	145
III.V. VIVER NO E DO SÍTIO.	156
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.	159
V – BIBLIOGRAFIA.	165
ANEXO I: QUESTIONÁRIO	169
ANEXO II: MAPAS	177
ANEXO III: GENEALOGIA	187
QUADRO I - Estratégias Familiares de Produção: Quem faz o que?	93
QUADRO II - Relação com a cidade.	127

APRESENTAÇÃO.

Esta pesquisa começou em janeiro de 1992, com a aplicação de alguns questionários em bairros rurais de Joanópolis, um pequeno município localizado no início da Serra da Mantiqueira. Seu início deve-se, em parte, à iniciativa do Prof. Carlos Rodrigues Brandão de estabelecer no município uma equipe de pesquisa voltada à investigação das relações homem/natureza em seus bairros rurais. Essa equipe constituiu-se de três alunas da graduação em ciências sociais do IFCH/UNICAMP: Gabriela dos Reis Sampaio, Iara Rolim e eu. Durante dois períodos de férias escolares percorremos quatro bairros rurais do município, conversando com sitiantes (também chamados agricultores familiares, caipiras, camponeses), totalizando a aplicação de 100 questionários junto aos mesmos. Isso nos deu uma boa base para que pudéssemos escolher um dos bairros para realizar pesquisa etnográfica, concretizada com nossa estada no Bairro dos Pretos (ou Pretos de Baixo), em janeiro e fevereiro de 1993. Já nessa época, as pesquisadoras eram somente duas¹, porém, ainda acompanhadas pelo Prof. Brandão². Essa, que chamamos aqui “a primeira pesquisa”, resultou em extenso relatório final enviado à FAPESP no mesmo ano, dando algumas contribuições ao então Projeto Temático “Homem, Saber e Natureza” e despertando muitas inquietações quanto ao que se convencionou chamar “campesinato tradicional” no Brasil e suas configurações atuais.

Tais inquietações acabaram resultando na elaboração de um projeto de mestrado em sociologia, o que possibilitou a retomada do tema e da pesquisa, em uma nova etapa, alguns anos depois, precisamente, em 1997.

Nesse projeto, nossas preocupações eram relativas a algumas mudanças que ocorriam na área rural de Joanópolis e entre seus sitiantes tradicionais, que vinham se intensificando naquele momento. Tais mudanças referiam-se principalmente à família, ao trabalho familiar e à valorização turística da região, área habitada majoritariamente por sitiantes tradicionais, agricultores familiares, camponeses com forte tradição caipira. As famílias ali residentes,

¹ Gabriela decidiu, não sem pesar, ceder à sua grande paixão pela história dos curandeiros e feiticeiros brasileiros.

² O resultado da pesquisa do Professor Carlos Brandão em Joanópolis está publicado no livro *O afeto da terra* (Brandão, 1999).

conforme observávamos, diminuía o número de filhos a cada nova geração, passando a ter grande preocupação com o futuro desses filhos, dos quais inclusive passa a ser exigida alguma dedicação aos estudos a que seus pais não tiveram acesso. Paralelo a isso, o trabalho em algumas unidades familiares de produção se reorganizava e a mulher, tradicionalmente considerada como "ajudante" do marido nas atividades da propriedade, passava a assumir responsabilidades que ultrapassavam o âmbito dessa ajuda, colocando-a muitas vezes como co-responsável pela geração da renda familiar. Além desses fatores, observávamos que, em um espaço muito curto de tempo, a região de Joanópolis, bastante próxima à cidade de São Paulo (110 quilômetros), com muitos atrativos naturais, foi "descoberta" por turistas interessados em adquirir sítios para recreação, invertendo a lógica produtiva até então predominante ali: os espaços de produção dos sitiantes estavam sendo muitas vezes transformados em espaços de grama, em espaços de lazer para as pessoas de fora. Isso acabou inflacionando os preços de terras e mão-de-obra, inclusive para os sitiantes tradicionais, inviabilizando a reprodução de muitos deles ali.

No trabalho que ora desenvolvemos, todas essas preocupações estão presentes, embora com enfoque diferenciado do projeto inicial. Nossa intenção aqui é desenvolver uma análise do modo como alguns sitiantes tradicionais de Joanópolis³ vêm viabilizando sua existência não só no sítio, como também a partir do trabalho familiar do mesmo ("no e do sítio"), apesar das adversidades a que estão sujeitos.

Desde o início desta segunda etapa da pesquisa, porém, após concluirmos uma revisão bibliográfica sobre o debate teórico acerca da chamada "agricultura familiar", antes denominada de "pequena produção", passamos também a classificar os sitiantes tradicionais de Joanópolis como *agricultores familiares*.

A agricultura familiar aqui é entendida como uma forma social de produção, onde a propriedade e o trabalho estão intimamente vinculados à família. Essa, por sua vez, detém relativa autonomia para decidir sobre o processo produtivo e o envolvimento de seus membros no mesmo. Como bem observa Wanderley, a agricultura familiar é uma forma social de produção

³ Usamos aqui a denominação sitiantes tradicionais como elaborada por Nice Lecocq Muller (1951), querendo com isso referir-nos aos agricultores portadores de uma tradição tanto no trabalho com a terra como em seu modo de vida. Esta tradição inclui uma organização familiar que compreende, dentre outros, o trabalho familiar na propriedade; a produção de alimentos para consumo próprio, destinada também ao mercado; um modo de vida que muito nos faz lembrar dos "caipiras" descritos por Antonio Candido (1971): como herdeiros dos mesmos, mantêm uma forma de sociabilidade centrada nos bairros rurais.

"em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. **É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente**". (Wanderley, 1999, p.25 - grifamos)

A agricultura familiar "*portadora de uma tradição camponesa*".

Embora a literatura em alguma medida diferencie os agricultores familiares modernos dos camponeses, é importante dizer que a agricultura familiar assume formas distintas em diferentes contextos culturais e socioeconômicos, sendo uma dessas formas a camponesa. Assim, encontramos tipos diversos de agricultores familiares, tanto podendo ser camponeses como agricultores modernos altamente *tecnificados*, em países diferentes, num mesmo país e até numa mesma região. Destarte, entre agricultores familiares encontramos desde situações em que o objetivo é simplesmente garantir a subsistência da família até aquelas cuja meta é a obtenção de grandes lucros pela utilização tanto de trabalho familiar quanto assalariado.

O campesinato é a uma das formas da agricultura familiar. Segundo Lamarche, "a exploração camponesa é familiar (...) mas nem todas as explorações familiares são camponesas" (Lamarche, 1993, p. 16). O que define o campesinato é uma forma de produção específica, bem como específicas formas de sociabilidade e de inserção social.

No entanto, cabe aqui atentar, como já demonstrou Martins (1983), que, no Brasil, as palavras "camponês" e "campesinato" são expressões de um embate político e foram importadas para dar unidade às lutas dos diferentes trabalhadores do campo excluídos e para expressar sua situação de classe. Assim, as denominações específicas que geralmente indicavam os trabalhadores do campo em cada região, como é o caso dos caipiras de São Paulo e outros estados, desapareceram dando lugar ao vocábulo único: camponês (que pode ser posseiro, parceiro, proprietário, meeiro ou ainda assalariado rural). Segundo Martins,

“as palavras 'camponês' e 'campesinato' são das mais recentes no vocabulário brasileiro, aí chegadas pelo caminho da importação política. Introduzida em definitivo pelas esquerdas há pouco mais de duas décadas, procuraram dar conta das lutas dos trabalhadores do campo que irromperam em vários pontos do país nos anos cinquenta. Antes disso, um trabalhador parecido, que na Europa e em outros países da América Latina é classificado como camponês, tinha aqui denominações próprias, específicas até em cada região. Famoso tornou-se o **caipira**, palavra provavelmente de origem indígena, usada para designar o camponês das regiões de São Paulo, Minas Gerais, de Goiás, do Paraná, do Mato Grosso do Sul. No litoral paulista, esse mesmo trabalhador é denominado de **caçara**. No Nordeste do país, chamam-no de **tabaréu**. Noutras partes é conhecido como **caboclo**, palavra muito difundida que quer dizer diferentes coisas em diferentes épocas e em diferentes lugares: em São Paulo do século XVII era designação depreciativa pela qual se nomeavam os mestiços de índios e brancos; no Norte e no Centro-Oeste do país é palavra empregada para distinguir o pagão do cristão, sendo nome que se dá ao índio, mesmo em contato com o branco; em várias regiões é palavra que designa o homem do campo, o trabalhador. (...) É significativo que a progressiva inutilidade dessas palavras tenha correspondido aproximadamente ao crescimento das lutas camponesas e à entrada da situação do campesinato no debate político nacional”. (Martins, 1983, p.22)

Dessa maneira, as formas de produção, a sociabilidade e a inserção social que definem o campesinato no Brasil tanto podem corresponder a agricultores "caipiras modernos" do sudeste⁴, como a alguns colonos do sul⁵, e ainda à população ribeirinha da amazônia e aos pobres livres do campo⁶, ou ex-moradores de engenhos do nordeste⁷, todos também chamados, em algum momento, camponeses. Entretanto, a cada uma dessas realidades corresponde um tipo diferente de agricultor familiar, com suas respectivas formas de produção e de sociabilidade, camponesas ou não.

Segundo Wanderley, o agricultor familiar moderno, que realiza importantes mudanças em suas tradicionais formas de produzir e de vida social para se adaptar aos contextos socioeconômicos próprios de cada sociedade, longe de romper definitivamente com suas formas anteriores (camponesas), termina sendo, "antes, um agricultor portador de uma tradição camponesa, o que lhe permite, precisamente, adaptar-se às novas exigências da sociedade". (Wanderley, 1999, p.24)

⁴ Echeverria, 1993.

⁵ Santos, 1978.

⁶ Palacios, 1987.

⁷ Herédia, 1979. Garcia Jr., 1983.

Contudo, há de se considerar que, diferentemente de outros países onde a tradição da agricultura familiar (e sua forma de produção) é bastante forte e foi consolidada como forma de produção preferencial para o desenvolvimento do campo, no Brasil a grande propriedade (com tudo o que isso significou historicamente, inclusive a dominação exercida mediante a mesma) sempre predominou como modelo social e politicamente reconhecido, em detrimento das pequenas, essas sim local de vida e trabalho dos agricultores familiares, sempre relegados ao último plano em nossa história⁸, buscando, precariamente, estratégias diversas para viver e sobreviver. Conforme Wanderley,

" para compreender o espaço de reprodução da agricultura familiar no Brasil (...) será preciso, igualmente, entender que este é um espaço em construção, na maioria das vezes, precário e instável, cuja viabilidade depende freqüentemente da tenacidade dos agricultores e da adoção de complexas estratégias familiares". (Wanderley, 1995, p.7)

Tendo essa configuração em mente, podemos definir os sitiantes tradicionais de Joanópolis, aos quais nos referiremos neste trabalho, como agricultores familiares de origem camponesa, origem esta apresentada por sua forte tradição caipira⁹.

Nesta pesquisa nos remeteremos a esses sitiantes tradicionais, agricultores familiares/camponeses/caipiras, buscando responder as seguintes questões: em que medida a agricultura familiar é um projeto de vida para esses sitiantes? Como o fazem para viabilizá-la? Existe ainda alguma intenção em continuar esse projeto pelas próximas gerações?

Na realização da pesquisa entrevistamos formalmente 12 famílias de sitiantes, seguindo o roteiro de um questionário (ver anexo I), cujas histórias aproximavam-se dos objetivos de nossa investigação. Alguns critérios definiram os sitiantes tradicionais entrevistados. Procuramos entrevistar agricultores familiares que fossem proprietários, que vivessem **no e do** sítio e,

⁸ Como afirma Martins: "as diferentes palavras, que em diferentes lugares designavam o camponês, tinham um duplo sentido (...). Definiam-no como aquele que está em *outro lugar*, no que se refere ao espaço, e como aquele que não está senão ocasionalmente, e nas margens, *nesta sociedade*. Ele não é de fora, mas também não é de dentro. Ele é, num certo sentido, um *excluído* (...)". (Martins, 1983, p.25)

⁹ Chamamos aqui tradição caipira o modo de vida "rústico" descrito por Antonio Candido em "Os Parceiros do Rio Bonito". (Candido, 1971).

eventualmente, tivessem algum trabalho em conjunto com os filhos ou irmãos casados vivendo na mesma propriedade. Isso acabou nos levando a situações bastante díspares, difíceis de serem analisadas conjuntamente. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que entrevistamos casais mais jovens com filhos pequenos ou adolescentes, também entrevistamos casais com filhos em idade de casamento (a partir de 18 anos), ou mesmo já casados, e até mesmo casais com netos. Houve também o caso de um casal de sitiantes mais idosos, cuja entrevista foi importante, pois os mesmos vivem numa propriedade junto com seus filhos casados, e têm por princípio que todos os filhos, ao casar, devem receber uma parcela de terra para poder fazer sua vida no sítio - e vêm conseguindo manter essa tradição.

Certamente essas não eram as únicas famílias passíveis de serem entrevistadas no município, mas a escassez de tempo e dos recursos disponíveis limitou nossas possibilidades, fazendo com que selecionássemos famílias representativas (do ponto de vista de nossos objetivos), escolhidas após rever o material de nossa primeira pesquisa e pelas sondagens realizadas por nós antes do início da atual¹⁰. Apesar dessa restrição, durante o tempo em que estivemos no campo, convivemos com outras pessoas e famílias, não menos importantes, que muito nos ajudaram, despertando-nos relevantes questões.

Grande parte de nossa pesquisa de campo foi realizada no ano de 1997, entre fevereiro e julho. Durante esse semestre, apesar de transitar por todo o município de Joanópolis, fixamos nossa "residência" no bairro dos Pretos de Baixo, alugando a casa do sítio de Roberto e Cinira. Isso nos possibilitou maior aproveitamento do tempo de pesquisa e da convivência com os sitiantes e suas famílias, por fazer com que ficássemos mais próximos deles. Depois disso, retornamos ao campo por três vezes. Duas em outubro de 1997 e uma em fevereiro de 1998. Em outubro estivemos no bairro dos Pretos por dois finais de semana. No primeiro deles fomos, juntamente com os moradores do bairro, a Aparecida do Norte em romaria. No segundo, estivemos presentes à festa da padroeira do bairro, participando das atividades da mesma. Nossa passagem pelo município em fevereiro de 1998 não foi considerada atividade de pesquisa.

¹⁰ A escolha criteriosa permitiu-nos construir uma amostra bastante relevante, embora pequena.

Por vezes algumas pessoas e histórias de nossa primeira pesquisa em Joanópolis serão resgatadas, pois foi a partir dela que esta segunda pesquisa tornou-se possível. Essas pessoas e histórias estarão presentes nos caminhos que trilharemos a seguir.

Este estudo está estruturado em três capítulos. No primeiro, apresentamos o município e algumas de suas características, bem como alguns indicadores socioeconômicos. Também apresentamos as famílias de sítiantes entrevistadas, caracterizando-as conforme sua localização socioespacial no município, configurando um pouco da vida nos bairros rurais atualmente. Além disso, procuramos contextualizar algumas mudanças pelas quais o município e essas famílias vêm passando.

No segundo capítulo buscamos discutir brevemente alguns aspectos do trabalho familiar rural, principalmente entre esses sítiantes, e as mudanças que vem sofrendo. Procuramos examinar as categorias trabalho/ajuda e o modo como são apropriadas no cotidiano do sítio. A partir disso, tentamos explicitar algumas das estratégias desenvolvidas por esses sítiantes para viver **no e do sítio**. Destaca-se aqui a inserção ativa das mulheres no trabalho cotidiano da propriedade e na formação da renda familiar, capitaneando as atividades de transformação dos produtos *in natura* dos sítios, o que, em muitos casos, vem viabilizando a manutenção dos mesmos, ao mesmo tempo em que provoca mudanças no papel social da mulher na família.

No terceiro e último capítulo procuramos realçar os projetos desses sítiantes para se manter e à sua família no e do sítio, e as estratégias desenvolvidas para que isso se torne viável. Observamos que essas estratégias incluem a opção por estabelecer uma vida no bairro rural, porém com uma relação mais estreita com a cidade, com o objetivo de ter acesso aos recursos oferecidos na mesma; pelo investimento na escolarização dos filhos, o que pode oferecer aos mesmos desde mais conhecimento formal, até a possibilidade de escolha da profissão; por estratégias econômicas que incluem tanto a diversificação da produção como dos investimentos.

CAPÍTULO I. SÍTIO, SITIANTES E BAIRROS RURAIS EM JOANÓPOLIS.

I.1. Caracterização do município.

Os dados oficiais.

O município de Joanópolis está localizado entre as serras da Mantiqueira e do Guirra, na divisa de São Paulo e Minas Gerais. Da sede municipal podemos avistar o início da serra da Mantiqueira, com a Pedra do Lopo como seu primeiro ponto mais elevado. Joanópolis dista 76 quilômetros de São Paulo, em linha reta, e 110 quilômetros tomando as Rodovias Fernão Dias, Dom Pedro I e SP-36. Tem como vizinhas as cidades de Piracaia, Bragança Paulista (a cuja divisão regional pertence) e São José dos Campos em São Paulo; Extrema e Camanducaia em Minas Gerais¹¹. Sua área total é de 34.300 hectares, com 30.170 hectares de área rural.

A população total do município, segundo censo populacional realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 10.409 habitantes, nenhum dos quais vivendo em sua área rural. Assim, pelas estatísticas oficiais, poderíamos considerar Joanópolis um município essencialmente urbano (muito embora, na verdade, ele seja bem mais parecido com um município rural, como explicitaremos mais adiante). Segundo estatísticas anteriores, levantadas pelo IBGE e trabalhadas pela Fundação SEADE, a população do município em 1998 era de 9.562 habitantes, todos vivendo em sua área urbana. Segundo estas mesmas estatísticas, em 1980, Joanópolis contava com 7.744 habitantes, dos quais 57,6% viviam na área rural. Em 1985, os habitantes eram 7.967, ainda com 37,1% na área rural. Em 1990, com 8.150 habitantes, os "rurais" são reduzidos a 16,6%. Já em 1995, entre os 9.008 moradores do município, apenas 238 (ou 2,6%) habitavam a área rural. A partir daí as estatísticas deixam de

¹¹ Apesar da proximidade com a cidade de São Paulo, o município permaneceu, por muito tempo, bastante distante. Isto deveu-se à dificuldade para se chegar até lá, em função das precárias estradas de terra que davam acesso ao município. No entanto, com a formação da represa localizada entre os municípios de Piracaia e Joanópolis, que compõe o sistema Cantareira de abastecimento de água da Grande São Paulo, no final da década de 70, o acesso a Joanópolis, via Piracaia, foi asfaltado, sendo hoje a principal estrada para se chegar até lá (aos também vizinhos municípios de Bragança Paulista, São José dos Campos e Camanducaia só se chega por estradas de terra, ou dando muitas voltas pelas estradas asfaltadas).

contemplar os moradores das áreas rurais, alocando toda a população na área "urbana" do município¹².

É importante compararmos os dados acima com outras fontes: por um lado, encontramos o levantamento realizado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo entre 1995 e 1996, pelo Projeto LUPA (Levantamento das Unidades de Produção Agropecuárias). Neste levantamento (bastante exaustivo e pormenorizado, realizado pela equipe da Casa da Agricultura local), foram contabilizadas 809 propriedades produtivas no município¹³. Foram computadas nessas propriedades, num total de 613 casas de moradia, 539 habitadas. Apesar de terem sido encontrados apenas 273 proprietários residindo nas unidades de produção, temos que considerar os filhos desses proprietários que residem nas propriedades, porém em outras casas, que são muitos, e mesmo os que residem em propriedades diferentes das dos pais, mas ainda pertencentes a estes últimos, o que coloca esses filhos em condição de não-proprietários. Para se ter idéia, o referido levantamento registrou 984 familiares de proprietários (o que dificilmente contabiliza as mulheres) trabalhando em 450 propriedades, o que pode significar que o proprietário poderia

¹² Sobre a noção de ruralidade e uma discussão sobre definições do rural ver Abramovay (2000). Conforme colocado pelo autor, "o rural no Brasil é definido ao menos em parte ao arbítrio dos poderes públicos municipais, onde as conseqüências fiscais da definição acabam sendo mais importantes que seus aspectos geográficos, sociais, econômicos ou culturais" (Abramovay, 2000, p.5). Ainda segundo ele, o IBGE define as áreas rurais no Brasil como "aquelas que se encontram fora dos limites das cidades, cujo estabelecimento é prerrogativa das prefeituras municipais. O acesso a infra-estrutura e serviços básicos e um mínimo de adensamento (o que definitivamente não é o caso em Joanópolis) são suficientes para que a população se torne urbana" (op. cit., p.2). Para o IBGE: "Segundo a localização do domicílio, a situação pode ser urbana ou rural, definida por lei municipal em vigor em 01 de agosto 1996. Na situação URBANA, consideram-se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação RURAL abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos". (IBGE, Contagem Populacional de 1996, apud Abramovay, 2000) Ainda sobre os critérios estabelecidos pelo Censo/IBGE para diferenciar população rural e urbana, o que faz com que grande parte dos pequenos municípios rurais brasileiros sejam considerados territórios urbanos, ver Veiga (2001).

¹³ Segundo Alcides, o agrônomo responsável pela aplicação dos questionários do LUPA, somente foram consideradas as propriedades produtivas neste levantamento, o que terminou por descartar muitas propriedades utilizadas somente para lazer. Em documento elaborado por ele em janeiro de 1997 - Plano Municipal de Desenvolvimento Agropecuário Plurianual de Joanópolis - são contabilizadas 995 propriedades no município, incluídas também as não-produtivas. Elencamos a seguir as 809 propriedades produtivas contabilizadas, segundo sua área total:

ÁREA (em hectares)	NÚMERO DE PROPRIEDADES	TOTAL
ATE 10	279	1.427,10
10 a 20	167	2.511,10
20 a 50	213	6.800,60
50 a 100	83	5.794,90
100 a 200	41	6.023,90
200 a 500	19	5.724,60
500 a 1.000	5	3.283,10
1.000 a 2.000	2	2.847,90
TOTAL	809	34.413,20

estar residindo fora do sítio, apesar de seus filhos continuarem ali e trabalhando no mesmo. Considerando que cada uma das 539 casas habitadas - localizadas apenas nas propriedades produtivas - tivessem apenas três moradores (situação difícil de ser encontrada), poderíamos arriscar que no período da referida pesquisa a área rural de Joanópolis devia contar com, no mínimo, 1.617 moradores. Ainda poderíamos acrescer a esse número os moradores da área rural que não são proprietários de terra (trabalham nas terras dos pais ou outros), os que não produzem em sua propriedade pelo tamanho reduzido da mesma, os que vivem dos pequenos comércios nos bairros rurais, dentre outros.

Por outro lado, nas várias conversas e entrevistas com as famílias de sítiantes locais, algumas das quais moradoras do centro urbano do município (considerado pelo IBGE como essencialmente urbano), ouvimos delas que a cidade poderia ser considerada, na verdade, um grande sítio. Isso fica claro quando ouvimos Vitória, que agora mora na cidade, embora seja do Bairro rural dos Pretos, dizer que não há diferença entre morar no sítio e na cidade de Joanópolis. Ou mesmo quando Lucélia, que mora em um sítio no Bairro rural da Pedra do Carmo, a 23 quilômetros da cidade nos diz que a cidade de Joanópolis é como o sítio: todos se conhecem. E ainda José, morador do Bairro rural dos Pretos de Baixo, a 13 quilômetros da cidade, diz que apesar de o sítio ser um local melhor para viver, a cidade de Joanópolis não é tão diferente, é como um arraialzinho, um sítio.

A história.

Antes chamado São João do Currallinho (até 1917), o município de Joanópolis surgiu a partir do crescimento e consolidação do bairro que primeiro foi chamado de Jacareí, e depois bairro do Currallinho. Embora as referências à história do município sejam poucas e confusas, as primeiras notícias de moradores no bairro de Jacareí¹⁴, no Sertão do Lopo¹⁵, segundo Harris¹⁶

¹⁴ O local foi assim chamado por localizar-se às margens de um ribeirão de mesmo nome.

¹⁵ A atual cidade de Joanópolis localiza-se no sopé da Serra do Lopo. De vários pontos do município, principalmente da cidade, avista-se o início (ou final?) da Serra da Mantiqueira, neste trecho conhecido por Serra do Lopo, com uma formação conhecida por "gigante adormecido", por tomar forma similar a um homem deitado. A cabeça do "gigante" é formada pela Pedra do Lopo, importante formação rochosa da região (apesar de não ser a única, pois estas se espalham pelas alturas de todo o município). Como notaremos no decorrer deste trabalho, grande parte das famílias entrevistadas moram nos bairros rurais que se localizam na direção oposta do gigante, no caminho que liga Joanópolis a São Francisco Xavier, em algumas das muitas ramificações da Mantiqueira.

(1996), datam de 1749. Esta autora coloca o isolamento como a principal característica do então bairro, que por ser cercado de montanhas por todos os lados, lembrava um curral, o que levou-o a ser chamado em seguida de bairro do Currãozinho. Durante o século XVIII, houve pouquíssimos registros de acontecimentos no bairro e somente por volta de 1830 tem-se conhecimento de proprietários de terras por lá (os primeiros fazendeiros de café). Então localizado no município de Santo Antônio da Cachoeira (atual cidade vizinha de Piracaia), o bairro rural do Currãozinho tinha como padroeiro São João Batista, o que fazia com que anualmente, no dia deste Santo, houvesse uma festa em sua homenagem. Os moradores do bairro reuniam-se junto a um cruzeiro ali existente para celebrar a data do padroeiro, e em 1878 ficou instituído que a partir daquele ano deveriam ser nomeados festeiros que preparariam as festas dos anos seguintes. Os festeiros nomeados em 1878 (para a festa do ano seguinte) decidiram então construir uma capela, em homenagem a São João Batista, para abrigar as celebrações. Alguns moradores doaram os terrenos necessários para a construção da capela e, a partir disso, decidiu-se (entre os moradores) pelo projeto e construção da Vila ao redor dela. Por isso, tem-se o ano de 1878 como o ano da Fundação do atual município, que nessa época foi chamado de Vila de São João do Currãozinho (homenagem ao Santo padroeiro e ao bairro já existente). Essa Vila foi elevada à categoria de Distrito em 1891, e somente em 1895 tornou-se um município independente - a mudança de nome para Joanópolis ocorreu em 1917 (Cassalho, 1994)¹⁷.

Atualmente.

Joanópolis compõe-se de um pequeno centro urbano, a 950 metros de altitude, com aproximadamente 25 bairros rurais a sua volta (alguns bairros distam até 40 quilômetros da cidade, com altitudes de até 2.100 metros). A sede municipal conta com uma grande igreja na

¹⁶ Harris, historiadora brasileira residente no Canadá, pesquisou e escreveu sobre a história do município numa tentativa de resgatar suas origens familiares: ela é nascida em Joanópolis, assim como sua mãe, e seus avós ali residiram por muitos anos, possuindo, no início, muitas terras na região. Outro historiador aqui citado, Valter Cassalho, é também cidadão joanopolense, apaixonado pela história do município. Formado em história pela Faculdade de Bragança em meados dos anos 90s, é funcionário do cartório de Piracaia, além de pesquisar e escrever sobre a história do município. É, certamente, o maior conhecedor de todas as histórias do mesmo.

¹⁷ Harris (1996) aponta que em 1878 havia por volta de 50 famílias residindo no então bairro, que viviam da lavoura. Cassalho descreve que, em 1902, no município de São João do Currãozinho, já havia por volta de 10.000 habitantes, sendo apenas 600 deles na cidade, e o restante espalhado pelos bairros rurais.

praça central, um hospital, duas escolas estaduais, dois bancos¹⁸, alguns pequenos supermercados e padarias, um pequeno hotel¹⁹, poucos restaurantes²⁰, um laticínio²¹, uma cooperativa de captação e resfriamento de leite, uma lavanderia industrial²², e muitas oficinas de costura²³.

É um município de economia centrada na agropecuária²⁴. Porém, já podemos observar algumas alterações, com ritmo mais intenso nos últimos anos²⁵. Por um lado, há uma tendência

¹⁸ Banco do Brasil e Nossa Caixa.

¹⁹ Além deste antigo hotel, no Bairro do Can Can em 1991, o dono do bar construiu alguns quartos e uma área para *camping*. Em 1995 foi inaugurado um hotel no Bairro da Vargem Escura, chamado "Ponto de Luz" (distante aproximadamente 20 quilômetros da cidade e bastante isolado), destinado a um público esotérico e elitizado. Em 1997 inaugurou-se uma Pousada, no Bairro dos Pires, distante 3 quilômetros da cidade, chamada "Pousadinha da Fazenda Santa Rita". É um pequeno hotel-fazenda, mais voltado para famílias com crianças. Atualmente há uma terceira pousada, na estrada para Bragança Paulista, às margens da represa, e outras opções de hospedagem.

²⁰ Hoje em maior número de que há alguns anos. Até o ano de 1993 não havia nenhum restaurante que servisse refeições no horário do almoço (apenas um bar, e eventualmente), ou mesmo lanches à noite.

²¹ No município há dois laticínios. O mais antigo, "Laticínio Umuarama", localiza-se na cidade, e é um dos maiores empregadores locais. O mais novo, Laticínio Joanópolis, foi inaugurado em 1996, e fica na estrada que leva à maioria dos bairros rurais do município, ainda no asfalto.

²² Que apesar de gerar empregos, até algum tempo atrás poluía alguns rios jogando água suja com os restos de produtos químicos utilizados no processo de lavagem de calças *jeans* para desbotamento, por exemplo.

²³ As costuras que estaremos citando aqui ao longo do texto não são artesanais e personalizadas, como deve-se pensar inicialmente. Pequenas confecções de São Paulo levam panos para serem cortados por uma equipe de pessoas, que por sua vez repassam para que outros costurem inúmeras peças iguais, que por sua vez repassam para que outros façam os acabamentos nestas peças (esta última etapa é só para quem tem máquina de overlock). No ano de 1997, em Joanópolis, havia 8 firmas de "confecção" que organizavam este trabalho. Algumas só repassam costuras que já vêm cortadas, outras têm equipe de pessoas trabalhando no corte, ou mesmo na costura. Esta atividade "emprega" algumas mulheres na cidade, e outras muitas nos sítios. Algumas vezes, o "patrão" inclusive empresta as máquinas para que as mulheres possam costurar. E esta atividade, por ser feita nos intervalos de trabalho do sítio, não atrapalha a vida cotidiana da família na propriedade, além de aumentar a renda.

²⁴ Com a decadência do café, muito explorado na região na primeira metade do século, o leite o substitui como alternativa rentável para os pequenos sítiantes, associado a uma agricultura camponesa de excedentes, centrada na produção de milho, feijão e, secundariamente arroz e outras lavouras de menor relevância. Para se ter uma idéia, trazemos alguns dados do IBGE (Censo Agropecuário) para ilustrar rapidamente o que falamos: em 1920, 208 informantes colheram 1184 toneladas de café; em 1940, 266 informantes colheram 1.110 toneladas deste produto; já em 1980, apenas 28 informantes plantaram café, e o produto colhido resultou em 11 toneladas. Com relação ao leite, cuja produção cresceu com a decadência do café, em 1920 havia 1.274 vacas leiteiras no município; em 1940, este número praticamente dobrou, contando o rebanho com 2.286 vacas; já em 1980, 251 informantes declararam possuir 10.905 vacas.

Junto com o milho e o feijão (este em menor quantidade), o leite é encontrado em uma grande parte das propriedades, sendo na maioria delas a única fonte de renda para as famílias dos sítios. Os outros produtos (milho e feijão), que durante muito tempo ajudaram a garantir a renda das famílias, tornam-se cada vez menos comercializáveis (altos custos de produção e baixos preços para venda), o que vem desestimulando sua produção. Segundo os dados do LUPA, entre os anos de 1995-1996 foram plantados no município 863 hectares de milho (em 348 propriedades), e apenas 226 hectares de feijão (em 134 propriedades), alimentos que compõem a dieta da maioria da população dos sítios, contra 10.930 hectares de capim braquiária (em 572 propriedades), 1.132 de capim gordura (em 50 propriedades) e 470 de capim napier (em 221 propriedades), que servem como alimento para o gado leiteiro e de corte do município, além de 4.225 hectares de eucalipto (em 361 propriedades), 843 hectares de pinheiro (em 46 propriedades), e 861 hectares de pinus (em 21 propriedades).

A partir da década de 70, a silvicultura cresceu bastante na região. Favorecida pelo clima e relevo apropriados, a produção de pinheiros cresce rapidamente durante esta década, sendo inicialmente explorada nas poucas grandes fazendas da região. Segundo o IBGE, em 1970 havia 20.000 pinheiros plantados (por 140 informantes), o que cresce para 3.290.000 pés em 1975 (com 152 informantes), para chegar a 1.846.000 em 1980 (166 informantes). A produção de eucalipto, que também cresceu a partir da década de 70, intensificou-se a partir dos anos 80, e superou a de pinheiro, sendo hoje bastante praticada também pelos sítiantes

ao desenvolvimento do turismo na região, intensificado principalmente com as obras de duplicação da Rodovia Fernão Dias. Por outro, oportunidades como as oferecidas pelas oficinas de costura vêm crescendo com o passar dos anos. Neste caso especificamente, até pouco tempo atrás, encontrávamos algumas poucas máquinas em casas da cidade e dos sítios, onde pessoas de São Paulo levavam roupas cortadas para serem costuradas, e depois as retiravam para receberem o acabamento. Hoje essa atividade cresceu, e temos na cidade, como dissemos, oito oficinas, onde há mulheres cortando e costurando, além de outras mulheres nos sítios que pegam as peças cortadas para costurar em casa.

I.2. Para além das montanhas e cachoeiras: o que faz de Joanópolis uma terra de sítios, bairros rurais, e uma pequena sede municipal.

Adentrando as áreas rurais do município, seguindo pelas estradas de terra rumo à Cachoeira dos Pretos²⁶, ou à Vila de Monte Verde, ou ainda a São Francisco Xavier²⁷ (ver mapas e croquis no **anexo II**, com a localização dos bairros e vilas) a primeira impressão que se tem é de vazio populacional. Pelo caminho há muitas áreas de pasto, algumas plantações de milho e eucalipto e, nos intervalos, algumas matas naturais. Vê-se uma pessoa ou outra, de vez em quando, trabalhando nas roças. Rios e cachoeiras estão por toda parte, sempre cortando estas estradas. As casas são distantes umas das outras, e algumas encontram-se vazias. De tempos em tempos nos deparamos com um bar (também venda), às vezes uma igreja, uma pequena construção abrigando uma escola. Eventualmente cruzamos um caminhão carregado de latões de

tradicionais em pequenas porções de terra, com orientação e apoio da Casa da Agricultura de Joanópolis. Pelos dados do Censo Agropecuário (IBGE), em 1970, apenas 114 produtores plantavam eucalipto (257.000 pés). Em 1975, o número de produtores aumenta pouco (126), embora o número de pés plantados tenha se multiplicado enormemente (2.334.000 pés) e em 1980, o município já contava com 4.673.000 pés de eucalipto (plantado por 233 informantes), o que deve ter crescido consideravelmente a partir do início dos anos 90, com o incentivo ao plantio de eucalipto por parte da Casa da Agricultura local.

²⁵ Segundo dados da Fundação SEADE, em 1992 havia no município 19 microindústrias, dentre elas: 1 laticínio, 1 cooperativa de leite, 5 olarias, 4 indústrias de madeira, 1 pequena fábrica de sabão, 2 fábricas de calçados, e algumas confecções de vestuário. Não obtivemos dados mais recentes a respeito disso, mas podemos afirmar por observação que o número de confecções (oficinas de costura) vêm aumentando, além da instalação de mais um laticínio, da lavanderia (para desbotamento de calças jeans) e de fábrica de biscoitos nos fundos de uma padaria, dentre outros.

²⁶ O maior atrativo turístico do município desponta de longe, no meio da serra, a 18 quilômetros da cidade.

leite e de gente. Outras, cruzamos caminhões carregados de toras de madeira. Ou ainda, fuscas dirigindo-se à cidade. Para um observador desatento, ou alguém que esteja chegando ali pela primeira vez, a imensidão dos espaços desconhecidos parece configurar um vazio social²⁸, uma ausência de pessoas, de atividades, de convívio, de vida social mesmo²⁹. E essa primeira impressão de ausência só vai se dissipando quando atravessamos esse primeiro plano espacial, e passamos a compreender a configuração socioespacial da vida local nesta área rural, centrada no cotidiano de famílias em seus sítios, e nos bairros rurais que os congregam.

Sítios e sitiantes tradicionais.

Muito já se disse e escreveu sobre o meio rural paulista dito "tradicional". Aqui importa destacar, conforme nos colocam os estudos realizados por Antonio Candido³⁰ e Maria Isaura Pereira de Queiroz³¹, a importância do bairro rural para a compreensão destas áreas rurais, geralmente habitadas por sitiantes, que ora são caracterizados como camponeses, ora como caipiras, ora ainda como agricultores mais entrosados em uma economia comercial³².

Candido primeiramente, e depois Queiroz consolidaram os estudos iniciados por Nice Lecocq Muller³³ acerca dos sítios e sitiantes de São Paulo, e das áreas rurais por eles povoadas.

Na perspectiva de Muller, que escreveu sobre o assunto ainda na década de 40, os **sitiantes**³⁴, "**pequenos lavradores independentes**"³⁵, surgem com o fim das grandes plantações

²⁷ Apenas 6 quilômetros destas estradas rurais são asfaltadas, precariamente.

²⁸ Ver Jacinto, 1998.

²⁹ Nos finais de semana e feriados o vazio se dissipa um pouco, quando carros e ônibus de turistas passam rumo à cachoeira.

³⁰ Candido, 1971.

³¹ Queiroz, 1973, 1976.

³² Recorremos aqui aos estudos sobre bairros rurais, pouco considerados nas análises mais recentes sobre o meio rural paulista, por entender que estes estudos levantam a possibilidade de tomar o bairro rural como unidade de análise. Aqui, ressaltamos a importância do bairro rural enquanto referência sócio-espacial para seus habitantes.

³³ Muller, 1951.

³⁴ As primeiras referências a estes sitiantes, pequenos proprietários de terra em São Paulo, aparecem mais precisamente a partir do sec. XIX, nos escritos de Saint-Hilaire: "*...as habitações de gente de poucos recursos chamam-se geralmente sítios*" (Saint-Hilaire, *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas*, p.185. apud Muller, 1951, p.24).

(monocultura) e fazendas de café, com o fracionamento das propriedades e a policultura, estabelecendo-se em sítios³⁶. Já nessa época, Muller propõe uma definição de **sitiante**, apontando algumas das principais características do mesmo, ainda hoje observadas:

"Pelas investigações que fizemos, podemos dizer que **sitiante** é todo o **pequeno produtor rural que, responsável pela lavoura, trabalha direta e pessoalmente a terra com a ajuda de sua família e, ocasionalmente, de alguns empregados remunerados.** (...) Analisando essa definição em partes, vemos que, como pequeno produtor rural, o que lhe interessa é o volume da produção, a área plantada, sem menção alguma ao regime da terra, podendo esta, indiferentemente, ser propriedade dele ou não. (...) **Além disso ele deve ser responsável pela lavoura. É ele quem resolve sobre os produtos a serem plantados, o tempo de cultivo, os métodos a empregar.** Essas atribuições distinguem-no, claramente, dos trabalhadores rurais assalariados (colono, camarada), que não têm nenhuma destas funções(...). Por trabalhar direta e pessoalmente a terra, e por fazê-lo com a ajuda da família ou de alguns empregados assalariados, o sitiante distingue-se, de um lado, do pequeno proprietário absentista e, de outro, do fazendeiro"³⁷. (Muller, 1951, p.28, grifos nossos).

"Nos colonos brancos, ou pretensos brancos, da parte da província de São Paulo de que me vou ocupando, não se podem ver senão verdadeiros camponeses: não possuem escravos e são eles mesmos que plantam e colhem, vivendo, geralmente, em grande penúria" (Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo*, p.267. apud Muller, 1951, p.26).

³⁵A palavra "sitiante" parece ter sido reservada desde os primeiros tempos de seu emprego, entre nós, para designar exclusivamente os **pequenos lavradores independentes**, pois que, nos mesmos textos, encontramos referência também ao "agregado", que é considerado à parte". (Muller, 1951, p.26)

³⁶ Garcia Jr. (1983) escreve sobre os sítios da Zona da Mata Pernambucana, que durante séculos coexistiram com a grande propriedade e as monoculturas, e não surgiram apenas com o fim das mesmas. Utilizamos aqui as colocações desse autor, que apresenta uma outra explicação para o surgimento dos sítios:

"Desde o final do século XIX, desenvolveu-se nesta área o cultivo do café, lavoura cuja exploração esteve associada aos cultivos ditos "de subsistência", como a mandioca, o milho, o feijão, a fava, e também ao algodão, bem como partilhava as terras das grandes propriedades com o gado bovino. O cultivo do café era realizado tanto pelas grandes propriedades como pelos pequenos produtores, sendo que ambos recebem a denominação de *sítios*. Os *sítios*, neste contexto, opõem-se tanto aos *engenhos*, propriedades dedicadas ao cultivo da cana-de-açúcar, predominantes na Zona da Mata e na parte setentrional do município, quanto às *fazendas*, propriedades dedicadas à criação de gado. Essa classificação parece apontar para algo mais do que a simples designação do produto principal explorado dentro da propriedade. Por um lado, *sítio* pode designar um estabelecimento que não é uma grande propriedade, seja *engenho* ou *fazenda*, cujas dimensões são compatíveis com o cultivo mediante o uso da força de familiar. Por outro lado, mesmo se tratando de grandes propriedades, o *sítio* não supõe necessariamente uma única exploração, um processo de trabalho unificado, mas é compatível com explorações em bases familiares. Em outras palavras, o processo de trabalho tinha frequentemente cunho familiar, mesmo dentro das grandes propriedades, cada família sendo responsável por tocar *um sítio de café*. O proprietário das terras controlava, nesses casos, a circulação mercantil dos produtos do *sítio*, mas não a produção. Há ainda um terceiro componente que marca a particularidade dos *sítios*: é que essas propriedades eram objeto de partilha entre herdeiros, o que parece não ter sido o caso nem dos *engenhos*, nem das *fazendas*". (Garcia Jr., 1983, p.25-26)

³⁷ Esta autora coloca ainda que sitiante proprietário não é igual a pequeno proprietário: "queremos citar o sitiante proprietário, correntemente confundido com o "pequeno proprietário". As duas expressões não são sinônimas, acrescendo ainda que o conceito de "pequena propriedade" é ainda muito susceptível de discussão" (Muller, 1951, p.29). Este conceito varia conforme a região, a disponibilidade de terras da mesma, suas condições, etc.

³⁸ Segundo Wanderley, o campesinato brasileiro se constituiu sob "a dominação econômica, social e política da grande propriedade; com a marca da escravidão e a existência de uma enorme fronteira de terras livres ou passíveis de serem ocupadas pela simples ocupação e posse". (Wanderley, 1999, p.38)

Ressaltando certa autonomia e a organização familiar do trabalho, esta definição de Muller, que estamos resgatando para ajudar-nos a pensar os nossos sitiantes, traz uma imagem dos mesmos que vem ao encontro do que mais tarde convencionou-se chamar campesinato brasileiro, um campesinato excluído³⁸, diferentemente de outros³⁹.

Para o entendimento do sitiante tradicional como sujeito constitutivo deste campesinato remetemo-nos a Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976) e José de Souza Martins (1983) que, diferentemente de Muller, apontam a existência dos sitiantes desde os primeiros tempos de nossa colonização, vivendo paralelamente à grande propriedade e à monocultura. Para Queiroz,

"(...) ao contrário do que antigamente se pensava, havia pelo menos mais uma camada social rural, além da dos fazendeiros e da mão-de-obra sem terra - camada intermediária formada pelos sitiantes. Esta camada existiu sempre, desde o início da colonização do país, e seria interessante rebuscar nos relatos de viajantes e de memorialistas, em todos os documentos enfim, dados que revelem como vivia, quais os seus caracteres. Por outro lado, não se trata de gente isolada, mas, pelo contrário, de gente que se movimenta em sua vida quotidiana, conhecendo outros ambientes e outras configurações sociais diferentes da sua. Qual a classificação que convém a estes sitiantes, entre os tipos de agricultores e de lavradores já definidos pela moderna Sociologia Rural? De acordo com as definições de Redfield, retomadas na França por Henri Mendras, o **sitiantes tradicional** brasileiro se classificaria como um **camponês**". (Queiroz, 1976, p.14)

Queiroz levanta o fato de os sitiantes não só terem convivido com a grande propriedade e a monocultura como terem sido responsáveis, também, em grande medida, por parte da produção de alimentos das mesmas:

³⁹ Ainda segundo Wanderley: "No Brasil, a construção de um espaço camponês se efetuou, na maioria dos casos, sob o signo da precariedade estrutural, que o torna incapaz de desenvolver todas as suas potencialidades do próprio sistema clássico de produção e de vida social, diferenciando-o, portanto, da estrutura européia, antes considerada, capaz de fechar o círculo de subsistência". (Wanderley, 1999, p.39). Aqui, assim como os sitiantes tradicionais da região sudeste, os da região nordeste, centro-oeste e os colonos do sul podem ser também considerados camponeses.

⁴⁰ Sobre a existência de um campesinato livre brasileiro, em regiões do Nordeste do país, encontramos as referências levantadas por Palácios (1987) sobre os "pobres livres do campo", ou "cultivadores pobres livres":

"Na verdade, houve em todos os tempos um campesinato livre brasileiro, coexistindo tanto com as fazendas monocultoras, quanto com as fazendas de criação de gado e tendo a seu cargo a produção de abastecimento para estas empresas e para os povoados. Sua coexistência com as monoculturas da exportação e com as fazendas de criar assumiu formas variadas"⁴⁰. (Queiroz, 1976, p.26)

Segundo Martins (1983), na época do Brasil Colônia, o

"Sitiantes era o pequeno agricultor independente, dono de um sítio, um lugar na terra, e não de uma sesmaria. Agregados e moradores eram também, no entanto, tidos como sitiantes, já que sua área de roça no interior da fazenda também era definida como sítio, ou roçado. (...) Desde o começo, esses sitiantes se caracterizaram por produzirem *gêneros para alimento e gêneros para comércio*. (...) Embora produzissem e produzam gêneros para comércio, sua economia não está organizada, nem estava, com base numa divisão agrícola do trabalho. Produziam quase tudo de que necessitavam e ao mesmo tempo comercializavam excedentes dessa produção ou então cultivavam gêneros comercializados como excedentes, como acontecia com o café, o tabaco, a aguardente e a criação de porcos no começo do século XIX". (Martins, 1983, p.40)

Antes mesmo de Queiroz classificar os sitiantes tradicionais como camponeses, ou de este termo surgir para designar (política ou socialmente) os trabalhadores e pequenos proprietários do campo brasileiro (Martins, 1983), Antonio Candido trazia à cena do mundo rural paulista, mais detalhadamente, alguns elementos importantes para a compreensão destes sitiantes e seu modo de vida. É ele quem mais enfaticamente coloca-nos a importância do bairro rural para a sociabilidade dos moradores destas áreas rurais tradicionais. Candido define um tipo, que habita o mundo rural dos bairros: o "caipira"⁴¹, por vezes chamado camponês:

"Podemos considerar que a fixação generalizada do paulista ao solo, em seguida ao fim dos ciclos bandeirantes, no século XVIII, fez com que se espraiasse pela Capitania, até os limites do povoamento, (...) um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das Capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros". (Candido, 1971, p.79)

⁴¹ Segundo Cândido, as características da cultura caipira são: isolamento, posse de terras, trabalho doméstico, auxílio vicinal, disponibilidade de terras e margem de lazer.

A partir desta definição apresenta importantes características para a compreensão da organização social dos mesmos: as relações de cooperação vicinal estabelecidas pelos caipiras e suas famílias no âmbito do **bairro rural**⁴², tanto em relação ao trabalho, como à vida social, e a possibilidade de auto-suficiência que isso proporciona. Nesse contexto, é através da família e do trabalho que os "caipiras" produzem sua subsistência, ou seja, desenvolvem as formas de produzir seus mínimos vitais, enquanto o **bairro rural** configura-se como o local onde se realiza a vida social dos mesmos, sua estrutura mínima de sociabilidade (mínimo social)⁴³:

"Ressalvados os latifúndios, movidos por trabalho servil, espalhou-se pelo território habitado de São Paulo o tipo já referido, do caipira proprietário ou posseiro, relativamente estável. Eram, na maioria absoluta, desprovidos de recursos econômicos, valendo-se, para os trabalhos agrícolas, da própria família e do auxílio vicinal, que desta maneira determinavam as duas componentes básicas da sua estrutura social. No âmbito da primeira devemos incluir as indústrias domésticas, principal fonte dos bens de consumo, no tocante aos utensílios, roupas, manipulação de gêneros alimentares - o que contribuía notavelmente para a auto-suficiência. Esta se configurava, pois, em dois planos interdependentes: o da família e o da vizinhança (Candido, 1971, p.83)".

Ainda segundo Candido, "esta (...) categoria, de sitiantes, posseiros e agregados, é que define plenamente a economia caipira de subsistência e a vida caracterizada pela sociabilidade dos bairros" (Candido, 1971, p.79). Para nós, importa reter que são estes sitiantes, com seu modo de vida caipira, tradicional, que em larga medida habitavam os bairros rurais de Joanópolis. São deles que os sitiantes por nós pesquisados descendem, são deles muitas das tradições ainda hoje

⁴³ Candido assim define os mínimos: "Dir-se-á, então, que um grupo ou camada vive segundo mínimos vitais e sociais quando se pode, verossimilmente, supor que com menos recursos de subsistência a vida orgânica não seria possível, e com menor organização das relações não seria viável a vida social: teríamos fome no primeiro caso, anomia no segundo". (Candido, 1971, p.27)

⁴⁴ Consideramos aqui herança da tradição caipira algumas práticas adotadas pelos sitiantes com quem convivemos. Citamos a seguir algumas delas: o uso praticamente exclusivo do fogão a lenha na cozinha (apesar da proibição de cortar árvores nas matas próximas e distantes dos sítios), a criação de porcos para utilização da gordura no cozimento dos alimentos, o próprio ritual da matança dos porcos e a distribuição da carne dos mesmos, as festas de padroeiro nas capelas dos bairros e na cidade, as festas de São Gonçalo (para pagar promessa a este Santo), o uso de plantas do "quintal" para cura de afecções nas pessoas e nos animais, a utilização do calendário lunar para orientar os tempos de plantio, trato e colheita dos alimentos, parte da dieta cotidiana (o feijão e a farinha de milho, que agora é quase sempre comprada, não faltam), dentre outros, como as relações sociais estabelecidas no âmbito do bairro rural, a importância da igreja (no caso uma pequena capela) e da vida social ligada à mesma.

encontradas nos sítios e bairros rurais por nós visitados, bem como na sede municipal de Joanópolis⁴⁴.

Bairro rural.

Apesar do mapeamento dos tipos de sítios e sítiantes presentes no Estado de São Paulo feito por Muller (1951), e da alusão aos **bairros rurais** feita pela autora, é Antônio Cândido (1971) que nos abre a possibilidade de compreendermos a configuração socioespacial destes **bairros**, ou seja, do meio rural paulista tradicional e seu aparente vazio.

Por meio dos "Parceiros do Rio Bonito" (Candido, 1971) encontramos o **bairro rural** e suas principais características. Neste livro, Candido coloca-nos que o **bairro**, grupo de vizinhança num habitat disperso⁴⁵, com um núcleo marcado por uma capela e poucas casas ao redor⁴⁶, é o **local** onde os **agricultores agrupados em famílias conjugais** vivem suas relações fundamentais, sua **sociabilidade**, marcadas por um **sentimento de localidade**⁴⁷, um **sentimento de pertencimento**, pela **convivência**, pela **ajuda mútua (cooperação vicinal ou mutirão)**, e pelas **atividades lúdico-religiosas**, que costumam ser responsáveis pela organização da vida social do bairro. Mais que uma simples divisão territorial, conforme colocado, o **bairro rural**, segundo este autor, é "a **estrutura fundamental da sociabilidade caipira**", "é um **mínimo social**" (Candido, 1971):

"O bairro (...) é, pois, o agrupamento básico, a unidade por excelência da sociabilidade caipira. Aquém dele, não há vida social estável, e sim o fenômeno ocasional do morador isolado, que

⁴⁵ As casas costumam ser distantes de tal modo que é difícil percebê-lo como uma unidade.

⁴⁶ "(...) As habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. O viajante, de antigamente e de agora, é por isso levado muitas vezes a uma idéia exagerada da segregação em que vive o caipira, quando, na verdade, era raro, e foi-se tornando excepcional, o morador não integrado em agrupamento de vizinhança. Há, de fato, bairros de unidade frouxa, que poderíamos denominar centrífugos, propiciando um mínimo de interação; outros, ao contrário, de vida social e cultural mais rica, favorecendo a convergência dos vizinhos em atividades comuns, num ritmo que permite chamá-los centrípetos". (Candido, 1971, p.62)

⁴⁷ A expressão do significado da localidade, do sentimento de pertencimento, pode ser observada através da seguinte colocação de Candido (1971): "(...) O que é bairro? - perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - Bairro é uma naçãozinha. - Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras". (Candido, 1971, p.65)

tende a superar este estágio, ou cair em anomia; além dele, há agrupamentos complexos, relações mais seguídas com o mundo exterior, características duma sociabilidade mais rica. Ele é a unidade em que se ordenam as relações básicas da vida caipira, rudimentares como ele. É um *mínimo social*, equivalente no plano das relações ao *mínimo vital* representado pela dieta, já descrita" (Candido, 1971, p.74).

Resgatando esta conceituação de **bairro rural** formulada por Candido, completando-a e ampliando-a, Queiroz levanta outros importantes elementos para a compreensão da vida nos e dos bairros: ela define estes bairros a partir de sua relação com os municípios a que pertencem, considerando sua inserção em uma economia dinâmica, com a qual se relacionam em maior ou menor grau⁴⁸. O **bairro**, para ela, é

"uma reunião de famílias, cujos chefes estão à testa de empreendimentos agrícolas ou pecuários, de que guardam a responsabilidade e iniciativa na execução dos trabalhos, desenvolvendo uns com os outros relações expressas na ajuda mútua, e uma vida social que se concretiza nas festas religiosas". (Queiroz, 1973, p.122).

Queiroz define ainda dois tipos diversos de **bairros rurais**, particularizando um pouco mais seus moradores, e dissipando a aparente homogeneidade dos habitantes do **bairro rural** de Antonio Candido, habitado por caipiras. Os **bairros**, segundo a autora, são diferenciados segundo o regime econômico de cada um: os formados por camponeses, aqueles "cujos cultivadores estão presos a uma agricultura de subsistência, completada por uma atividade subsidiária que aumenta os recursos da família"; e os formados por agricultores e pecuaristas, compostos por "roceiros entrosados já numa economia comercializada, mas conservando como atividade subsidiária a roça, de quem tiram seu passadio cotidiano"(Queiroz, 1973, p.123). Para realizar esta análise, Queiroz considerou a posição dos habitantes dos **bairros rurais** em suas relações com a sociedade global no que se refere à troca e venda de produtos, o que aproxima sua análise das configurações mais atuais dos **bairros rurais tradicionais**, e dos diferentes sujeitos que neles habitam.

⁴⁸ Para nós, é importante considerar que os bairros existem sempre dentro dos limites de um determinado município, em relação ao qual os moradores dos bairros têm também um sentimento de pertencimento.

Outro fator importante apontado por Queiroz e que interessa-nos ressaltar, visto que trataremos disto no decorrer de nossa análise, é o papel da sede do município em relação aos **bairros** e seus habitantes. Para a autora, este papel em alguns casos é somente administrativo, visto que alguns bairros são até certo ponto auto-suficientes. Em outros, a sede municipal exerce funções diversas como de prover escolas, tratamento de saúde, comércio (Queiroz, 1973).

Em estudos mais recentes, Wanderley (2000), mesmo sem considerar especificamente os bairros rurais, resgata a importância da dimensão local para a compreensão da vida social no meio rural⁴⁹. Para a autora, o meio rural pode ser entendido como "um singular espaço de vida", "um espaço suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço" (Wanderley, 2000, p.1). E a chave para a compreensão deste meio passa por considerar, de um lado, "sua dinâmica social interna", e, de outro, "as formas de sua inserção em uma dinâmica social 'externa'" (Wanderley, 2000, p.1 – grifos da autora), que pode estar associada às relações com o mercado e com a vida urbana, por exemplo⁵⁰. Para definir a dinâmica social interna, e sua importância para a compreensão do meio rural, a autora considera que,

"o espaço rural é socialmente construído pelos seus habitantes, em função das relações fundadas nos laços de parentesco e de vizinhança, e isto, tanto no nível da vida cotidiana, quanto do ritmo dos acontecimentos que determinam os ciclos da vida familiar, tais como, nascimentos, casamentos e mortes⁵¹ e, ainda, no que se refere ao calendário das manifestações de ordem cultural e religiosa. Este é, fundamentalmente, o "lugar" da família, centrado em torno do patrimônio familiar, elemento de referência e de convergência (...). Como percebido nos estudos clássicos, estas coletividades rurais são, aqui, depositárias de uma cultura, cuja reprodução é necessária para a dinamização técnico-econômica, ambiental e social do meio rural, ao mesmo tempo que são **portadoras de um sentimento de pertencimento a este espaço de vida**". (Wanderley, 2000, p.1-2) (grifos nossos)

⁴⁹ Estamos considerando como dimensões locais o bairro rural, em uma escala menor, e o município, uma localidade um pouco mais ampliada, mas também tipicamente rural.

⁵⁰ No entanto, cabe ressaltar que esta última, em alguns casos, pode ser considerada até mesmo como parte integrante do meio rural, uma extensão do mesmo, como veremos adiante.

⁵¹ Sobre os ciclos da vida, conferir também Brandão, 1999.

Wanderley relembra ainda que a definição de rural no Brasil é sempre pautada, num primeiro momento, pela precariedade das condições de vida no meio rural, e por sua relação com o urbano. No entanto, é bom destacar que esta autora, longe de pensar o rural na oposição ao urbano, constata que, na realidade de grande parte dos pequenos municípios brasileiros com características rurais, a cidade, ou sede municipal, acaba sendo justamente um "prolongamento" de seu meio rural. A cidade torna-se parte integrante da vida social cotidiana dos moradores deste meio rural:

"Aqui, toda sede municipal, independentemente da dimensão de sua população e dos equipamentos coletivos que dispõe, é considerada cidade e sua população é contada como urbana. O meio rural corresponde ao entorno da cidade, espaço de habitat disperso, onde predominam as paisagens naturais e os usos atribuídos às terras apropriadas, tradicionalmente, a produção agrícola ou os espaços improdutivos. Em consequência, o "rural" está sempre referido à cidade como sua periferia espacial precária; a vida da sua população depende, direta e intensamente, do núcleo urbano que a congrega, seu habitante deve sempre deslocar-se para a cidade, se quer ter acesso ao posto médico, ao banco, ao Poder Judiciário e até mesmo à Igreja Paroquial. Assim, em razão da precariedade dos lugares de residência propriamente rurais, a vida social das coletividades locais, inclusive em sua dimensão cotidiana, se "prolonga" nos espaços correspondentes às sedes municipais, nos quais, inclusive, muitos agricultores escolheram residir" (Wanderley, 2000, pags.4-5).

I.3. Os bairros rurais de Joanópolis.

Tendo a configuração socioespacial do bairro rural em mente, tal como expressa por Cândido (1971) e Queiroz (1973), e a idéia da vida social (rural) na localidade, conforme a definição proposta por Wanderley (2000), a aparência de vazio que se apresenta num primeiro vislumbamento das áreas rurais de Joanópolis começa a se dissipar. As poucas casas distantes umas das outras encontradas pelo caminho, com os bares, igrejas e escolas mais esparsos ainda, vão tomando a forma de bairros, compostos por vários sítios, cujos moradores sabem, e muito bem, definir os limites de seu próprio território, tendo o sentimento de pertencimento sempre

presente. Para nós, é importante considerar os bairros rurais, pois é através deles que seus moradores, aqui os nossos sitiantes, se localizam socioespacialmente no município. São eles que, em conjunto com a sede municipal de Joanópolis, conformam a unidade local de referência desses sitiantes, tal como colocada por Wanderley (2000), onde os mesmos vivem não só suas relações familiares e profissionais, como também sua sociabilidade cotidiana. No entanto, não faremos aqui uma etnografia de cada bairro rural, o que tornaria este o objetivo do trabalho.

Tentaremos reconstruir os caminhos que nos levam aos **bairros** que visitamos, e outros por onde apenas passamos⁵², colocando algumas características relevantes dos mesmos, conforme se faça necessário no decorrer da narrativa a seguir. Percorre(re)mos os bairros do Azevedo, do Sabiaúna, dos Pretos, Salto dos Pretos, Pedra do Carmo, e dos Lima, além de outros que aparecerão ocasionalmente em nosso caminho⁵³ (para uma melhor localização espacial dos bairros no município, ver mapa e croquis – anexo II). Neste trajeto, estaremos destacando as famílias entrevistadas durante a pesquisa de campo, a composição das mesmas, seus sítios, as atividades principais dos mesmos, a composição da renda familiar e o grau de *tecnificação* das propriedades, que geralmente é representado pela posse de um trator, e do maquinário necessário para operá-lo. Trazemos aqui este último elemento que se torna importante não apenas para demonstrar algum tipo de capitalização dos produtores, mas também a introdução de equipamentos que facilitem⁵⁴ o trabalho árduo nos morros e encostas da Mantiqueira⁵⁵.

⁵² Não estaremos considerando aqui todos os bairros do município, mas principalmente aqueles onde residem nossos entrevistados.

⁵³ Dentre os 25 bairros rurais de Joanópolis, o "dos Pretos" (considerando nesta terminologia Pretos de Baixo, Bom Sucesso e Salto dos Pretos) pode ser considerado como dos mais conhecidos, principalmente por abranger a mais importante atração turística da cidade: a "Cachoeira dos Pretos", com seus 154 metros de queda. Por termos realizado nossa primeira pesquisa de modo mais intenso no Pretos de Baixo, é o bairro em que conhecemos mais famílias de sitiantes, suas atividades, seu modo de vida. Portanto, estaremos nos referindo a este bairro e seus moradores com maior frequência no decorrer do texto, inclusive tomando-o como referência para ilustrar determinadas situações. Desta maneira, faz-se mister esclarecer que este nome (Pretos) é devido aos primeiros donos das terras que abrangem o bairro, cujo sobrenome era Preto, e não à etnia de seus habitantes, como primeiro se imagina.

⁵⁴ Mesmo esta facilitação é parcial, pois há pastos e roças tão íngremes que os sitiantes não arriscam chegar até eles com um trator. Nestas ocasiões, a saída é utilizar as pernas e braços disponíveis para chegar e tocar o trabalho. Não me lembro de nenhum sítio com vastas áreas planas disponíveis. Estaremos falando aqui o tempo todo, e por isso não especificaremos no decorrer do texto, de propriedades compostas por áreas extremamente íngremes, que dificultam bastante o trabalho na terra, e a introdução de tecnologias.

⁵⁵ O número de tratores no município é bem pequeno se comparado ao número de propriedades produtivas. Segundo dados do LUPA, existem 130 tratores entre as 809 propriedades produtivas.

Podemos dizer também que, a partir da caracterização que se segue, estaremos tentando resgatar importantes elementos que, articulados, configuram o que Klaas Woortmann (1990) definiu como "as categorias nucleantes do universo camponês", comuns às sociedades camponesas em geral: *terra, trabalho e família*. Para este autor,

"essas categorias nucleantes agregam conjuntos de significações, os quais, em sua comunicação dentro do universo de representações, se articulam e compõem uma totalidade. (...) O importante, contudo, não é que sejam comuns (...) mas que sejam nucleantes e, sobretudo, relacionadas, isto é, uma não existe sem a outra. Nas culturas camponesas não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família". (Woortmann, 1990, p.23-24)

Conforme nos lembra Brandão (1999), também resgatando Klaas Woortmann (1990), sobre o tripé composto pelas categorias terra, trabalho e família "está montado um feixe quase nuclear de significados fundadores de uma ética peculiar ao campesinato, e de **um tipo original de modo de vida** e de representação da vida - a de uma campesinidade...". (Brandão, 1999, p.166, grifos nossos)

Concordamos com estes autores, e por isso os lembramos aqui. Em nossa pesquisa, por um lado constatamos que as categorias **relacionais** terra, trabalho e família são centrais e, em certo sentido, orientadoras do que podemos considerar um modo de vida, uma ética e uma moral camponesas, presentes nos atos, disposições e condutas das famílias de sítiantes com quem convivemos⁵⁶. Uma é pensada na relação com a outra, ou melhor, existe em função da outra. Acreditamos que parte do que chamamos de tradicional no decorrer deste trabalho está relacionado a esta ética camponesa, a esta ordem moral⁵⁷, e uma forma de sociabilidade solidária que lhe é própria.

⁵⁶ Da mesma forma concordamos com Woortmann que a importância da terra reside no fato de ser ali que a família se realiza através do trabalho, conforme trataremos no segundo capítulo.

⁵⁷ Embora saibamos que dificilmente podemos isolar duas ordens (moral e econômica), que tal como os tipos ideais weberianos elas não podem ser encontradas puras na realidade, representando tradição e modernidade, estamos indicando-as aqui como dois pólos antagônicos, porém que de alguma maneira se misturam e se manifestam com maior ou menos intensidade conforme o caso, configurando as atitudes das pessoas reais com quem estamos trabalhando. Deste modo, estaremos falando de sítiantes tradicionais, geralmente portadores de uma moral camponesa, mas que incorporam uma ordem mais econômica em suas práticas, até mesmo como estratégia de sobrevivência (Woortmann, 1990; Brandão, 1999). Trataremos disso mais detalhadamente no segundo capítulo.

Por outro lado, constatamos também como centrais, porém em outro nível, o bairro rural, primeiramente, e depois o município (o local), como unidades de referência socioespacial, conforme colocado acima. A vida nestas instâncias pode ser considerada como organizadora da sociabilidade destas famílias; é ali que se manifestam a solidariedade e a reciprocidade próprias de uma ética camponesa.

O caminho.

Para se chegar à maioria dos bairros rurais de Joanópolis, principalmente os que tivemos a oportunidade de conhecer, segue-se da cidade na direção oposta ao "gigante" (formação rochosa da Mantiqueira), em uma estrada cujos primeiros 6 quilômetros são asfaltados (ver mapa e croquis – anexo II). Ainda no asfalto, depois de aproximadamente 5 quilômetros, encontramos uma saída de terra à esquerda, que nos leva ao bairro do Azevedo, onde moram 3 das famílias entrevistadas.

AZEVEDO

A primeira casa que encontramos no caminho do bairro, quase em frente à escola do mesmo, é a de dona Maria Aparecida e seu Benedito Sebastião Silveira, ou Sebastião do Luís Santo, como é conhecido. Eles têm 47 e 49 anos, respectivamente. Casados há 29 anos, têm 3 filhos: duas mulheres e um homem. A filha mais velha tem 27 anos; o filho, 23 e a mais nova, 22. Somente a filha mais velha é casada, com um moço do bairro mesmo, filho de seu Otávio do Alambique e dona Jani, aos quais nos referiremos adiante. Embora na região a tradição seja o casal se estabelecer na propriedade dos pais do noivo, quando o pai da noiva tem mais recursos é com este que os noivos contam. Neste caso, a filha casada continua morando na propriedade dos pais, embora em outra casa. Ela estudou até a 5ª série, o irmão até a 4ª, e a filha mais nova está

cursando o 3º colegial, na cidade. Os três filhos, além do genro, trabalham ali⁵⁸. Dona Maria Aparecida é natural de Joanópolis mesmo. Seu Sebastião nasceu no município e, embora seu pai fosse também dali, sua mãe veio de Cambuí, Minas Gerais. Estabeleceram-se na propriedade que era (e parcialmente ainda é) do pai de seu Sebastião quando casaram. A propriedade é parcialmente arrendada do pai de seu Sebastião, que é filho único (uma raridade no "ambiente" dos sítios), portanto, o único herdeiro a ocupar as terras. A casa em que moram, inclusive, era dele. Quando casaram, o pai de seu Sebastião construiu uma casinha para morarem. Porém, logo depois ele se mudou para a cidade, e eles ficaram na casa maior. Quando a filha deles casou, também construíram uma casa para ela morar, em frente à deles. Atualmente ela tem 2 filhos.

Na propriedade de 180 alqueires, uma das maiores dos sitiantes, 150 são arrendados do pai de seu Sebastião há aproximadamente 3 anos, e apenas 30 foram comprados pela família. A maior parte desta propriedade é tomada por pasto, onde criam bois para venda (têm 350 cabeças). Quando o pai de seu Sebastião tocava o sítio, só o que havia era boi (gado de corte) e um pouco de vaca de leite. Atualmente, entretanto, esta família vai assumindo um perfil diferenciado de seus "parceiros" sitiantes da região. Há 5 anos começaram a investir na produção de sementes, em estufas ou não, com contrato direto com uma empresa (Agroflora), inaugurando este tipo de atividade no município. Aproximadamente 3 alqueires da propriedade são tomados por estufas, ou áreas plantadas para produção de sementes de tomate, pimentão, abobrinha, couve-flor e vagem. Também há 4 anos começaram a plantar uvas para venda: têm aproximadamente 3.000 pés. Contudo, ainda plantam 2 alqueires de milho e feijão, os produtos tradicionalmente cultivados "desde sempre", bem como o leite, que hoje tiram só "para o gasto". Segundo contaram-nos, quando casaram, plantavam somente feijão e milho. Depois, já no fim da década de 80, plantaram morangos por 5 ou 6 anos, com incentivo e acompanhamento do agrônomo da Casa da Agricultura⁵⁹. Pararam com o morango, e "*a Agroflora veio oferecer*" para plantarem:

⁵⁸ A filha mais nova está sendo preparada para lidar com a parte administrativa e contábil da propriedade (frequente, inclusive, aulas de computação na cidade), que atualmente é realizada em parte pela mãe e em parte por um contador da cidade. Os outros filhos, bem como o genro, trabalham com as estufas e o gado.

⁵⁹ A Casa da Agricultura é o escritório local do órgão estadual de assistência técnica e extensão rural (no Estado de São Paulo, a CATI - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, com sede no município de Campinas). Joanópolis pertence à Regional da CATI de Bragança Paulista. Este agrônomo, Alcides, ficou na Casa da Agricultura de Joanópolis por aproximadamente 8 anos, sendo ainda uma pessoa bastante querida entre os sitiantes. Neste período desenvolveu alguns trabalhos com a intenção de fortalecer a economia da região, e principalmente dos sitiantes, incentivando inovações nos sítios, que nem sempre aproveitam o potencial local, ou respeitam a diversidade do saber tradicional. A primeira delas foi a plantação de morangos, mais intensivamente no bairro do Can Can. Parece que esta iniciativa se manteve por algum tempo, mas outras alternativas melhores foram aparecendo. A de maior vulto foi a introdução de eucaliptais, o que não aconteceu nesta propriedade especificamente, mas

"fornecem a muda e o agrônomo, quando assina o contrato já está tudo certo, é só entregar a semente para eles" (dona Aparecida). Todavia, o negócio com a Agroflora tornou-se tão bom para eles, que os mesmos **tornaram-se intermediários** de outros com a empresa. Começaram a arrendar algumas terras, e plantar com meeiros, ou simplesmente plantar *de meia* com alguns proprietários de terra interessados. Atualmente, como o negócio se mostrou promissor para quem a ele aderiu, vários moradores das áreas rurais se mostraram interessados em *pôr estufas*, como se diz no município. Mas agora, para que os pequenos sitiantes de Joanópolis consigam se tornar parceiros da Agroflora, a negociação tem que passar por seu Sebastião, e só ocorre se for "de meia" com ele. Ninguém mais consegue *pôr estufa* se não for *de meia* com ele⁶⁰. O trabalho com os meeiros funciona assim: a Agroflora dá a semente, seu Sebastião arma as estufas, e os meeiros plantam e cuidam. No decorrer do ciclo das plantas, seu Sebastião fiscaliza o trabalho e o cuidado com as estufas (inclusive a pulverização). No final, dividem os lucros. A renda desta família é então formada pela venda do gado e, principalmente, das sementes para a Agroflora (tanto as da propriedade como as dos meeiros).

Alguns outros aspectos diferenciam esta família dos outros sitiantes. Têm, por exemplo, 2 tratores (enquanto muitos sitiantes não tem trator algum), plantadeira, carpideira, grade, arado (acessórios já mais comuns aos proprietários de tratores), além de uma pequena serraria onde trabalham a madeira usada nas estufas: "*todos maquinários que tem necessidade temos aqui. Tudo isto facilita o trabalho no sítio. Tem também a serraria*" (dona Aparecida).

Segundo Alcides, o agrônomo,

em muitas outras do município, que estão em parte tomadas por eucaliptos. Segundo Brandão (1999), o eucalipto na região foi um "invasor convidado, agora com patrocínio de uma quase cruzada da 'Casa da Lavoura'" (Brandão, 1999, p.111). Alcides, decidido a introduzir o eucalipto para aumentar a renda dos sitiantes, não só prestou assistência técnica em tempo integral para os mesmos, como conseguiu a maioria das mudas gratuitamente, ou a um custo muito abaixo do mercado. Isso fez com que o perfil dos morros da região mudasse rapidamente, bem como a diversidade de produtos dos sítios. Ainda segundo Brandão, o eucalipto em Joanópolis "em pouco tempo rouba das plantas e bichos alqueires de matas furtivamente derrubadas e queimadas; pastos onde nunca compensou, ou não compensa agora, substituir o capim nativo, exaurido, pelo 'capim brachiara'; roças cansadas depois de muitos anos de milho e feijão" (Brandão, 1999, p.111), sendo incorporado definitivamente ao cotidiano deste meio rural. Depois do eucalipto, Alcides, como ele próprio definiu em entrevista na Casa da Agricultura em fevereiro de 1997, fez "no município um trabalho de introdução à plasticultura", em parceria com a Agroflora, empresa que comercializa, dentre outros, sementes. Iniciou este trabalho com seu Sebastião, de quem estamos falando agora. No final de 1996 Alcides deixou a Casa da Agricultura de Joanópolis, que estava para ser municipalizada, para ir trabalhar no escritório regional da CATI em Bragança Paulista. Até o final de julho de 1997 ainda não havia agrônomo trabalhando na Casa da Agricultura do município, e somente no final deste mesmo ano o município passou a contar novamente com um.

⁶⁰ Isso não vale para os que aderiram, como ele, no início das negociações com a Agroflora.

“no Azevedo tem uma pessoa trabalhando em agricultura familiar, mas está um pouco distorcido. Ele agora se tornou praticamente um empresário. Foi feito, no município, um trabalho de introdução a plasticultura. Está com 15.000m² de estufa aqui, produzindo sementes para a Agroflora. E se você for lá no (bairro do) Can Can hoje vai notar: está cheio de estufa. E aqui no Azevedo começamos este trabalho com o Benedito Sebastião Silveira, Sebastião do Luís Santo⁶¹. Ele trabalha a filha dele com o genro, trabalha um filho, trabalha a filha, trabalha a mulher. Só que ele é uma pessoa muito de visão. Apareceu a oportunidade, vim descobrir, a gente deu apoio, hoje ele tem umas 120 estufas aí. Mas sabe como ele tem as estufas? Ele tem as estufas na propriedade dele, que é dele. E ele pegou, como é uma pessoa de posses, tem uma propriedade grande, ele fez o seguinte: ele pega da Agroflora e terceiriza para o pessoal do Can Can. Aquele pessoal do Can Can a maior parte é "funcionário" dele. E trabalha ele, a mulher, inclusive negócio de dinheiro a mulher dele que fica em cima. (...) E ele ganha dinheiro. Você vai lá, e ele está de F1000. Ganhando dinheiro trabalhando neste sistema. E a propriedade dele tem muito boi. Mas ganha mais dinheiro com as estufas lá, produzindo semente, do que com o boi. O boi está lá, ele cuida, está melhorando, produzindo alimentação no período da seca, confinando o boi, para o boi não emagrecer. E ele tem as duas filhas, o genro, e a mulher, trabalham na propriedade, todos juntos”.

Como o Bairro do Azevedo não é muito grande, esta família disse ser a propriedade deles a única de vulto, e o restante "é *chacrinha de leite*". Inclusive, das propriedades em que passamos durante a pesquisa, além de outras de sitiantes locais (em contraposição aos proprietários "de fora") que conhecemos, esta foi a única que os donos chamaram de fazenda. Os outros, apesar do tamanho da propriedade ser até superior a esta, sempre a chamam de sítio.

Sobre isso, Brandão (1999) constatou, em 1993, que os moradores dos bairros, participantes da comunidade, "sitiantes tradicionais", vizinhos de seus parentes e compadres, por maiores que sejam suas propriedades (que entretanto nunca excedem um determinado limite), consideram-se ainda sitiantes, e não fazendeiros como seriam classificados por "outros" que não os dali:

"Quando seu Antônio Fernandes fala de 'parentes ricos' e moradores distantes, entre o Mato Grosso e Rondônia, ele lembra donos familiares de dez mil reses. Ele que, segundo Penha, a nora, não tem mais do que 40 reses e 18 vacas produzindo leite. Mas comparada com outras de toda a região, a família é muito menor que o tamanho da propriedade e o próprio nome 'sítio', que ele

⁶¹ Luís Santo é seu pai.

usa, aplica-se mal a terras que beiram os 200 alqueires mineiros (ou paulistas, segundo os mineiros: 24.200m²). Não é difícil constatar que os 'Fernandes' vivem um estilo camponês alguns pontos acima da maioria dos vizinhos sitiados, muito embora se identifiquem com eles muito mais do que com os grandes fazendeiros e, principalmente, com os proprietários empresariais vindos 'de fora'. Eles poderiam ser grandes 'lá', como os distantes parentes que 'foram', mas não 'aqui', onde é melhor ser como os próximos, parentes ou não". (Brandão, 1999, p.36)

Aqui no bairro do Azevedo que, como o bairro do Can Can, está atualmente bastante "tomado" por estufas", não há muita atividade social (segundo informado pelas famílias entrevistadas), nem mesmo em torno da igreja, como de costume em outros. Também não há nenhuma venda-bar. Há missa apenas 1 vez por mês, quando vem o padre, e não há reuniões semanais na igreja. Dona Aparecida diz que isso ocorre *porque "o bairro é pequeno, se faz reunião não vem ninguém, então nem faz"*. Uma vez por ano há a festa da padroeira local, Nossa Senhora, em maio, quando *"vai mais o povo do bairro, e algumas pessoas da cidade"*. Esta festa, juntamente com a missa mensal, são os eventos sociais que parecem mobilizar as pessoas do bairro. Além dele, as relações se dão com mais intensidade entre as famílias e vizinhos mais próximos⁶², que eventualmente trocam dias de serviço, ou se reúnem para algum evento.

Logo que passamos da casa de seu Sebastião, virando a direita na escolinha do bairro do Azevedo, e depois seguindo à esquerda por alguns poucos quilômetros, chegamos à casa de seu Otávio do Alambique que, apesar do nome, também está trabalhando *neste sistema de estufas* como nos disse o agrônomo Alcides⁶³. Seu Otávio tem 55 anos e sua esposa, dona Jani, 53. São casados há 30 anos, e têm 3 filhos: 2 homens e 1 mulher. O filho mais velho tem 29 anos, estudou até a 6ª série, é casado com a filha de seu Sebastião, de quem falávamos há pouco, e mora no sítio do mesmo. O filho do meio tem 21 anos, estudou até a 4ª série, e mora ainda com os pais (é solteiro). A filha, mais nova, tem 18 anos, já é casada, e mora em um sítio *no bairro da Terra Preta*, a 2 quilômetros da cidade. São donos da propriedade que tem 8 alqueires, e foi herança de

⁶² Para compreender efetivamente o que se passa nos bairros é necessário um período maior de permanência em cada um, algum tempo de convívio cotidiano com seus moradores, o que infelizmente não foi possível de ser realizado em todos. Em alguns bairros, como este, estaremos apresentando as características que nos foram colocadas nas entrevistas com as famílias.

⁶³ Seu Otávio é conhecido como "*Otávio do Alambique*" porque até algum tempo atrás (5 anos aproximadamente) produzia pinga. Plantava cana em sua propriedade, e comprava de outras para fazer a pinga. Tinha 12 empregados, mas acabou deixando o alambique porque, segundo ele, "*é muito difícil lidar com empregado rural*".

dona Jani. A casa em que moram foi construída por seu Otávio antes de casarem. Ele diz: "*sempre moramos aqui, há 30 anos, escolhemos aqui para viver*". Seu Otávio é de Extrema, dona Jani é dali, daquele sítio mesmo. A casa em que ela morou com os pais (uma casa antiga, grande) é bem próxima à deles. De famílias antigas do meio rural, ambos tiveram muitos irmãos, ela 13, ele 16 (até se assustaram ao lembrar estes números). A família de dona Jani foi bastante tradicional no bairro e até mesmo no município. A propriedade do pai era um sítio de café, que foi se acabando com o tempo.

Eles também estão com plantações para venda de sementes e, como começaram há quatro anos, têm contrato direto com a Agroflora. Têm 28 estufas de 7x30m (mais ou menos meio alqueire), com pimentão e tomate, e mais 1 hectare de abobrinha e 1 de couve-flor, sem estufa. Além disso, orientados por Alcides, têm 5 alqueires de eucalipto, também plantados há 4 anos, que estão vendendo para o que de melhor aparecer: indústria, olaria, cerâmica. O que sobra da terra deixam como reserva, descanso, para ir plantando. Tiram pouco leite, só para *a despesa*. As pouquíssimas vacas também ficam no espaço que sobra. Não têm trator, e quando precisam contratam um diarista de trator. Algumas vezes chamam diaristas para ajudar no trabalho, mas, em geral, seu Otávio e o filho é que trabalham na produção de sementes, e que fazem as vendas. Dona Jani cuida da pequena criação (galinha), e recebe ajuda dos homens no trabalho doméstico. A parte administrativa da propriedade é realizada por seu Otávio. A renda da família é formada pelo trabalho do sítio e possuem mais algumas estufas com meeiros (mais ou menos 1 hectare), como seu Sebastião, de quem falamos há pouco.

No dia em que estivemos lá, em julho de 1997, o filho que ainda mora com o casal Otávio e Jani estava saindo com o carro deles (um gol) para uma palestra promovida pela Delegacia Regional de Agricultura (em conjunto com a CATI), em Bragança. E contou-nos que já tinha ido a várias outras atividades direcionadas a produtores rurais, até mesmo em municípios mais distantes, como uma vez em que foi a Pirassununga, junto com outros sitiantes de Joanópolis, levados por Alcides.

Saindo da propriedade de seu Otávio e seguindo adiante nesta mesma estrada, que bem mais à frente encontra a estrada da Vargem Escura, já em direção a Camanducaia, entramos em um pequeno caminho, ainda no bairro do Azevedo, que nos leva à casa de Sebastião Aparecido Luza, mais conhecido por "seu Ico".

Apesar de já termos andado bastante pela região, nunca tínhamos ouvido falar nesta família. Mas como seu Otávio do Alambique insistiu que deveríamos conhecê-los, por serem produtores *bastante familiares*, fomos até a casa deles. Se pudéssemos (o que não é possível, e nem o caso) dividir as famílias de sitiantes entre mais antigos e mais modernos (ou modernizados), à primeira vista certamente poderíamos dizer que a família de seu Ico está mais para os antigos caipiras da região, embora na prática, no dia a dia do trabalho do sítio, estejam mais para os modernos⁶⁴, ou agricultores familiares tradicionais mais modernizados.

O local em que moram é um pouco isolado e imaginamos que de difícil acesso em tempos de chuva (estivemos lá em julho, bastante seco), o que não os impede de movimentar-se bastante. Como não existe venda no bairro, a novidade é um padeiro que traz o pão até lá. Antes era o leiteiro que levava ou trazia coisas como pão e gás. Agora, com o padeiro, isso diminuiu. O pai, de 57 anos, tem alguns dentes de ouro, e não tem outros. A esposa, com quem é casado há 31 anos, dona Maria Antônia, tem 53 anos. Têm 4 filhos: 1 mulher casada (de 30 anos, e que continua morando na propriedade dos pais, em outra casa) e 3 homens solteiros (27, 25 e 19 anos). Todos na casa estudaram até a 3ª série, com exceção de seu Ico, que estudou somente até a 2ª. Os filhos falam pouco, e é muito difícil entender o que dizem. Quando estivemos lá a filha, com um bebê pequeno, enrolava e fumava um cigarro de palha.

A casa em que moram foi construída quando casaram-se (tanto a família de seu Ico como agora a de sua filha). A propriedade tem 20,5 alqueires e, parte dela, que foi herança (9 alqueires), pertence a seu Ico e a duas irmãs. Os outros 11,5 alqueires foram comprados. Além disso arrendam mais 9 alqueires. Nesta propriedade plantam milho (2 alqueires) e feijão (20 litros⁶⁵) "*desde sempre*", "*para o gasto*", embora o feijão seja "*um pouco para venda*", e tomate

⁶⁴ Inclusive possuem dois carros e duas motos (faz 15 anos que têm carro): um fusca verde mais antigo, e um gol branco, bem novo, além das motos, bastante modernas e novas (embora não saibamos precisar quais sejam), o que não é comum na região.

⁶⁵ Litro é uma medida bastante utilizada pelos sitiantes de Joanópolis para medir a terra, principalmente para extensões menores que 1 alqueire. Entre eles, não se usa dizer 0,5 alqueire, e sim 25 litros. Desta forma, 1 litro = 484 m², e 1 alqueire é igual a 50 litros.

(12 litros) há 6 anos, só para venda. Vendem nos supermercados de Joanópolis, Bragança e Campo Limpo Paulista. Plantaram batata por 8 anos, mas desistiram. Quando estivemos lá tinham plantado um pedaço de vagem para produção de sementes, "a meia" com seu Sebastião, e estavam pretendendo fazer contrato direto com a Agroflora, pois o negócio tinha ido bem. Há ainda 20 alqueires de pasto, onde têm 61 cabeças de gado, que vendem para outros engordarem ou para açougues, e algumas vacas de leite, que dão 35, 40, 50 litros por dia, conforme a época. Vendem o leite para o laticínio novo (plantam também cana e capim napier -60 litros- para o gado, como todos na região). A renda familiar é formada somente pelas atividades do sítio. Vendem um pouco da pequena criação, o que *"serve para pagar uma loja, uma farmácia"*, segundo dona Maria Antônia.

Gostaríamos de ressaltar aqui que, além de terem um trator, surpreendeu-nos o fato de utilizarem irrigação, que serve para o tomate e a vagem. Implantaram um sistema que funciona com a força da queda d'água, e não com motor. Ainda não tínhamos visto essa tecnologia em nenhuma das propriedades da região, embora já tivéssemos visto propriedades com pequenas usinas artesanais de energia elétrica, que geravam o suficiente para abastecer uma casa.

SABIAÚNA

Saindo da estrada onde estávamos, voltando pelo próprio bairro do Azevedo, retornamos agora à estrada principal, ainda no Km 5 do asfalto. Logo que acaba este asfalto, no Km 6, há uma bifurcação na estrada. Muito embora ambas as vertentes se encontrem em algum momento, levando-nos a São Francisco Xavier, já no município de São José dos Campos, em seu trajeto elas nos conduzem a diferentes bairros. Seguindo reto, quase à esquerda, pegamos a vertente que vai para o bairro do Sabiaúna⁶⁶, passando pelo Can Can⁶⁷ (de onde sai uma estrada que leva aos

⁶⁶ Depois do Sabiaúna vem o bairro do Retiro, o último do município antes da divisa com São José dos Campos.

⁶⁷ O bairro do Can Can (nome de um pássaro da região) é bastante diferente dos outros da região. Embora encontremos no bairro famílias tradicionais de sitiantes, a maioria deles vendeu suas terras, total ou parcialmente, para pessoas "de fora", "chacreiros" de fim-de-semana. Muitos se tornaram caseiros, até mesmo de seus próprios sítios. Isto mudou muito a rotina do bairro. A igreja há muito deixou de ser um fator de congregação social, como em outros bairros, e em maio de 1997 o padre havia até mesmo

bairros do Pinhalzinho e da Vargem Escura, encontrando o caminho que passa pelo Azevedo), pelos Alves, e pela estrada que liga o município à vizinha Vila Monte Verde, já em Minas Gerais, muito conhecida por suas atrações turísticas.

O Sabiaúna fica a 23 quilômetros da cidade. Foi o primeiro bairro que conhecemos em Joanópolis, em outubro de 1991, quando lá estivemos para um primeiro contato com o município. Nesta ocasião hospedaram-nos na igreja, juntamente com outras quatro colegas de graduação, por quatro dias. Depois disso voltamos ao bairro em janeiro de 1992 para aplicação de questionários, quando ficamos hospedadas na escola (três pesquisadoras), e mais recentemente para entrevistar uma família muito querida, que sempre nos acolheu: a de Olga e Jair Graciano.

Este bairro é o que poderíamos chamar de bastante tradicional, no sentido clássico do bairro rural. A igreja, que fica ao lado da escola, conta com um pequeno espaço ao lado com dois quartos, além da "casinha do café"⁶⁸, utilizada até mesmo para encontros de jovens promovidos pela Diocese local. Como no bairro não há nenhuma venda⁶⁹, o único ponto de encontros sociais é a própria igreja, que conta com uma comunidade⁷⁰ bastante presente e atuante, reunindo-se semanalmente para reza da missão, além da missa mensal. Até há bem pouco tempo, além do caminhão leiteiro que segue diariamente de Joanópolis a São Francisco Xavier, não havia nenhum transporte que passasse por ali. Agora, além da perua Kombi que busca os estudantes (em 1993 nem isso havia), há um ônibus que passa uma vez por dia indo para São Francisco e outra vez voltando, o que facilitou muito a circulação dos moradores para a cidade de Joanópolis.

A casa de Olga e Jair fica em frente à estrada, um pouco antes de chegarmos à igreja (100 metros). Moram na casa que era (e ainda é, oficialmente) dos pais de Jair, construída há 46 anos.

decidido não rezar mais a missa mensal na capela local, por "displicência dos moradores", que deixaram de frequentar a missa e participar das atividades religiosas e, quando compareciam, não deixavam o padre rezar "*por causa da bagunça*". Além do bar mais antigo, cujo dono construiu um campo de futebol, bem como alguns quartos para alugar e uma área de camping, há no bairro mais dois outros (na maior parte dos bairros, quando muito, há um bar, que é mais uma "venda" do que bar propriamente dito). Estes, por sua vez, deixaram de ser espaços exclusivamente masculinos, como nos outros bairros, funcionando também como espaço de circulação das mulheres, que chegaram a formar até um time de futebol. Há ainda no bairro uma "Associação de moradores para proteção da natureza", que já existe há alguns anos, constituída e liderada por seu João Verona, antigo morador do local que é o proprietário do bar mais antigo, da área em que fica o campo de futebol, e do Can Camping.

⁶⁸ A "casinha do café", parte integrante das pequenas igrejas e capelas dos bairros, é uma espécie de cozinha, normalmente com um fogão a lenha e outro a gás, utilizada principalmente nas festas de padroeiros, casamentos, etc.

⁶⁹ A venda mais próxima fica a 6 quilômetros, no bairro vizinho de Maria Alferes.

⁷⁰ Nesta região, o termo "comunidade" geralmente refere-se ao grupo de pessoas ou famílias do bairro que se reúne em torno da igreja local, participando ativamente das atividades lúdico-religiosas da mesma.

A mãe dele, ainda viva, mora com eles (dona Otávia, 68 anos). Olga e Jair (36 e 38 anos, respectivamente) são casados há 14 anos⁷¹. Têm 3 filhos: 2 meninas, de 12 e 5 anos, e um menino de 7. Os dois filhos mais novos ainda não estudam, e a filha mais velha está na 6ª série na cidade. Olga contou-nos que não puderam ter mais filhos porque ela fez 3 partos cesarianas e, além disso, o tamanho das famílias dos dois os "assustava um pouco": Jair teve 13 irmãos (e é o mais novo), Olga teve 8.

A família de Jair, os Graciano, é muito antiga e conhecida na região. Segundo Olga, "*o avô de Jair era dono de mais de 300 alqueires aqui, emendava com o (bairro) Maria Alferes*". Moram na mesma propriedade mais 2 irmãos casados, além de Jair, porém em outras casas: João e Toninho. Os outros moram na cidade de Joanópolis, de São José dos Campos, e em outros sítios. A propriedade tem 84 alqueires: 15 de herança, e 69 de compra, ambos do pai de Jair. Ainda é bastante tradicional: não só conservam o monjolo, uma das poucas na região (quase única, poderíamos dizer), como utilizam-no constantemente. No dia em que estive lá, em julho de 1997, estavam utilizando o monjolo para fazer farinha de milho. Como esta propriedade ainda não foi dividida entre os 13 irmãos, ela vem sendo motivo de alguns conflitos familiares.

Olga e Jair plantam na propriedade 3 alqueires de milho (só deles, os outros irmãos têm áreas separadas⁷²), para o gasto e venda. Utilizam aproximadamente 40 alqueires para pasto, onde têm vacas, tirando por volta de 50 litros de leite por dia, que vendem para a cooperativa, porém em conjunto com os irmãos de Jair e a mãe. Além disso, arrendam 4,5 alqueires para plantar batatas para venda, cultivo que começou este ano. Como têm trator, algumas vezes (raramente segundo eles) Jair trabalha como diarista: "*às vezes na época da planta*" (agosto/setembro). Além do trator, têm arado, grade, debulhadeira, carreta. No entanto, e por aí podemos perceber que o trabalho fora com o trator é realmente ocasional, dizem que a renda familiar provém exclusivamente das atividades do sítio. O casal tem um fusca que utiliza eventualmente para seus

⁷¹ Quando casaram moraram um ano e meio na cidade. Olga já morava lá, com sua família, e Jair mudou-se. Neste período, ela trabalhou no laticínio, ele como pedreiro. Vieram para o sítio pois o pai de Jair estava doente, e depois veio a falecer. Precisaram ficar para ajudar dona Otávia, a mãe, e para cuidar da área de terra que era do pai, pois os outros irmãos que moravam lá já tinham cada qual sua casa e suas tarefas em áreas específicas.

⁷² Jair e seus irmãos realizam poucos trabalhos conjuntamente, utilizando-se mais da troca de dias para cuidar de seus próprios roçados.

deslocamentos, e para ajudar os vizinhos quando necessário (o que ocorria muito quando lá estivemos em 1992).

PRETOS

Voltando à bifurcação da estrada, onde estávamos antes de ir ao Sabiaúna, e pegando a outra vertente, à direita, seguimos pelo caminho que nos leva aos Bairros dos Pretos de Baixo (13 Km da cidade), Bom Sucesso, Salto dos Pretos (18 Km) e, mais a frente, ao Bairro da Pedra do Carmo, ao Maria Alferes, depois ao Bonfim, passando em seguida pelas únicas grandes fazendas do município e encontrando-se bem no alto com a outra vertente da estrada, seguindo para São Francisco Xavier. As estradas são repletas de curvas, com pouquíssimas retas e, quanto mais se sobe em direção aos bairros, mais difícil o percurso se torna, além de a paisagem ir se modificando sempre, aparecendo maior quantidade de pinheiros e eucaliptos nos lugares mais altos, principalmente depois do Bairro de Maria Alferes, nas plantações das grandes fazendas. O famoso rio Cachoeira acompanha-nos neste trajeto, ladeando a estrada pelo lado esquerdo de quem sobe, desdobrando-se em várias quedas d'água (inclusive a grande Cachoeira dos Pretos), desde o Pretos de Baixo, até o Bonfim.

Parando pelo caminho, em busca de nossos sitiantes, chegamos primeiro à casa de seu Dutra e dona Tina, logo no início do Bairro dos Pretos. A casa fica bem distante da estrada principal e, conforme a chuva, torna-se intransitável para carros. A chuva que caía em março de 1997, quando lá estivemos, fez com que os próprios moradores do sítio, com um jipe antigo, ficassem atolados na noite anterior, na volta da missa na Igreja do bairro. Mas lá chegamos no dia seguinte à chuva, patinando por todos os lados. Seu Dutra é um senhor de 73 anos, e dona Tina uma senhora de 61. São casados há 38 anos, e atualmente moram sós na grande casa que construíram quando alguns dos filhos ainda estavam com eles. Dos 9 filhos de seu Dutra, todos casados, apenas 3 são também filhos de dona Tina. Os outros 6 são de um primeiro casamento, cuja esposa veio a falecer. Seu Dutra não é natural de Joanópolis. Veio de Cambuí, Minas, em 1956, juntamente com seus pais, trazido ("*puxado*") pelo cunhado. Logo que chegou sua primeira

esposa faleceu e ele ficou só, com os 6 filhos do primeiro casamento, todos pequenos. Seu Dutra conta que veio com a família para Joanópolis porque "*em Cambuí não tinha mais por onde crescer, já estava tudo tomado, e aqui ainda tinha muito por ser feito*". Quando chegaram, a propriedade que adquiriram (o pai, com ele junto), foi uma "fazenda" de café⁷³. Pouco tempo depois de ficar viúvo, seu Dutra casou-se com Dona Tina. Ela é do bairro dos Pretos mesmo ("*nascida e criada aqui*"), da família Amaro, bastante tradicional no bairro e no município.

Algumas poucas famílias dominam quase todos os espaços deste bairro, levando-nos mais uma vez a lembrar da tradicional afirmação que comumente aparece em estudos sobre o meio rural: "aqui é tudo parente!" (Moura, 1978, Lima, 1997). Diferentemente dos estudos em áreas de posse, de propriedade comum da terra, nos sertões de Minas Gerais e do Nordeste, onde grandes parentelas identificam um ancestral comum, primeiro a tomar conta das terras, e fundador da comunidade, nos bairros rurais por que passamos famílias de diferentes origens convivem ali, unindo-se por laços de casamento e compadrio há muito tempo (ver anexo III - genealogia) sem, no entanto, ter esse ideal de um único "ancestral fundador", o primeiro a ocupar as terras (Godoi, 1999, Jacinto, 1998, Lima, 1997), mesmo porque hoje ninguém se lembra se houve um tempo em que aquelas terras não eram divididas entre proprietários. As famílias tradicionais do bairro dos Pretos são: os Amaro e os Alves, moradores mais antigos, muito embora estes últimos já não tenham mais tantas propriedades; a família Pinheiro, que também foi perdendo suas terras entre as gerações, e as famílias vindas de Cambuí, Minas, a partir da década de 40, aqui representadas pelas famílias de seu Dutra e de seu Antônio Fernandes e dona Bernardina (falecida em outubro de 1995), cujos filhos casaram-se com moradores antigos do bairro. O pai de dona Bernardina foi o primeiro dos mineiros de Cambuí a vir para o município, como veremos adiante, trazendo todos os filhos e mais alguns parentes. O cunhado de seu Dutra, que "puxou" o mesmo para o município, era irmão de dona Bernardina. Seu Antônio, o marido de dona Bernardina, de quem voltaremos a falar adiante, após a morte desta dividiu suas terras entre os filhos, aposentando-se definitivamente. Ainda no bairro dos Pretos, encontramos vários casais mais jovens, e outros nem tanto, que representam a união das famílias do bairro, como veremos no decorrer do texto. Os irmãos de dona Tina são: seu Chico, casado com dona Aparecida Fernandes, Seu Joaquim (estes

⁷³ No município ainda encontramos algumas propriedades que foram grandes fazendas de café, há muito tempo. Algumas são ainda do século passado, "*do tempo dos escravos*". Mas a maioria delas fica em bairros mais próximos da cidade, e na direção de Bragança Paulista ou Extrema, distante dos bairros povoados pelos sitiantes tradicionais. Ficam próximas das áreas do município mais ocupadas por chácaras de lazer.

dois primeiros possuem grandes propriedades no bairro), Dita, Teresa, Dito e Geralda. Alguns destes já têm até mesmo bisnetos morando no bairro.

Quando a fazenda era do pai de seu Dutra, produziam café e havia muitos colonos morando na propriedade, em casas de pau-a-pique. Segundo seu Dutra, "*isso acabou com o tempo, e com o café*". Depois, já sozinho, ou com seus próprios filhos, seu Dutra passou para o gado (tirar leite), milho e feijão. Agora ele e os filhos estão com eucalipto também. Hoje, seu Dutra não quer "*nem pensar em trabalhadores*", pois, segundo ele, estes podem "*colocar na justiça*", tirando "*o pouco que a gente tem*".

Os 6 primeiros filhos de seu Dutra, do primeiro casamento, moram no bairro do Bom Sucesso, em uma propriedade grande que o pai dividiu entre eles e há bastante tempo cuidam cada qual de seus próprios sítios, com suas famílias. Os três últimos, do casamento com dona Tina, moram na mesma propriedade dos pais, embora apenas o mais novo trabalhe com os mesmos. Os outros dois já desenvolvem suas atividades independentes. Seu Dutra orgulha-se muito de os filhos estarem todos morando no sítio e serem trabalhadores, como ele⁷⁴. Todos foram criados **no e do sítio**. Para cada um que casou seu Dutra construiu uma casa, e deu um pedaço de terra para começar a vida.

A propriedade em que moram hoje seu Dutra e dona Tina (além dos três filhos e suas famílias) tem 93 alqueires. Destes, 31,5 foram herança de dona Tina, 2,5 foram herança de seu Dutra, e o restante (60 alqueires) foi comprado por ele no decorrer do tempo de trabalho da família. Hoje, como citei anteriormente, moram em uma casa bem grande, construída por eles. Porém, quando casaram, foram morar em uma casa mais distante, neste mesmo sítio, onde, no início, não havia nem luz, nem água encanada⁷⁵.

⁷⁴ Seu Dutra e dona Tina ainda trabalham bastante na propriedade, mas não tanto na roça. Hoje dona Tina, além de cuidar da pequena criação (porcos, galinhas e patos) e da horta faz, principalmente, a transformação dos produtos *in natura*, principalmente o leite, como veremos posteriormente. Em uma das vezes em que estive na casa deles, estavam, juntos, lavando e secando café quando cheguei.

⁷⁵ Dona Tina quando casou saiu da casa dos pais, onde já havia água encanada (mas não energia elétrica), e foi para lá. Interessante lembrar que, também na casa de seu Antônio e dona Bernardina, a água demorou a ser encanada. Somente quando uma das filhas, Maria Lúcia, casou, há 27 anos, é que João, marido dela, encanou a água. Digo "encanou a água" porque em todas as propriedades a água vem de alguma mina ou rio que passe por ali, e o que se faz é colocar canos para que parte desta água passe a servir a casa.

Na propriedade há 12 alqueires de eucalipto, para venda; 6 alqueires de milho, para o gasto; um pouco de cana e capim napier, para o gado, e o restante é pasto⁷⁶. Os dois filhos mais velhos, Luizinho e Marinho, como já disse, trabalham independentes, ajudando o pai somente em algumas coisas. Apenas o mais novo, Amauri, ainda faz tudo em conjunto com seu Dutra, que explica isso dizendo: "*porque ele é o mais novo, e sempre tem um que é escolhido para cuidar dos pais*". Estes (pai e filho) tiram aproximadamente 80 litros de leite por dia, que é todo transformado em queijo (não vendem o leite *in natura*). Fazem (dona Tina e Andréa, esposa de Amauri) 14 ou 15 queijos por dia. O destino da renda obtida com o trabalho de transformação do leite, realizado pelas mulheres, é cobrir, em conjunto com o trabalho dos homens, as despesas da casa e do sítio. Incrementam ainda a renda mensal com a venda da pequena criação: galinhas caipiras, ovos e porcos (leitões), que são vendidos para pessoas da cidade de Joanópolis, ou para um senhor de Itatiba que algumas vezes vem à região levar queijos para vender em outras cidades.

Como na propriedade somente seu Dutra tem trator, os filhos usam em conjunto com ele. Os filhos do primeiro casamento que moram no Bom Sucesso não têm trator, e utilizam este mesmo (do pai) sempre que necessitam, para que não precisem pagar diária de tratorista. Ele também tem dois carros, um jipe antigo e uma Brasília.

Ainda no mesmo sítio, distante aproximadamente 1 quilômetro de onde estávamos, chegamos à casa de Marinho, o mais velho dos filhos do segundo casamento de seu Dutra. Ele tem 37 anos, e é casado há 14 anos com Regina (32), sobrinha-neta de dona Tina (filha da filha da irmã). Têm um casal de filhos: Lucas com 12 anos, e Maria Amélia com 9. Diferentemente da maioria dos habitantes dos sítios da região, na faixa etária de 25 anos ou mais, Marinho estudou até o 3º colegial. E, segundo seu Dutra e dona Tina, "*só não seguiu em frente porque não quis*". Para estudar teve que morar com a avó, mãe de seu Dutra, na cidade. Vinha para o sítio nos finais de semana e férias. Mas os pais dizem que "*ele chegava a chorar, e não conseguiu ver os irmãos no sítio, trabalhando, e ele só estudando, não achou justo*". Quando acabou o colegial, pediu para

⁷⁶ Seu Dutra gosta muito deste sítio, e costuma dizer que da casa dele, tudo que se pode enxergar pertence a ele e aos filhos.

voltar, pois "*queria ser como os irmãos*"⁷⁷. Já Regina, que também é do bairro, só fez até a 4ª série. Lucas está na 6ª série, na cidade (vai todos os dias com o ônibus⁷⁸), e Maria Amélia faz a 3ª série na escola rural do bairro.

Moram, como já dissemos, na propriedade de seu Dutra (como os outros dois irmãos de Marinho), em uma casa construída por pai e filho antes do casamento (o casal ampliou um pouco tempos atrás). O local da casa, na propriedade foi escolhido por Marinho.

Além da área que Marinho ocupava na propriedade do pai, onde planta milho, cana e capim napier (para o gado), e utiliza um pedaço de pasto, comprou 4 alqueires há quatro anos, ocupado com eucalipto (para venda). Também arrenda 20 alqueires nas proximidades, "*tudo pasto*", onde colocaram algumas vacas. Tiram aproximadamente 70 litros de leite por dia. Destes, 20 a 25 litros são entregues na cooperativa. Com o restante, Regina faz queijo. Normalmente são feitos 5 queijos por dia, "*às vezes um pouco mais*", que vende na cidade. Ela está fazendo queijo há sete anos ininterruptos (antes vendiam todo o leite *in natura*), atividade que vem alternando com a costura, que "*aparece*" eventualmente ("*no momento as máquinas estão paradas*")⁷⁹. A venda do queijo e da pequena criação (galinhas, ovos, porcos) ajuda na formação da renda da família, que ainda conta com a venda do leite e do eucalipto. Quando Regina costura, a renda deste trabalho fica só para ela, não vai para a casa. Têm um fusca modelo novo.

Bem no meio do bairro dos Pretos, a 13 quilômetros da cidade, fica o bar do João Batista, e sua casa. Ao lado dele, a escola. João Batista nasceu e foi criado no bairro, no mesmo local em

⁷⁷ Klaas Woortmann (1990) classificaria essa situação como exemplar da ética camponesa, onde valores morais como a igualdade, a reciprocidade e a solidariedade falam mais alto. Para Marinho importava mais ser solidário com os irmãos e pais, participar igualmente na construção do patrimônio que seria de todos, fazer parte da lógica familiar de trabalho e organização da vida dentro da qual havia sido criado, do que buscar individualmente um caminho a seguir, fora do sítio, do bairro, e desta lógica mais coletiva e igualitária.

⁷⁸ O ônibus passa diariamente para levar os adolescentes que estudam nos períodos da tarde e noite. Como nas escolas dos bairros só há possibilidade de estudo até a 4ª série, os que querem continuar estudando (maioria hoje em dia) têm que se locomover para a cidade todos os dias. O ônibus segue por essa estrada até o bairro do Bonfim, o último do município por essa vertente, e volta pegando os alunos. No início (ano de 1991) a prefeitura disponibilizava Kombis para buscar os alunos. Como o número de estudantes aumentou, a partir de 1996 o transporte passou a ser feito pelo ônibus. Os moradores (que não sejam estudantes) não podem se utilizar do mesmo, restando-lhes como meio de transporte o tradicional caminhão leiteiro.

⁷⁹ Estivemos nesta casa em julho de 1997. Quando voltamos a Joanópolis 8 meses depois (fevereiro de 1998), além das atividades já incorporadas à rotina da família, como o queijo, Regina estava fazendo pão para vender, em parceria com uma vizinha, e estavam com uma barraca na feira da cidade (uma vez por semana, todas as Terças-feiras).

que mora hoje com Chiquinha, sua esposa, e os filhos. Porém, o bar agora, bem como a casa, são de tijolos, e muito bem feitos. O pai de João foi também dono de uma pequena venda neste local. Não teve terras no bairro, tendo criado seus filhos com a renda proveniente da venda, que na época era uma casinha de barro, como a casa onde moravam, também atrás da venda. Os irmãos casaram-se e foram para outros bairros, ou para a cidade, e João, hoje relativamente bem sucedido, acabou ficando com o bar, onde encontramos, além de bebidas (pinga e outros) e algo para comer, o único telefone do bairro e alguns produtos comuns às vendas do meio rural⁸⁰, aos quais os sítiantes recorrem em alguma emergência.

Passando um pouquinho o bar, encontramos uma porteira à direita, que nos conduz, depois de uma subida íngreme, à casa que foi de dona Bernardina e seu Antônio, e agora pertence a José, o filho mais novo deles, e Penha, sua esposa. Logo depois desta casa (200 metros) fica a igreja do bairro⁸¹, com a casinha do café, onde já nos hospedamos por algumas vezes e, ao lado, a casa que foi da avó de Penha, dona Isabel Alves, falecida em 1995. Atrás da igreja, no que se chama o "terreno do Santo"⁸², mora uma família em condições bastante precárias, que vive "de favor" dos moradores do bairro. Em frente à igreja passa uma estrada que continua subindo o morro, passando por algumas casas até chegar, bem no alto, ao sítio de seu Antenor, ou Noro, como é conhecido por todos⁸³. Neste bairro a igreja é bastante freqüentada pela "comunidade".

⁸⁰ Para alegria de alguns, como o Professor Carlos Brandão antes de se tornar um vegetariano convicto, os sanduíches de Mortadela e doces de abóbora em formato de coração nunca faltam.

⁸¹ Quando nos referimos à igreja, aqui e em outras partes do texto, estamos sempre nos referindo à igreja católica, ainda predominante nos bairros rurais do município. Enquanto estivemos em Joanópolis, havia somente uma igreja evangélica em sua área rural (Congregação Cristã no Brasil). Ela se localizava entre o Pretos de baixo e o Bom Sucesso, e tinha muito poucos fiéis. A igreja católica continua sendo um fator de congregação social nos bairros rurais, e pertencer à comunidade, ou ao grupo que frequenta esta igreja, significa estar inserido na vida social do bairro, uma vez que é nela que a maioria dos acontecimentos sociais se concretiza (festas, reuniões, casamentos, etc.). Lembramo-nos de apenas uma família do Pretos de baixo cuja esposa frequenta a igreja evangélica. A família não possui muitos recursos: o sítio é pequeno, e o marido, que é primo de Penha, constantemente trabalha fora. Porém, apenas a esposa frequenta a igreja evangélica. O marido e as filhas frequentam a igreja católica, participando das atividades da mesma. No ano de nossa pesquisa as filhas inclusive estavam frequentando o catecismo, em preparação para a primeira comunhão que seria realizada no próximo ano para as crianças do bairro.

⁸² O "terreno do Santo" é o pedaço de terra que circunda a igreja do bairro, o espaço destinado às atividades religiosas e lúdicas (que não deixam de ser religiosas) dos moradores e que, por isso, pertence à coletividade, ou melhor, "ao Santo". Não é raro encontrarmos famílias em situação de extrema pobreza residindo nestas terras, geralmente em construções que se localizam atrás das igrejas ou capelas dos bairros.

⁸³ Ele é um dos Ministros da Eucaristia, que rezam as missões no bairro todos os domingos, já que a missa é somente uma vez por mês. É uma pessoa importante na comunidade, liderando, na sua bondade e simplicidade, um pequeno grupo de estudos da bíblia. Em seu sítio ainda não há luz (energia elétrica), e o acesso até lá é difícil, sendo feito preferencialmente a pé, ou com uma carroça, puxada por cavalos. Ele produz rapadura e talhada para vender na cidade, e ainda encontramos monjolo e moinho em seu sítio, com uma imensa roda d'água funcionando. Como ele e Maria Antônia, sua esposa, só têm filhas, ele acaba trabalhando muito só, pois as filhas já estudam na cidade, e as vezes ficam na casa de uma das irmãs, que já é casada e mora lá.

Como em todos os bairros, há missa uma vez por mês, sempre muito concorrida. Mas os moradores rezam a "missão" todos os finais de semana, com o ministro da eucaristia no lugar do padre. A igreja aqui pode ser considerada como um aglutinador da população do bairro, visto que é através dela que ocorrem a maioria dos encontros sociais, seja nas missões e missas, seja nas festas da padroeira local. Além deste espaço, religioso por excelência, o bar do João Batista funciona como espaço profano de encontros sociais, porém exclusivamente masculino. Nos dias da semana é muito raro encontrarmos os homens "trabalhadores" conversando no bar. Só vão até lá ocasionalmente, ou se há alguma emergência. Nos finais de semana muitas vezes o bar vira ponto de encontro dos moradores masculinos do bairro, seja para jogar futebol no campo em frente, seja para esperar as esposas que estão na missão, à qual estão desobrigados de comparecer, diferentemente da missa, à qual todos devem estar presentes.

Pelos objetivos deste estudo, neste ponto do bairro vamos nos ater à casa de José e Penha. Estes foram as primeiras pessoas que conhecemos no bairro e, de uma certa maneira, tornaram-se nosso "cartão de visitas", ao mesmo tempo que nossos guias, para onde corríamos com nossas dúvidas. Desde quando ali pesquisamos em 1993, a casa do "sítio São José", que na época era de dona Bernardina e seu Antônio, tornou-se nosso "ponto de apoio", o local onde sempre encontramos um abrigo certo e seguro, onde passamos muitas noites, fizemos muitas refeições, tivemos muitas conversas.

A família de dona Bernardina e seu Antônio não é do município "desde sempre". Vieram de Cambuí, sul de Minas, em 1946, seguindo o pai de dona Bernardina. Este veio antes, com todos os filhos, e o casal Antônio/Bernardina ficou para trás para terminar de vender o gado, etc. Vieram para "*expandir as terras*", pois em Minas era mais caro e "*não tinha mais para onde crescer*". O pai de dona Bernardina foi um pioneiro em vários sentidos, colaborando para o desenvolvimento do município de Joanópolis. No sítio que possuíam em Minas, segundo a filha, havia até mesmo um alambique. Plantava e processava todo o alimento na propriedade (fazia farinha, polvilho, etc), como de costume antigamente, com a ajuda de todos os filhos no trabalho, além de alguns empregados. Também era consultado pela população, pois receitava homeopatia (depoimento de Dona Bernardina em janeiro de 1993). Impulsionou muito a educação quando veio para Joanópolis, pois o município era pobre em escolas na área rural. Alguns dos irmãos de

dona Bernadina também eram casados à época, e estes trouxeram os parentes (caso do seu Dutra, que veio com os pais, trazido pelo cunhado, irmão dela). Vieram primeiro para o bairro do Azevedo, onde o pai de dona Bernardina havia comprado a propriedade, exatamente onde fica hoje a casa de seu Sebastião e dona Aparecida, de quem falamos atrás (ele é filho de um dos irmãos de dona Bernardina). Depois de pouco tempo no Azevedo seu Antônio comprou o sítio no bairro dos Pretos, onde moram até hoje. Quando chegaram "nos Pretos" o bairro não tinha escola. Dona Joana, mãe de Penha, que nasceu e cresceu no bairro, disse que, quando a família de seu Antônio chegou, ela e seus irmãos, ainda crianças ou mocinhos, "*tinham até vergonha deles, se escondiam e tudo*". Para ela, eles pareciam ter costumes diferentes da população que ali residia. Seu Antônio construiu a escola e trouxe professora para o bairro. Até então a educação ficava restrita às famílias que podiam pagar alguém para vir ensinar seus filhos em casa, costume muito antigo na região, através do qual os mais velhos do bairro foram alfabetizados. Para isso, as "pessoas que vinham para ensinar" tinham que ficar nos sítios durante algum tempo, pois o isolamento e precariedade dos transportes não permitiam as idas e vindas diárias entre a cidade e os bairros. Mesmo depois de construída a escola, as professoras que vinham para ali lecionar ficavam morando na casa de dona Bernardina e seu Antônio durante o período letivo.

Se quando chegaram ao bairro o casal Antônio/Bernardina tinha idéias, estilos e costumes diferentes ("*trouxeram a escola*"), estes foram fundindo-se aos das pessoas que já estavam ali. Como bem notou Brandão (1999), mesmo vivendo "um estilo camponês alguns pontos acima da maioria dos vizinhos sitiantes" (Brandão, 1999, p.36), é melhor ser como os próximos, sitiantes com quem convivem cotidianamente no mesmo espaço (no caso, o bairro), do que como os outros, fazendeiros distantes. A integração da família ao bairro se deu de tal modo que, dos 6 filhos do casal (4 mulheres e 2 homens), 5 casaram-se com pessoas do próprio bairro, e 4 continuam morando no mesmo. Apenas 1 filha, Maria Lúcia, casou-se com um homem que não era do bairro, mas era do sítio (João Batista). Mesmo assim, foram morar em uma parte da propriedade de seu Antônio, que fica no bairro do Salto dos Pretos. Assim como as famílias de seus outros 4 irmãos, José (casado com Penha Alves Pinheiro de Paula), João (casado com Maria Barroso), Aparecida (casada com Chico Amaro) e Araci (casada com Antônio Gonçalves), que vivem no bairro dos Pretos de Baixo, a família de Maria Lúcia vive **no e do sítio**. Somente uma das mulheres vive hoje na cidade de Joanópolis (Lurdinha, casada com Dito Mariano), embora mantenha ainda sua casa no sítio, próxima à dos pais, onde morou no início do casamento. Desta

grande família estaremos aqui falando mais especificamente dos filhos José e Maria Lúcia (e respectivas famílias), embora em tempos diferentes, apesar de nos referirmos a todos os outros durante o texto.

Voltando ao casal Penha e José, a casa em que moram foi construída pelos pais deste há 40 anos, quando toda a família morava ali. Os filhos de dona Bernardina e seu Antônio foram se casando, e José, além de ser o caçula, foi o último a casar. Mesmo depois de casado José continuou morando na casa dos pais, que na época já tinham uma certa idade, para que os mesmos não ficassem sós. Além de José ser essencial no trabalho e cuidado da propriedade, por ser o único restante na casa, isso foi bom também para Penha, pois a mesma pode trabalhar fora (dar aulas meio período, como veremos adiante) mais tranqüila, pois dividia com a sogra o cuidado com a casa, e depois com os filhos.

Dona Bernardina faleceu em 1995, e depois disso, seu Antônio (já bastante idoso) e os filhos decidiram dividir a grande propriedade (na época uma das maiores do município). A distribuição não foi homogênea, mas, importante destacar, ninguém foi preterido, uma vez que havia terra bastante para todos. Alguns ganharam mais terra, em lugares de mais difícil acesso, ou de pior fertilidade da mesma. Outros ganharam menos terras, em lugares melhores ou porque já moravam em determinado local. José ficou com a parte da casa, que inclui algumas benfeitorias (mangueiro, chiqueiro, capela, garagens, etc.), porque já morava ali. Segundo ele, ficou com esta parte da propriedade porque *“a mãe queria que eu ficasse aqui. O último que sobra é que aguenta as pontas. Já morava aqui com o pai e a mãe, eu já cuidava do sítio, das contas, etc.”*.

É cada vez mais raro na região de Joanópolis encontrarmos casos como o de José, ou seja, de casais que moram na casa dos pais após casarem. Em geral, com o casamento, os pais ajudam a construir uma casa na propriedade para a moradia do filho ou filha casados. Segundo José, não há uma regra clara e definida com relação aos filhos que ficam morando com os pais, se os mais velhos ou mais novos, homens ou mulheres, e se na mesma casa ou em outra: *“geralmente o filho que casa por último é que fica”*. O que pude observar, entretanto, é que quando há somente um homem na casa, como é o caso de Chiquinho (sobrinho de José, filho de Aparecida e Chico Amaro), é este que fica na propriedade, quase sempre em casa separada, assim como quando o homem é mais novo e casa por último: Zé Amaro (filho de Joaquim Amaro), irmão da Neusa Silveira (prima de José, de quem falaremos adiante), Manoel (filho de Araci e Antônio), Roberto

(irmão de Penha), Amauri (filho mais novo de seu Dutra, que produz e divide com ele muitas coisas), Jair (marido de Olga, do bairro do Sabiaúna), dentre outros. Na Região Sul do país, a partilha da herança e a sucessão da propriedade, em alguns casos, mesmo que poucos, ainda são feitas com base na regra do minorato⁸⁴. Aqui, apesar de apenas um dos filhos ficar responsável pelos pais e depois assumir a casa dos mesmos (se há apenas um homem, será este, se há outros homens, o escolhido será o mais novo, ou o que se casa por último, situações que geralmente coincidem), como no Sul, todos os irmãos recebem igualmente a herança, conforme o exemplo dado acima com relação à família de Antônio/Bernardina⁸⁵, o que em geral não deixa ninguém prejudicado. José, como dissemos, ficou com a área onde estavam as benfeitorias da propriedade. Em compensação, recebeu menos terras do que outros irmãos que receberam somente terra, ou o mesmo que outros que já tinham sido beneficiados pelo pai com casa e benfeitorias durante o casamento.

José tem 40 anos e Penha, 38. Têm dois filhos, Giovani e Gustavo (13 e 10 anos respectivamente). José estudou até a 4ª série. Penha fez o magistério em Bragança Paulista (com muito sacrifício dela e dos pais, que tiveram que se mudar por algum tempo para isso). José trabalha somente no sítio, Penha é professora (desde solteira) e dá aulas na cidade (meio período). Os meninos estudam. Gustavo está na 4ª série, na escola rural do bairro. Giovani cursa a 7ª série na cidade (vai todos os dias com o ônibus da prefeitura).

Das pessoas dos sítios que conhecemos no município, Penha é a única professora. Toda sua família é originalmente do bairro dos Pretos. Sua mãe, dona Joana, é da família Alves. Seu pai, seu José, da família Pinheiro de Paula. No entanto, por preocupação com o estudo dos filhos, uma vez que a propriedade era pequena, e não vislumbravam futuro para os mesmos ali, seus pais decidiram mudar para a cidade vizinha de Bragança Paulista para que Penha e o irmão, Roberto,

⁸⁴ No minorato privilegia-se o filho homem mais novo para que este dê continuidade à propriedade original da família, pois, com a partilha entre todos os irmãos, esta pode se tornar inviável para o sustento de todas as famílias, o que não acontece mantendo-se o tamanho original da propriedade. Os outros irmãos em geral são educados ou encaminhados para outros trabalhos, na cidade ou em outras terras distantes adquiridas para expansão da área inicial da família, ou ainda recebem uma compensação financeira. Em geral, a mulher termina sendo preterida nas divisões ou compensações (Woortman, 1994, Abramovay, 1998). Nesta regra, valoriza-se muito a continuidade da propriedade da família, uma vez que as condições locais de expansão são bastante restritas, restando para tanto o deslocamento até mesmo para outros estados.

⁸⁵ Isto se dá desta maneira mesmo que venha a inviabilizar a propriedade, o que não é o caso nas famílias de que estamos falando, mas que podemos observar no caso das famílias de dona Joana e seu José, pais de Penha e seus irmãos e familiares, ou mesmo de famílias de outros bairros, que preferiram vender o pouco que tinham para os vizinhos, ou principalmente para pessoas "de fora", que buscam a região para implantação de sítios de lazer.

pudessem estudar. Sua mãe trabalhou como doméstica, o pai em um laticínio (ambos pararam os estudos na 3ª série). Como Roberto não se adaptou, e pediu para voltar, a família acabou retornando para o bairro, pois não tinham vendido a propriedade. Penha continuou em Bragança, morando com algum parente, até completar o magistério, quando também voltou a Joanópolis, e começou a dar aulas no bairro mesmo. Depois, prestou um concurso, ingressou na rede pública estadual, e acabou sendo transferida para a escola da cidade, onde leciona ainda hoje.

Penha e José são o que podemos considerar um casal jovem “modernizado” dos sítios. José trabalha no sítio, Penha na cidade, uma raridade entre as mulheres dos bairros. Tiveram poucos filhos, por opção. Decidiram por 2 “*pela vida deles (dos meninos), tem que pensar neles*”. “*Não é mais como antigamente, que o povo tinha, tinha, sem pensar*” (José). A propriedade da família tem 16,5 alqueires: 11 de herança e 5,5 de compra. Arrendam ainda mais 16. Com relação à estrutura produtiva, plantam hoje milho (1,5 a 2alq.), feijão (0,25alq.), capim napier (1alq.) e cana (0,5alq.), eucalipto (0,5alq.), tudo “*para o gasto*”, que inclui alimentação da família e dos animais. Para vender, tiram leite (por volta de 60 litros diários), que entregam no laticínio, além do gado (mais ou menos 65 cabeças entre bois e vacas), que vendem eventualmente para açougues. Há algum tempo plantavam arroz, mas deixaram. Também o milho antes ocupava uma área maior, 4 ou 5 alqueires, como o feijão, e ambos eram vendidos. Mas “*devido ao custo*” tiveram que diminuir e deixar “*só para o gasto*”. Na propriedade há um trator, que hoje pertence a José.

Além da casa do sítio, Penha e José têm um lote e uma casa na cidade, que agora está alugada, garantindo-lhes uma renda extra.

A renda familiar é composta pela venda dos produtos do sítio (leite e gado), pelo salário de Penha (como professora da rede estadual), e pelo aluguel da casa da cidade. Conforme vários depoimentos, os gastos para quem vive no sítio são menores do que na cidade. Penha nos lembra que, para quem mora na cidade, “*abriu a torneira para qualquer coisa já está pagando*”, o mesmo que diz sua cunhada, Cinira (esposa de Roberto, seu irmão), quando fala sobre a vida na cidade. No sítio, além da água em abundância (há nascentes em quase todas as propriedades), “*tira-se o leite, a carne, verduras. Compra-se muito pouco, além de ter galinha de sobra, o que ainda deixa vender ovos*”, conforme diz Penha. Aqui, a venda dos produtos do sítio é destinada à manutenção da propriedade e da família. José ainda faz alguns “extras” com o trator, arando e

trocando dias "no tempo que sobra, que é quase nada". Segundo José, "o sítio tem que se manter, e manter a gente. O leite mantém a casa, o gado, e o carro (têm um fusca modelo novo). O sítio paga a comida do gado, da casa, e ainda paga um empregado quando precisa. O salário de Penha, e o aluguel da casa, "são extra, guardamos para comprar um lote na cidade, para gastar com o inventário" (que implica em gastos bastante elevados). A própria Penha complementa: "o que a gente ganha com meu salário não aplica aqui, aplica na cidade. O sítio tem que se virar por si", ou seja, não pode consumir a renda extra que tiram da cidade, a não ser em casos excepcionais, pois isso parece significar algum tipo de prejuízo financeiro.

Uma das últimas casas do bairro dos Pretos (de baixo), seguindo rumo à Cachoeira, é a de Lucinéia e Aílton. Apesar de avistarmos a casa da estrada, para chegar até lá descemos uma pequena ribanceira, e atravessamos uma ponte de madeira sobre o Rio Cachoeira. Lucinéia é a filha mais velha de dona Aparecida (segunda filha de dona Bernardina e seu Antônio) e seu Chico Amaro.

Seu Chico Amaro é um dos maiores sitiante da região, se observarmos a propriedade da terra, além de ser bastante tradicional. Tem bastante gado, de corte e de leite (mais ou menos 170 cabeças), aproximadamente 50 porcos, além de continuar plantando milho e feijão. Entretanto, segundo José, ele está incluído em um grupo de sitiante proprietários mais antigos no bairro que "pararam no tempo", pois têm como única alternativa de investimento, além do próprio sítio, dinheiro na poupança: "pararam de investir, dinheiro era só na poupança. São tudo considerado fazendeiro, mas não têm dinheiro. Chico Amaro para comprar uma casa na cidade (pois este não tem) tem que trocar por um sítio. E antes ele podia comprar. (...) Chico Amaro não renova, não investe na qualidade, tem gado ruim, de qualidade péssima, gosta de quantidade, mas não tem qualidade. Agora parece que ele está acordando" (José). A família de seu Chico é das mais antigas do bairro, como já dissemos. Estava lá bem antes de seu Antônio e os mineiros chegarem. Todos os seus irmãos herdaram uma área razoável de terra.

Dona Aparecida, a mãe de Lucinéia, descendente então dos "mineiros", é reconhecidamente uma das mulheres que mais trabalha no bairro. Deve ter hoje por volta de 55

anos. Cuida sozinha da casa (onde moram só ela e seu Chico), além do mangueiro (tira o leite), de alimentar o gado (corta capim e cana para isso), entre outras atividades.

Este casal (Aparecida/Chico Amaro) teve quatro filhos: 3 mulheres (Lucinéia, Lucélia e Lucimara) e 1 homem. Destes, apenas o filho, Chiquinho, mora ainda próximo aos pais. Ele é o segundo dos filhos, embora tenha sido o último a casar. Quando casou, o pai construiu uma casa para ele morar, próximo à dele. Os dois trabalham juntos em muitas atividades (gado, porcos, milho), embora atualmente Chiquinho tenha começado a tocar algumas coisas sozinho, ou com a esposa. Construiu um tanque para cultivar minhocas, e está vendendo húmus, o que raramente se vê por ali. Sua esposa, Benta, está fazendo queijo com parte do leite que tiram, pois tem sido mais rentável, além de **o dinheiro ser só para eles** (assim como o húmus), e não em conjunto com seu Chico, como o restante.

Voltemos ao casal Lucinéia e Aílton. Ela tem 32 anos; ele, 38⁸⁶. Casados há 14 anos, têm 3 filhos: Marco Antônio, 13 anos; Luana, 9 e Heloísa, 2. Lucinéia estudou até a 4ª série e Aílton até a 7ª. Marco Antônio já está na 7ª série e não deve parar de estudar, ainda. Vai à escola da cidade todos os dias à tarde, junto com os primos, deste e de outros bairros, que também estão na mesma série⁸⁷. No próximo ano está planejando, do alto de seus 13 anos de idade, junto com os primos-amigos João Eduardo e João Luís, estudar no período da noite para poder ajudar mais o pai no sítio, e "começar a ganhar um pouquinho". Luana ainda estuda na escola do bairro. É bastante dedicada e quer continuar os estudos: "*adora estudar*".

O casal só tem três filhos porque, segundo Lucinéia, "*não tem condição de ter muito filho, a gente quer dar para o filho o que não pudemos ter*". Moram em um sítio de 7 alqueires, de propriedade de seu Chico Amaro (área cedida), desde o casamento. Segundo Lucinéia, foram para lá "*porque estava mais no jeito, tinha luz, era menor, melhor*". Como a família de Aílton tinha uma propriedade pequena, que era dividida entre sua mãe e seus irmãos, a alternativa foi morar neste sítio, onde a casa estava desocupada. Quando se mudaram para lá a propriedade já

⁸⁶ Aílton mudou-se para Joanópolis somente em 1980. Antes morava na periferia de São Paulo, onde o pai era ferreiro.

⁸⁷ Marco Antônio estuda com Giovani, o filho de Penha e José, João Eduardo, filho de Maria Lúcia e João, e João Luís, filho de Neusa e Luís Silveira, estes dois últimos do Salto dos Pretos (e de quem falaremos adiante). Como dissemos, Lucinéia é filha de dona Aparecida, irmã de José e Maria Lúcia, portanto Giovani e João Eduardo são primos de Marco Antônio. Neusa é prima de dona Aparecida, portanto João Luís também é considerado primo.

estava "formada": existia a casa, o mangueiro, o chiqueiro, etc. Lucinéia já tinha morado neste sítio quando criança, antes de se mudar para a casa que os pais moram hoje (bem maior, e mais nova). É uma propriedade muito antiga, e a casa foi construída quando Lucinéia tinha 4 anos. Com isso (a cessão da propriedade para a filha), seu Chico deu um primeiro impulso para o início da vida do casal, proporcionando-lhes um local de moradia e, principalmente, trabalho.

Lucinéia é também, como sua mãe, uma das mulheres que mais trabalha no bairro. Atualmente, faz pamonha para vender na cidade, faz bolo de milho, costura muito, além do serviço que normalmente é destinado às mulheres no sítio, ou seja, cuidar da casa e dos filhos, do terreiro (galinhas, porcos, horta, etc.). Na propriedade cultivam 1 alqueire e pouco de milho, que usam "para o gasto" e como ingrediente da pamonha e bolo que vendem⁸⁸. Plantam um pouco de cana e capim napier (0,5 alqueire de cada), para o gasto (trato do gado). O restante da propriedade é de pasto (mais ou menos 5 alqueires). Tiram algo em torno de 30 litros de leite por dia, que vendem para o laticínio. Como não têm trator, quando precisam recorrem a seu Chico Amaro, e este empresta o maquinário necessário.

As atividades que envolvem a confecção e venda de pamonha, bolo de milho, e frango na cidade iniciaram-se há três anos, para complementar a renda, que já era acrescida do trabalho de costura de Lucinéia. Na formação da renda, segundo Lucinéia, o que mais "pesa" (rende) atualmente é a pamonha, pois é aí que o trabalho familiar se materializa: *"a costura dá mais que o leite, a pamonha dá mais até que a costura, porque aí sai livre* (usam o milho plantado na propriedade e o trabalho da família para transformá-lo, no fogão a lenha). *Embora a turma esteja meio sem dinheiro, ainda assim é melhor* (vender a pamonha)". Nesta família, a renda obtida com o trabalho "extra-sítio" (embora realizado no sítio), ou seja, a costura e a pamonha, é utilizada para o sustento e investimento do sítio, da família, e do gado: *"depois que comecei a fazer pamonha sobrou um pouquinho, o ano passado e este, e compramos vacas de leite"*.

Têm um carro (fusca), que tanto Aílton como Lucinéia dirigem. Quando ela precisa ir à cidade ou a outro lugar e ele não está disponível, vai sozinha, ou com os filhos.

⁸⁸ Quando acaba o milho da propriedade, Lucinéia recorre às plantações do pai para fazer pamonha. Seu Chico, além da plantação do sítio em que mora, têm roças de milho em outras terras próprias (uma de herança de dona Aparecida, e outra comprada).

SALTO DOS PRETOS

Passando a casa de Lucinéia, ultrapassando agora os limites do "Pretos de Baixo" chegamos ao Bom Sucesso, onde situa-se o popular "Bar do Pedrão", muito apreciado, inclusive por turistas, por servir refeições com galinha caipira. Em frente ao bar localiza-se um campo de futebol, freqüentado nos finais de semana por times de outras cidades que vêm em ônibus jogar com os moradores locais. Um pouco à frente, já no bairro do Salto dos Pretos, temos outro bar, à esquerda da estrada, e a Igreja e a escola, à direita. Subindo a estrada que começa ao lado da igreja, depois de 3 quilômetros chegamos ao sítio de Maria Lúcia (a 4ª filha de Dona Bernardina e seu Antônio, irmã de José) e João Batista de Almeida.

João tem 48 anos e Maria Lúcia, 43. Têm 3 filhos homens: Francisco (26 anos), Fábio (21) e João Eduardo (13). Destes, o mais velho, único casado⁸⁹, estudou até a 8ª série, o do meio até a 4ª, e o mais novo ainda estuda, na 7ª série. João Eduardo estuda à tarde na cidade, mas, como dissemos há pouco, quer estudar à noite no próximo ano, como seus primos, para trabalhar mais com o pai (a exemplo dos irmãos). A família de João originalmente morava, e tinha propriedade, para o lado de Monte Verde (Minas, divisa com Joanópolis pelo lado do Sabiaúna). Depois, com os filhos já casados, os pais dele se mudaram para uma chácara na cidade de Joanópolis. Ele não estudou formalmente. Quando criança, tinha um homem que ia à sua casa e ensinou todos os irmãos a ler, escrever e fazer contas: "*antes usava isso*". Maria Lúcia estudou até a 3ª série na escola do Pretos de baixo.

A escolha de ter 3 filhos foi decisão deles, pela dificuldade que hoje representa criar muitos filhos. João teve 12 irmãos, todos vivos. Maria Lúcia teve 6, embora ela tenha nos

⁸⁹ O casamento de Francisco foi em junho de 1997. Casou-se com uma moça de Bragança Paulista, município vizinho. Como de costume no sítio, casaram-se em um sábado, antes do almoço, na igreja da cidade. Logo após, com chuva e tudo, todos seguiram para a festa, que foi no espaço anexo à igreja do bairro, onde fica a casinha do café, como dissemos anteriormente, espécie de cozinha onde se prepara o café, comidas e bebidas em dias de festa. Foi um grande churrasco, para muita gente. Além da carne, do pão e das bebidas, Neusa, que mora no mesmo bairro, preparou um bolo de mais de 2 metros, que foi totalmente consumido na festa. Francisco e a esposa agora moram em uma chácara próxima ao sítio dos pais dele, de propriedade de uma japonesa de São Paulo. A japonesa é muito amiga da família, e como foi para o Japão, pediu que Francisco fosse morar lá, para cuidar da casa. Estava difícil para o pai construir uma casa para ele no sítio, e acabaram aceitando a proposta da amiga. A esposa dele está trabalhando com costura. Ela tem experiência em oficina: segundo Maria Lúcia, faz uma costura mais fina, mas no mesmo "sistema" de todas as outras. Esse também foi um motivo que levou Francisco a morar na chácara, pois para que a máquina de costura funcione a esposa precisa de energia, o que no sítio de seus pais ainda não há.

contado que sua mãe, dona Bernardina, dizia que *"se fosse agora no fim para ela casar, não tinha mais que 2. É que na época em que ela começou era tudo diferente"*. Explicando a escolha de ter poucos filhos, João coloca: *"Os tempos mudaram. A vida que nós estamos vivendo hoje, o mundo que nós vivemos hoje não é aquele mundo de quando nós casamos. Nós casamos em 70, era mais diferente. Os modos..."*. E Maria Lúcia acrescenta, indicado alguma mudança no modo de conceber o papel da mulher nas famílias rurais de que falamos aqui: *"antigamente a função de um casal era ter filho, hoje a pessoa é consciente de que não tem nada a ver. A mulher tem o direito também de ter a vida dela. Não é só se entregar a lavar fralda e cuidar de filho. E depois já pensou, na crise que nós estamos, 10 ou 12 filhos?"*.

Os três filhos trabalham com o pai, embora todos (pais e tios) digam que Fábio (o filho do meio) é o que *"leva mais o jeito para o trabalho da roça"*, o que não quis continuar os estudos, mesmo tendo oportunidade, para trabalhar no sítio. A propriedade em que moram tem 17,5 alqueires, e foi herança de Maria Lúcia⁹⁰. Ademais, adquiriram outra propriedade, de 13 alqueires, do outro lado da estrada, próxima à casa da Neusa e Luís.

Foram morar neste sítio quando casaram. Na época, a propriedade era de seu Antônio, pai de Maria Lúcia, e o mesmo propôs que fossem morar lá. A casa que existia era outra, um pouco mais precária. Eles mesmos construíram a casa em que moram hoje. No sítio não há energia elétrica. Estão no atual plano de eletrificação rural do município e, em breve (não sabem exatamente quando), a energia deve chegar lá. A água para o banho é esquentada em uma serpentina que passa pelo fogão a lenha; não têm geladeira e assistem televisão com uma bateria, que é recarregada no trator. Têm um carro novo, um fusca de no máximo dois anos, que possibilita os deslocamentos constantes à cidade e a outros bairros. O carro, assim como o trator que possuem, acabou se transformando também em instrumento de trabalho (utilizado para vender na cidade a pamonha que produzem).

⁹⁰ Ela recebeu 17,5 de herança, ao passo que José, seu irmão, recebeu apenas 11 alqueires. Ao mesmo tempo, a irmã Araci recebeu 30 alqueires. Porém, conforme colocamos, José ficou com as benfeitorias da propriedade que eram do pai, e com as terras mais próximas da casa. As terras de Maria Lúcia são mais distantes da estrada, de mais difícil acesso, não possuem energia elétrica, menos valorizadas, e as de Araci são mais distantes ainda, mais íngremes, e sem nenhuma benfeitoria.

Embora a família em alguns pontos esteja inserida no que se convencionou chamar "modernidade"⁹¹, inclusive no modo de pensar a vida, o trabalho e a produção no sítio, a tradição está bastante presente, pautando em vários aspectos a vida da família e da propriedade.

Na produção agrícola e pecuária, ainda predominam os produtos mais tradicionais. Segundo João, "*o forte nosso é o milho, o feijão e o gado*". Plantam mais ou menos 4 alqueires de milho, conforme o ano. "*Tem ano que planta mais, tem ano que planta menos*" (João). Antes vendiam o milho, agora usam só para ração do gado e para a pamonha, que Maria Lúcia faz para vender na cidade, tornando-se importante incremento da renda da família⁹². Feijão, também plantam 4 alqueires. João diz que "*o feijão é para o gasto e para a venda. Feijão tem que vender*", embora nem todos os sítiantes concordem com isso. Alguns dizem até mesmo que gastariam mais para fazer uma roça de feijão do que comprando no supermercado, uma vez que o preço deste produto está extremamente baixo. Nos últimos tempos, muitos deixaram de plantar feijão. Os que não deixaram, diminuíram a área plantada. João e sua família, no entanto, tradicionalmente mantêm sua lavoura de feijão. Vendem direto ao supermercado, em Joanópolis, Piracaia, e chegaram a vender em Campo Limpo Paulista. Sempre plantaram milho e feijão e tiraram o leite. A área de pasto das propriedades tem 20 alqueires (juntando os dois sítios). O leite (média de 180 litros por dia, na safra, bastante para os padrões locais) é só para a venda, que é feita para o laticínio Umuarama. Para a formação da renda familiar, além dos produtos tradicionais do sítio que continuam a cultivar ou explorar para venda (feijão e leite), a pamonha (feita com o milho também do sítio) ajuda, assim como os frangos e ovos do terreiro.

A família possui um trator com o qual Fábio, muito raramente, quando sobra tempo, faz algumas diárias de tratorista. Além do trator possuem o maquinário para ser utilizado com o mesmo, e recentemente construíram um mangueiro novo, bem grande, para lidar com as vacas.

⁹¹ Esta definida em oposição aos "tempos de antes", "tempos antigos", que representam tanto uma sociedade mais fechada e conservadora, vida mais dura e difícil, quanto uma comunidade mais presente e solidária, não indicando com isso que a atual não o seja.

⁹² Foi Maria Lúcia inclusive quem incentivou a sobrinha Lucinéia a iniciar esta atividade. Aqui, as tradicionais pamonhadas dos sítios, que envolviam famílias extensas, vizinhos e compadres em rituais que compreendiam as atividades de apanhar o milho, ralar, preparar as pamonhas e comê-las ali mesmo, logo depois de prontas, celebrando as boas colheitas de milho, dão lugar à moderna confecção da pamonha, realizada em uma manhã, com a ajuda da família nuclear, para venda e incremento da renda familiar (Brandão, 1999).

Do outro lado da estrada principal, em frente à igreja, sai uma outra estrada que nos leva à casa de Neusa e Luís Carlos Silveira. Eles têm respectivamente 34 e 37 anos, e são casados há 18 anos (ela tinha 16 quando casou). Têm 3 filhos homens, com 13, 10 e 7 anos. Luís é de uma família muito antiga de Joanópolis, do bairro do Salto dos Pretos (os Silveira). Estão lá desde o século passado. Neusa é prima de José, neta de um dos irmãos de dona Bernardina, que veio de Minas com o pai. O pai de Neusa, que já faleceu, era filho do irmão de dona Bernardina que era cunhado de seu Dutra (casado com a irmã dele), o mesmo que os trouxe para Joanópolis. Também é prima de Luís, o marido, porque sua mãe, dona Euzira, é irmã do pai dele. Neusa e Luís escolheram ter somente 3 filhos "*porque a situação é difícil, tem que pensar no dia de amanhã*". O filho mais velho estuda à tarde na cidade, mas também está interessado em estudar à noite no próximo ano, para ajudar mais o pai, e "*começar um pé-de-meia*". Os outros dois estudam na escola do bairro.

A propriedade em que moram, de 21 alqueires, pertence a eles. Neusa recebeu esta área de herança do pai, que faleceu quando ela tinha 9 anos⁹³. A área herdada por Neusa era um pouco maior, mas eles já venderam um pedaço em um momento de apuros. Esta área que moram hoje é então um pedaço do sítio que era do pai de Neusa. As outras duas partes estão com o irmão (do primeiro casamento), e com a mãe, que mora com o segundo marido. Na propriedade da mãe também mora o irmão mais novo (já casado), deste segundo casamento. O sítio de dona Euzira fica entre os dos filhos: Neusa para baixo, e Chico para cima⁹⁴. Neusa ficou com este pedaço de terra porque "*casou primeiro*", e escolheu. "*Antes de casar já dizia que ia ficar para baixo, perto da estrada, e o irmão ia ficar para cima*" (Neusa). A casa em que moram foi construída quando casaram, pelo padrasto de Neusa, junto com o pai de Luís⁹⁵.

⁹³ Dona Euzira tinha 2 filhos quando o marido faleceu: Neusa e Chico. A propriedade que ficou como herança foi dividida entre os três (Neusa, Chiquinho e dona Euzira), mesmo os filhos sendo crianças. Nesta época, foram morar na cidade, onde dona Euzira tinha os pais e mais alguns parentes. Contudo, ela mesma continuou tocando o sítio. Deixou uma família morando na propriedade, e vinha toda semana com o caminhão leiteiro trabalhar ali, cuidando das plantações e do leite. Alguns anos depois dona Euzira casou-se novamente, voltou a morar no sítio, e teve mais um filho. Como este último não é filho do primeiro marido, proprietário original das terras, não teve herança.

⁹⁴ As propriedades de todos os três são bem altas, com terrenos bastante íngremes ("pirambeiras"), difíceis de serem trabalhados (aliás, como quase todos os sítios nos bairros).

⁹⁵ É importante considerar aqui que Neusa é uma espécie de liderança no bairro. É ela, junto com a mãe, que toca os trabalhos da igreja, que ajuda a promover as festas da mesma, que faz os bolos quando há casamentos, que ajuda a promover os cursos da Casa da Agricultura, através dos quais aprendeu algumas técnicas que possibilitaram mudanças no destino dos produtos do sítio.

Produzem hoje milho (1 alqueire), para o gado (que significa alimentação do gado), cana e capim napier (10 litros cada), também para o mesmo fim. Há três anos plantaram 2 alqueires de eucalipto, quando deixaram o feijão e arroz, plantados desde sempre para alimentação da família, porque não compensava mais. Têm 15 alqueires de pasto, para as vacas e bezerros. Tiram leite mas, apesar de ordenhar as vacas duas vezes por dia, não entregam muito do produto *in natura* (só 20 litros por dia) porque, também há três anos, começaram a fazer queijo e doce com o leite retirado diariamente. Vendem o leite para o laticínio novo, e parte do queijo fresco⁹⁶ também, pois o dono leva este último para vender em São José dos Campos. O restante do queijo, assim como os doces⁹⁷, vendem na cidade, para os 2 supermercados mais populares⁹⁸ (no município existem 4), padarias, comércios, restaurantes, e até para uma pequena pousada.

A renda desta família é formada pela venda, primeiro, do doce de leite; segundo, do queijo e outros doces; e por último do leite. Segundo eles, "*faz a renda e se transforma, acaba aqui mesmo. Faz e acaba aqui*", ou seja, o que lhes sobra está sendo investido ali mesmo, para melhorar a produção dos doces e queijos, na qual estão apostando como forte alternativa de renda. Compraram um trator recentemente⁹⁹, e como não há muitos na região, Luiz utiliza-o ocasionalmente para fazer alguns serviços fora, recebendo diárias de tratorista quando alguém

⁹⁶ O único queijo que se faz na região é o queijo minas, nas versões fresco e curado, sendo este último bem mais difícil de ser encontrado.

⁹⁷ O doce de leite é o forte, mas também fazem doces de mamão, laranja, banana, figo, etc. Os doces de Neusa já são bastante conhecidos na região e muito apreciados.

⁹⁸ Um dos supermercados mais populares é novo, deve ter no máximo dois anos. Chama-se *Supermercado Bragion*. Os donos são alguns irmãos, donos de um antigo armazém na cidade, que sempre compraram produtos dos sítios, e sempre venderam também, muito, para o povo do sítio, inclusive com o sistema de cadernetas. Depois de montarem o supermercado, que aliás fica em um ponto estratégico (bem na saída para a maioria dos bairros, em frente ao ponto de carona), os moradores dos sítios, assim como aqueles que se mudaram para a cidade, passaram a comprar somente deles. Continuam comprando alguns produtos dos sítios, mas a maioria do que vendem hoje é comprado fora, com melhores preços. Chegam a buscar produtos no Paraná, mas não deixaram de comprar no município. E praticamente todos os produtos transformados, que são feitos nos sítios, ou mesmo na cidade (há pessoas dos sítios que foram para a cidade e fazem pães e outros), são vendidos ali. É um grande ponto de venda, e de encontro da população dos sítios. Todos param lá quando chegam, ou antes de ir embora da cidade.

⁹⁹ No início de janeiro de 1997.

precisa e há tempo para isso. Segundo Neusa, "*aparece uns bicos e ele vai*". Podemos constatar que o sustento desta casa e deste sítio vem principalmente do trabalho da mulher.

Durante o tempo em que convivi com eles, ouvi muitas vezes que "*a situação da vida no sítio está bastante complicada*". Para esta família especificamente, esta situação melhorou depois que começaram a fazer o queijo e os doces para vender¹⁰⁰.

Eles têm também um fusca, dirigido por ambos, pois Neusa também tem carta de motorista.

PEDRA DO CARMO

Subindo ainda mais a estrada principal que beira o Rio Cachoeira em direção ao bairro de Maria Alferes (sentido oposto ao da cidade), depois de passar os 158 metros de queda do Salto dos Pretos, chegamos ao bairro da Pedra do Carmo, distante mais ou menos 10 quilômetros do bairro dos Pretos (de baixo).

Neste bairro, estivemos na casa de Valdir Romano e Lucélia, à época grávida de 8 meses. Eles são casados há apenas 10 anos (ele tem 30 anos, Lucélia 28). Têm 2 filhas, de 8 e 6 anos, e depois deste terceiro filho pretendem parar por aí ("*filho hoje é muito caro*"). Ambos estudaram somente até a 4ª série. Lucélia é irmã de Lucinéia, filha de dona Aparecida e seu Chico Amaro, do bairro dos Pretos, de quem falamos há pouco. Valdir é filho de Horácio Romano, um "sitante" conhecido do município. Moram na propriedade do pai de Valdir, e a casa em que estão desde o casamento era dele. Moram nesta casa, segundo Lucélia, porque "*o sogro decidiu isso*" quando

¹⁰⁰ Conheci esta família em fevereiro de 1997. Convivi com eles ocasionalmente durante este mesmo ano, encontrando-os em quase todas minhas idas a Joanópolis. No início de 1998, quando lá estive uma última vez, Neusa havia "registrado o doce", ou seja, tinha aberto uma firma (em seu nome) para registrar seus doces e queijos, para poder vendê-los legalmente nos supermercados da região. Para que isso se viabilizasse, precisou construir uma nova cozinha, nos padrões exigidos pela vigilância sanitária local. Contraíram, portanto, (no nome dela) um empréstimo de R\$5.000,00 do Banco do Brasil (através do PROGER rural), coisa que há muito tempo os agricultores locais deixaram de fazer, com medo de perderem o pouco que têm no pagamento aos Bancos. Segundo os dados do LUPA, no município de Joanópolis, entre 1995 e 1996, apenas 14 propriedades produtivas utilizavam crédito rural, o que é muito pouco se considerarmos as dificuldades que os sitantes vêm enfrentando, e a precariedade de condições de vida e trabalho para os agricultores no município. Neusa e Luís, no entanto, tomaram este empréstimo com a

mudou-se para a cidade com a esposa (mãe de Valdir). A propriedade no bairro da Pedra do Carmo é ainda do pai, e tem 200 alqueires. Além de Valdir, moram nela mais dois filhos casados.

Apesar de haver três irmãos morando na mesma propriedade, e relativamente perto, cada qual trabalha por si, em pedaços de terra diferenciados, mesmo a propriedade não estando dividida (os pais são vivos e, apesar de morarem na cidade, ainda têm negócios ali). Entre os irmãos, com relação à ocupação do espaço e à organização do trabalho, Valdir nos conta que *"cada um decide o seu, apesar de todo mundo plantar perto do mangueiro, para ficar mais fácil"*. Assim, Valdir e Lucélia plantam 1 alqueire de milho, "para o gasto", 1 alqueire de cana e 1 de capim napier *"para o trato das vacas"* (ou também para o gasto). Além disso, cuidam de aproximadamente 7 alqueires de pasto, onde têm algumas vacas, bezerros e bois. O leite deles é *"de meia"* com o pai de Valdir pois, quando este foi para a cidade, deixou muitas vacas para cuidarem por ele. Entregam este leite para a cooperativa e o laticínio novo. Vendem também um pouco de boi e bezerros, *"por aqui mesmo, barganha com vaca"*. Há algum tempo atrás plantavam arroz e feijão, mas deixaram, como os outros. Segundo Valdir, deixaram de plantar *"por não compensar. Gasta 60 por quilo para produzir, gasta trator, óleo, tempo, e paga trinta no supermercado"* (o trator da propriedade pertence ao pai, mas é utilizado pelos três irmãos residentes na propriedade). A renda da família nesta casa é formada somente pelas atividades do sítio (leite, bezerros e bois). Têm também um fusca.

Há três anos o pai de Valdir, Horácio Romano, vem plantando eucalipto na propriedade, porém não é em conjunto com os filhos. Neste período (plantio e corte) ele vem da cidade e fica durante algum tempo no sítio com eles.

Horácio Romano também tem uma outra propriedade no bairro dos Pires, distante 2 quilômetros da cidade em sentido oposto ao que vimos seguindo até aqui, onde mora um outro filho casado, Vanderlei.

Vanderlei é casado com Isabel, prima de Lucélia e Lucinéia, neta de dona Bernardina e seu Antônio. Isabel é filha de Araci, a filha mais velha do casal Antônio/Bernardina. Fazendo parêntese aqui, conto um pouco algumas coisas relevantes sobre a família de Araci: ela casou-se

esperança de que com esse investimento na produção artesanal de doces e queijos a situação da família melhorasse um pouco mais.

com Antônio Gonçalves, e teve 6 filhos, mas somente 1 homem (já casado) que mora, como os pais, no Pretos de Baixo. Das filhas, a única ainda solteira é Fernanda, de 16 anos, que faz o 2º colegial na cidade, e já namora firme um rapaz (também da cidade), que é pedreiro. Todas as filhas de Araci casaram-se com moços de outros bairros, ou da cidade. Um dos genros dela é dono de uma loja de material para construção. Antônio Gonçalves, o marido de Araci, que deve ter por volta de 55 anos, reclama muito da vida no sítio hoje em dia, principalmente da falta de braços para o trabalho ("*é muito para mim só*"). O filho, Manoel, é o único que mora perto deles e trabalha ainda com o pai. Segundo seu Antônio, "*ele ajuda bastante, mas um só é pouco, mesmo porque este um às vezes ainda pensa em ir embora para a cidade*", por causa de sua esposa, que não é do bairro e não se adapta muito ali. Antônio Gonçalves é morador antigo do bairro dos Pretos, e herdou algumas terras do pai, embora o pedaço onde morem tenha sido comprado por ele. Em uma conversa que tivemos ele disse (e depois contradisse) estar querendo vender o pedaço da herança do pai, que fica do outro lado da estrada, "*ainda mais agora, que têm também o pedaço da herança da Araci, e não tem gente na casa para trabalhar*" (Fernanda, a única que está com os pais não pode, pois vai à cidade todos os dias estudar). "*Antigamente tinha as filhas mais velhas que ajudavam bastante no trabalho da roça e do mangueiro*", o que é muito para ele e o filho sós. Na mesma conversa, logo depois, disse ter dúvidas se venderia um pedaço, pois as filhas mais velhas tinham ajudado a construir tudo o que tinha (ajudando no trabalho), e que portanto tinha que garantir alguma coisa para o futuro delas, "*dividir com elas tudo o que tem*".

Fechando o parêntese, voltemos a Isabel, a filha de Araci e Antônio que é também nora de Horácio Romano, casada com Vanderlei. Ela tem 25 anos e é casada há 7 (o marido deve ter por volta de 28). Desde que casaram foram morar ali, e já têm 2 filhos. Vivem só de tirar o leite, e não plantam nem "para o gasto". Ela diz, como muitos, que vale mais a pena comprar os alimentos, e às vezes compram até farelo para complementar o trato das vacas. Tiram leite duas vezes por dia. O da manhã Vanderlei vende nas ruas da cidade, de carroça. O da tarde entregam no laticínio Umuarama, ou na cooperativa. Como o pai dele mora na cidade, e é ainda o proprietário do sítio, também tem algumas vacas ali. A mãe vai para lá sempre, tirar o leite da manhã. Têm uma pequena horta, como todos no sítio, um pouco de eucalipto, mas o forte mesmo é o leite. Têm uma vida um pouco diferente da de seus parentes que moram nos sítios mais distantes, talvez pela proximidade com a cidade. Moram em uma casa nova, que tem até churrasqueira na varanda. Foi a única churrasqueira que vi dentre todos os sítios (tradicional, em

oposição aos de proprietários "de fora") que visitei no município. Também têm, além da televisão (muito comum), um vídeo cassete, outro objeto nunca visto nos sítios. O carro deles é um fusca, que deve ter por volta de 12 anos. Creio que por essa proximidade, até mesmo física com a cidade, Isabel diz não ter nenhuma vontade de se mudar para lá, pois estão muito bem ali. E "*a distância da cidade é tão pequena que se precisar podemos ir a pé*".

LIMA

Bem distante dos bairros por onde andávamos, mas também bastante próximo à cidade está o Bairro dos Lima. Para se chegar até lá seguimos a estrada de terra que liga Joanópolis a Bragança Paulista. Logo no início da mesma, a aproximadamente 6 quilômetros da cidade, está o bairro, e a propriedade da família que procurávamos por lá. Alcides sugeriu que procurássemos a família de Sebastião Benedito, conhecido como Tião da Ema, sitiante eleito vereador nas eleições municipais de 1996, em início de mandato quando lá estivemos, em julho de 1997. Segundo Alcides, na propriedade "*trabalha ele, mais três filhos, e são bons produtores também. E ele continua trabalhando, apesar de ser vereador, trabalha no sítio, e ele é um produtor típico: trabalha só com os filhos. Antes ele produzia feijão, agora também tem contrato direto com a Agroflora. Ele produz tomate e outras coisas*".

Quando estivemos lá, porém, só conseguimos encontrar sua esposa e uma das noras, que conversaram conosco por algumas horas. Dona Maria Bernadete é casada com seu Sebastião há 28 anos. Eles têm, respectivamente, 46 e 49 anos, e são de famílias de Joanópolis mesmo. Ela é irmã de dona Maria Aparecida, esposa de seu Sebastião, do bairro do Azevedo (os maiores produtores em estufa do município). Ele era da Pedra do Carmo. Ambos nasceram e viveram sempre no sítio, seja quando solteiros, seja depois de casados. Os três filhos homens do casal têm 27, 24 e 20 anos, estudaram apenas até a 4ª série (como os pais), e são todos casados. Segundo Bernadete, tiveram apenas três filhos "*porque senão ia nascer muito homem*". Destes três, apenas dois ainda moram na mesma propriedade dos pais, em casas separadas, construídas quando casaram, "*para eles morarem aqui*". Esta propriedade tem 10,5 alqueires, mas eles possuem outro

sítio no bairro da Pedra do Carmo, com 22 alqueires (por volta de 20 quilômetros da cidade), onde moraram desde o casamento até mudarem-se para a propriedade comprada no bairro dos Lima há 11 anos. A casa em que moram "*veio com o sítio*".

Com relação à estrutura produtiva, no sítio de 10 alqueires plantam 0,5 alqueire de milho para o gasto e têm 8,5 alqueires de pasto (tiram 30 litros de leite por dia, que vendem no sítio mesmo). Como também aderiram à chamada plasticultura, têm ainda um espaço onde cultivam 8 estufas de pimentão e 0,5 alqueire de agrião para produção de sementes, ambos para venda, em contrato direto com a Agroflora (eles estão com as estufas há apenas um ano). Na distante propriedade da Pedra do Carmo têm somente eucalipto (que plantaram há 4 anos). Mesmo não estando lá diariamente conseguem manter pois o eucalipto não exige cuidados constantes e, quando precisam, o marido e os filhos vão e ficam alguns dias por lá. Este eucalipto é vendido para caminhoneiros no ponto da estrada. Tanto em uma propriedade, como na outra, o pai e os filhos trabalham juntos: "*nas estufas são meeiros do pai, nas outras atividades fazem junto, e as noras ajudam nas estufas*".

Apesar de possuírem um trator e implementos (arado, grade, debulhadeira, carreta e plataforma), não realizam nenhuma atividade fora do sítio, nem os homens, e nem as mulheres, porque "*as estufas dão muito trabalho*". Com isso, toda a renda familiar é formada pelas atividades do próprio sítio.

I.4. O "*tempo dos antigos*".

Para pensarmos a vida destas famílias nos sítios hoje em dia é importante relembrarmos algumas características da vida nos bairros rurais de outros tempos, até mesmo no "tempo dos antigos", termo utilizado pelos moradores para referirem-se à tempos passados. Utilizaremos aqui, dentre outros, alguns depoimentos colhidos em nossa primeira pesquisa em Joanópolis, para melhor ilustrar este tempo.

Nas falas que apresentaremos a seguir podemos perceber a força de determinadas categorias na composição do que chamamos aqui, parafraseando Woortamnn (1990) e Brandão (1999), uma ética camponesa. As categorias família, trabalho e terra são categorias "que se interagem na constituição da ordem moral" que Woortmann chama de *campesinidade*. São valorizadas por constituírem, por fazerem parte de um mundo relacional, mais solidário, mais igualitário, mais moral, tradicional - o mundo da reciprocidade, diferente de um mundo atomizado, individualizado, econômico, moderno - o mundo do negócio (Woortamnn, 1990). E são elas que se manifestam nas falas do "tempo dos antigos", indicando uma época não tão distante, de "seres relacionais constituídos pela totalidade" (Woortamnn, 1990, p.23), onde as relações eram fortemente pautadas por esta ética camponesa, mais solidária, mais igualitária.

Praticamente não havia carros¹⁰¹, e as longas distâncias eram percorridas a pé, a cavalo, ou em carroças, o que não impedia a circulação dos sítiantes no bairro, entre os bairros¹⁰², e suas idas à cidade, para comercialização da produção, compras eventuais, visitas à parentes e principalmente para a Festa de São João, todo 24 de junho.

As mulheres tinham muitos filhos, e como os partos eram feitos em casa, recorriam às parteiras locais¹⁰³. Por causa da distância e da dificuldade nos deslocamentos, estas mulheres não só tinham muitos filhos, como perdiam muitos também. Quando tinham algum problema mais sério, muitas vezes não conseguiam chegar à cidade para ir ao hospital.

Embora as vendas (mercearias ou comércios nos bairros) "sempre"¹⁰⁴ tenham existido, quase tudo que se comia era fabricado ou processado no próprio sítio, e as propriedades eram dotadas de monjolo para fabricação da farinha e fubá de milho (muito poucas ainda os têm),

¹⁰¹ Além do caminhão leiteiro, que de tão antigo ninguém é capaz de dizer há quanto tempo circula pelos bairros.

¹⁰² Para visitar parentes e compadres, principalmente em casos de doença ou nascimento, ou ainda para ir às festas dos padroeiros de outros bairros que não o seu próprio.

¹⁰³ Até 1980, tempo bastante recente, certamente as parteiras eram ainda atuantes no município. Nesse ano, Araci, filha de dona Bernardina e seu Antônio, pessoa de posses razoáveis, teve sua filha mais nova (a hoje adolescente Fernanda), temporã, em casa, com o auxílio de uma parteira, o que nos tempos atuais é praticamente impensável na região. Muitos outros adolescentes dos sítios, contemporâneos de Fernanda, e alguns até mais novos, também nasceram "de parteiras".

¹⁰⁴ Este sempre está referido ao imaginário local que não sabe precisar a partir de quando elas passaram a existir. Em conversas que tivemos com dona Joana, mãe de Penha, a mesma mostrou-nos uma caderneta de compras de seu sogro (que talvez tenha sido do pai do mesmo), com contas relativas a compras realizadas em alguma venda em 1912. Da mesma época foi uma caderneta mostrada por João, marido de Maria Lúcia, pertencente a seu pai, com compras de macarrão, sal, pólvora, óleo, dentre outros.

alimentos essenciais na dieta dos sítiantes, cuja base era composta por milho (e derivados) e feijão. Toda a família era envolvida nas atividades da lavoura (muitos de café) e processamento dos alimentos.

Sobre isso, dona Dita Amaro¹⁰⁵, irmã de dona Tina (esposa de seu Dutra), contou-nos certa vez, em janeiro de 1993:

"Ajudava um pouco a minha mãe no trabalho. Torrava café, socava, era um baita pilãozão, muito maior que esse aqui. No sítio tinha monjolo, moinho, lá no alto ainda. Minha mãe fazia farinha, moía cana no cavalo, cilindro, ajudava em tudo. Tinha porcada, uma porção de porco. Agora vendeu muitas coisas, né. Tanto porco, o pai tinha aquele mangueirão de porco. Agora tem porquinho, tem mal uns porquinhos criando aí pro gasto nosso. E meu pai, nossa senhora, saía caminhão de capado pra vender. Eu enchia o paiolzinho de milho. Como tinha serviço! Fazia tudo aqui, não comprava nada. (...) Antigamente mesmo era tão gostoso o tempo passado, tenho saudade do tempo passado, viu! Tudo junto né, um fazia um serviço, outro fazia outro. E trabalhava, nossa senhora do céu, se não rendia o serviço o pai ficava bravo! Trabalho tudo na roça (...), tudo na enxada, tinha café, com um matão dessa altura assim".

O mesmo contou-nos dona Bernardina, quando ainda viva (em fevereiro de 1993), explicando como tinha aprendido os ofícios do sítio, como aprendeu a trabalhar e o que costumava fazer no sítio:

"A melhor coisa que meus pais fizeram pra mim, e deram, foi trabalhar, porque agora eu gosto de tudo (...). Eu gosto de fazer de tudo, tudo, não tem esse que fale que eu não gosto de fazer. Eu gosto de fazer farinha, agora com a minha idade não faço porque eu não agüento, e não tem mais monjolo também. Eu tinha um monjolo ali, sabe. Eu gosto de fazer farinha, eu gosto de fazer sabão, eu gosto de cozinhar, eu gosto de lavar a louça, eu gosto de lavar roupa, eu gosto de passar a roupa, eu gosto de costurar, porque meu pai fez de tudo. Se perguntar pra mim como é que faz polvilho eu sei, como é que faz pinga, a pinga eu não lembro mais como é que é, meu pai tinha alambique, sabe. Como é que faz rapadura eu sei, como é que faz talhada eu sei, como é que planta mandioca eu sei, como é que planta arroz eu sei, como é que planta cebola eu sei. Meu pai fez de tudo, e ele levava nós, sabe! Nós trabalhamos que não foi! Nós descascávamos paiol de milho, muito maior do que esse, sabe, só a noite. E debulhava só a noite pra vender, sabe, na mão, e não tinha debulhador não. Fazia polvilho de bastante, tudo com água, tudo tempo de frio, fazia polvilho só a noite, de dia não tinha tempo".

¹⁰⁵ Dita Amaro é viúva, e tem apenas um filho. Ela mora no sítio e na casa que eram dos pais, onde ela e seus irmãos cresceram. Com ela mora também uma irmã solteira, que tem problemas de saúde.

Existem algumas tradições deste tempo que persistem ainda hoje, sendo praticadas principalmente nos bairros mais tradicionais. Algumas, como a dieta que as mulheres devem seguir após o parto, passando 40 dias de resguardo, sem trabalhar, sem lavar a cabeça, comendo caldinho de frango¹⁰⁶, vão recebendo interpretações, como a que Penha contou-nos já em 1997:

"Aqui dieta que o pessoal fala é porque o pessoal antigo trabalhava demais, então, hoje é um período assim de 40 dias que antigamente acho que tinha porque as mulheres trabalhavam demais, e o organismo da mulher não é preparado, hoje a gente pensa isso. Não é preparado, porque mulher descarregava cargueiro, um jacá de milho dessa altura que hoje em dia só homem pode. Antigamente eram as mulheres. Como é que vai fazer isso uma mulher que teve filho recentemente. Então, era um período de 40 dias em que ela não fazia essas coisas de serviço mais pesado. Então já veio a de não lavar a cabeça, não pode comer carne de porco, pimenta, essas coisas mais pesadas".

Dona Euzira, mãe de Neusa, do Salto dos Pretos, que conhecemos em 1997, também contou-nos um pouco como foi sua chegada no sítio, depois de casada a primeira vez, com o filho de seu Chico Santo (irmão de dona Bernardina, e cunhado de seu Dutra, como dissemos, o mesmo que trouxe a família deste para Joanópolis)¹⁰⁷. Até então, com 18 anos, ela nunca havia morado no sítio. Apesar de seu pai possuir terras no município, foi criada na cidade de Joanópolis. Quando veio morar no alto, onde mora ainda hoje com o segundo marido (porém em outra casa), disse que as coisas dela subiram a cavalo, num cargueiro, pois era pouca coisa. Contou-nos que, como a casa era de barro (pau a pique), e mal feita, ela mesmo arrumou-a. Batia com um machado em cima para endireitar o barro, que estava torto. Depois colocava mais barro, onde precisava, e pintava. Assim foi arrumando a casa. Não havia tinta naquela época (década de 50), ao menos para eles, e as casas eram pintadas com terra, uma terra especial, e com saibro.

¹⁰⁶ As pessoas dos sítios que vão visitar os recém-nascidos levam como presente um frango morto no quintal, para o consumo da mãe.

¹⁰⁷ Como esta conversa infelizmente não foi gravada, faremos aqui apenas a narração do depoimento. É importante ressaltar que a família do marido de dona Euzira à época havia chegado há pouco mais de quinze anos em Joanópolis, vinda de Cambuí. No entanto, eram pessoas de posses e conhecimentos formais razoáveis diante da situação dos sítiantes tradicionais locais, como veremos adiante no depoimento de dona Joana, mãe de Penha.

Para fazer o barrado da casa¹⁰⁸, buscava uma terra (ela me apontou da estrada) "*lá onde hoje tem um quadrado de eucalipto plantado*", perto da casa dos avós do marido, os pais de seu Dutra, e onde hoje são as terras do mesmo. Quando ia até lá aproveitava para visitar estes avós. Ia a cavalo, pegava a terra, misturava com água e pintava com um "pincel" feito com "rabo de burro", capim nativo (quase praga) que dá no pasto. Esta terra dava uma tinta rosa, para o barrado, e a parte de cima da casa era pintada com saibro, que pegava cavando mais fundo na terra em alguns lugares. Mas, segundo ela, não durava nada, era só uma chuvinha e ia tudo embora e o trabalho era feito novamente. Hoje, quando pensa nas transformações e no tempo que passa, dona Euzira, ela mesmo uma produtora de queijos curados famosos na cidade, diz que "*daqui a pouco não vai mais ter esse negócio de tirar o leite assim, vai ser tudo máquina*". Mas para eles, que tiram pouco, ela acha que não vai mudar nada, pois "*não vai compensar ter uma máquina só para tirar este pouquinho de leite*".

I.4.1. Troca e reciprocidade.

Como temos visto até aqui (inclusive no parágrafo acima), muitos dos sitiantes de quem estamos falando são parentes, de uma maneira ou outra (ver novamente genealogia – anexo III), e a maioria deles são mineiros de uma mesma família vinda de Cambuí na década de 40, "para expandir as terras", aumentando o patrimônio e estabelecendo seus descendentes. Nossa referência central nessa história é o casal dona Bernardina e seu Antônio (e filhos), a quem estamos sempre nos remetendo para "classificar" as pessoas. Como vimos anteriormente, Dona Joana, mãe de Penha (hoje nora de dona Bernardina e seu Antônio) contou-nos certa vez (em abril de 1997) sobre a chegada deste casal no Pretos de Baixo, história que nos remete ao comentário feito no início deste capítulo, sobre sentirem-se sitiantes, igual a seus pares do bairro, hoje parentes e compadres¹⁰⁹, com quem passaram a interagir cotidianamente, e não fazendeiros,

¹⁰⁸ É costume no sítio as casas terem este barrado. Até mesmo as casas das pessoas dos sítios na cidade têm um. Na casa que Penha e José construíram na cidade, José teve que mandar fazer a tinta para poder pintar o barrado da mesma cor do portão e das janelas.

¹⁰⁹ Segundo Fukui (1979), o nível de endogamia nas comunidades rurais é bastante alto. Esta autora coloca a importância do casamento e do compadrio (através do qual vizinhos se tornam "parentes"/ compadres) no estabelecimento de redes de

como seriam classificados em outros locais, pela porção de terras que possuíam. Como coloca Brandão, poderiam ser diferentes em territórios distantes, mas não "aqui, onde é melhor ser como os próximos, parentes ou não". (Brandão, 1999, p.36)

Dona Joana é da família Alves¹¹⁰, casada com seu José Pinheiro de Paula (hoje eles têm pouco mais de 10 alqueires e, além do trabalho no sítio, vivem da aposentadoria rural que conseguiram). Os pais e as mães de ambos eram primos. Em conversa com eles, junto com Penha e Isabel (irmã de seu José solteira que mora com eles), chegamos à conclusão que as duas famílias tem a mesma origem, tendo se cruzado em algum momento, através do primeiro homem com sobrenome Preto a chegar e tomar conta das terras que se estendem do Pretos de Baixo até depois da cachoeira (que inclusive ganhou o nome do dono das terras: Cachoeira ou, para os moradores locais, Salto dos Pretos). Dona Joana praticamente não estudou, enquanto a mãe dela, dona Isabel Alves, que sabia ler e escrever bem, tinha estudado. Quando moça dona Isabel Alves morava no bairro do Salto, e contava para os filhos da vida cultural de lá (intensa para a época), com muitas festas, inclusive com bandas. Contam que a mãe de seu José "*também era prendada, sabia fazer umas coisas de crochê e bordado muito finas*". Lembrando isso, Dona Joana e Isabel (irmã de seu José) disseram-nos que a geração delas parecia ter regredido em relação à dos pais, e que a geração de seus filhos (Penha, por exemplo) já recuperava o que haviam perdido. Disseram-nos, inclusive, que o jeito de falar dos pais era diferente do deles. Ficamos imaginando que naqueles "tempos antigos", sem meios de transporte mais ágeis e com o isolamento da região (em relação não só aos grandes centros, mas também em relação à cidade de Joanópolis), a geração dos pais de dona Joana e seu José, ao se casarem e se instalarem neste bairro (sem muitos recursos), acabaram se isolando um pouco e também isolando os filhos de um convívio social mais intenso com pessoas de fora dali e da possibilidade de estudar. Tudo isso em nome do trabalho e da construção de um patrimônio, pois todos eles foram trabalhar na roça desde criança. Seu José contou-nos que chegava até mesmo a chorar por deixarem-no sozinho no meio da roça quando criança. Mas como não tinha outra opção, foi aprendendo a trabalhar.

solidariedade entre vizinhos nos bairros rurais. Esta solidariedade, realizada principalmente através das relações de troca e reciprocidade no bairro rural, é parte ativa do que Woortmann (1990) chama de uma ética camponesa. Esta ética integra os potencialmente diferentes, transformando-os em iguais no âmbito do bairro rural, espaço cotidiano de vida e trabalho de famílias de sitiantes, onde, como diria Candido (1971), os mesmos vivem sua sociabilidade, onde realizam sua atividade produtiva, onde qualquer um pode precisar da ajuda de seus vizinhos, onde seus filhos se casam e formam novas famílias nucleares, onde os vizinhos podem vir a ser (e provavelmente serão) seus parentes ou compadres, o que os torna iguais em um certo sentido.

Seu Antônio e dona Bernardina instalaram-se no bairro dos Pretos na década de 40, e Dona Joana disse lembrar-se bem da chegada deles. Para ela, eles eram tão diferentes àquela época, que "*no começo tinha até vergonha deles*". Seu Antônio estudou até a 4ª série, tal qual dona Bernardina, e o casal trazia consigo alguns costumes diferentes dos do bairro, além de terem comprado uma grande quantidade de terras. Até então não havia escola no bairro. Foi seu Antônio quem construiu-a e trouxe uma professora para ensinar no bairro (a partir daí, as crianças, cujos pais não tinham condições de trazer pessoas para ensinar em casa, puderam estudar). Para dona Joana, eles "*pareciam mais adiantados*". No entanto, com o tempo e a convivência, as relações de troca e reciprocidade entre as famílias no âmbito do bairro foi dissipando as desigualdades (afinal, é melhor ser igual como os pares), consolidando as relações a ponto de, como dissemos anteriormente, quase todos os filhos de dona Bernardina e seu Antônio terem se casado com pessoas do bairro mesmo (com exceção de Maria Lúcia, cujo marido era de uma bairro "*para os lados de Monte Verde*").

Um bom indicador das relações de troca e reciprocidade no âmbito do bairro rural pode ser observado pela circulação da carne de porco. Os sitiantes criam porcos nos terreiros para consumo próprio. A importância do porco não é somente por sua carne, mas principalmente pela gordura que oferece como base para o preparo de alimentos. Para os sitiantes, "*comida feita com óleo é muito fraca*", "*não sustenta para o trabalho na roça*". Os "capados" são mortos quando "estão no ponto" e há necessidade de mais gordura (banha) para a cozinha. Do ritual de matança do porco, realizado num só dia (o animal é esquartejado e limpo, separando-se a carne da gordura a ser utilizada cotidianamente), participam todos da família e algum parente próximo que vem para ajudar. Depois de dividido o porco, do qual se valoriza mais a gordura, parte de sua carne é distribuída para um círculo de parentes, compadres e amigos próximos, de acordo com as relações estabelecidas no bairro. Hoje, para alguns, há a possibilidade de congelar parte da carne (embora poucos assim o façam), o que não existia em outros tempos, quando energia elétrica e geladeiras passavam longe dali; a carne era conservada em latas, imersa na gordura. Há explicações práticas sobre a circulação da carne de porco, como a que diz que isso possibilitava aos sitiantes terem sempre alguma carne em casa, pois, quando seu próprio porco ainda não

¹¹⁰ A família Alves foi muito importante e extensa no município. Hoje encontramos pessoas desta família nos bairros dos Pretos,

estava no ponto de ser morto, podiam receber carne de outros que também recebiam deles. Preferimos, porém, adotar a explicação que dá conta desta circulação muito mais como o estabelecimento de relações de troca e reciprocidade entre alguns sitiantes próximos do bairro, como tratado em Rolim (1994) e Brandão (1999). Para eles, a circulação da carne de porco permite o estabelecimento de "redes sociais de dom e contradom" (Brandão, 1999, p.97). Ainda segundo Brandão,

"(...) se entende que a carne doada de um para o outro é um momento de um círculo de trocas em que parentes (nem sempre familiares e nem sempre consangüíneos) se obrigam a receber porções de carne de um animal morto mediante a obrigação de retribuírem ao doador na ocasião em que sacrificarem o seu porco. De antemão, a família destinatária sabe que, em uma casa de doador contratado, foi morto "um capado" e espera dele receber uma porção de carne". (Brandão, 1999, p.98)

Dona Bernardina e seu Antônio, desde sua chegada ao bairro, passaram a participar desses círculos de troca, bem como todos seus descendentes (filhos e netos) participam hoje dos mesmos, agora ampliados pela expansão da família no bairro e em outros bairros.

1.5. Um espaço em mudança.

Talvez o mais importante a considerar aqui seja a diferenciação que está se estabelecendo entre os bairros (e seus moradores) de alguns anos para cá.

As pessoas mais velhas dão a entender que até 30 anos atrás os bairros rurais de Joanópolis eram muito parecidos, quase "a mesma coisa", querendo dizer com isto que mais ou menos as mesmas pessoas viviam neles, fazendo os mesmos trabalhos de agricultura e pecuária e tendo uma maneira de viver muito semelhante. cremos que os depoimentos acima dão indícios disso.

Maria Alferes e até mesmo os Graciano do Sabiaúna têm parentes Alves.

No entanto, ao apresentarmos as famílias de sitiantes no decorrer deste capítulo, vai-se delineando claramente uma diferenciação entre elas, decorrente de uma nova dinâmica neste meio rural. Encontramos seu Sebastião, primo de José e tantos outros que aqui aparecem (vindo de Minas como eles), que consolida-se como um dos maiores proprietários de terras do município e empreendedor familiar do ramo de estufas e produção de sementes, intermediando a integração de vários pequenos sitiantes descapitalizados com uma grande empresa (Agroflora), destarte adotando um estilo familiar mais capitalista na administração de seus "negócios". Enquanto isso, deparamo-nos com mulheres mais jovens (Lucinéia, Maria Lúcia, Regina e Neusa) e até mesmo uma senhora, dona Tina, que trabalham processando artesanalmente os produtos *in natura* de seus próprios sítios, promovendo assim uma diversificação ainda maior do trabalho familiar como melhor forma de manter suas famílias e desenvolver suas propriedades. Ainda há famílias como a de seu Ico que preferem se manter (e o fazem bem) somente com o tradicional trabalho de roça e pequena pecuária leiteira no sítio. Famílias como a de Olga e Jair tentam encontrar opções para mantê-los dignamente no sítio, sugerindo que a abertura de uma venda pode representar tal possibilidade. Ou mesmo José e Penha, casal cuja esposa vai todos os dias à cidade lecionar na Escola Estadual (enquanto o marido trabalha no sítio plantando milho e feijão e tirando leite), dinâmica impensável há 15 anos, até mesmo pela dificuldade de transporte.

Se, por um lado, o entendimento de uma aparente homogeneidade entre os bairros rurais vai sendo cada vez mais questionado, por outro, torna-se mais claro que um modo de vida rural específico predomina no município.

Acostumada a ouvir dos moradores do Pretos de Baixo que, excluindo as pessoas "de fora", "aqui no bairro tudo é parente" (Moura, 1978), fomos nos surpreendendo ao perceber que este círculo de parentesco vai crescendo conforme aumentamos nossos conhecimentos sobre as famílias de sitiantes de Joanópolis¹¹¹. Poderíamos dizer até mesmo que a "sociedade de interconhecimento", conforme formulada por Mendras (apud Wanderley, 1999, p.30), e retomada por Wanderley (op. cit.) para definir as comunidades formadas por agricultores familiares tradicionais, ou camponeses, vai-nos sendo apresentada¹¹². Isso fica claro quando ouvimos

¹¹¹ Isso inclui não apenas as famílias que moram nos sítios, mas também as que se encontram na cidade de Joanópolis. Estas últimas são, majoritariamente, oriundas dos sítios e famílias de sitiantes do município.

¹¹² Segundo Wanderley, a "agricultura camponesa tradicional é profundamente inserida em um território, lugar de vida e de trabalho, onde o camponês convive com outras categorias sociais e onde se desenvolve uma forma de sociabilidade específica,

Vitória¹¹³ (citada anteriormente, que agora mora na cidade, embora seja do bairro dos Pretos) dizer: *"porque nós que nunca saímos daqui, eu bem dizer toda vida morei no sítio, quando saí do sítio vim para Joanópolis, que não é diferente, a gente não sente diferença nenhuma, é quase a mesma coisa, todo mundo se conhece"*. Ou mesmo quando Neusa Silveira, falando dos parentes no município, diz: *"a maior parte da cidade também já é parente"*. Ainda sobre Joanópolis nos fala Lucélia: *"todo mundo conhece todo mundo, cidadezinha pequena, é sítio"*.

É importante lembrar que todas as famílias de agricultores de que estamos falando têm origens rurais, ou seja, quase todos os seus membros nasceram e/ou cresceram nos sítios e bairros rurais, ocupando-se geralmente de atividades agrícolas.

Durante muito tempo, quando se falava em famílias na roça (principalmente em locais onde a agricultura familiar é predominante, como Joanópolis), logo pensava-se em famílias nucleares **grandes**, compostas pelo casal e quatro ou mais filhos ajudando no trabalho familiar na propriedade. Ou em famílias extensas, compostas pela família nuclear **grande** mais algum parente (pais ou irmãos de um dos cônjuges). Isto é muito o que se via na literatura acerca do mundo rural tradicional. Tendo em vista que a agricultura familiar baseia-se em unidades de produção cuja força de trabalho é a família, que produz visando **também** (mas não somente) o consumo da unidade familiar, mantendo certa autonomia em relação ao trabalho na terra (geralmente própria), este ideal do tamanho relativamente grande das famílias rurais chegou a ser interpretado como indicador da necessidade de um alto número de braços que seriam eventualmente disponibilizados para o trabalho na terra.

Como já dissemos, as relações de parentesco, amizade ou compadrio fazem desta sociedade rural uma "sociedade de interconhecimento". Pela convivência com algumas famílias e conforme apresentamos no capítulo anterior, pudemos constatar que, ao contrário do que se via antes no mundo rural e ainda é visto nas gerações mais velhas (famílias grandes, com até 10 filhos), a predominância nos bairros, hoje, principalmente entre os casais mais jovens, é de

que ultrapassa os laços familiares e de parentesco. (...) É essa sociabilidade que permite definir a sociedade rural como uma "sociedade de interconhecimento", isto é, "uma coletividade na qual cada um conhecia todos os demais e conhecia todos os aspectos da personalidade dos outros". (Wanderley, 1999, p.30)

¹¹³ Vitória é irmã de Cinira, que por sua vez é casada com Roberto, o irmão de Penha. Ambas são filhas de seu Joaquim Amaro e dona Orasilía. Vitória casou-se com um homem que durante muito tempo foi empregado de uma das grandes fazendas do município, a Santa Maria. Depois de o marido ter sido demitido, foram para a cidade, junto com as duas filhas do casal, Vilma e Vanda, hoje moças.

famílias nucleares pequenas, com o casal e até no máximo três filhos no grupo doméstico. As famílias grandes predominam entre as pessoas mais velhas (avós e bisavós), mas os filhos, criados com muitos irmãos e que são hoje os "casados novos" dos bairros, optam por famílias pequenas: a maioria tem apenas dois filhos, alguns três (geralmente, a mulher já fez laqueadura, determinando que a família vai ser mesmo pequena). Estes jovens casais, ao contrário dos antigos, podendo contar com assistência e orientação médica¹¹⁴ (ainda hoje oferecida somente na cidade) e tudo o que isso significa, parecem **optar** por famílias pequenas por inúmeras razões, concentradas principalmente na preocupação com o futuro dos filhos, que pode ou não ser na agricultura.

Como nesse caso, da redução do número de filhos entre os casais mais jovens, podemos dizer (pelo menos aparentemente) que alguns fatores, internos e externos, têm provocado mudanças recentes na configuração dos bairros rurais e da área rural de Joanópolis como um todo. Dentre os fatores internos destacamos as opções de trabalho para as mulheres cujas famílias permanecem nos sítios (principalmente pela valorização do processamento artesanal dos produtos dos sítios), e até mesmo o "êxodo rural", que mais em alguns bairros do que em outros tem levado pessoas e até famílias inteiras a deixarem o sítio pelos mais diversos motivos (o que é um fato e não podemos negar), dentre os quais a grande preocupação com o estudo dos filhos, as dificuldades de relacionamento dos filhos casados com os pais, quando estes ainda controlam o trabalho na propriedade, a não adaptação ao trabalho agrícola (isto para os mais novos e solteiros), a situação econômica, a espera de um futuro melhor em um local urbano.

No entanto, cabe ressaltar aqui um fator externo de mudança que vem se tornando constante e crescente, bastante vinculado às mudanças mais gerais da sociedade: a venda de sítios não mais para vizinhos e parentes, como era costume, mas para pessoas de "fora", interessadas nas belezas da região, que "invadem" os bairros e algumas vezes até mesmo contratam as pessoas dos bairros, antigos donos das terras, para trabalhar como caseiros ou como "chacreiros" (usando a denominação local para este tipo de trabalho). Estas "pessoas de fora" normalmente residem em grandes cidades (a maior parte em São Paulo) e compram terras dos sítiantes para fazer chácaras ou "sítios de lazer" para finais de semana, dando destinação turística às "terras de trabalho"

¹¹⁴ Antigamente o acesso à cidade era difícil pois além da distância, as pessoas dos bairros não tinham carro, e muitas vezes percorriam até 20 quilômetros a pé à procura de um médico.

(Garcia Jr., 1983) dos sitiantes tradicionais¹¹⁵. Muito da diferenciação que se estabelece nos bairros e entre os bairros, é em função destes sítios.

No bairro do Can Can, por exemplo, quase todos os proprietários de terra são "de fora", e muito dos moradores locais são seus caseiros ou empregados. Este é o bairro que mais mudou sua caracterização original, mas mesmo nos Pretos (bairro mais tradicional) já havia nos alertado Alcides que as propriedades perto da cachoeira (conhecidas por nós como tradicionais) haviam se transformado em chácaras e que o fato de a cachoeira ter se tornado muito popular rapidamente acabou mudando o perfil da região. Para os moradores antigos dos Pretos, apesar de o "progresso" (abertura da estrada, mais carros, maior circulação de gente) ter trazido algumas vantagens da vida moderna para os sitiantes dos bairros (como mais conhecimento, maior integração e acesso aos bens urbanos do município, como médicos e banco), o que não lhes tirou a precariedade de alguns aspectos da vida e do trabalho, a "invasão" de pessoas "de fora" que vieram nesse bojo traz muitas desvantagens, principalmente sobre os preços das diárias de trabalho e os preços das terras, que começam a ficar altos demais para eles, sitiantes tradicionais do local. Além disso, dona Aparecida (filha de dona Bernardina, esposa de seu Chico Amaro e mãe de Lucinéia e Lucélia) lembra que o aumento do número de pessoas de fora traz mais coisas ruins do que boas, pois a tranquilidade e a paz com que estavam acostumados passam a ser ameaçadas pelos estranhos. A ambivalência destas transformações já foi bem observada por Brandão (1999), a partir de conversa com José:

¹¹⁵ Garcia Jr. define "terras de trabalho" como "a terra usada para o cultivo das 'lavouras de subsistência' pelo trabalhador e sua família" (Garcia Jr., 1983, p.35). Neste caso, através de pesquisa realizada com famílias de pequenos produtores camponeses na Zona da Mata de Pernambuco, o autor constatou que, frente à escassez de terras, a reprodução física e social destas famílias dependiam do acesso (arrendamento) às terras das grandes propriedades, através das quais expandiam seus roçados ou lavouras de subsistência o suficiente para garantir esta reprodução. Com a decisão dos grandes proprietários de passar a destinar as terras do roçado para a criação de gado, o capim passa a tomar conta dos espaços antes cultivados com milho, feijão, mandioca. As "terras de trabalho" vão cedendo lugar para as "terras de gado", aquelas "onde só nasce o *capim*, que serve à reprodução física do *gado*" (op. cit., p.219), em detrimento da reprodução do pequeno produtor e suas famílias. Nesse caso, a criação de animais, que costumeiramente tinha um papel **complementar** ao roçado para a reprodução das famílias, sendo consumida, ou fornecendo alguma renda extra, expulsa os pequenos produtores: "(...) muito mais frequente é a referência dos pequenos produtores à *criação de gado*, dentro das grandes propriedades, como uma ameaça direta. É que a recente expansão da pecuária, nessa área, com a formação de pastos, eliminam as terras que antes eram atribuídas aos *roçados dos pequenos proprietários*. O *capim* passa a concorrer com o *roçado* por terras, o alimento do gado impede a produção de alimentos para os homens em quantidade adequada. Isto inverte o papel que a criação ocupa na lógica dos pequenos proprietários: a *criação*, neste caso, não é subordinada e complementar ao roçado, mas é a negação do roçado (...)" (op. cit., p.216)

"Ele reconhece que serra-acima as condições de vida e de trabalho ainda são bastante precárias e que, sobretudo nos últimos anos, algum *progresso* trouxe também *benefícios* para as pessoas do lugar. Mas, de modo geral, sendo alguma coisa externamente favorável, ele pode ser internamente uma perda, ou a ameaça de perdas de uma vida rústica e precária, mas vivida ainda como segura, confiável e até mesmo "farta", de um ponto de vista estritamente "camponês". Sendo o *progresso* o sinal da presença de um estilo forâneo e urbano de vida, ele não transforma de uma maneira favorável a vida nos sítios, e ameaça trazer "de fora" agentes de mudanças cuja presença poderosa poderia alterar um estilo de vida cuja experiência ancestral, realizada fora da linha de frente do *progresso* é, em boa medida, a sua condição (...)". (Brandão, 1999, p.22)

Enquanto o tradicional sítio "camponês" é o lugar de trabalho e produção do grupo doméstico rural, o sítio "de lazer" é o lugar de fuga do trabalho e descanso para famílias da cidade. Neste sentido podemos destacar inclusive o fato de que estas "pessoas de fora" acabam não tendo compromisso efetivo de trabalho na terra. Os espaços de trabalho e produção no sítio "camponês" tornam-se espaços de recreação e plantios experimentais¹¹⁶ no sítio de "lazer", as técnicas de plantio do trabalhador familiar são às vezes substituídas por técnicas "modernas" dos novos proprietários rurais. Os espaços e locais de convivência nos dois sítios são também diferenciados. Belos jardins, gramados e piscinas nos sítios de "lazer" estão no lugar de espaços de trabalho no sítio "camponês": no lugar do terreiro, do mangueiro, do paiol, do depósito rústico de máquinas e ferramentas, do galinheiro, do chiqueiro. Esta mudança, até mesmo de finalidade do sítio, os diferentes valores com que se pensa e trata a terra entre estes dois tipos de sítios, acabam questionando, de alguma maneira, o próprio sentido do rural enquanto perspectiva de produção e reprodução da família "camponesa"¹¹⁷, ou das famílias de sítios, que ficam sem espaço para se manter nos bairros rurais "modernizados"¹¹⁸. Entretanto, paralelo a isso,

¹¹⁶ Com plantios experimentais queremos nos referir à plantações de frutas diferenciadas (maçã, pêssego, nectarina, ameixa, etc), cultivo de cogumelo *shitake*, dentre outras atividades bastante diferentes para um local onde tradicionalmente se planta milho, feijão ou outros alimentos consumidos pelos sítios (arroz, alho, verduras para consumo próprio).

¹¹⁷ Ellen Woortman trata deste assunto numa comunidade pesqueira no Nordeste, explicitando as mudanças que se deram entre os pescadores tradicionais com a crescente procura do local por turistas. Onde antes os pescadores e suas famílias mantinham roçados que ajudavam na subsistência, os 'turistas' construíram suas casas de veraneio, gerando assim uma reordenação do sentido do trabalho entre a população (Woortman, 1992).

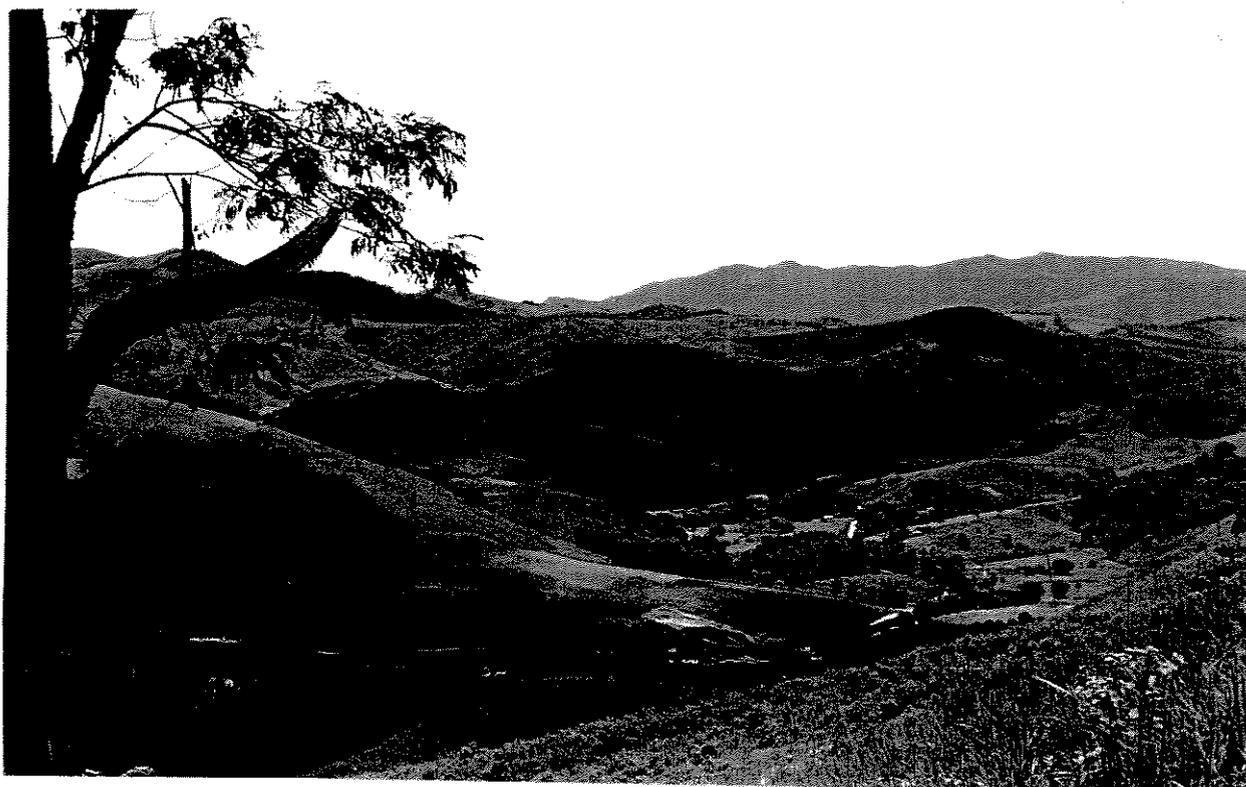
¹¹⁸ Segundo Brandão, "se os produtores antigos são uma comunidade bastante homogênea de atores culturais e de sujeitos de destino, auto-divididos apenas entre 'mais fortes' (mais ricos) e 'mais fracos'; 'agricultores' e 'criadores'; 'mais tradicionais' e 'mais modernos'; 'mais instruídos' e 'mais ignorantes'; ainda moradores no sítio ou já moradores na cidade, mas donos ainda de terras de onde obtém a renda familiar principal, o mesmo não acontece com os neo-ocupantes". (Brandão, 1999, p.31)

encontramos famílias inteiras, como já vimos, que não só permanecem nos sítios como também, se puderem, traçam projetos para ali perpetuar suas gerações futuras¹¹⁹.

À primeira vista temos a impressão de um vazio no cotidiano dos bairros: a ausência de pessoas, conforme dito anteriormente. O movimento dos finais de semana faz parecer que agora tudo que se tem são sítios de lazer, ou chácaras, invadindo os espaços rurais tradicionais (de plantio, convivência, etc.). Parece que quase todos se foram para a cidade, que os que ficaram são apenas residuais, vivendo ali por falta de opção, por não ter conseguido ainda se mudar para a cidade, etc. Na verdade, aprofundando o olhar, essa primeira impressão vai se dissipando e podemos constatar ainda existir muitos moradores nos sítios (e não apenas turistas ou pessoas da cidade em busca de lazer). Estes não são residuais (como muitos imaginam), lutam para permanecer nos sítios vivendo do trabalho da família no mesmo (apesar das condições adversas: falta de incentivo agrícola e baixo preço dos produtos) e para isso buscam alternativas que viabilizem um futuro melhor no meio rural. Existe algo além da propriedade da terra que os prende ali (um modo de vida, quiçá), levando-os, apesar dos reveses, a pensarem em um futuro rural, como veremos a seguir.

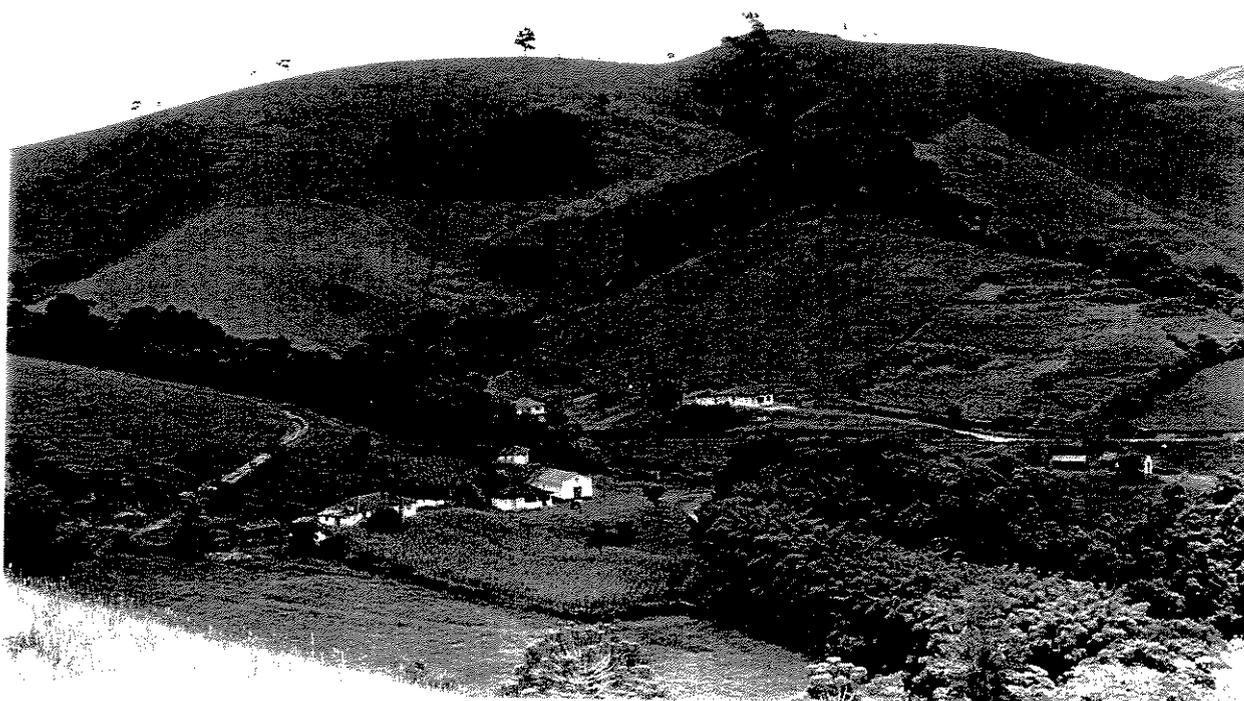
¹¹⁹ A importância de temas como a pluriatividade, a desagrarização do rural, as novas perspectivas do mundo rural fora da agricultura, não pode ser negada. Sabemos da existência de estudos sobre estes temas, que os colocam inclusive como centrais para a compreensão de algumas áreas rurais brasileiras. Entretanto, por não ser o objetivo específico de nosso trabalho, não adentraremos nestas discussões. Nossas preocupações aqui concentram-se mais nas perspectivas para a continuidade do trabalho familiar no sítio, que pode até significar a inclusão do recurso à pluriatividade, ou alguma forma de trabalho rural não agrícola, embora não necessariamente. Tentaremos discutir isso a partir do próximo capítulo.

Os morros das áreas rurais de Joanópolis, com o “gigante” ao fundo.



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A capela do Bairro dos Pretos, com a “casinha do café”.



As mulheres mais velhas do Bairro dos Pretos (da esquerda para a direita): dona Bernardina (já falecida), dona Dita Amaro, dona Orasilisa (já falecida), dona Isabel Alves (já falecida), dona Joana, dona Dita Claro, Isabel.



As mulheres mais jovens, casadas, do Bairro dos Pretos (da esquerda para a direita):
Regina, Cinira, Sílvia, Maria Lúcia, Lucinéia, Penha.



CAPÍTULO II. HOMENS E MULHERES NO CAMPO: O TRABALHO DA FAMÍLIA RURAL HOJE.

No decorrer da pesquisa de campo e da convivência com nossos sitiantes, aos poucos fomos conhecendo e compreendendo as dimensões fundamentais que, articuladas, pautam a organização e o cotidiano dos mesmos. Essas múltiplas dimensões relacionais são a família¹²⁰, o **trabalho**, a terra, o bairro rural, e, numa perspectiva mais ampla, o município, ou seja, a localidade ampliada. Falamos um pouco de algumas dessas dimensões no capítulo anterior, embora tenhamos nos concentrado nos bairros e suas famílias. Ainda que seja difícil tocar em alguma delas isoladamente, terminamos deixando o **trabalho** em segundo plano, mesmo tendo feito alusões a este ao apresentarmos a estrutura produtiva das propriedades e a formação da renda familiar. No entanto, chamamos atenção para o fato de que o **trabalho** é importante demais para estas famílias para ficar apenas em segundo plano. Como coloca Woortmann (1990), é através do **trabalho** na terra (ou **no sítio**, como é o caso em Joanópolis) que a família se realiza. Sem a possibilidade de ser trabalhada, a terra perde o sentido de geradora da vida para os sitiantes e suas famílias; sem o **trabalho no sítio**, não há sentido permanecer ali, não há como se manter, como progredir. Como tentaremos demonstrar a seguir, em parte neste e em parte no próximo capítulo, com a diversificação de atividades no sítio, entre as "categoria relacionais" (Woortmann, 1990), a família e o **trabalho** podem vir a ter peso maior do que a terra para estes sitiantes, embora esta última não perca seu sentido, e continue sendo a base do patrimônio familiar, sobre a qual se constrói a família e o **trabalho**.

Não são poucos os estudos que tratam da importância da categoria **trabalho** entre o campesinato tradicional brasileiro. Em algumas das análises, às quais estaremos nos referindo aqui, essa categoria é colocada como organizadora de uma lógica familiar de produção onde, em função do que é considerado **trabalho**, entendido como atividade do pai de família, por

¹²⁰ A preocupação com a família passa pela reprodução da mesma tanto no cotidiano (dos membros do grupo doméstico) como no decorrer do tempo de uma geração, ou de gerações.

excelência, ou do chefe do estabelecimento, determina-se a posição social dos membros da família, a hierarquia e a organização da mesma.

Utilizaremos a seguir os trabalhos realizados por Herédia (1979) e Garcia Jr. (1983) acerca do campesinato tradicional da Zona da Mata Pernambucana, trabalhos estes realizados com grupos sociais específicos e delimitados, mas que levantam importantes questões para a reflexão sobre o **trabalho** entre nossos sitiantes.

Parte importante dos estudos sobre produção familiar no Brasil, principalmente os realizados a partir da década de 70 por pesquisadores do Museu Nacional (Herédia, 1979, Garcia Jr., 1983), tomam como marco teórico, para se pensar o campesinato tradicional brasileiro, as formulações de Alexander Chayanov. Como coloca Garcia Jr., "de Chayanov tiramos a indicação de que o estudo da especificidade da economia camponesa está na importância que aí assume o trabalho familiar". (Garcia Jr., 1983, p.15). O eixo central da teoria chayanoviana gira em torno da "afirmação de que a unidade de produção familiar na agricultura é regida por certos princípios gerais de funcionamento interno" (Wanderley, 1989, p.2). Importa destacar aqui a formulação de que, para Chayanov, o grupo familiar "determina" a força de trabalho necessária e o nível de consumo, ou seja, é a própria composição da família (considerando sua diferenciação no decorrer do tempo¹²¹) que pode "determinar" a produção conforme suas necessidades (Wanderley, 1989), e é também esta composição que determina a renda¹²².

Mauro Almeida (1986), em estudo que discute os vários enfoques dados à questão da família rural no Brasil, diz que pensar a família camponesa, no sentido acima explicitado e mesmo no sentido colocado por Woortmann (1990)¹²³, poderia resultar numa família fechada em si mesma, na medida em que ela própria determina "o **trabalho**, a terra, o saber técnico', elementos do processo de trabalho que, sendo determinados pela própria família para prover a subsistência com os próprios recursos, fechariam a unidade técnica camponesa em si mesma"

¹²¹ Quando os filhos são pequenos há menos mãos para trabalhar a terra, mas necessidade de muito trabalho para alimentar toda a família. Quando os filhos se casam e constituem outras propriedades diminui novamente o número de braços disponíveis, mas as necessidades internas também.

¹²² Isso nos leva à idéia do grande número de filhos para o trabalho.

¹²³ É importante lembrar que Woortmann utilizou-se positivamente de uma série de estudos para consolidar a formulação que propõe as categorias *terra, trabalho e família* como nucleantes. Entre os estudos utilizados estão os de Heredia (1979) e Garcia Jr. (1983 e 1989).

(Almeida, 1986, p.71), garantindo-lhe certa autonomia, sim, mas também certo isolamento. No entanto, cremos poder afirmar, como o fazem Herédia (1979) e Garcia Jr. (1983, 1989), que esta autonomia (embora bastante valorizada) é **relativa**, pois esta "unidade de produção camponesa" não está imune à sociedade geral, aos fatores externos a ela (por exemplo, a política econômica, a política agrícola, o processo de globalização, etc.), que acabam afetando decisivamente o processo de organização da unidade familiar.

Podemos dizer que Herédia (1979) e Garcia Jr. (1983), tratam esse campesinato como um todo articulado, onde unidade de produção é igual a unidade de consumo¹²⁴, ou seja, quem trabalha (a família) é quem consome. Para eles, a produção da família, antes de ser orientada para o mercado, tem a preocupação de prover a subsistência da família proprietária que trabalha¹²⁵ (Herédia, 1979, Garcia Jr., 1983). De acordo com Herédia,

"a literatura especializada destacou o caráter específico que a unidade camponesa possui. Essa especificidade provém do fato de que ela é, ao mesmo tempo, unidade de produção e unidade de consumo, visto que os membros que a compõem estão relacionados *a priori* ao processo produtivo mediante laços de parentesco". (Herédia, 1979, p.16-17)

Embora não possamos dizer que, em Joanópolis, a produção da família não seja, prioritariamente, orientada para o mercado, há ainda grande preocupação com a subsistência da própria família. Como ouvimos José e Penha dizerem certa vez, o sítio tem que "girar por si", manter a família que ali vive e trabalha. E é neste contexto de vida e trabalho que se encaixa a discussão sobre a relação **trabalho/ajuda**, ou **homem/mulher**, **público/privado**.

¹²⁴ Segundo Herédia, o "pequeno produtor, como pai de família, é quem deve prover o consumo coletivo dos membros do grupo doméstico. E como os bens necessários ao consumo são fornecidos pelo *roçado*, é ele o responsável pelas atividades que se realizam no mesmo. Desta forma, o lugar do homem é no *roçado*, enquanto o da mulher, mãe de família, é a *casa*. Cabe a ela a organização e o controle das atividades vinculadas à *casa* que são as que possibilitam o consumo, ocupando um lugar privilegiado nesta esfera as tarefas ligadas à preparação das comidas. Esta última atividade define a *casa* como local de consumo" (Herédia, 1979, p.78-79).

¹²⁵ Como coloca Queiroz, "os caracteres do campesinato continuam os mesmos, conforme mostram diversos autores. A família constitui sempre a unidade social de trabalho e de exploração da propriedade, sendo que os produtos, regra geral, satisfazem às necessidades essenciais da vida; as tarefas do trabalho se dividem entre todos os membros do grupo doméstico, em função das faculdades de cada um, formando assim uma equipe de trabalho. A família assegura a subsistência de todos os membros; a combinação família - empresa agrícola faz com que se estabeleça uma comunidade de posse e uma comunidade de consumo, além da comunidade de trabalho, sob a autoridade de um membro, que é o pai de família". (Queiroz, 1976, p.18)

Na literatura citada, as oposições expressas por meio dos binômios roçado/casa¹²⁶, homem/mulher, **trabalho/ajuda**, público/privado, unidade de produção/unidade de consumo, produção/reprodução sintetizam as relações familiares desse campesinato, organizadas principalmente a partir do que é considerado **trabalho** (roçado, produção, masculino, espaço público) - e ocupa uma posição hierarquicamente superior - e o que é considerado **não-trabalho**, ou **ajuda** (casa, reprodução, feminino, espaço privado). Segundo Herédia,

"a concepção do que se define como *trabalho* permitiu-nos compreender e dar sentido à divisão das tarefas por sexo e, em resumo, levou-nos a compreender a oposição masculino-feminino. Esta oposição vai além de uma simples divisão de tarefas, expressando-se em outra oposição que é *casa-roçado*. Esta última é que define efetivamente as esferas do que é trabalho e do que não é trabalho. A partir dessa oposição, articulam-se e se reforçam os papéis que cabem aos membros do grupo, expressando, em essência, as esferas de autoridade. Também a partir daí, os bens e outros objetos reconhecidos socialmente são classificados como femininos ou masculinos e, por conseguinte, também são hierarquizados". (Herédia, 1979, p.26)

O trabalho de Herédia é orientado pela oposição unidade de produção/consumo no grupo doméstico, caracterizando esta oposição como configuradora da especificidade do trabalho familiar. Segundo Herédia, "a relação de oposição entre elas (unidade de produção e consumo) organiza toda a experiência de vida das unidades familiares, incluindo também as instâncias da vida cotidiana"¹²⁷ (Herédia, 1979, p.77). Como afirmamos acima, a autora começa a desvendar esta oposição pela definição do que é considerado **trabalho** nestas comunidades, pois esta definição possibilita a compreensão da divisão de tarefas por gênero e da oposição masculino-feminino, que acaba se materializando na oposição casa-roçado. Ou seja, em última instância, é a oposição casa-roçado que termina por definir o que é **trabalho** e o que é **não trabalho**, o que é

¹²⁶ Para Garcia Jr., "o *roçado* fornece os meios materiais para o consumo da *casa*. São os habitantes de uma mesma *casa* que trabalham em um mesmo *roçado*. Tanto no *roçado* como na *casa*, todos os membros de uma mesma unidade doméstica colaboram nas tarefas aí desenvolvidas. Mas as tarefas não são indiferenciadas dentro do grupo doméstico, de tal modo que qualquer membro "faça de tudo". Há diferenças de sexo e idade nas tarefas executadas, bem como há normas explícitas de autoridade dentro do grupo doméstico que define quem decide sobre o que. É ao homem, *pai de família*, que cabe organizar as tarefas do *roçado* para prover a casa. É à mulher, *mãe de família*, que cabe organizar as tarefas da *casa* que possibilitam o consumo do grupo doméstico". (Garcia Jr., 1983, p.59)

¹²⁷ Ou ainda, "a relação casa-roçado é a que permite organizar a área do trabalho e do não trabalho, não apenas em um determinado momento do grupo doméstico, mas também em todo o ciclo de vida deste, e, conseqüentemente, no ciclo de vida de cada um de seus membros". (Garcia, Garcia Jr., Herédia, 1984)

masculino e o que é feminino, que posição (ou papéis) ocupam os membros do grupo doméstico dentro da hierarquia familiar.

Em Garcia Jr. encontramos uma definição que nos ajuda a clarear um pouco mais estas oposições, e a hierarquia que elas representam:

"É no *roçado* que a família se materializa enquanto unidade de produção. É através dele que a família obtém os meios necessários para se reproduzir. O produto do *roçado* serve para abastecer a casa, direta ou indiretamente. A *casa* representa a unidade de consumo. Portanto, é o *roçado* que dá as condições mesmas de existência da *casa*. Se as atividades do *roçado* geram produtos, as atividades da casa se ligam às condições de seu consumo, de sua *queima*". (Garcia Jr., 1983:111)

Colocada nestes termos a oposição fica como de uma aparente subordinação mulher-homem, sendo o homem considerado o chefe da família, o **responsável** pelo roçado, pela sua produção, pelo **trabalho** e pela orientação do mesmo, pelo destino das mercadorias; enquanto a mulher permanece "**responsável**" pela casa, pela esfera do consumo. E como nestes casos o **trabalho** sob responsabilidade do homem é que mantém a família (direta ou indiretamente, como veremos adiante), mesmo as atividades realizadas individualmente por mulheres e filhos em roçados próprios ("roçadinhos" - Herédia, 1979, Garcia Jr., 1983) terminam não sendo consideradas **trabalho**, uma vez que não servem à subsistência (são destinados para gastos individuais), nem à família como um todo. Nesse contexto, o homem determina quem faz o que e o tempo dedicado a cada atividade na propriedade, por ser ele o **responsável** pela "produção", pela atividade geradora da subsistência familiar. Especificando melhor, para Garcia Jr.,

"a unidade familiar tem seu momento constitutivo no casamento, o qual deve corresponder ao estabelecimento de uma *casa* e de um *roçado*. (...) Ao homem cabe o *trabalho* no *roçado*, a decisão do que produzir, quando e como fazê-lo, assim como o destino do produto. Pode levar os produtos diretamente do *roçado* para *casa*, ou pode vendê-los e, com o dinheiro obtido, comprar produtos necessários ao consumo familiar. As responsabilidades do homem delimitam-se em prover a *casa*. A partir de então, a administração do uso destes bens é feita pela mulher. Embora não se trate de mera disposição dos bens, pois as tarefas que a mulher pratica exigem esforço físico, não é socialmente considerado que isso seja *trabalho*. Sobretudo as tarefas ligadas ao preparo de alimentos, na cozinha, não são consideradas *trabalho*. Assim, as atividades desenvolvidas no *roçado*, ou ligadas diretamente a ele, são consideradas *trabalho*, e as atividades

na *casa*, ligadas à *queima do roçado*, não são consideradas *trabalho*. No *roçado* o homem é quem decide tudo, é quem se encarrega do esforço nas tarefas básicas e é o responsável pelo provisãoamento da *casa*. Na *casa* é a mulher quem decide a disposição dos bens e quem reproduz as condições sociais de consumo. Portanto é o homem quem normalmente *trabalha*, embora a mulher possa, na medida em que *ajuda* o homem no *roçado, trabalhar*". (Garcia Jr., 1983, p.112-113)

Sendo assim, observamos nestes estudos que o mundo masculino (a esfera do público, do **trabalho**, do *roçado*, da produção e sua comercialização) opõe-se ao mundo feminino, à esfera do privado, do **não trabalho**, da casa e seus arredores (terreiro), do consumo. Mesmo havendo "**serviços e responsabilidades exclusivamente femininos**", até mesmo no *roçado* (semear e colher, por exemplo), estes raramente aparecem como **trabalho**. Por ser o homem o responsável pela esfera do **trabalho**, o que a mulher realiza nela é considerado **ajuda** ao marido, ao pai, isto é, "**trabalho leve**"¹²⁸. E na esfera da casa e seus arredores, as atribuições domésticas, o trato com animais, horta, pomar, tarefas executadas pelas mulheres da casa, sem a **ajuda** dos homens, são consideradas **serviços, ajuda**, e não **trabalho**. Como diz Herédia:

"(...) as atividades da *casa*, por estarem ligadas ao consumo, não são consideradas como *trabalho* e correspondem à esfera de domínio feminino. O campo de ação da mulher é a *casa* e, por consequência, considera-se que esta *não trabalha*. Sem dúvida, muitas vezes, como pudemos observar, as mulheres desenvolvem tarefas no *roçado*; além do mais, dentro das atividades próprias ao *roçado*, a sementeira é uma atividade considerada feminina e é exclusivamente realizada por mulheres. Além disso, cabe a elas outro tipo de tarefas, como por exemplo, as limpezas periódicas que os cultivos requerem depois de serem plantados, embora homens e crianças também participem desta atividade". (Herédia, 1979, p.80)

Saindo da Zona da Mata Pernambucana, mas tomando a discussão acima como referência para se pensar nas categorias **trabalho** e **ajuda**, observamos, no cotidiano de nossa pesquisa, que

¹²⁸ A divisão dos tipos de trabalho em leve e pesado é recorrente entre o campesinato brasileiro em geral, bem como o é o fato de se associar trabalho leve com mulheres, e trabalho pesado com homens. Sobre "trabalho leve" ver Paulilo, 1986: "O trabalho leve é definido em função de quem o faz, de tal modo que as mulheres (...) não fazem tais e quais trabalhos porque são leves mas, ao contrário estes trabalhos são considerados leves por poderem ser feitos por elas" (Paulilo, 1986, p.135). Os 'serviços' incluídos nesta categoria variam conforme o local: o que é considerado trabalho leve (feminino) em uma região, pode ser considerado trabalho pesado (masculino) em outra; mas esta classificação refere-se sempre ao trabalho extra-casa, à esfera da produção.

todas as mulheres casadas e várias filhas solteiras em idade produtiva e às vezes já na infância¹²⁹ são incorporadas à unidade produtiva do grupo doméstico, **participando ativamente das atividades de produção do sítio, trabalhando** (e não somente **ajudando**), com os homens¹³⁰.

Parece-nos que se torna cada vez mais difícil a sobrevivência da família apenas com o que é considerado **trabalho** masculino nas propriedades, a ponto de este **trabalho** terminar tendo de ser reorganizado para sobreviverem, sem perder o caráter familiar. Ou seja, além da diversificação de funções e atividades, é necessário lançar mão de rearranjos para manter o trabalho da família na propriedade como fundamental na formação da renda familiar.

Isto implica na participação **efetiva** das mulheres no **trabalho**, seja no cotidiano do sítio, seja de outra forma, ultrapassando as esferas do doméstico e da **ajuda**. Sendo assim (apesar dos espaços, **trabalhos**, responsabilidades e afazeres mais masculinos ou femininos), homens e mulheres estão sempre se relacionando, se revezando, alternando poderes para tornar viável a vida no sítio. Encontramos hoje, nesta área de campesinato tradicional, mulheres (mesmo as mais jovens) que **trabalham** no sítio desempenhando as atividades com os homens, discutindo e dividindo com eles o **trabalho na propriedade** em todas as etapas do processo produtivo, inclusive o momento de tornar públicas as decisões, o que até bem pouco tempo era feito exclusivamente pelos homens.

Entre os nossos sitiantes, o **trabalho** é um elemento fundamental para a manutenção da família no sítio. Para eles, no sítio, quem não **trabalha** muito não tem nada, não consegue se manter ali com autonomia, com a liberdade de ser sitiante. O **trabalho** pode ser somente no sítio, incluindo atividades diversificadas, ou não. Isso vai ficando claro conforme as pessoas contam

¹²⁹ Afinal, não podemos nos esquecer que, entre os sitiantes, a transmissão de conhecimentos se dá pela inserção dos filhos como, a partir de uma certa idade, no processo produtivo da propriedade, seja ajudando no trabalho da casa, seja nas plantações e trato dos animais.

¹³⁰ É importante retomar o texto de Mauro Almeida pois o mesmo afirma que, apesar de a mulher na propriedade trabalhar tanto ou mais que os homens, inclusive nas atividades agrícolas, o fato de seu trabalho ser considerado ajuda é uma maneira de resolver no plano do modelo cognitivo as contradições postas por uma maior cooperação entre homens e mulheres, com estas últimas participando ativamente também do roçado, espaço naturalizado como masculino.

como vivem, quem (dos membros da família) faz e decide o que e sobre o que na propriedade ou fora dela, como conseguem manter e se manter no sítio¹³¹.

Os ciclos...

É importante dizer que as atividades do sítio têm rotina e tempo diferentes dos da cidade. Poderíamos classificar estas atividades em ciclos, indo desde os ciclos de um dia, uma semana, um mês, até o ciclo anual e ainda o ciclo da vida, conforme colocado por Brandão (1999).

Os ciclos de um dia significam o trabalho realizado no período que vai do nascer ao pôr-do-sol, incluídas as atividades cotidianas do sítio. Do ponto de vista da mulher pode incluir cuidar da casa, da roupa da família, dos alimentos; preparar o café, o almoço e "a janta"; cuidar dos filhos menores; alimentar os bichos do terreiro, algumas vezes cuidar das vacas e ordenhá-las; **ajudar** o marido na roça ou em alguma atividade necessária; desenvolver suas próprias atividades. Do ponto de vista do homem pode incluir tirar o leite pela manhã; roçar determinada área de pasto e lavoura; arar a terra; plantar; colher; armazenar; vender os produtos, etc. Do ponto de vista dos filhos em idade escolar significa ir para a escola no bairro até a 4ª série, ou ir para a escola na cidade a partir da 5ª série; ajudar os pais nos outros períodos, o que para as meninas pode significar **ajudar** na casa e no terreiro e para os meninos **ajudar** na lavoura, **ajudar** com as vacas (apartando e tirando leite), **ajudar** também no terreiro e na casa, se necessário.

No ciclo de uma semana mede-se o resultado do **trabalho** cotidiano em determinada atividade, para definir o que será priorizado na semana seguinte. Em uma semana, as mulheres, que fazem pamonha, doces, queijos e/ou costuram, conseguem ver materializado o **trabalho** realizado ao longo dos dias, quando vendem, geralmente uma vez na semana, o produto de seu trabalho. No final de cada semana, principalmente aos domingos, as famílias se encontram nas missas ou missões, nas festas do bairro, ou visitam-se mutuamente.

O **trabalho** dos sítios têm ritmo bastante diferente. Ali, "não é permitido" parar de trabalhar nem aos sábados e domingos, embora o ritmo diminua consideravelmente nesses dias,

¹³¹ Aqui, não mais seguiremos os caminhos dos bairros. Os depoimentos contextualizarão algumas famílias, conforme necessário, para que possamos compreender a importância do trabalho para elas, bem como as configurações que esse traz para esta realidade.

principalmente aos domingos, dia de missa (ou missão) para alguns, futebol para outros, e visitas para todos. Apesar de o **trabalho** na roça diminuir no sábado e praticamente parar no domingo, acorda-se muito cedo para tirar o leite da manhã, pois o mesmo precisa ser entregue ao caminhão leiteiro ou ser transformado antes que estrague. Para quem tira o leite duas vezes por dia, o ritmo se mantém, como acompanhamos na casa de Neusa e Luís em um domingo quando, após um farto almoço familiar e um pouco de conversa, partiu-se para a ordenha das vacas. Ou mesmo quando observamos o caso de Lucinéia e Aílton, que concentram no sábado uma das atividades mais trabalhosas de seu sítio: é nesse dia que **todos** da casa acordam mais cedo para fazer as pamonhas, sendo depois levadas para a cidade, para serem vendidas.

No final de um mês de trabalho (ciclo de um mês) tem-se o resultado do leite tirado neste período e o ganho de alguns proventos regulares, como aposentadorias e salários.

O ciclo anual é igual ao ciclo do ano agrícola (diferente do calendário numérico), onde é medido o resultado da produção agropecuária de cada ano, conforme o que se plante e quando e quanto se colha (Brandão, 1999; Herédia, 1979; Garcia Jr., 1983). Uma boa safra de milho ou feijão pode (ou podia, até pouco tempo atrás) garantir a prosperidade da família no ano seguinte, a possibilidade de outras boas safras, o investimento na propriedade (ou fora dela). Segundo José, a renda do sítio é anual: *"no mês não conta, no orçamento do mês. A renda do sítio é anual. O mensal (para ele) é o leite, a casa (alugada na cidade) e o trabalho da Penha"*, ou seja, têm mais peso as atividades extra-sítio.

A cada ano vive-se as estações: o tempo da chuva e do calor, o tempo da seca e do frio, as geadas, o tempo de plantar, o tempo de colher.

Anualmente também há a comemoração das datas religiosas: Natal, Semana Santa; ou lúdico-religiosas: as festas dos Santos padroeiros. A mais importante, de São João, dá-se em 24 de junho, havendo também as dos Santos padroeiros das capelas de cada bairro rural (a padroeira dos Pretos de baixo é Nossa Senhora Aparecida). A cada ano também se vai a Aparecida do Norte, geralmente em outubro, em romarias, pedir as bênçãos de Nossa Senhora Aparecida. Muitas vezes esse acaba se tornando o passeio anual e também a viagem mais freqüente (por vezes a única realizada para lazer) que muitos sítiantes realizam.

O ciclo de uma vida pode incluir a passagem de gerações, a transmissão da propriedade, a vida de uma família: o casamento, o nascimento dos filhos, os anos de estudo, o início da vida profissional, o namoro, o casamento, o estabelecimento de uma nova família, o nascimento dos netos. De acordo com Brandão,

"os anos de uma vida, mais curta nos 'bichos', um pouco mais alongada nas 'gentes', de todos, o tempo mais dramaticamente biográfico, o demarcador de uma existência pessoal ('a minha vida') e o importante período de existência cultural de uma geração de pessoas; os muitos e poucos anos de trajetória de uma família: sua formação, o crescimento e casamento dos filhos, a velhice e a morte dos 'velhos', a repartição dos bens e dos sentidos... Uma outra mesma história que se irá repetir adiante". (Brandão, 1999, p.89)

Os produtos...

Os principais produtos cultivados na região, entre estes agricultores, como pudemos observar, "desde sempre", são milho e feijão (embora este último venha sendo reduzido, bem como a quantidade do outro que era destinada à venda) e também o eucalipto. Mais recentemente, em menor escala, observamos a produção de sementes em estufas através de plantio integrado com uma grande empresa (Agroflora). As propriedades que "estão com estufas" deixaram de produzir o leite, ainda tradicional fonte de renda da maior parte dos agricultores.

O milho serve para alimentar os animais do pasto e do terreiro, para ser transformado em farinha ou fubá, para a confecção de pamonhas e bolos a serem consumidos e/ou vendidos, para o consumo direto pela família e, se necessário, para a venda *in natura*, o que cada vez mais raramente vem acontecendo, devido os baixos preços alcançados no mercado. Para eles, o esforço despendido no milho só vale para que este seja utilizado "para o gasto". Para vender, seria necessário plantar mais, o que tomaria mais tempo dos membros da família ou mais dias de trabalhadores diaristas, que podem ser melhor aplicados em outros produtos mais rentáveis, como a produção de leite, que, embora também tenha suas dificuldades, proporciona "ganho" maior para os agricultores.

Conforme nos colocam Garcia Jr. e Herédia, o milho, e o feijão (atividades masculinas), têm a propriedade de serem produtos que, quando colhidos, tanto podem ser autoconsumidos

como vendidos, proporcionando com essa venda o consumo de outros produtos necessários à subsistência da família. Essa "alternatividade", segundo esses autores, é o que faz desses produtos os principais cultivos do roçado dos agricultores camponeses. O milho e o feijão, não alcançando preços para venda, podem ser estocados e utilizados no decorrer do tempo pela família para sua manutenção e de seus animais (no caso do milho). Ainda segundo esses autores, com as lavouras plantadas exclusivamente para venda, como era o caso do algodão no nordeste quando lá pesquisaram ou como poderia ser o caso da batata (atividade masculina) na região de Joanópolis (embora não seja o caso, pois são poucos os que se aventuram nesse produto), corre-se um risco grande de se perder muito, caso não se encontre um bom preço na hora de vender, como vem ocorrendo com o leite nesta região.

No entanto, aqui, essa pode não ser a única razão pela qual os agricultores "preferem" não plantar produtos como batatas que, por sua vez, podem ser "altamente nocivos" à fertilidade da terra. Como nos ensina Brandão, existe entre esses agricultores um "afeto da terra", uma ética que não permite destruir aquela que garante a subsistência da família através das gerações, onde se materializa o esforço cotidiano dos agricultores, através de um **trabalho** penoso e gratificante. Para eles, o verdadeiro sentido do **trabalho** ali se concretiza, ano após ano, no **trabalho** de transformação da terra nua em roçado, do roçado em colheita, em alimento, para si e para os outros. Assim, também as plantações de eucalipto (atividade masculina) ocupam cada vez mais espaços, mas não todos aqueles reservados aos cultivos de alimentos, que *in natura* ou transformados, servirão ao sustento de famílias. Cultivo recente e que dispensa pouco **trabalho** no decorrer dos anos, o eucalipto se apresenta como importante fonte de recursos para os sítiantes, que vêm na venda deste produto alternativa para aumentar seus ganhos a partir do sítio e do **trabalho** com o mesmo. Como a produção na região é razoavelmente grande, durante o ano encontramos caminhões carregados de toras andando pelas estradas de terra. Os sítiantes cortam o eucalipto e o transportam até o ponto na estrada de terra mais próxima ao sítio, onde os caminhões passam para comprar as toras já prontas para serem vendidas.

Além dos grãos e do eucalipto, o leite (atividade familiar, onde homens, mulheres e filhos trabalham sós ou juntos) é bastante produzido na região, em detrimento do gado de corte, bem

mais difícil de ser encontrado¹³². Quase todo o leite é entregue, através do caminhão leiteiro, aos dois laticínios ou à cooperativa local. No entanto, e cada vez mais ultimamente, os agricultores estão transformando esse leite em queijo e doces (atividade feminina), o que lhes propicia um aumento de valor no produto, que vendido *in natura* alcança preços baixíssimos. Algumas famílias ainda entregam o leite *in natura*, enquanto outras entregam parte e processam o restante, e temos outras ainda que deixaram de entregar, utilizando todo o leite para produção de queijos, por exemplo.

Os pequenos animais (atividade feminina), como galinhas (e seus ovos) e porcos, criados nos "terreiros" que circundam as casas nos sítios, também cumprem em certa medida o papel da alternatividade. Em muitas casas, eles são criados somente para consumo, mas aparecendo alguém interessado, a venda pode ser feita. Outras já criam um número maior de pequenos animais, para que os mesmos possam ser consumidos e vendidos, bem como seus subprodutos, como os ovos das galinhas, por exemplo.

As mais recentes inovações nos sítios, ainda pouco presentes, ficam por conta dos cultivos para produção de sementes (atividade masculina, que exige preparo técnico), em estufas ou não, sempre em parceria com a empresa Agroflora. No entanto, como o eucalipto, esses cultivos não ocupam os espaços destinados à produção de alimentos como o milho e o feijão. A área necessária para esses cultivos intensivos é pequena, porém, segundo contam, a atividade exige bastante dedicação.

Há algumas peculiaridades, ou naturalizações, no **trabalho** destes agricultores. Para eles, quando alguém diz que planta milho, e que este é "para o gasto", está implícito o que isso significa, ou seja, que é para o trato dos animais, ou para fazer pamonha. Quando alguém diz que cria gado, de corte ou somente vacas leiteiras, está subentendido que esse alguém planta cana e capim napier para o trato dos animais. Quando falam do terreiro, está implícito que, além de ser o espaço que circunda a casa, onde ficam soltos os pequenos animais, é também o espaço onde se planta a horta, que faz divisa com o pomar, onde se lava e põe a roupa para secar, onde ficam os depósitos de materiais, a tulha, o chiqueiro, o galinheiro.

¹³² Apesar de algumas famílias possuírem gado destinado ao abate o número desse é, em geral, menor do que o de vacas. Algumas famílias destinam ao abate em geral bezerros que crescem em seus pastos, mas não compram gado para engordar e vender. No entanto, entre nossos "sitiantes" encontramos um "grande" produtor, cujos negócios, dentre outros, giram em torno da venda de bois, em geral para açougues, raramente para frigoríficos.

Da mesma maneira, quando dizem (e sempre o fazem) que o marido **trabalha** na lavoura e com os animais de grande porte (bois e vacas), e a esposa **ajuda, faz o serviço** da casa (que inclui o cuidar dos filhos) e cuida dos animais de pequeno porte (galinhas e porcos), está manifesto que ninguém fica restrito somente a uma esfera de **trabalho**, mas sim transita entre os diferentes campos, se necessário, muito embora dificilmente homens "**apareçam**" publicamente (quando perguntados sobre quem trabalha no que) nos **trabalhos** domésticos, e mulheres em **trabalhos** de lavoura ou gado de corte, ou seja, relacionadas à categoria **trabalho**. Assim, em casa de quem faz pamonha (atividade considerada bastante feminina) para vender, no dia da confecção desta todos (além da esposa e filhas, também os maridos e filhos homens) acordam por volta de 4 horas da manhã (algumas vezes até antes), participando desde o descascar e processar do milho (colhido no dia anterior) até o cozimento da pamonha. Mesmo que ninguém diga quem são os que participam, sabe-se quem acorda para **trabalhar** na pamonha¹³³. O mesmo vale para os maridos que participam das atividades de cuidado da casa, em número cada vez mais crescente. Do mesmo modo, na colheita do feijão, as mulheres **ajudam** a baldear e carregar, fazem o **trabalho** de bater o feijão, muito embora elas não apareçam como fazendo parte de nada que se refira à lavoura (Herédia, 1979; Garcia Jr, 1983)¹³⁴. Como diz Herédia,

"considera-se assim que a mulher não *trabalha*, e este princípio é mantido mesmo quando ela, em certas ocasiões, realiza tarefas no *roçado*. As tarefas que pertencem ao *roçado*, quando efetuadas por elementos femininos, perdem o caráter de *trabalho*. É exatamente por essa razão que, ao se descrever o *trabalho* no *roçado*, a mulher nunca é incluída" (Herédia, 1979, pp.80-81).

¹³³ Quando a atividade de fazer pamonhas tinha um significado mais lúdico e ritual, nas tradicionais "pamonhadas", envolvendo parentes e/ou vizinhos em uma atividade de um dia em que se colhia o milho, descascava, ralava, fazia a pamonha, cozinhava, e comia ainda ali, essa era uma atividade bastante feminina, em que os homens participavam apenas na colheita, e depois comiam a pamonha pronta, enquanto todas as mulheres presentes participavam de cada etapa. Quando esta atividade perde esse sentido lúdico/ritual, e passa a ser realizada com objetivos comerciais, para manutenção da família, os homens e filhos são incorporados ao processo como um todo, participando ativamente, para que o mesmo seja ágil o suficiente para garantir sua venda no mesmo dia. A atividade deixa de ser "coisa de mulher", embora esta detenha o controle do processo e a venda do produto, e passa a ser uma atividade da família, em que o marido, como os filhos, devem participar.

¹³⁴ Herédia e Garcia Jr. em seus trabalhos mostram que, mesmo havendo atividades realizadas exclusivamente pelas mulheres ou filhos no roçado, como são os casos da sementeira e da limpa, estas não são consideradas trabalho, e sim ajuda pois, apesar de todos trabalharem no roçado, algumas vezes em pé de igualdade, é o pai que controla esse trabalho no mesmo, e por ser este o trabalho produtivo da família, isso lhe dá autonomia e autoridade para ser o único que trabalha, enquanto os outros apenas ajudam.

Suárez chama-nos a atenção para o mesmo fato ao colocar que

"na maior parte das comunidades de produtores pensa-se que somente a realização das atividades requeridas pelos cultivos destinados ao mercado, e quando desempenhadas pelos homens jovens e adultos, exigem "trabalho". Quando mulheres e crianças desempenham estas mesmas atividades, entende-se que "ajudam", e quando realizam outras atividades (como o transporte de água e o cuidado dos animais) a eles atribuídas, considera-se que, simplesmente, nem ajudam nem trabalham. Essa curiosa percepção de que mulheres não trabalham encontra fundamento em crenças populares a respeito do trabalho, mas também tem a ver com a própria teoria econômica. A teoria econômica ensina que as atividades de produção de bens e as atividades de reprodução da vida devem ser diferenciadas e que trabalho é somente a atividade cujo produto é destinado ao mercado. As atividades de reprodução, bem como outras atividades realizadas para dar apoio à produção de bens para o mercado são, desse modo, excluídas da categoria trabalho". (Suárez, 2000, p.10)

Mesmo havendo tarefas exclusivamente femininas na colheita do feijão, ou masculinas na confecção da pamonha, no terreiro ou na casa, o/a **responsável** pela atividade é que define como, quando e onde ela deve ser feita, além do que será considerado **trabalho**, e o que será considerado **ajuda**. É certo que as atividades destinadas a produzir para o mercado geralmente são consideradas **trabalho**, conforme colocado acima por Suárez, enquanto outras atividades (tão trabalhosas quanto, e normalmente realizadas por mulheres), não. Isso coloca, sim, em muitos casos, a mulher rural numa posição subordinada, dando ao homem o status de provedor e produtor da família, enquanto a mulher "**apenas**" dá o suporte para que isso aconteça, realizando muitas atividades nas roças, no leite, além de todas atividades da casa e do terreiro. No entanto, dependendo do contexto, da família e suas atividades produtivas, a tradicional relação **trabalho/ajuda** (onde somente o homem pode encarnar a categoria **trabalho**, por ser ele o responsável por essas atividades produtivas e geradoras de renda da propriedade e da família, e por ser o que aparece no espaço público como responsável pela manutenção da família e da propriedade, enquanto a mulher e os filhos **ajudam** ou fazem serviços), passa a valer também para as **atividades femininas geradoras de renda** que compõem o orçamento familiar. Estas atividades trazem a mulher para o espaço público, como co-responsáveis pela manutenção da família e da propriedade, como veremos posteriormente, ao mesmo tempo em que coloca aos homens algumas atividades tradicionalmente femininas, como o cuidar da casa, com tudo o que isso envolve, uma vez que as mulheres ocupam parte do tempo com outras atividades

consideradas, também por eles, essenciais, ou seja, as atividades de produção orientadas para o mercado.

Sistematizando um pouco do que foi dito acima, apresentamos a seguir um quadro, com as famílias aparecendo na mesma ordem que no capítulo anterior, para que sejam mais facilmente localizáveis caso seja necessário buscar informações já descritas sobre as mesmas. Neste quadro, retomando os dados colocados no primeiro capítulo e acrescentando alguns outros, apresentamos quem faz o que em cada atividade dos sítios. Em primeiro lugar aparecem os produtos cultivados por família; em segundo, as atividades domésticas; em terceiro, os outros produtos, ou o que estamos chamando de produtos transformados e atividades extra-sítio, que podem ser realizadas, em geral por mulheres, nos sítios mesmos (como geralmente o são), ou não (o que raramente acontece, aqui só encontrando um caso de uma sitiante professora). Por último, colocamos quem realiza as vendas, de que produtos dos sítios e como é formada a renda familiar, o que nos permite apreender quais, dentre esses produtos, são destinados à venda ou ao autocosumo (mais conhecido como "para o gasto"). A importância de diferenciar os produtos na formação da renda reside no fato de que, a partir do momento em que as atividades femininas (atividades realizadas sob responsabilidade da mulher, mãe) passam a influenciar consideravelmente (se não passarem a ser essenciais) na formação dessa renda familiar, a condição social da mulher dentro da família, e mesmo na sociedade, é alterada.

QUADRO I - ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE PRODUÇÃO: QUEM FAZ O QUE?

FAMILIAS	PRODUTOS DO SÍTIO		ATIVIDADES DA CASA E TERREIRO		PRODUTOS TRANSFORMADOS E OUTRAS ATIVIDADES		VENDA	FORMAÇÃO DA RENDA
	PRODUTO	QUEM FAZ	ATIVIDADE	QUEM FAZ	PRODUTO	QUEM FAZ		
1- Sebastião Silveira e Maria Aparecida	Estufas para produção de sementes	Marido, filho, filha mais velha e genro	Trabalho doméstico	Esposa e filha mais nova	Contabilidade interna	Esposa e filha mais nova*	Marido vende o gado e a produção das estufas, a esposa dá o apoio interno para as estufas	Estufas, gado e uvas (só sítio)
	Milho, feijão, cana e napier, e uvas	Marido, filho e genro, filha mais velha ajuda	Terreiro-galinha e porco	Esposa e filha mais nova				
	Gado de corte (leite só para consumo)	Marido, filho e genro						
2- Otávio do Alambique e Jami	Estufas para produção de sementes	Marido, filho, esposa ajuda	Trabalho doméstico	Esposa, marido e filho ajudam			Marido e filho	Estufas e eucalipto (só sítio)
	Eucalipto	Marido e filho	Terreiro-galinha	Esposa				
	Leite só para consumo	Filho						
3- Seu Ico e Maria Antônia	Milho, feijão, cana e napier, e tomate	Marido, os três filhos homens e a filha casada	Trabalho doméstico	Esposa, filhos ajudam quando precisa			Marido e três filhos homens	Milho, feijão, tomate, estufas, gado de corte e leite <i>in natura</i> (só sítio)
	Estufas para produção de sementes- meia	Marido e três filhos homens	Terreiro-galinha, angola, peru, porco	Esposa				
	Gado de corte e leite	Marido e os três filhos homens						

* A filha mais nova está fazendo curso de computação, e pretendem comprar um computador para que ela organize e faça toda a contabilidade

	PRODUTO	QUEM FAZ	ATIVIDADE	QUEM FAZ	PRODUTO	QUEM FAZ	PRODUTO	QUEM FAZ	Milho, batata e leite <i>in natura</i> (só sítio)
4- Olga e Jair	Milho, cana e napier e batata	Marido, irmãos ajudam	Trabalho doméstico	Esposa e filha mais velha				Marido	
	Leite	Marido e esposa	Terreiro-galinha e porco	Esposa e filha mais velha, marido ajuda					
5- Seu Dutra e dona Tina	Milho, cana e napier	Marido e os três filhos casados que moram na propriedade **	Trabalho doméstico	Esposa	Queijo	Esposa, algumas vezes com a ajuda da nora		Marido vende o eucalipto, esposa vende os queijos, ovos, frangos e porcos	Eucalipto, queijo, ovos, frangos e porcos (sítio e queijo)
	Eucalipto	Marido e os três filhos casados que moram na propriedade	Terreiro-galinha e porco	Esposa e marido					
	Leite	Marido, esposa e filho mais novo							
6- Marinho e Regina	Milho, cana e napier	Marido, e filho ajuda	Trabalho doméstico	Esposa e filha	Queijo	Esposa		Marido vende o leite, ambos vendem o queijo e a criação. A costura, quando aparece, é "negócio" da esposa	Leite, queijo, criação, eucalipto e costura - cuja renda é só para ela (sítio, queijo e costura)
	Eucalipto	Marido	Terreiro-galinha e porco	Esposa	Costura	Esposa			
	Leite	Marido, e filho ajuda							

** Como seu Dutra já tem uma idade avançada, todos os filhos, embora casados, ajudam o pai. No entanto, o filho mais novo é o que divide praticamente tudo com o pai pois, como já dissemos, foi o escolhido para cuidar dos pais.

	PRODUTO	QUEM FAZ	ATIVIDADE	QUEM FAZ	PRODUTO	QUEM FAZ
	Eucalipto	Marido, e os dois filhos ajudam	Terreiro-galinha e porco	Seu Antônio (pai de José)		
	Gado de corte e leite	Marido, e os dois filhos ajudam				
8- Lucinéia e Ailton	Milho, cana e napier	Marido, com ajuda do filho	Trabalho doméstico	Esposa, com ajuda da filha	Pamonha e bolo de milho	Esposa, com ajuda de todos da casa
	Leite	Marido, com ajuda do filho	Terreiro-galinha e porco	Esposa, com ajuda dos filhos	Costura	Esposa
9- João e Maria Lúcia	Milho e feijão, cana e napier	Marido, com os dois filhos mais velhos, e ajuda do mais novo - esposa ajuda a baldear e descarregar na colheita do feijão	Trabalho doméstico	Esposa	Pamonha	Esposa, com ajuda de todos, até mesmo do filho casado (menos da nora)
	Leite	Marido e os dois filhos mais velhos, com ajuda da esposa e filho mais novo	Terreiro-galinha e porco	Esposa, com ajuda dos três filhos, especialmente do mais novo		
						Marido vende o leite. Esposa, marido e filho vendem a pamonha e o bolo de milho. Esposa trata da costura e vende alguns frangos
						Leite, feijão, pamonha, frangos e ovos (sítio e pamonha)
						Marido e esposa vendem a pamonha. O leite e o feijão são vendidos só pelo marido

	PRODUTO	QUEM FAZ	ATIVIDADE	QUEM FAZ	PRODUTO	QUEM FAZ	
10- Neusa e Luis	Milho, cana e napier	Marido, com ajuda do filho mais velho	Trabalho doméstico	Esposa, com ajuda de todos	Queijo	Esposa, com ajuda do marido e dos filhos mais velhos	Marido e esposa vendem tanto os queijos e doces, como o leite
	Eucalipto	Marido, com ajuda do filho mais velho	Terreiro-galinha	Filho do meio	Doces (de leite é o principal, mas fazem de frutas também)	Esposa, com ajuda do marido e dos filhos mais velhos	Doce de leite, queijo, outros doces, leite (sítio, doces e queijo)
	Leite	Marido, com ajuda dos três filhos, e eventualmente da esposa					
11- Valdir e Lucélia	Milho, cana e napier	Marido, com ajuda dos irmãos	Trabalho doméstico	Esposa			Leite e bezerros (só sítio)
	Gado de corte e leite	Marido, com ajuda da esposa	Terreiro-galinha, porco e passarinhos	Esposa			
12- Maria Bernadete e Sebastião Benedito	Milho, cana e napier	Marido, com os três filhos	Trabalho doméstico	Esposa			Estufas, eucalipto e leite (só sítio)
	Estufas para produção de sementes	Marido, com os três filhos, e ajuda eventual das esposas	Terreiro - galinha e porco	Esposa			Marido vende a produção das estufas, esposa vende o leite (no bairro mesmo), e filhos mais novos vendem o eucalipto
	Eucalipto	Marido, com os três filhos					
	Leite	Filho mais velho					

Desse quadro, podemos depreender alguns fatos. Chamamos a atenção primeiramente para os produtos plantados, e dentre esses, para os mais tradicionais, conforme descritos acima. Observamos que, apesar de praticamente todos plantarem milho (somente a família 2 não o faz), apenas 2 famílias o fazem com o propósito de venda direta (3 e 4). Todos os outros dizem plantar milho "para o gasto". No entanto, isso inclui utilizar o milho como ingrediente principal para a confecção da pamonha e do bolo vendidos por duas famílias (8 e 9), ou seja, ele termina sendo vendido, mesmo que indiretamente (processado artesanalmente).

Em relação ao feijão, encontramos quatro famílias plantando este produto (1, 3, 7 e 9), e apenas duas com o objetivo de vendê-lo (3 e 9), o que não é muito, visto que até bem pouco tempo atrás praticamente todos os sitiantes plantavam feijão, e muitos o faziam para vender grande parte da produção.

Assim, não obstante ouvirmos de João Batista que *"feijão tem que plantar para vender"*, não nos surpreende quando José nos explica porque deixou de vender feijão e milho, produtos que já lhe trouxeram tantas boas safras: *"a casa da cidade foi feita (entre 92 e 93) com dinheiro do feijão e do milho. Agora, para fazer isso tinha que plantar 100 alqueires, e nem isso ia dar"*. Ou mesmo quando Valdir, marido de Lucélia, nos diz porque parou até mesmo de plantar feijão: *"deixamos por não compensar. Gasta sessenta (reais) por quilo para produzir, gasta trator, óleo, tempo, e paga trinta (reais) no supermercado"*.

Dentre os produtos tradicionais encontramos ainda o leite. Dos produtores com que conversamos, considerando mesmo os que não estão diretamente relacionados aqui, praticamente todos produzem leite. Em alguns raros casos (aqui precisamente dois) o leite é somente para consumo próprio. Mas, em geral, o destino do leite são os laticínios ou a cooperativa do município. Conforme apontamos anteriormente, encontramos três tipos de situações entre os produtores que comercializam o leite: venda de todo o leite (famílias 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11); venda de parte do leite, com transformação de parte (famílias 6 e 10); venda somente dos produtos derivados do leite, transformados na propriedade, domesticamente (família 5).

As duas únicas famílias que não comercializam o leite são justamente as maiores e mais antigas produtoras de sementes em estufas, com contrato com a empresa Agroflore (1 e 2)¹³⁵. Apesar de recente na região, e com poucos adeptos dentre os produtores familiares que conseguem manter o sítio somente com a produção de leite e o plantio de grãos, essa parece ser uma alternativa que tende a se espalhar rapidamente pelo município. Embora durante toda nossa pesquisa nessa área tenhamos conhecido somente os produtores de semente que aparecem aqui, sabemos da existência de vários meeiros que produzem com seu Sebastião, conforme colocado no primeiro capítulo e, ainda durante a pesquisa, ouvi de muitos a idéia de que esse tipo de produção poderia garantir um bom retorno financeiro, visto que seu Sebastião vinha tendo muitos lucros com as estufas (não nos esqueçamos de seus meeiros). No entanto, também ouvimos que a idéia de ser meeiro espanta todos os produtores que tem certa autonomia sobre seu sítio e seu trabalho, restando essa alternativa aos que têm pouca terra, e não podem sobreviver somente do trabalho em seu próprio sítio. Para os produtores autônomos essa só passaria a se apresentar como alternativa, primeiro, se não estivessem mais conseguindo viabilizar a vida no sítio da maneira como vêm fazendo, com suas próprias alternativas, e, segundo, se pudessem fazer contrato direto com a empresa, sem a intermediação de seu Sebastião, o que, além de não interessar a todos (inclusive pelo que esse contrato pode significar em termos de restrições à liberdade de decidir e produzir no próprio sítio), parece bastante difícil, conforme relatos de agricultores.

II.1. O trabalho familiar no sítio.

É recorrente no campo brasileiro a classificação dos agricultores e sitiantes em *fortes* e *fracos*¹³⁶; em Joanópolis não é diferente, conforme observou Brandão (1999, p.31). Notamos que alguns sitiantes considerados *fortes* algumas vezes são tratados, ou se tratam, por fazendeiros

¹³⁵ Apesar de a família 12 ser também das maiores produtoras de sementes (embora aqui maiores não signifique grande extensão, conforme descrito no capítulo 1) e com contrato direto com a empresa, eles continuam vendendo parte do leite que produzem, porém no bairro mesmo ou para conhecidos da cidade, pois a quantidade de leite diminuiu bastante depois "das estufas".

¹³⁶ Woortmann (1990, p.19) e Garcia Jr. (1990) utilizam-se destas categorias.

(como é o caso de seu Sebastião). Enquanto os *fracos* são os que têm pouca terra e vivem precariamente da mesma (até mesmo aceitando plantar através da meação com um sitiante forte, como é o caso da produção de sementes), ou precisam trabalhar como diaristas, ou empregados, em outras propriedades¹³⁷.

Valemo-nos aqui da diferenciação entre *fortes* e *fracos* estabelecida por Garcia Jr. (1990)¹³⁸, principalmente no que se refere à "manutenção da condição camponesa" entre os agricultores por ele pesquisados para, a partir dela, pensar alguns pontos de nosso quadro, mais especificamente as estratégias adotadas pelas famílias, principalmente através das mulheres, para se manterem *no e do sítio*.

Garcia Jr. estabelece essa diferenciação entre os *agricultores* e os *agricultores* considerados *fracos* quando apresenta as combinações feitas pelos pequenos produtores do brejo e agreste da Paraíba como estratégia para sobrevivência enquanto camponeses. Para manterem a si e suas famílias durante o ano, os *agricultores* ali combinam o **trabalho** na agricultura (produção de alimentos através dos roçados de milho, feijão e mandioca), com o **negócio**¹³⁹ e a criação de animais (gado, galinhas, porcos e bodes). Já os *agricultores fracos* podem combinar um pouco de agricultura com o **negócio**, mas necessariamente entra nessa combinação também o **trabalho** chamado de alugado¹⁴⁰, sem o qual não conseguiriam manter suas famílias.

Além disso, nesse caso específico, como estratégia para conquista¹⁴¹ ou manutenção¹⁴² da condição camponesa entre esses agricultores, ou seja, para manterem a si e suas famílias como

¹³⁷ Nem sempre os sítiantes que aceitam a meação são *fracos*. Seu Ico tem uma produção razoável em seu sítio, mão-de-obra disponível (os filhos) e conseguiu se manter e prosperar somente com o trabalho ali. Certamente não poderíamos considerá-lo um sitiante *fraco*. No entanto, ele, em busca de novas alternativas, tornou-se um meeiro de seu Sebastião, colocando estufas em seu sítio. A diferença entre ele e grande parte dos meeiros de seu Sebastião é que os outros passaram a depender disso como fonte de renda, vinculando seu trabalho e permanência no sítio à produção de sementes em estufas, o que não ocorre com Seu Ico, que vê essa produção como complemento de suas atividades, uma possível alternativa para incrementar a produção no sítio (desde que consiga fazer o contrato direto, como pretendia quando lá estive).

¹³⁸ Esta diferenciação refere-se à pesquisa realizada pelo autor na região canvieira do Estado da Paraíba, que resultou no trabalho publicado sob o título *Sul: o caminho do roçado* (Garcia Jr. 1990).

¹³⁹ Que significa venda tanto de seus próprios produtos como outros nas feiras dos municípios em que moram.

¹⁴⁰ Este termo é utilizado em algumas áreas do Nordeste para designar os agricultores que trabalham constantemente para outros, em troca de salário, pois a extensão da terra de que dispõem não possibilita que os roçados (ou roças) sejam suficientes para manter a família no decorrer do ano.

¹⁴¹ Essa conquista vale para os moradores que vivem ainda nas grandes propriedades, delas dependendo não só para morar, como para viver; pois os vínculos estabelecidos com o proprietário para manter a morada, muitas vezes, determinam a sujeição do

agricultores, esse autor menciona a migração temporária para **trabalho** como assalariado nas grandes cidades¹⁴³, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, o que significa a migração temporária para o Sul. Assim, observamos que estes agricultores buscam fora da agricultura, do trabalho na terra, as possibilidades de manter sua condição de agricultor (ou de sua família). Isso vale tanto para os jovens, que pretendem acumular algum dinheiro para se estabelecer "no norte" e casar, como para os pais de família em situação de desequilíbrio, e pode se repetir no tempo, ou seja, pode-se ir ao sul e voltar algumas vezes, conforme seja necessário para se manter, como agricultores, "no norte". Conforme o autor:

"(...) o *Sul* possibilita assim duas trajetórias para a condição de *agricultor*: uma ascendente, no caso de *ex-moradores* *sujeitos* que, através de seu trabalho ou do de seus filhos, no *Sul*, conseguem comprar terra no *Norte*; outra para evitar o fracionamento do patrimônio familiar, no caso de *agricultores* já estabelecidos. *Ir para o Sul* é uma estratégia de grande destaque quando se trata de acumular recursos monetários necessários à compra e/ou construção de *casa*, *sítio* ou dinheiro para o *negócio*. Nestes casos é mesmo considerada estratégia prioritária, que na formulação verbal dos *agricultores* aparece, por vezes, como estratégia única (...)" (Garcia Jr., 1990, p.152) (grifos do autor)

Ainda segundo Garcia Jr., para os jovens que pretendem se casar e constituir uma nova unidade de produção camponesa, existem ainda como alternativas o estabelecimento de um negócio próprio (não como ajudante do pai, desde cedo), bem como os estudos, que possibilitam salário fixo como funcionário da prefeitura ou outros, que podem representar uma acumulação que garanta a conquista da condição camponesa, sem que os mesmos precisem, para isso,

morador ao proprietário, ou seja deve-se a esse último alguns dias de trabalho em seus serviços, como empregado. Vale também para os que escaparam da sujeição, conseguindo morar "na rua" da pequena cidade próxima, mas não têm terra. E vale ainda para os que, filhos de agricultores, querem se casar e reproduzir o modo de vida camponês, sem ter condições para tanto, seja pela pouca terra dos pais, seja pela falta de recursos dos mesmos.

¹⁴² Para os que estão ameaçados de perder seu patrimônio por um desequilíbrio, uma descapitalização, causada por uma safra ruim ou pelo baixo preço alcançado por seus produtos, mesmo que a safra tenha sido boa, ou pela divisão das terras entre muitos herdeiros, ou ainda por algum caso de doença grave de um dos membros da família.

¹⁴³ Segundo Garcia Jr., em geral esse trabalho é bastante precário, e a acumulação financeira que se consegue trabalhando "no sul" não é pelos altos salários pagos, muito pelo contrário, os salários são mínimos. A acumulação advém da autoexploração do próprio trabalhador, que para conseguir algum dinheiro sujeita-se a morar precariamente, e trabalhar muito. Entre os que vão trabalhar na construção civil, por exemplo, muitos moram na própria obra, onde cozinham a própria comida em fogareiros improvisados, utilizando latas como panelas.

desloquem-se para o sul. Essa condição se mantém mesmo para os filhos cujos pais conseguiram acumular algum capital, pois, em geral, esse é pouco, não daria para todos. Assim, para ele,

"mesmo a acumulação dos *agricultores* não exclui que parte de seus filhos venha a se tornar assalariado urbano no Centro-Sul (*empregado*), seja temporariamente, para se estabelecerem no *Norte*, seja definitivamente, nem mesmo que os próprios *pais de família* deixem de *ir para o Sul* a fim de reequilibrarem-se depois de situações difíceis. Além disso, o *Sul* possibilita a passagem à condição de *agricultor* de personagens sociais que de outra forma não poderiam cumprir esta trajetória: *os moradores sujeitos*. O *negócio* e o *estudo* configuram ainda outras possibilidades de acumulação e de trajetórias ascendentes, embora diferenciadas para os filhos de *agricultores*. As circunstâncias em que se dá o processo de acumulação e diferenciação dos *agricultores* ressaltam o seu caráter não-linear, e sobretudo que este processo supõe e reproduz o deslocamento de parte de seus contingentes para os *empregos no Sul* (...)." (op. cit., p.165-166) (grifos do autor)

Retomando as estratégias para a manutenção da "condição camponesa" (da terra, do trabalho e da família camponesa) entre os agricultores paraibanos, conforme descrito por Garcia Jr. (1990) e colocado acima, que incluem o recurso ao assalariamento temporário no Sul (atividade que nada tem em comum com o trabalho cotidiano na terra - a não ser pela penosidade, mas que passa a ser condição para o trabalho na mesma), observamos agora nosso quadro, procurando compreender as estratégias dos agricultores de Joanópolis para manter sua condição de sitiantes, vivendo e trabalhando no próprio sítio.

Em Joanópolis começamos a notar a presença de algumas mulheres (esposas, e não somente filhas) no **trabalho** (e não somente **ajuda**) com os produtos principais do sítio (agricultura e pecuária)¹⁴⁴. Do mesmo modo começam a despontar homens (maridos, e não somente os filhos) como colaboradores indispensáveis dos **trabalhos** considerados domésticos, que envolvem a casa e o terreiro. Como colocamos, isso sempre existiu, mas tende a ficar oculto na maioria das vezes. Com essa pequena inversão também pudemos observar que, atualmente, quando as mulheres não se referem nem à **ajuda** aos maridos em seus **trabalhos**, e vice-versa, é porque suas atribuições não lhe permitem, ou seja, ela acumula tantas atividades que realmente não lhe sobra tempo para alguma **ajuda** em outros campos, a não ser em casos de extrema

¹⁴⁴ Como colocamos, embora tenham estado sempre ali, essa presença era mascarada pela ajuda. Tradicionalmente, as mulheres apareciam publicamente como responsáveis pela ajuda, e os homens pelo trabalho.

necessidade, como observamos quando Penha, que **trabalha** como professora na cidade no período da tarde, e normalmente não participa das atividades agropecuárias da família, teve que correr para **ajudar** a colher o feijão das roças, pois, com a chuva que estava por vir, apenas os filhos e o marido não conseguiriam colher tudo em tempo.

Conforme ouvimos de alguns sitiantes, o **trabalho** no sítio "é muito", e é importante que **todos** colaborem para que a família "caminhe para frente", mantenha sua autonomia, ou seja, mantenha-se no sítio, com o **trabalho** ali, mesmo que atingir essa autonomia implique diversificar as atividades¹⁴⁵ (o que muitas vezes termina se tornando uma condição para manter a autonomia e a vida **no e do sítio**). Certa vez Lucinéia disse-nos que

"no sítio é tudo assim, quase todo mundo tem que acordar cedo para trabalhar. Não é todo mundo que trabalha bastante. Tem uns que não fazem muita coisa, não trabalham tanto. Mas também vai ver, eles não têm nada. Não passa fome porque no sítio não passa mesmo, tem a plantação, o leite, mas não tem nenhum dinheirinho para nada. Aqui, quem quer ter alguma coisinha tem que trabalhar muito".

Ela, tal qual a mãe, é uma das mulheres que mais **trabalha** no bairro dos Pretos. Atualmente, além do **serviço** tradicionalmente destinado às mulheres no sítio (cuidar da casa, dos filhos, do terreiro - galinhas, porcos, horta, etc. -, **ajudar** nas plantações e com o gado leiteiro), **trabalha** fazendo pamonhas e bolos de milho para vender na cidade e costurando também.

Em sua família, o **trabalho** é organizado da seguinte maneira: Afilton, o marido, decide mais sobre o plantio e as atividades agropecuárias, inclusive o leite, ajudado pelo filho, Marco Antônio. Ela decide sobre a casa e os **trabalhos** que a envolvem (inclusive a pamonha, que envolve a família inteira), e recebe **ajuda** do marido e dos filhos nestes **trabalhos**. O **trabalho** de Lucinéia durante a semana, além da casa e dos filhos, é mais dedicado à costura e ao sítio; no

¹⁴⁵ A diversificação que se estabelece com o exercício de atividades artesanais não agrícolas (processamento de grãos e alimentos, confecção de tecidos e roupas, chapéus e outros objetos de palha, etc.), que servem à família moradora do meio rural, ou mesmo outras, é algo característico do campesinato, conforme observado em Candido (1971), ou mesmo em Garcia Jr. (1983), que diz: "A escassez de terra com que conta a pequena produção faz com que o artesanato passe, por vezes, a ocupar um lugar fundamental na obtenção da subsistência familiar. Isto inverte o próprio lugar que ele ocupava nas atividades familiares, pois a ele eram reservados os momentos de vazio do trabalho agrícola. Não é também por acaso que é na *rua* que a preocupação com o artesanato é mais frequente do que nos *sítios*. É na *rua* que encontrar formas de obter rendas, para poder atender ao consumo familiar, se coloca de forma mais premente". (Garcia Jr., 1983, p. 79-80)

sábado, faz pamonha. Como "*a costura é mais forte de maio a janeiro*" (quando ela se ocupa muito com isso, recebendo mais ajuda do marido e dos filhos em casa), nos três meses restantes acaba fazendo pamonha duas vezes por semana. Aílton é responsável pela venda do leite, enquanto a venda dos produtos transformados é dividida entre os dois, com a ajuda do filho, que muitas vezes sai para vender sozinho enquanto os pais **trabalham** no sítio.

Novamente remetemo-nos aqui a Klaas Woortmann (1990). Segundo este autor, é trabalhando a terra que a família camponesa cria as condições de sua realização. Entre sitiantes de Sergipe por ele pesquisados, "só o ganho obtido pelo trabalho sobre a terra - a terra de trabalho - é moralmente legítimo" (1990, p.38). E em oposição a este trabalho na terra encontra-se o negócio, que "é percebido como a negação da moralidade, pois significa ganhar à custa do trabalho alheio" (1990, p.38). O negócio pode ser resumido na expressão que dá título a seu ensaio: "*com parente não se neguceia, porque no negócio sempre um sai ganhando e o outro sai perdendo*" (1990, p.38). Nesse contexto, o trabalho encarna os valores e a ética camponesa, é um esforço físico visível, tem visibilidade social, enquanto o negócio significa um ocultamento, um monopólio de informações por parte de quem vende. Desta forma, o negócio aparece então como "a negação da reciprocidade (...) e do trabalho" (1990, p.41). Assim, sob o prisma da moral camponesa, poderíamos dizer que o negócio é da ordem do lucro, significa tirar proveito, acumular, enquanto a reciprocidade equivale à solidariedade, à ética camponesa. E podemos dizer que a meio caminho entre o negócio e a reciprocidade camponesa (tomados como pólos opostos), encontramos alguns dos sitiantes (de carne, osso e sentimentos), de nossa pesquisa.

Como proposto por Brandão (1999, p.173), alguns dos sitiantes camponeses de Joanópolis, em suas ações, mais especificamente vizinhos, parentes e parceiros, misturam estes dois pólos, trazendo um pouco da reciprocidade para o negócio e um pouco do negócio para a reciprocidade. Agem dentro de um "universo da campesinidade", onde muitas vezes a ética fala mais alto. Para Brandão,

"(...) se eu pudesse acrescentar algo às observações sobre o que caracteriza este modo de ser e de viver, mais do que simplesmente uma ética de relações, eu diria que a sua característica principal está em resistir contínua e persistentemente a se dissolver em uma lógica de relacionamentos na

qual o dom se submeta ao *lucro*, a *reciprocidade* ao *negócio* e a *deferência-afeto* entre as pessoas à *manipulação comercial*. Uma estratégia realista para tornar isto possível, consiste justamente não tanto em opor códigos e condutas, mas em contaminar de um modo eticamente oportuno um pólo com os valores e preceitos do outro, de uma tal maneira que a reciprocidade seja, direta ou indiretamente, em alguma medida também produtiva (...) e os negócios, quando realizados entre parentes ou parceiros, pareçam estar sempre submetendo o lucro a um ganho social maior que ele". (Brandão, 1999, p.173)

De certo modo é assim que pensamos certas ações dos sitiantes por nós pesquisados: acima de tudo valorizam a família e o trabalho, através do qual se realizam, e mantêm a primeira no decorrer de seu tempo de existência. Embora todos saibam que, nas condições em que estão inseridos, precisam do mercado para viver e negociar seus produtos, direcionando seu trabalho para isso, podemos dizer que este mercado não está acima de tudo na vida dos sitiantes, apesar de ter um peso razoável, levando-os, inclusive, a planejar estratégias de produção. Podemos observar isso quando alguns deles condenam o modo como seu Sebastião realiza seus *negócios*: acumulando através do **trabalho** dos meeiros. Ou mesmo quando ouvimos seu Antônio (marido de Araci, irmã de José) dizer que não vende suas terras, apesar de não poder trabalhar somente com a ajuda do filho em toda sua extensão, pois tudo que tem foi construído com a ajuda das filhas (casadas e residentes em outros bairros e na cidade) e deve ser dividido com elas. Ou, ainda, quando dizem que só **trabalhando** muito (porém adotando certas estratégias, planejando e investindo de maneira correta) podem prosseguir com a vida ali.

Para se viver no e do sítio, todos sabem que o **trabalho** (além de ter que ser bem planejado, bem avaliado¹⁴⁶) é "duro", e "muito", implicando "pegar no pesado"; quem não enfrenta isso, pode perder tudo. Para os sitiantes de quem falamos aqui, somente através de muito **trabalho**, muito esforço é possível viver **no e do sítio**. Do contrário, este último não pode ser mantido, nem as famílias que nele residem.

Ainda com relação ao **trabalho** (às dificuldades do mesmo, à necessidade de trabalhar contínua e insistentemente para manter o sítio), José exemplificou-nos falando sobre a situação de uma família do bairro dos Pretos, cujo chefe chama-se Barroso (ele é antigo no bairro, filho da

¹⁴⁶ Conforme nos diz Garcia Jr. (1990), seria ingenuidade pensar que os agricultores camponeses não refletem sobre o que produzir a cada ano, e de que maneira, com base nas possibilidades de mercado, considerando os "preços de mercado". Afinal de contas, eles precisam com sua produção, manter a família, a casa, e o sítio, se possível ampliando-o.

benzedeira e parteira do local, já falecida, e é casado com a irmã da mãe de Penha), que está perdendo seus bens por não **trabalhar** o suficiente, e confiar demais nos *negócios* (ele negocia bois). Segundo José, o Barroso

"tinha bastante terra, mas teve que vender muito, pois os filhos não gostam de trabalhar duro, e ele mesmo diz que o homem tem que trabalhar com a cabeça, não no pesado. E por isso teve que vender, porque no sítio você tem que trabalhar com a cabeça, mas tem que trabalhar muito no pesado também. Barrosinho por exemplo (filho de Barroso), ele trabalha bastante, mas não é todo dia, aí não dá".

E **trabalhar**, aqui, aparece cada vez mais como a combinação do esforço físico com uma estratégia de produção. Isso fica claro quando João, marido de Maria Lúcia, cunhado de José, nos diz que:

"o meu gado aqui é bom. Porque hoje a gente tem que trabalhar com gado bom. Primeiro que o gado está valendo pouco. Se você tem um gado ruim, aí não vale nada. Então você tem que ter uma mercadoria boa, para valer alguma coisa.(...) E hoje é produzir. Hoje você tem que trabalhar e produzir. Produzir nem que venda barato, mas chega o fim do mês aparece qualquer coisa".

Muito embora nem todos concordem com isso, como veremos adiante, João ainda nos coloca algo importante em relação ao **trabalho**, retratando principalmente a situação que lhes foi imposta a partir do Plano Real que, diga-se de passagem, ajudou a agravar as dificuldades do campo, aumentando muito a situação de pobreza no meio rural brasileiro: *"hoje nós aqui temos que fazer dinheiro. Primeiro de dinheiro você ganhava dinheiro. E hoje você tem que fazer dinheiro. A pessoa tem que trabalhar, produzir, para fazer o dinheiro"*. Maria Lúcia complementa, explicando o porque de ter que **trabalhar** tanto e a preocupação crescente com o retorno financeiro: *"E aí entra um outro detalhe. Antigamente não existia esse negócio de ganância, de querer as coisas, conforto. E hoje, se não trabalhar não tem. E todo mundo quer ter"!*

Maria Lúcia, tal qual sua sobrinha Lucinéia, **trabalha** fazendo pamonhas para vender na cidade. Em sua família, João decide sobre o **trabalho** nas plantações, destinando as áreas da propriedade para as mesmas, porém com opinião e conversas com os filhos e ela, além do agrônomo¹⁴⁷. Na produção de leite todos **trabalham**, embora Maria Lúcia, que **trabalha** sozinha na casa (com alguma **ajuda** eventual de quem estiver disponível), só **ajude** quando necessário: "*porque também não tem tanto tempo disponível. Com 4 homens, e mais a pamonha agora...*". Maria Lúcia está fazendo pamonha há três anos (podemos dizer que tanto aqui, como no caso de Lucinéia, a pamonha passa a influenciar na produção de milho), que vende na cidade (João leva e ela vende a pamonha). Todos **ajudam** na confecção da pamonha (inclusive o filho casado, que não mora mais com eles, vem para ajudar), "*mas isso a gente faz de madrugada*", ou seja, antes de começar o "**trabalho**" da propriedade. Nos dias em que se faz pamonha levantam 4 horas, 4h30. Na agricultura (milho e feijão, cana e capim napier para o gado) trabalham todos os homens, inclusive o filho mais novo. Maria Lúcia **ajuda** na colheita do feijão, quando tem tempo. Mas, segundo eles, não no **trabalho mais pesado**: "*ela vai para baldear as carretas, trabalha só na carreta do trator*" (João). Como não é sempre que estão todos na casa, ou por perto, tocando o serviço deste sítio, em função de haver outra propriedade do outro lado da estrada, atualmente eles vêm se revezando para algumas atividades: "*Toda a vida nós trabalhamos tudo junto. Agora que estamos tirando muito leite, eu tenho que ficar aqui para cuidar, enquanto os filhos vão para o outro lado*", diz João.

Novamente observando o quadro, percebemos outros casos como o de Maria Lúcia e Lucinéia (esta, além da costura, faz pamonha para vender) em que as famílias vêm diversificando a produção através da transformação ou processamento artesanal de alguns dos produtos "tradicionais" do sítio¹⁴⁸. Com o milho se faz pamonha e bolo, facilmente vendidos na cidade e nos campos de futebol do próprio bairro aos domingos. Com o leite se faz queijos que, como os doces, também têm ótima aceitação na cidade de Joanópolis, ou outras. É importante dizer que esse "se faz" refere-se às mulheres (e/ou aos demais membros da família sob o comando desta) e, em muitos casos, é isso que vem viabilizando a continuidade destas famílias no sítio; pois, com o capital gerado a partir da venda desses produtos, consegue-se recursos para investir o suficiente

¹⁴⁷ Ultimamente fizeram um silo, para experiência. Alçides, o ex-agrônomo do município, ajudou (veio de Bragança Paulista para ajudar). A silagem é de capim napier.

¹⁴⁸ Os produtos tradicionais são: milho, feijão e leite, e mais recentemente o eucalipto.

para que a propriedade e a vida no sítio sejam viáveis também economicamente. O sítio aparece sempre como o local ideal para se viver, como veremos no próximo capítulo, mas, mais do que isso, para se viver ali é preciso viabilizar a existência do mesmo. Hoje, aqui neste caso, conforme observamos empiricamente, pensar essa existência passa pela **atividade produtiva das mulheres no sítio** (geralmente atividades rurais não necessariamente agrícolas) e não somente pelas atividades masculinas com as lavouras e animais.

Assim, não nos surpreende quando Lucinéia diz que "*se não fosse estas coisas (pamonha e costura) não dava. Foi a salvação da lavoura!*"

Alternativas como esta é que vêm viabilizando a vida no sítio para muitos sitiantes. A mulher toma a frente na realização de **trabalhos** que não implicam sua saída do sítio, seu distanciamento da família. Ela continua fazendo parte de seu **trabalho** do sítio, na família e mesmo no bairro, mantendo sua sociabilidade tradicional, o que é importante, e passa a dividir parte de suas atividades rotineiras (casa e cuidado da família) com o marido e os filhos, que precisam ajudar para as "novas atividades produtivas" prosperarem e o sítio continuar. Além disso, por não se deslocar para **trabalhar** em outros locais, pode manter a autonomia que caracteriza muito da vida e do **trabalho** no campo, mesmo quando a atividade é de costura, como Lucinéia e Regina (que também faz queijos): "*pelo menos no sítio você não é empregado, tem mais liberdade*" (Lucinéia).

Hoje em dia, tem-se uma idéia bastante difundida entre os sitiante que vêm conseguindo viver no e também do sítio: a de que o **trabalho** da mulher ajuda fisicamente sim, como sempre foi descrito na literatura (através da **ajuda**), mas que, principalmente, vem "**ajudando**" no incremento e na viabilidade financeira da família e da propriedade.

Compreendeu-se, na prática cotidiana, que os produtos do sítio, quando transformados, passam a valer mais. Assim, ao invés de vender o milho, que vale muito pouco financeiramente falando, vende-se a pamonha; ao invés de vender o leite, vende-se o queijo, ou o doce, e assim por diante, sempre agregando valor aos produtos *in natura*. Nesse sentido, é o **trabalho** da

mulher que muitas vezes vem viabilizando de fato a vida no sítio, pois **ela é responsável** pela transformação, é ela quem define e realiza este **trabalho**, que ajuda a família a se manter e estruturar planos futuros para sua perpetuação no sítio. Lucinéia chega ao extremo de dizer que "*mesmo que o homem trabalhe bastante, se a mulher não trabalhar não dá*". Ou seja, o **trabalho** parece deixar de ser uma categoria exclusivamente masculina neste meio rural. Para manter o sítio, o **trabalho** como categoria socialmente reconhecida tem que ser dos dois.

As atividades produtivas, que aparecem **publicamente** como proporcionando o sustento da família, que trazem recursos para a mesma e definem o que é considerado **trabalho**, têm que **vir dos dois**, pois só a roça e o leite *in natura* (considerados **trabalhos** masculinos) em geral não são suficientes. Isso significa que o **trabalho**, ou "**ajuda**" da mulher para aumentar a produtividade apenas nesses campos (roça e leite) também poderia não ser suficiente. A mulher "inaugura" então um novo campo. Se seu "**trabalho**" fosse na roça, certamente ela seria apenas coadjuvante, "**ajudaria**" o marido. O que não acontece quando é ela a **responsável** pela atividade, a "personagem principal", de um campo considerado "desde sempre" como feminino, onde se realizam as atividades que transformam em alimento para a família os produtos da lavoura, da pecuária¹⁴⁹. As atividades tradicionais do mundo rural, realizadas domesticamente (fazer pamonha, queijo, doces), passam a ser atividades de transformação dos produtos do sítio em mercadorias com maior valor agregado, que viabilizam a continuidade da família ali, mantendo sua "condição camponesa", ou condição de sitiante (nesse caso). Assim é que as famílias 5, 6, 8, 9 e 10 vêm "inovando" para se manter **no e do sítio**.

José certa vez afirmou-nos que "*hoje o povo do sítio está se virando, fazendo outras coisas para viver*", não contando somente com a produção (lavoura, leite e gado). Ele, que é casado com a única professora residente nos bairros rurais (e nascida ali), conforme colocamos, cujo salário vem ajudando consideravelmente a família a investir. Sobre o **trabalho** da mulher

¹⁴⁹ Em outras palavras, geralmente considera-se **trabalho** a atividade que gera renda para a família e só **trabalha** quem é responsável publicamente por esta atividade. Conforme nos lembrou a professora Emília Pietrafesa de Godói, no espaço privado da família as decisões podem até ser tomadas conjuntamente por homens e mulheres, podem ter a participação efetiva da mulher. Porém, o homem é que torna públicas as decisões, ele é quem aparece publicamente como o responsável pela família, ele é que **trabalha**, o que coloca a mulher na posição de **ajuda**. O mesmo vale para o **trabalho** da mulher. Como em geral o homem é responsável pela renda familiar, pelas atividades produtivas da família, a mulher aparece **ajudando-o**. No entanto, a partir do momento que as atividades das mulheres passam a ser consideradas atividades produtivas, essenciais na composição da renda familiar, a partir do momento em que ela passa a atuar publicamente como co-responsável pela geração desta renda familiar, que sua atividade torna-se indispensável para a formação desta, considera-se que ela também **trabalha**, decide e participa, e não apenas **ajuda**.

(que em sua casa é muito importante), José diz que, em alguns casos, acontece inclusive de ser "*a mulher que puxa a casa*". Para ele, que junto com seus dois filhos homens ajuda Penha a cuidar da casa, para que a mesma possa trabalhar como professora, isso só pode acontecer nos dias de hoje graças à maior autonomia que a mulher conquistou, na família e na sociedade:

"Antigamente, homem podia não ser bom de trabalho, e, como a mulher era submissa, tinha que se subordinar ao que o marido fazia ou queria. Hoje não tem mais isso, se o homem não faz, a mulher vai lá e faz, se o homem não consegue, não é bom de trabalho, não é bom para fazer as coisas, a mulher toma a frente, e aí o negócio vai".

Parece-nos que isso vem ocorrendo muito nos sítios. No caso de Lucinéia, por exemplo, dizem ser ela quem puxa o **trabalho** na família, no sítio: "*se vira vendendo as coisas, trabalha muito*". Quando casou, parece que o marido não **trabalhava** tanto quanto ela. Entretanto, logo pegou o ritmo, e passaram a **dividir** bem as atividades.

O mesmo parece ocorrer com Neusa. Segundo contam, agora está bem, em uma situação mais estável, mas porque "*ela tomou a frente nas coisas e começou a fazer os doces*". Se dependesse apenas do marido, parece que as coisas não iriam tão bem, como de fato não iam até ela começar a fazer os doces. Dizem que

"a Neusa quando casou já tinha praticamente uma fazendinha no nome dela, que era herança do pai. Mas o marido dela é ruim de trabalho, e não estavam indo bem. Estava amarrando bezerro em pedaço de pau, teve que vender um pedaço do sítio para continuar, pagar dívidas, para sobreviver. E depois que ela tomou a frente, começou a puxar o marido, tudo melhorou. Senão, não tinham chance. É ela que faz".

Segundo o casal Neusa e Luís, a situação da vida no sítio é bastante complicada. Para eles especificamente, como dissemos, "*a coisa melhorou*" depois que começaram a fazer o queijo e os doces: "*parou o jogo de mercado no sítio, não tem quem pague (os produtos). Teve época em que vendia o gado para comer. Agora não, os doces, queijos, estão mantendo*" (Luís).

Nesta família, no dia a dia da propriedade, Luís é **mais responsável** pelo sítio: agricultura, pecuária, administração. Neusa é **mais responsável** pela casa e pela transformação dos produtos (o que inclui decidir o que será feito, como, quando, e quem **trabalha** junto, ou **ajuda**). Fazem queijo quase todos os dias. Os doces são feitos de segunda a quinta-feira, e na sexta-feira saem para vender. Todos os filhos **ajudam** na propriedade. O mais velho, acompanha o pai; o do meio, cuida do terreiro e das galinhas¹⁵⁰; o mais novo participa dos **trabalhos** que são para todos: tirar o leite, fazer o queijo e os doces, cuidar da casa. Nestas atividades, apesar de um comandar (no leite Luís, no restante Neusa, que raramente ajuda Luís, por falta de tempo disponível), todos são necessários, inclusive para cuidar da casa. Segundo Neusa, *"até doce eles (os homens da casa) fazem. Dentro do ambiente da vida, todos têm que ajudar: os filhos, o pai, a mãe. Hoje, o marido é mãe também!"*. Luís e Neusa **dividem a responsabilidade** pela venda dos produtos, muito embora ela tenha "tomado a frente" nos negócios¹⁵¹.

A mãe de Neusa, dona Euzira, também faz queijos mas, diferentemente dos outros produtores, que só fazem queijo fresco, ela faz o meia cura. O queijo dela é famoso na cidade, todos valorizam e gostam muito (segundo contam, poucos acertam o ponto como ela). Ela insiste bastante no fato de que, hoje em dia, o **trabalho** da mulher é fundamental no sítio. Diz: *"o homem toca umas coisas, e a mulher tem que fazer outras também. Todo mundo faz um pouco, e meio junto, para tocar o sítio para frente"*.

Nesses casos, tanto o **trabalho** de dona Euzira como o de Neusa, das mulheres da casa, são fundamentais no orçamento doméstico: a primeira com o queijo meia cura, a segunda com os doces e o queijo fresco, terminam praticamente mantendo o sítio, pela possibilidade que abrem para a realização de investimentos com a renda desses produtos (como ocorre com Lucinéia)¹⁵².

¹⁵⁰ Eles não têm porco, uma raridade entre os habitantes das áreas rurais do município. Pararam de criar porco porque Neusa não pode mais comer a gordura, por causa do colesterol, e porque não compensa. Em outras casas algumas pessoas deixaram de comer somente comida feita na gordura de porco. Entretanto, prevalece a crença de que "comida com gordura de porco é mais forte, sustenta mais". Além disso, como dissemos, existe um significado ritual na matança do porco, bem como na distribuição da carne deste animal no dia de sua morte, que envolve parentes e vizinhos em uma relação de troca e reciprocidade, o que ajuda a manter a tradição de criar e matar porcos.

¹⁵¹ Inclusive registrando "o doce" em seu nome.

¹⁵² Não podemos nos esquecer que Neusa e Luís compraram um trator em Janeiro de 1997, o que só foi possível graças à venda dos produtos transformados (doces, queijos), que junto com o leite formam a renda da família.

O mesmo acontece nas casas de Dona Tina e Regina. A primeira, apesar da idade, faz queijos diariamente, em conjunto com uma das noras, utilizando para isso todo o leite tirado na propriedade, garantindo assim parte do sustento familiar. A segunda, além do queijo produzido com parte do leite tirado pelo marido, cuja renda contribui razoavelmente para o orçamento da família, e sua possibilidade de investimentos, também costura.

II.2. Trabalho e reconhecimento.

Notamos aqui que o **trabalho** da mulher passa a ser fundamental para a continuidade do sítio e da família no mesmo, pois, com o aumento de renda que proporciona, abre a possibilidade de realização de investimentos na propriedade. No entanto, não parece haver um sentido político nisso, nem um movimento no sentido de direcionar essa inserção produtiva das mulheres nas propriedades para alguma luta por seu reconhecimento enquanto agricultoras, trabalhadoras rurais, como ocorre em outras regiões do país através dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais. O que ocorre aqui são iniciativas isoladas que, sendo observadas em conjunto, parecem um movimento articulado, o que não é o caso, principalmente pela falta de qualquer tipo de movimento social ou político mais intenso na região¹⁵³. Contudo, não podemos negar a existência de uma pequena, porém significativa, mudança através destas iniciativas isoladas, que vêm alterando, e muito, a vida de algumas famílias de agricultores de Joanópolis. Percebemos, inclusive, que outras famílias no município começam a despertar para o mesmo tipo de mudança, principalmente os familiares mais próximos. Aliás, não nos esqueçamos que todas as famílias de mulheres que estão trabalhando com a transformação dos produtos *in natura*, ou com atividades extra-sítio, porém no sítio, são, direta ou indiretamente, ligadas por relações de parentesco e afinidade (Neusa é prima de José - marido de Penha -, de Maria Lúcia e, em 2º grau, de Lucinéia, que por sua vez é prima de Regina, e ambas são sobrinhas de dona Tina).

¹⁵³ Lembramos aqui que não há nenhum tipo de organização política ou associativa neste meio rural. Embora os sítiantes paguem anualmente a contribuição sindical obrigatória, a maioria deles não sabe nem aonde fica a sede do sindicato que lhes representa na região (localiza-se em Piracaia, município vizinho a Joanópolis), e nunca participou de nenhuma atividade cooperativa, associativa, ou sindical, nem, segundo eles, se interessou por isso. Isso vale também para as mulheres.

Podemos dizer que o **trabalho** da mulher na produção familiar, nos casos aqui descritos, representa um reconhecimento social da mesma, embora isso esteja associado à falta de reconhecimento dos sitiantes, das famílias sitiantes como sujeitos ativos, inseridos numa economia dinâmica, cidadãos do campo, merecedores de políticas públicas específicas e direcionadas¹⁵⁴. Enquanto isso, aqui, fica o reconhecimento (embora não formal, nem legal) dessas mulheres como **trabalhadoras**, como pessoas que decidem **o que, como, onde e quando fazer** determinadas atividades que são de **sua responsabilidade**, e compõem o orçamento familiar de uma maneira que atualmente sem elas não seria possível continuar a vida ali. As atividades produtivas, tradicionalmente destinadas ao homem, passam a ser também atividades de mulheres, trazendo as mesmas para o espaço público de compra e venda de produtos e mercadorias, para o espaço da tomada de decisão com relação à produção da propriedade e do **trabalho produtivo** da mesma, para a responsabilidade pela composição da renda familiar. Afinal, seu **trabalho** é essencial para a continuidade dessa agricultura familiar, para a "manutenção da condição camponesa" (ou de sitiante) desses agricultores, incluindo tanto a possibilidade de manutenção da **autonomia**, como a continuidade do trabalho na terra, uma relação peculiar de troca com o ambiente, a transmissão do conhecimento para os filhos.

Complementaridade?

Não há como negar que o cotidiano dos sitiantes de que falamos esteja impregnado de oposições no que se refere às relações entre os gêneros. Desde as crianças até os mais velhos demonstram cotidianamente essas oposições que, no entanto, não só não são sempre excludentes como (muitas vezes e cada vez mais) são complementares. Estejam na roça, em casa, no bar, na missa, na cidade, etc., os espaços e afazeres mais masculinos e mais femininos sempre aparecem para justificar algo¹⁵⁵. Brandão (1999), porém, enfatiza o sentido de complementaridade existente

¹⁵⁴ Importante ressaltar que no reconhecimento social do trabalho da mulher, bem como na maior autonomia da mesma existe também um "outro lado da moeda": o trabalho vem se intensificando, se diversificando, bem como ocupando mais membros da família também em função da pauperização crescente dos trabalhadores do campo, que terminam tendo que buscar alternativas para se manter, e à sua família, como sitiantes proprietários, diante do baixo preço de seus produtos, da especulação em torno de suas terras, do pouco valor dado a sua condição e ao seu trabalho.

¹⁵⁵ Na roça costuma-se dizer que atividades neutras (masculinas e femininas) podem ser a colheita do milho e do feijão; enquanto, atividades femininas podem ser os processos de "baldear" e bater o feijão; seriam atividades masculinas, a limpar o terreno a ser cultivado e cuidar da planta em seu processo de crescimento. Em casa, a cozinha é considerada o espaço feminino por excelência, enquanto a sala e os quartos são neutros, e a varanda espaço masculino. Entretanto, no sítio, a casa e o terreiro são espaços mais

no trabalho do sítio. Concordamos com ele quando diz que homens e mulheres, cada vez mais, realizam diferentes atividades, diferentes etapas dentro de um mesmo trabalho, ajudando-se mutuamente para atingir o que consideramos aqui um objetivo comum: a manutenção e desenvolvimento de sua atividade produtiva ali, a vida de sua família **no e do sítio**, em condições o menos precárias possíveis. Para ele,

"(...) o trabalho sobre a natureza cada vez mais separa homens e mulheres nas atividades de menor importância, como a caça (...), e a pesca, ao mesmo tempo em que os aproxima nas atividades de fato essenciais: a pecuária de gado leiteiro, o criatório de outros animais e a agricultura do grupo doméstico, seguida do beneficiamento caseiro de seus produtos destinados ao consumo familiar". (Brandão, 1999, p.42)

Para explicar essa complementaridade Brandão (1999) resgatou Philippe Descola (1983, apud Brandão, 1999), afirmando que, entre os Achuar, na caça, na pesca e na agricultura

"(...) as relações homem mulher são mais de complementaridade do que de oposição. Não há, de maneira exclusiva, locais e atividades masculinos e femininos, e o que importa considerar é como, com presenças diversas nos mesmos espaços e através de atividades desigualmente complementares, homens e mulheres realizam a sua parte de trabalho de uma mesma atividade". (Brandão, 1999, p.39)

Ainda segundo Brandão, em uma discussão sobre os espaços e atividades mais masculinos e femininos nos sítios e bairros rurais de Joanópolis, mais especificamente no Pretos de Baixo:

"Homens e mulheres estão juntos nos mesmos lugares e em tempos iguais ou diferentes, participando desigual e complementarmente do mesmo complexo de atividades que, no seu todo, realiza a vida produtiva do lugar: a agricultura de cereais e a pecuária leiteira". (Brandão, 1999, p.47-48)

femininos, enquanto o mangueiro é neutro, e as roças e pastos são espaços bastante masculinos, principalmente este último. O bar, local de encontro dos homens, diferencia-se da igreja, local de encontro das mulheres e famílias.

É importante constatar as alterações nas relações de gênero que estão em processo neste local, o que se deve à inserção das atividades realizadas pelas mulheres na formação da renda familiar e na participação sobre as decisões de aplicação dos recursos. Observamos que as mulheres passam a ter algum poder, inclusive de decisão sobre a aplicação dos recursos, quando trabalham em atividades próprias (suas), gerando parte dos recursos que viabilizam a reprodução da família no meio rural. Em alguns casos são elas, com suas atividades (descritas neste capítulo), que possibilitam a manutenção de suas famílias em condições dignas no meio rural.

Para Brumer (2000), em trabalho que discute a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul, esse tipo de situação pode não representar alteração significativa na condição da mulher no interior da família agricultora, ou mesmo na sociedade. Segundo a autora,

“mesmo que as mulheres participem juntamente com os maridos na tomada de algumas decisões, são eles que conduzem o processo decisório quando se trata de investimentos referentes à produção ou à reposição dos meios de produção necessários para a safra seguinte, sendo significativa a participação da mulher, ou eventualmente de todos os membros da família, apenas nas despesas destinadas ao consumo doméstico ou nas despesas referentes ao atendimento de necessidades individuais de consumo. (...) Como regra geral, nem as mulheres nem os jovens têm uma renda própria, a não ser que os recursos sejam obtidos pela venda de seu trabalho a terceiros (trabalho assalariado) ou pela venda direta de produtos beneficiados por eles, no estabelecimento familiar”. (Brumer, 2000, p.12)

Ainda segundo Brumer, as mulheres ocupam uma posição subordinada na esfera produtiva dos estabelecimentos agropecuários, o que pode ser observado através das seguintes dimensões:

“as tarefas executadas no âmbito da esfera produtiva (produção destinada à comercialização) só são contabilizadas como parte de um esforço coletivo, na maioria das vezes aparecendo como **ajuda**; seu trabalho na esfera produtiva permanece praticamente invisível, tendo em vista que é praticado no interior do estabelecimento, sendo os homens praticamente os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior (contato com extensionistas, bancos, sindicatos, cooperativas, firmas vendedoras de insumos e compradores); elas não detêm o conhecimento tecnológico

necessário para administrar o estabelecimento agropecuário; elas não administram os recursos originados com a venda da produção”. (Brumer, 2000, pp. 9-10)

Ora, pelo que podemos observar nesta pesquisa, nem sempre as coisas se passam absoluta e necessariamente assim. Acreditamos que os casos descritos neste capítulo dão sinais de que as relações podem ser alteradas, desde que a mulher esteja inserida como sujeito ativo no processo produtivo da propriedade, o que não necessariamente significa o trabalho agrícola desta ou tenha com este alguma relação. Nesta condição, a responsabilidade sobre as atividades domésticas, as atividades realizadas na casa e no terreiro passam a ser divididas com os maridos e filhos. Lembramos que:

- dona Aparecida, esposa de seu Sebastião, produtor de sementes, participa do trabalho de contabilidade dos negócios da família, controlando inclusive o trabalho do contador, além de estar preparando sua filha para assumir a parte administrativa dos negócios familiares.
- Penha é professora na cidade, um dos fatores mais importantes para a manutenção de sua família no sítio, bem como para a realização de investimentos que visam garantir alguma segurança financeira e alguma colocação para seus filhos.
- Neusa faz os doces e queijos que viabilizam a existência da família, sua permanência no sítio, e a realização de investimentos (a família só pôde comprar um trator com os recursos advindos das vendas dos doces e queijos). Ela contratou um financiamento bancário para registrar o doce e tentar melhorar seus negócios. Para obter esse registro, parte do dinheiro foi empregado na construção de uma cozinha específica para "lidar" com os doces e queijos, cumprindo as exigências da legislação sanitária. É ela que faz as vendas dos produtos e compras de insumos necessários, ou seja, cuida da comercialização dos produtos essenciais para a manutenção da família no e do sítio. A nota para a venda dos produtos registrados também sairia em seu nome. O marido cuida da venda do leite *in natura* e do restante da propriedade. Ela ajuda na ordenha e ele com os doces, queijos e com as atividades domésticas. Ela dirige e, muitas vezes, vai à cidade sozinha para cuidar de seus negócios.

- A mãe de Neusa, dona Euzira, não entrega mais leite, transforma todo o produto em queijo. Seu queijo é diferente da maioria dos vendidos na região, o que o faz famoso na cidade e de fácil comercialização. Essa atividade não pode ser considerada acessória e subordinada.

- Lucinéia faz pamonha e bolo de milho, além de costurar. O marido cuida do plantio e outras atividades da propriedade. Ela ajuda a colher o milho, quando necessário (geralmente, o filho dá conta disso). O marido e os filhos ajudam a fazer pamonha e cuidar da casa. Os dois fazem as vendas de pamonha e bolo na cidade, embora ela tenha a liderança nesse processo. O filho ajuda a vender nos fins-de-semana, nos campos de futebol dos bairros. Quando necessário, ela vai sozinha à cidade para vender ou comprar algo, levar ou buscar costura, pois tem carteira de motorista, e dirige o fusca da família. Foi com o dinheiro dessas vendas que conseguiram comprar algumas vacas para melhorar a propriedade: contam com esse dinheiro para realizar investimentos e, eventualmente, passear. Essa atividade não é supérflua: sem ela, a família não teria condições de se manter, minimamente, **no e do sítio**. A costura, sim, é eventual. Mas a pamonha e o bolo, não. Ela começou a fazer essa transformação artesanal de produtos com o incentivo da tia, Maria Lúcia, de quem também falamos aqui, que já vendia pamonha. Inicialmente, o processamento artesanal do milho tinha o objetivo de prover a família de algum recurso extra. Porém, isso terminou se transformando na atividade mais rentável da propriedade e, em conjunto com o leite, na principal atividade produtiva do sítio, assim como o caso de Neusa.

- Na família de Regina, como na de Neusa, só uma parte do leite é vendido. A outra parte, é transformada em queijo, que é vendido para compor o orçamento familiar.

- Dona Tina e a nora transformam todo o leite da família em queijo que, junto com outros produtos do terreiro, formam a maior parte da renda familiar. Além disso, contam com o eucalipto, que não dá para cortar todo ano.

Por isso dizemos que, de alguma maneira, a subordinação vai sendo rompida por um processo mais complementar: essas mulheres passam a ter uma atividade produtiva própria, que pode não ser a atividade principal da propriedade (embora muitas vezes seja), mas é uma

atividade essencial na composição da renda familiar. Para elas, como para suas famílias, é importantíssimo ter esse dinheiro: como já dissemos, é ele que, em muitos casos, mantém a família **no e do sítio**, abrindo a possibilidade de realização de investimentos. É também por isso que as atividades domésticas passam a ser divididas.

CAPÍTULO III. SER SITIANTE, AGRICULTOR FAMILIAR.

Nossa intenção, neste capítulo, é de construir uma análise que nos leve a refletir sobre até que ponto podemos considerar a agricultura familiar, tal como a estamos tratando aqui, o "ficar no sítio", um projeto de vida, um projeto de futuro para os sitiantes aqui estudados e, conseqüentemente, seus descendentes; ou se a mesma se apresenta justamente como a falta de um projeto dos mesmos, como uma ausência de alternativas, como uma mera tática de acomodação diante de uma expropriação inevitável.

III.1. O trabalho no sítio torna-se "mais familiar".

Quando Nice Lecocq Muller (1951) primeiro define os sitiantes de São Paulo (ver início do capítulo I), ela coloca que "sitiantes são todos pequenos produtores rurais que, responsáveis pela lavoura, trabalham diretamente e pessoalmente a terra com a ajuda de sua família e, ocasionalmente, de alguns empregados remunerados". (Muller, 1951, p.28)

Ainda hoje recorremos a essa mesma definição quando falamos dos sitiantes entrevistados em nossa pesquisa. Porém, chamou-nos a atenção, durante quase toda essa pesquisa, o modo como muitos dos sitiantes primeiro reagiam ao serem perguntados sobre o **trabalho** familiar na propriedade: reclamavam do custo de vida e diziam que pouco a pouco distanciava-se a possibilidade de contar com trabalhadores eventuais, diaristas, para ajudar no trabalho, pela alta dos preços praticados pelos mesmos, o que tornava o trabalho na propriedade cada vez mais exclusivamente familiar, ou seja, a mão-de-obra da família certamente terminaria sendo a única com a qual realmente poderiam contar, diante do contexto de pauperização e expropriação crescentes a que estão sujeitos.

Ouvimos deles muitas explicações sobre a alta do custo de vida, depois da introdução do Plano Real, e as estratégias adotadas para "driblar" a baixa dos preços de seus produtos e a alta

dos serviços e produtos industrializados consumidos por eles. Nas primeiras visitas que fizemos aos sítios, ao começar as conversas, as pessoas sempre tinham uma primeira reclamação: "a vida no sítio está muita dura, a agricultura nunca esteve pior, o real, etc.". Ouvimos muitas vezes que *"o real está bom (isso em 97) para os pobres (assalariados), que no fim do mês sabem o que vão poder comprar com o dinheiro que têm (não há mais inflação). Para o povo do sítio nunca esteve pior"* (José).

José e Aparecida (sua irmã, casada com Chico Amaro e mãe de Lucinéia) certa vez explicaram-nos a difícil situação em que se encontravam pois, apesar de precisarem recorrer a trabalhadores diaristas para ajudar nas atividades do sítio, havia o problema do preço da diária na roça, que subia sucessivamente, enquanto seus ganhos com a produção do sítio permaneciam os mesmos, ou eventualmente até diminuía. Segundo eles, a diária de um trabalhador, *"quando entrou o real era quatro, hoje (em 1997) é doze"*. Aparecida ainda falou-nos que, enquanto isso, a diária de pedreiro (ocupação identificada como atividade urbana) subiu de 10 para 30. E ao mesmo tempo, o preço dos produtos do sítio, tanto da lavoura, quanto o leite, caíram. Pagam mais por alguma diária, se precisarem, e ganham bem menos com o produto do **trabalho**. Nesse sentido, dizem (tanto José, como seu Dutra e outros) que hoje só se pode contar com os braços que se tem na família, pois se precisar pagar alguém, a situação fica difícil, pode ser que tenham até prejuízos, e por isso *"a agricultura está se tornando mais familiar do que nunca"* (José).

O mesmo nos dizem João e Maria Lúcia, ao contar da dificuldade para pagar diaristas quando necessário. Eles e seus filhos trabalham quase que exclusivamente no sítio, e "em família"¹⁵⁶. Quando podem ainda trabalham fora, fazendo "algum bico" com o trator, "quando sobra tempo", o que, segundo eles e conforme pudemos observar, é muito difícil:

"Você vê, aqui, os diaristas trabalham 3 dias por semana, e vivem um vidão. Nós não temos tempo de caçar passarinho, de pescar. (...) O pessoal reclama do sítio, mas na cidade tem que bater horário, chegou o horário tem que estar ali, nem um minuto de atraso. Aqui, não tem horário para pegar em serviço. No horário de verão, o certo seria pegar as 7h00. Não, pega as 8h00, 8h30, porque 7h00 é muito cedo. Só que 5h00 já estão tudo para o caminho, indo embora.

¹⁵⁶ Quando necessário, fazem mutirão para roçar o pasto, ou outra atividade que exija muitos braços em um esforço mais ou menos rápido e concentrado. Para o mutirão, reúnem geralmente alguns vizinhos de sítio e do bairro. Como José é vizinho de sítio, normalmente vem para o mutirão do sítio do cunhado, assim como esse, e seus filhos, vão para mutirões no sítio de José.

E a gente não reclama, tem que aceitar. Na cidade pode uma coisa dessa? Por isso que a gente tem que fazer força para trabalhar em família. É muito difícil pegar o pessoal de fora" (Maria Lúcia). "Chega cedo tem que buscar eles na casa. Deu 5h00 eles já estão prontos para ir embora" (João). "E o salário são eles que fazem. Você vê, quando entrou o plano, era 4 ou 5 dólares. Daí passou para 10, agora já tem gente querendo ganhar 15. E as nossas coisas, nada subiu! Então, tem essas dificuldades". (Maria Lúcia)

A autonomia e a liberdade que se pode ter no sítio (apesar de toda a penosidade do trabalho), conforme expresse acima por Maria Lúcia, opõem-se às regras da vida e trabalho na cidade ("*na cidade tem que bater horário*"). No entanto, essa liberdade e autonomia vêm sendo cada vez mais limitadas pelos fatores externos de um mundo globalizado, industrializado, urbano, uma política econômica e social excludente, em que não se abre espaço para, nem mesmo se considera, a possibilidade de prosperidade desses sitiantes com seu modo de vida e trabalho tradicionais. A restrição cada vez maior da possibilidade de se contratar diaristas, muitas vezes essenciais para ajudar nos períodos de pico de trabalho na propriedade, ou mesmo na ausência dos filhos por motivos de estudo, é um sinal claro da pauperização e das restrições impostas a este modo de vida e trabalho, da perda de poder (econômico) desses sitiantes.

Também na família de seu Dutra ocorre algo parecido. Tanto ele e Amauri (o filho mais novo, que divide tudo com o pai), como os outros dois filhos que moram na mesma propriedade, trabalham quase que somente em família, embora cada um por si. Um ajuda o outro quando precisam, com troca de dias. Segundo Regina, esposa de Marinho, esse último costuma trocar dias com o irmão, Luizinho, para que ambos dêem conta de suas atividades. E todos ajudam o pai nas atividades de roçar o pasto, limpar o eucalipto, nas plantações. Esforçam-se para trabalhar quase que somente em família para não precisar pagar um funcionário fixo, que "*pode trazer problemas*", e para evitar quanto puderem a contratação de diaristas, o que sai muito caro, e pode inviabilizar a produção (em função dos altos custos desta). Até mesmo os filhos do primeiro casamento, que moram no Bom Sucesso, seu Dutra ajuda (sempre que precisam) com o trator, para que não precisem pagar diária de tratorista. Segundo seu Dutra, hoje, "*se não for familiar, não dá*".

Assim, sitiantes que sempre contaram com serviços eventuais contratados para ajudar no trabalho do sítio, e agora não podem mais contar com esse tipo de trabalho, têm que reorganizar a

produção, e buscar alternativas para que a mesma não seja inviabilizada, bem como sua vida e de sua família no sítio. Desta forma é que muitas mulheres se inserem no processo produtivo da propriedade, conforme apontado no capítulo anterior.

Além dos fatores atribuídos ao custo de vida, Plano Real, etc., temos que considerar o problema do alto preço pago pelos "de fora", "chacreiros" de São Paulo que utilizam o sítio para lazer aos finais de semana, o que acaba afetando o preço a ser pago pelos "daqui". Isso vale também para a compra de novas terras. Como na região há um processo de valorização turística do espaço, os preços começam a se tornar inviáveis para os sitiantes tradicionais, cuja alternativa, também pelo baixo retorno financeiro da agricultura e pecuária, acaba sendo direcionar parte de seus investimentos para a cidade de Joanópolis, como veremos adiante.

III.2. Ser sitiante: um modo de vida rural.

Embora encontremos hoje uma diversidade de situações em que sitiantes, agricultores familiares, trabalham a terra, encontramos também uma diversidade de situações que levam os mesmos para longe dela, preferencialmente para as cidades, sedes municipais das regiões onde estão instalados.

Encontramos hoje no meio rural um fenômeno (Carneiro, 1998) que traz consigo uma inversão de valores no que diz respeito a esse meio. Ele passa a ser valorizado, principalmente por seus **frequêntadores** urbanos (ao invés de seus moradores), por suas características naturais e rústicas, pelas experiências de maior proximidade com a natureza e a rusticidade proporcionada a esses moradores das cidades que para lá se deslocam nos finais de semana e férias. Em Joanópolis, essa inversão, materializada na compra de terras dos sitiantes tradicionais para convertê-las em chácaras ou "sítios de lazer" para finais de semana, conforme colocamos no 1º capítulo, transforma as "terras de trabalho" (Garcia Jr., 1983) desses sitiantes em espaços de lazer e turismo para pessoas "de fora". Isso termina inviabilizando, na maioria das vezes, a reprodução de unidades de produção, ou até mesmo de famílias, naquele mesmo espaço, por inúmeros

fatores¹⁵⁷, dentre os quais podemos destacar a elevação do preço da mão-de-obra com que eventualmente os sitiantes precisam contar - o que se agrava pelo reduzido número de filhos para ajudar na propriedade (em função dos tamanhos menores das famílias mais jovens) - , o aumento excessivo do preço das terras para expansão das propriedades agrícolas originais (o que poderia garantir mais amplamente aos filhos a continuidade da vida ali), o aumento dos impostos. Aliado a esses fatores, não podemos nos esquecer da desvalorização financeira dos produtos oriundos da agricultura e pecuária praticadas pelos sitiantes (milho, feijão, leite), e da possibilidade de os mesmos mudarem de domicílio e profissão, seja se empregando nas "novas propriedades" como caseiros (e assim perdendo toda sua autonomia e liberdade tão valorizadas neste modo de vida), seja passando a residir e trabalhar na cidade em outras ocupações¹⁵⁸.

Paralelo a esse processo, que ocorre com mais freqüência em alguns bairros do que em outros, alguns sitiantes vendem parte de sua propriedade (ou mesmo ela toda) por altos valores, e mudam-se para a cidade para trabalhar como pedreiros, no laticínio, ou com costura, ofício possível para as mulheres. Há ainda aqueles raros casos de sitiantes que venderam tudo para abrir um comércio, que nem sempre prospera (muitas vezes não). Também os sitiantes que têm pouca terra, não conseguindo viabilizar a vida da família no sítio devido à escassez de espaço para reprodução da unidade produtiva, vêm adotando essa mesma estratégia.

Neusa e Luís, do Salto dos Pretos, contaram-nos que a maioria das pessoas que saem do sítio, vão para a cidade de Joanópolis mesmo, e algumas o fazem até mesmo por causa do estudo

¹⁵⁷ Carneiro (1998) destaca algumas localidades onde o processo de valorização turística da região foi uma boa alternativa de sobrevivência e fixação para os moradores locais. Nesses casos, com a vinda de pessoas "de fora" os agricultores tradicionais, enfraquecidos economicamente, passam a poder desenvolver atividades rentáveis (relacionadas ao turismo) na própria localidade, utilizando-se inclusive da pluriatividade, o que os desobriga da migração para as cidades em busca de um trabalho. (Carneiro, 1998)

¹⁵⁸ A pluriatividade, muitas vezes apresentada como alternativa para que os sitiantes se mantenham nos sítios, é ainda bastante difícil de ser vislumbrada aqui. Há uma escassez de indústrias na localidade, e conseguir um trabalho não agrícola quase sempre implica em uma mudança para a cidade, pois o deslocamento diário para a mesma ainda é difícil. Uma alternativa seria conseguir trabalhos aproveitando-se do turismo local. Porém, a valorização turística do local é ainda bastante incipiente, e não há políticas municipais para otimizá-la, ou mesmo organizá-la, considerando os agricultores familiares, ou sitiantes, como parte integrante do processo. Os agricultores que atualmente trabalham com isso, como dissemos, em geral são caseiros de suas ex-propriedades, o que lhes tira a autonomia. Além disso, nesse processo de valorização turística, os agricultores, com seu modo de vida e trabalho tradicionais, parecem ser vistos pelo poder público local mais como empecilhos da expansão do turismo, sinais do atraso e de tempos a serem superados, do que como atores desse processo. Parece-nos que, se grande parte dos agricultores, principalmente os mais pobres, vendesse suas terras para turistas, transformando-as em chácaras de lazer, na visão tanto do poder público local, como de uma pequena elite joanopolense, o município poderia se tornar uma localidade mais próspera, com comércio mais consolidado e desenvolvido.

das crianças. Segundo eles, "*trocou, vieram os chacreiros, foram os daqui*¹⁵⁹". Alguns ainda ficam com parte do sítio, e algumas atividades neste, mesmo tendo outro trabalho na cidade. No entanto, "*às vezes alguns viram até bóia fria*" (Luís). Ou seja, há cada vez menos espaços para os sítiantes se reproduzirem ali, afinal, a "gente de fora" que compra terras ali, quase sempre para lazer, em geral tem mais recursos e possibilidades de manter e ampliar a propriedade, de pagar por serviços.

João e Maria Lúcia (também do Salto dos Pretos) como todos estão sempre colocando as dificuldades da vida no sítio nos últimos tempos. E isso não pelo isolamento, e os transtornos dele advindos, como antigamente. Estão expondo a precariedade da vida do agricultor, que muitas vezes não consegue plantar e nem escoar seu produto a preços dignos. Em Joanópolis, município que até bem pouco tempo atrás concentrava a maior parte de sua população na área rural, o que mais se ouve dizer é que bastante gente tem ido embora do sítio, e "*em busca de trabalho, porque o sítio está muito difícil*". João explica:

"Hoje a pessoa trabalhando e vendo lucro é gostoso, você nem vê passar o dia. Agora se você estiver trabalhando, investindo, e as coisas não voltam, só está tomando prejuízo, aí desanima a pessoa. Então tem muita gente que larga do sítio, larga da terra e vai embora para a cidade por causa disso. O sítio hoje não está compensando, porque você está investindo, você investe e não aparece dinheiro depois".

Os que migram e conseguem manter a propriedade, mesmo pequena, em geral costumam passar alguns dias no sítio sempre que possível, conservando ali algumas plantações ou animais como bois, vacas, porcos e galinhas, em geral cuidados por algum vizinho ou parente. Mesmo morando na cidade, raramente essas pessoas se desligam do sítio, freqüentemente mantendo intensa vida social no bairro rural¹⁶⁰. Muitas vezes vizinhos se mudam para a cidade para

¹⁵⁹ O local em que moram é muito próximo à Cachoeira dos Pretos, o maior atrativo turístico da região: a queda de 150 metros. O bairro é bem alto, e com muitas belezas naturais.

¹⁶⁰ Este é o caso da família de Maria Isabel (prima de Penha - as mães são irmãs), do Pretos de Baixo. Seu marido (também primo de Penha - seu pai é irmão de dona Joana), e os dois irmãos mais novos do mesmo têm um pedaço de terra no bairro dos Pretos. Mas também são pedreiros, considerados "dos melhores da cidade". O pai deles já era conhecido como um bom pedreiro. Desenvolveu-se nessa profissão, embora tenha nascido e residido sempre no bairro dos Pretos, porque não tinha muitas terras. Seus filhos seguiram-no, porém desenvolvendo-se mais na cidade. Hoje são muito "bem vistos" nesta atividade, e sempre conseguem trabalho. Os dois irmãos mais velhos têm casas na cidade, residindo a maior parte do tempo lá. O marido de Maria

continuar sendo vizinhos, caso do bairro dos Pretos, em que grande parte de seus moradores que se deslocaram para a cidade comprou terrenos próximos, reproduzindo as relações do bairro rural na cidade, ou melhor, aumentado os limites do bairro, pois suas relações no mesmo continuam praticamente iguais, apesar de, oficialmente, não residirem mais ali, e sim na cidade. Isso nos leva a notar que a vida rural neste município, mais do que viver somente no e do sítio, faz parte de um modo de vida que inclui inclusive morar na cidade, exercendo outras profissões que podem significar também (embora nem sempre) um trabalho menos árduo e sofrido do que o trabalho da terra¹⁶¹. O rural ali, mais do que um espaço físico não urbano, parece ser de fato um modo de vida, uma forma de vida social em que muitos estão inseridos, e que se alastra por um território que tanto pode ser o entorno de uma cidade, como ela própria. Aliás, é importante que se diga que raramente as pessoas dali migram para outros municípios¹⁶². No município de Joanópolis, ir para a cidade, ou seja, mudar-se para a cidade, quase sempre significa instalar-se na sede municipal de Joanópolis, com todas as restrições que a mesma oferece, e não em outros grandes municípios. É bom lembrarmos, inclusive, que a cidade de Joanópolis faz parte do cotidiano dos sítiantes a ponto de considerarem-na (no sentido do interconhecimento, conforme demonstrado no capítulo 2, e da vida social no bairro) um sítio - ao contrário dos moradores dos grandes centros urbanos que vêem o rural como fuga das cidades (e até mesmo em oposição a elas), que o valorizam por ser um espaço mais rústico e natural, aqui os sítiantes enxergam seu

Isabel tem também uma casa no sítio, onde moraram por algum tempo após o casamento, até decidirem-se pela cidade. Os outros dois não são casados, por isso quando vão ao sítio ficam na casa dos pais. Os três vivem um pouco no sítio e um pouco na cidade, pois têm coisas nos dois. Têm alguns "bozinhos", e outras coisas no sítio, mas o "trabalho forte" mesmo é o de pedreiro na cidade.

¹⁶¹ Isso não significa que esse modo de vida se estenda a todos os habitantes da cidade, mas principalmente àqueles que têm uma forte ligação com o modo de vida tradicional dos bairros rurais do município.

¹⁶² Já houve tempos em que filhos de sítiantes saíram para "fazer a vida" em outras cidades vizinhas mais distantes, como Bragança Paulista ou São José dos Campos. Mas a atual corrente migratória parece concentrar seus destinos em Joanópolis mesmo. Isso pode ser devido também a atual situação de escassez geral de empregos, mesmo nas regiões que outrora foram prósperas, como os municípios acima citados. Há ainda um outro fator a "segurar" as pessoas ali: a baixa escolaridade dos que saem dos sítios, que limita suas possibilidades de trabalho, restando aos mesmo os serviços que são oferecidos no município mesmo. A baixa escolaridade dos proprietários do município pode ser observada através dos dados do LUPA. Dos 809 proprietários, 141 não têm instrução, ou têm instrução incompleta (ou seja, não frequentaram a escola formal, ou o fizeram por pouco tempo); 353 possuem apenas o primário completo (até a quarta série); 63 completaram o 1º grau (ginásio); 98 completaram o 2º grau (colegial); e 154 concluíram algum curso superior. Há que se considerar (para entender os de maior escolaridade), no entanto, que entre os proprietários existem alguns residentes na cidade, outros até mesmo fora do município. A maioria dos sítiantes tradicionais proprietários não possui escolaridade, têm escolaridade incompleta, ou apenas completou a 4ª série, pois tendo residido toda sua vida nas áreas rurais do município, só teve acesso às escolas dos bairros, que ofereciam somente os estudos do primário. Como colocamos anteriormente, para ter acesso a mais anos de estudo os sítiantes, até pouco tempo atrás, precisavam mudar-se para a cidade, pois lá havia somente escolas de primeiro e segundo graus (e a dificuldade de transporte para a mesma era grande).

espaço urbano também como rural. Como colocado anteriormente, José reforça: "*para viver aqui é melhor o sítio, apesar de que nossa cidade é um sítio, a nossa cidade é um arraiázinho*".

Seguindo as colocações de Abramovay (1999), poderíamos considerar Joanópolis uma "**cidade rural**":

"Não existe uma definição universalmente consagrada de meio rural e seria vã a tentativa de localizar a melhor entre as atualmente existentes. Mas há um traço comum nos trabalhos europeus, norte-americanos e nas tentativas mais recentes da Divisão de Desenvolvimento Rural da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/DAS, 1998) para a América Latina: **o rural não é definido por oposição, e sim na sua relação com as cidades**. Por um lado, o meio rural inclui o que no Brasil chamamos de "cidades" - em proporções que variam segundo as diferentes definições, abrindo caminho para que se enxergue a existência daquilo que, entre nós, é considerado uma contradição nos termos: **cidades rurais**". (Abramovay, 1999, p.3) (grifos do autor)

Aqui, em Joanópolis, mesmo os que residem no meio rural correm à cidade com frequência, sempre que necessário, para realizar seus negócios, fazer suas compras, ir ao médico, visitar seus parentes, freqüentar as festas, ou até mesmo para estudar, como é o caso dos jovens que para lá se deslocam todos os dias em busca da escola (Wanderley, 2000). Além disso, alguns sítiantes têm casas na cidade, utilizadas para aluguel, em parte dos casos, ou utilizada eventualmente pela própria família quando vão à festas. A importância e intensidade da relação dos sítiantes com a cidade de Joanópolis e, numa escala bem menor, com outras vizinhas - para onde se deslocam quando há necessidade de médicos mais específicos, ou compra e venda de produção, insumos, maquinário - reside no fato de estas últimas, Joanópolis principalmente, serem parte integrante do cotidiano rural destes sítiantes, na medida em que delas também dependem para viabilizar a continuidade de sua vida, e da vida de sua família no sítio¹⁶³. Conforme argumenta Brumer et alli. (1993) em relação ao meio rural brasileiro,

¹⁶³ Como dissemos, a autonomia desses sítiantes é sempre relativa, afinal, estão inseridos em uma sociedade mais ampla, com regras rígidas de mercado.

"(...) na realidade, a população dos campos não se constitui verdadeiramente em comunidade rural, no sentido antropológico do termo. Trata-se antes da associação do meio rural com o núcleo urbano que a integra. Com efeito, frequentemente, os pequenos núcleos urbanos que se multiplicam por todo o país não se distinguem tão claramente de seu meio rural. A cidade (ou "município"), sede da comunidade, preenche não somente suas funções propriamente urbanas, mas também outras funções de caráter indiscutivelmente rural. Se a cidade encarna o Estado e a grande sociedade (a sociedade como um todo), na medida em que abriga os serviços administrativos e burocráticos relativos ao exercício dos direitos e dos deveres dos cidadãos, integra também a sociedade rural, pois as atividades que se desenvolvem nela estão intimamente associadas à agricultura e à vida social da população rural. É na cidade que se encontram os "notáveis" da sociedade rural, inclusive a sede paroquial, e é em direção às cidades que a população rural ocorre quando há festas e eventos importantes. É evidente também que, em algumas circunstâncias, boa parte dos próprios agricultores e dos trabalhadores rurais mora nos centros urbanos". (In Lamarche, 1993, p.180)

Apresentamos a seguir um quadro descritivo, estabelecendo a relação que cada uma das famílias de sítiantes pesquisadas estabelece com a cidade de Joanópolis. Devemos atentar para o fato de que esta cidade faz parte do cotidiano de todos eles e, conforme dito atrás, para muitos é considerada até mesmo um sítio, ou a extensão do mesmo (ousaria dizer, o emaranhado de bairros rurais chamado Joanópolis).

QUADRO II: RELAÇÃO COM A CIDADE.

FAMILIAS	MODO COMO TRANSITAM COTIDIANAMENTE NO MUNICÍPIO, E PARA FORA DELE
1- Sebastião Silveira e Maria Aparecida	O sítio deles fica a 6 quilômetros da cidade, e seu Sebastião vai praticamente todos os dias até Joanópolis. Dona Aparecida em geral vai 2 vezes por semana, às vezes 3. Os motivos que os levam à cidade são: para ir ao banco, ao supermercado, comprar veneno, telefonar (não há telefone no bairro). Vendem a uva que produzem em Bragança e Piracaia, e o gado em Socorro, para onde têm que se deslocar eventualmente. Quando precisam de algo não disponível no município vão a Bragança e Atibaia. Compraram uma casa na cidade em março de 1997, e sempre que podem vão, dão " <i>uma passadinha</i> ", e saem para fazer o que precisam. Costumam visitar os parentes também: a mãe dela, irmãos, sogra, que moram na cidade. Quando podem saem para outras cidades. No começo do ano de 1997 tinham ido para Tocantins, visitar um irmão dela que havia se mudado para lá há pouco. Já foram a Campinas (tem um irmão de dona Bernardina, e do pai de seu Sebastião, que mora lá, tio), São Paulo. Foram à praia algumas vezes, vão a Aparecida quase todo ano.

2- Otávio do Alambique e Jani	Eles costumam ir pouco à cidade. Vão mais à festas, ou " <i>sendo preciso, para alguma coisa extra</i> ". Senão, costumam ir " <i>de cada 15 dias, fazer compra</i> ". Algumas raras vezes o casal vai à cidade passear também, ver os parentes ou amigos. Mas geralmente, para passear, é o filho solteiro que mais vai. Não têm casa na cidade, mas a filha mora bem perto, e quando vão a cidade, aproveitam para visitá-la. Têm um carro gol.
3- Ico e Maria Antônia	Vão bastante à cidade de Joanópolis, mas quase sempre para tratar de negócios: " <i>comprar, vender, receber</i> ". Seu Ico e os filhos homens é que vão mais do que as mulheres. Vendem o gado, alface, tomate, pepino. Chegam a ir à cidade 2 vezes por dia, às vezes vão 4 vezes por semana, quando precisam muito, pois perde-se muito tempo nos deslocamentos, podendo atrasar o trabalho. Vão também a Camanducaia, comprar inseticida (" <i>às vezes Joanópolis não tem</i> "), e a Bragança e Atibaia, comprar sementes, venenos, consertar motor. Os filhos vão à cidade também para passear. Quando há festas, todos vão. Vão também visitar parentes em Joanópolis e Piracaia, ou até em São Paulo (muito raramente), porém, quando esses parentes ficam doentes. Têm dois carros: um gol e um fusca, e uma moto.
4- Olga e Jair	Costumam ir à cidade uma vez por semana, embora algumas vezes isso não seja possível. Vão para " <i>fazer compra, acertar um negocinho, aproveitando para visitar a mãe (dela), algum parente</i> ". Só vão a Bragança em caso de doença, e a Aparecida de 2 em 2 anos. Têm um fusca.
5- Dutra e Tina	Eles têm dois carros: um jipe (antigo) e uma Brasília, e vão à cidade, sempre que preciso, levando 30 minutos para o deslocamento (" <i>qualquer coisa pega o carro e vai rapidinho</i> "). Segundo seu Dutra, o certo é ir à cidade uma vez por semana, " <i>levar mercadoria e comprar os abastecimentos (é um leva e traz)</i> ". Mas quando há necessidade, vão até três vezes em uma semana, assim como algumas vezes passam até quinze dias sem ir. Só saem do sítio para ir à missa, à casa de parentes, fazer visitas, se há alguém doente, algum nascimento, alguma festa ou data importante, ou negócio para tratar.
6- Marinho e Regina	Eles costumam ir à cidade duas vezes por semana. Têm também um fusca, do modelo novo (como Penha e José, e Maria Lúcia e João). Vão às terças-feiras, dia de feira na cidade, para levar o queijo para venda, e fazer compras, aproveitando para ver os amigos. Algumas vezes vão também no Domingo, para ver a mãe de Regina, que atualmente mora na cidade. Têm uma casa na cidade, que está alugada, e também têm um lote.
7- Penha e José	Penha vai à cidade todos os dias para lecionar, José costuma ir 3 vezes por semana para realizar negócios, fazer compras de insumos e alimentos (é ele quem faz parte das compras de mantimentos da casa, pois Penha não tem tempo para isso). Este casal é dos poucos entre os jovens que nunca foi ao menos uma vez à praia. Em geral, os casais jovens têm se organizado para tirar férias algumas vezes no decorrer dos anos (em uma proporção bem menor do que uma vez ao ano). Penha e José, ao

	contrário, continuam indo somente a Aparecida uma vez por ano, por não terem com quem deixar o sítio, e não poderem parar as atividades no mesmo.
8- Lucinéia e Aílton	Esse casal frequenta a cidade em média 2 vezes por semana. Lucinéia, que tem carta de motorista, e costuma se deslocar sozinha para a cidade no fusca branco da família, quando o marido não pode acompanhar, vai até Joanópolis fazer compras, vender as pamonhas e o bolo de milho, e pegar e levar as costuras. Nas palavras dela, vai " <i>fazer negócio</i> ".
9- João e Maria Lúcia	Esse casal vai à cidade de Joanópolis com frequência, sempre para "negócios". Na época que estão vendendo pamonha (dezembro/janeiro, até meados de julho), vão duas vezes por semana. Quando não estão vendendo pamonha, vão uma vez por semana, " <i>porque não tem necessidade de ir mais. Só quando é preciso, às vezes surge um problema, uma coisa, tem que ir. E vamos à cidade só por causa de negócio. Uma vez por semana tem que ir. Tem muita coisa para resolver. Fazer compra, vai ao banco, vai receber, vender alguma coisa</i> ". Eles não têm casa na cidade. João tem uma parte na chácara que era de seus pais, praticamente dentro da cidade, mas ainda não está dividida. Além de Joanópolis, a cidade que a família recorre com mais frequência é Bragança, para fazer compras: " <i>quando precisa de uma peça, um maquinário, quebra um maquinário aqui tem que ir lá, é só lá que encontra</i> ".
10- Neusa e Luís	Eles vão freqüentemente à cidade de Joanópolis, para vender e fazer compra. " <i>É difícil ir passear</i> ". Quando vão aproveitam e fazem tudo: vão ao médico, visitam algum parente. " <i>A cidade é pequena, já encontra todo mundo. A maior parte da cidade já é parente</i> ". Como Lucinéia, Neusa tem carta de motorista, e dirige o fusca da família quando preciso. Apesar de não terem casa na cidade, a mãe dela tem. Vão à praia, quando podem, uma vez por ano, junto com outros casais jovens dos sítios (Lucinéia e Aílton, Regina e Marinho, o irmão de Neusa e a mulher, Cinira e Roberto - irmão de Penha, Maria Isabel e o marido, dentre outros), bem como a Aparecida.
11- Valdir e Lucélia	O casal costuma ir à cidade uma vez por semana. Algumas vezes saem, como todos os outros o fazem embora nem sempre digam, para visitar os parentes (pais, irmãos e primos dela e dele), outras para ir à festas nos outros bairros. Têm um carro (fusca).
12- Maria Bernadete e Sebastião Benedito	Como moram próximos à cidade, " <i>quase todo dia alguém vai lá</i> ". Dona Bernadete costuma ir uma vez por semana, mas o marido vai bastante, inclusive porque é vereador. Vão com frequência para fazer compras, acertar contas, e às vezes visitar os parentes. Também quando querem ir à igreja, vão à cidade.

Cada vez mais a distância entre os sítios, os bairros rurais e a sede municipal deixa de ser um problema e, o **aparente isolamento** dos moradores dos sítios, outrora dominante em áreas rurais tradicionais como essa, configura-se como um passado, não tão distante, mas passado. No entanto, a possibilidade de deslocamentos mais fáceis e constantes à cidade, um sinal mais claro de mobilidade desses sítiantes, para muitos não tira a precariedade de se viver distante. Ainda que mais fácil hoje do que em tempos passados, para se ter acesso aos estudos, para compras, para "negócios", ou mesmo para ir ao médico, ou ao banco (embora sejam poucos os sítiantes com conta corrente), há necessidade de grandes e difíceis deslocamentos por parte dos sítiantes, principalmente em períodos de chuva (em função da precariedade das estradas de terra, por vezes intransitáveis). Em alguns casos, os deslocamentos têm que ser intermunicipais, como quando se precisa de cuidados médicos mais específicos, para comprar ferramentas ou insumos essenciais ao trabalho agrícola, nem sempre disponíveis no município. Com carro (ônibus apenas no caso dos estudantes), e sem chuva, parte deles consegue transitar livremente pelas estradas de terra até chegar à cidade de Joanópolis, e daí pelo asfalto (muito mais longe) ou terra (caminho mais curto) até Bragança Paulista, município a que todos os sítiantes recorrem primeiro quando precisam de algo não disponível em Joanópolis. Ir a São Paulo, a capital do Estado, relativamente próxima a Joanópolis, é algo tão distante do cotidiano de todos, que são poucos os que vão até lá eventualmente, ou mesmo os que já estiveram lá alguma vez. Aparecida do Norte, ou simplesmente "o Norte" ao contrário, é visitada anualmente por muitos, desde os "*tempos dos antigos*"¹⁶⁴. Mais recentemente os casais jovens começaram a ir à praia, eventualmente, em

¹⁶⁴ Dona Joana, mãe de Penha, bem como dona Aparecida, irmã de José e mãe de Lucinéia, contaram-nos certa vez sobre as romarias que faziam a Aparecida quando crianças e adolescentes. Em geral as viagens eram feitas de caminhão. Somente os mais velhos, e muito mais os homens que mulheres, faziam a romaria a pé ou a cavalo. No caminhão levavam seus pertences, a comida, e material para cozinhar lá. A romaria durava três dias: a viagem era feita em um dia, ficavam lá mais um dia, e voltavam no terceiro. Hospedavam-se em pensões, e faziam sua própria comida. Até algum tempo atrás, essa era a única viagem a passeio (embora nem sempre seja assim considerada) que muitos realizavam. Dona Aparecida, inclusive, contou-nos que começou a namorar seu marido, seu Chico Amaro, em uma viagem a Aparecida, quando ela tinha 13 anos. Segundo ela, ele já era noivo de outra moça na época, que não foi a Aparecida nesta romaria. Como ela gostava dele, aproximou-se do mesmo na viagem. Disse que pediu para andar com ele na roda gigante, em Aparecida, e a partir daí começaram a se aproximar cada vez mais, até seu Chico terminar o noivado e se casar com ela, quando a mesa tinha 16 anos.

Hoje, a viagem a Aparecida é feita em ônibus de excursão. O ônibus pega as pessoas no bairro rural por volta de 3:00 da madrugada. Encontra com os outros ônibus na cidade (quando há mais de um), e de lá seguem viagem. Chegam a Aparecida em tempo para assistir a missa das 10:00, para onde as pessoas seguem depois de ter passado pela confissão e outros. Depois da missa, todos almoçam a comida preparada no dia anterior no sítio, no andar de baixo da Basílica, onde há um grande espaço com mesas para que as pessoas possam almoçar. Alguns compram frango assado lá mesmo, para completar a comida que levaram. Depois do almoço, ocorrem as visitas às diversas salas de oração e votos, e a visita à igreja antiga, e ao centro comercial da cidade, próximo à ela. Depois de acabada a peregrinação (ou mesmo antes para alguns), inicia-se a visita às lojas, onde são vendidos um sem número de objetos importados, em meio a poucos artigos religiosos, e o passeio em outros atrativos lúdicos, como parque de diversões.

pequenos grupos. Alugam algumas casas (em Ubatuba) pertencentes a uma família que mora na cidade de Joanópolis, e tiram alguns dias de férias, como disse, muito menos que uma vez ao ano.

As idas e vindas do sítio à cidade, como colocamos, mais fáceis e freqüentes, permitem que Penha, por exemplo, possa trabalhar como professora na cidade, embora mantendo um modo de vida eminentemente rural, ou seja enquanto ela vai à cidade trabalhar, seu marido, com a ajuda dos filhos, toca o trabalho no sítio, onde vivem. Permitem que as crianças e jovens estudem ao menos até o 3º ano do ensino médio. Permitem que os parentes e amigos que saíram do sítio para a cidade (ou mesmo para outros bairros) sejam visitados mais freqüentemente, embora as visitas entre não parentes seja ainda bastante restrita a acontecimentos extraordinários, como em ocasiões festivas, nos nascimentos e mortes. Permitem que o atendimento médico aconteça com mais freqüência, e mais rapidamente do que nos tempos em que as mulheres perdiam parte de seus filhos por ter de se deslocar a pé, ou a cavalo, até a cidade atrás de um médico. Permitem que o comércio dos produtos agrícolas e não agrícolas das famílias dos sítios seja constante, assim como o consumo de produtos industrializados. Assim, os "*negócios*", como muitos dizem no quadro acima, podem ser realizados mais facilmente, e com maior freqüência, permitindo, inclusive, que as mulheres vendam os produtos dos sítios transformados, ou processados artesanalmente, e até mesmo que elas costurem em seus sítios para oficinas localizadas na cidade. Ou seja, o modo de vida rural, a vida no e do sítio aqui, é ampliada e passa, além do bairro rural, pela inserção cotidiana na vida do município, incluindo o recurso constante à cidade para acessar os recursos que não se tem no sítio, ou no bairro.

As relações de parentesco e compadrio, as relações de troca e reciprocidade que ocorrem de modo mais intenso nos bairros rurais, perpetuam-se pelo município. Afinal, como disse Neusa, "*a maior parte da cidade também já é parente!*". O interconhecimento, conforme expresso no capítulo anterior, não se restringe aos bairros rurais, mas à população rural do município, que não vive apenas nos bairros rurais, mas inclui também muitos moradores urbanos. Desta maneira é que acreditamos que a carne de porco ainda circula mais por uma relação de troca e reciprocidade, do que pela razão prática de ter sempre alguma carne para comer. E isso pode ser constatado quando percebemos que dona Joana (mãe de Penha) e seu marido, quando vão matar um porco, esperam que seu filho Roberto, com a nora Cinira, desloquem-se da cidade para o sítio com o fim de ajudá-los no processamento e distribuição da carne, que vai até mesmo para uma

irmã de dona Joana, casada com o irmão de João Batista (dono do bar), que mora em São Paulo, mas que tem uma casa no bairro e vai sempre para lá.

No entanto, gostaria de reforçar aqui que estamos falando de parte da população do município, daqueles que têm uma forte ligação com o modo de vida tradicional de seus bairros rurais. É certo que se trata da maior parte, mas ainda assim existem outras. As famílias e pessoas de quem estou falando aqui são, por vezes, consideradas, de alguma maneira e surpreendentemente, por parte da população urbana, com certa discriminação, como pobres, mesmo estando bastante distantes desta condição social. Talvez por seu modo de vida ser, ainda, considerado um tanto quanto rústico quando comparado às facilidades da vida urbana, por trabalharem eles mesmos, cotidiana e ininterruptamente, sem empregados, em atividades consideradas penosas, ou seja, na agricultura e pequena pecuária de leite, atividades bastante desvalorizadas; por cozinharem cotidianamente no fogão à lenha, e com gordura de porco; por habitarem casas que não obedecem ao padrão urbano de habitação; por viverem no bairro rural, esparsos, distantes. Enfim, por serem associados, de alguma forma, à precariedade que parece significar o rural tradicional em nossa sociedade, em oposição ao rural do "*agribusiness*", das grandes fazendas e agroindústrias, estes moradores são, por vezes e quando interessa, discriminados. Eles não comem nos restaurantes da cidade, embora forneçam parte do que é servido nos mesmos, e alguns tenham condição financeira superior à dos próprios donos de alguns estabelecimentos. Mas, como são "do sítio", são olhados de maneira diferente por alguns moradores da cidade. Apesar de seu Antônio ter uma pequena casa no melhor local da cidade (em frente à praça principal), embora a mesma quase não seja utilizada, além de alugar uma sala ao lado dela para um consultório de veterinário, apesar de sua família ter posses (sítios e pequenas casas na cidade, carros, etc.) são vistos com certa discriminação, mesmo alguns sendo até mesmo considerados "ricos" (como é o caso de seu Chico Amaro, que mesmo tendo como meio de transporte uma velha Brasília amarela, e um modo de vida tradicional, tem muitas posses). Pensamos que isso se deve ao fato de trabalharem em atividades penosas, por viverem no sítio, por terem um modo de vida rural, como muitos dos sítiantes e agricultores familiares tradicionais.

Lembramo-nos de uma história que presenciamos no trabalho de campo: uma moça, que hoje mora na cidade, embora seus pais tenham nascido, crescido e morado boa parte da vida no sítio, e tendo a maior parte de seus parentes ainda no sítio. Ela, que tinha por volta de 20 anos,

parecia ter se interessado por um moço do sítio. Era Fábio, filho de Maria Lúcia e João, neto de seu Antônio e dona Bernardina, um moço muito bonito, e considerado por todos muito responsável, trabalhador, e dedicado às atividades do sítio familiar (só estudou até a 4ª série, pois queria mesmo trabalhar no sítio). A moça mandou um recado que queria lhe falar. No entanto, quando ele foi até ela, foi dispensado. Ela lhe disse que não queria ter um marido que vivesse com o pé afundado na lama e cheirando a esterco de vaca!!! Essa moça tinha um trabalho na cidade, na área administrativa da lavanderia industrial (de *jeans*), o que, para os padrões locais, lhe rendia um bom salário, além de algum *status*. Por isso se sentia, de alguma forma, superior a Fábio. Ele, por sua vez, não teve nenhum problema em falar com ela ao receber o recado pois, além de estar procurando uma namorada, sabia que ela afinal era de uma família conhecida e próxima à sua, tendo um modo de vida semelhante, embora urbano, o que, em geral, significaria possibilidade de aproximação, pois muitas moças que moram na cidade casam-se com moços dos sítios, indo residir nos mesmos. No entanto, neste caso, ele continua vivendo no município, no sítio (modo de vida rural), e ela, apesar de suas relações familiares serem eminentemente rurais, incorporou padrões urbanos de convivência, ou seja, procura não se inserir no modo de vida rural predominante no município.

III.3. PROJETOS.

As possibilidades para a continuidade da vida "no sítio e do sítio" - que podem incluir uma relação bastante estreita com a cidade, bem como formas de produção rurais, porém não necessariamente agrícolas, conforme observamos -, bem como os planos e alternativas pensados e desenvolvidos para viabilizar essa vida, são o que estamos buscando compreender. Procuramos saber se existe de fato o que chamamos aqui de um projeto de ser sitiante, um projeto de vida na agricultura familiar, ou um projeto de ser agricultor familiar¹⁶⁵. As diferentes maneiras como os sítiantes se organizam para atingir seus objetivos (para concretizar esses projetos), considerando

¹⁶⁵ O projeto, segundo Pessoa, é uma ação consciente: "Se o Projeto é uma ação consciente, preconcebida, o projetar supõe a imaginação, a fantasia. (...) Mas nem toda fantasia é projeto. Para sê-lo, é preciso que haja a possibilidade prática de desenvolver a ação projetada". (Pessoa, 1999, p.302)

todos os condicionantes (naturais, sociais, econômicos, e até mesmo ambientais) a eles colocados, são o que chamamos aqui estratégias.

É importante percebermos os projetos desses sítios e as estratégias que eles vêm traçando para realizá-los, para tentarmos compreender a possibilidade de permanência deles **no e do sítio**, ou não.

A importância desse projeto para a formulação de estratégias familiares pode ser observada através da seguinte proposição de Lamarche, que o coloca como um dos fatores que propiciam a própria existência dos agricultores familiares, ou seja, o projeto pode ser necessário até mesmo à manutenção do agricultor familiar como tal:

"Espremido entre sua história (*modelo original*) e seu futuro (*modelo ideal*), cada produtor deve evoluir num contexto natural e sócio-político particular, e mais ou menos propício à realização de seus projetos. Sua existência depende então dos meios que tem para gerir estas três exigências: o apego a seus valores tradicionais, **o projeto que ele tem para si próprio e para sua família**, e as limitações ligadas a seu ambiente imediato (meio natural, condições econômicas, sociais e políticas)". (Lamarche, 1998, p.62) (grifos nossos)

É, então, dentro deste contexto sociopolítico particular que devemos tentar compreender o "projeto de ser sítio". A importância do projeto do agricultor para si próprio e para sua família pode, inclusive, ser o fator definidor do futuro desta família.

No nosso entender, a compreensão desse projeto passa por três variáveis fundamentais, inteiramente relacionadas entre si: a) o desejo de permanecer no sítio, sendo agricultor ou não, e as estratégias¹⁶⁶ encontradas para viabilizar esse intento; b) a constituição e manutenção do patrimônio familiar; c) o projeto que se tem para os filhos.

¹⁶⁶ Para pensarmos em estratégias há que se considerar, primeiramente, o que é colocado em Lamarche (1993) a respeito das estratégias de agricultores familiares no Brasil: "Estratégias familiares são respostas dadas por cada família a fim de assegurar ao mesmo tempo a sua própria reprodução e a de sua exploração. Poder-se-ia dizer, simplificando, que o grande desafio dos agricultores brasileiros consiste em garantir um espaço aos numerosos "herdeiros", um lugar de trabalho (muitas vezes a própria exploração familiar), sem que isso se torne técnica e economicamente inviável". (Lamarche, 1993, p.205). Além desta colocação não podemos desconsiderar o que nos lembra Abramoway em trabalho sobre jovens rurais. Segundo ele, ao aludir à capacidade de "pensamento estratégico" (no caso dele por parte dos jovens rurais) precisamos "diferenciar as situações nas quais a agricultura e o meio rural para os jovens são uma **escolha** preferencial daquelas que resultam, na verdade, da **impossibilidade de realizar um projeto pessoal (...)**". (Abramoway, 1998, p.40) (grifos do autor)

No decorrer desta dissertação pudemos observar as estratégias utilizadas para viabilizar a produção e a vida no sítio, que passam inclusive pela inserção ativa das mulheres nas atividades produtivas da família. Compreendemos que estas estratégias passam pelo modo como nossos sítiantes mantêm sua(s) propriedade(s), pelo modo que realizam seus investimentos, ou ao menos como planejam realizá-los, pelo modo como enxergam seu futuro, e de seus filhos. Assim, torna-se aqui importante apreender como se dão alguns desses processos entre nossos sítiantes.

Acreditamos que esses sítiantes têm projetos para um futuro próximo e mesmo mais distante. Todavia, cremos também que esses projetos são quase que inteiramente orientados por estratégias que visam garantir um futuro próspero para os filhos, através da colocação dos mesmos, da consolidação e expansão do patrimônio da família. Nesse sentido, buscando aqui os projetos desses sítiantes, consideraremos com certa relevância o que se pensa sobre a formação e o futuro dos filhos, pois percebemos que, de certa maneira, as decisões entre esses sítiantes (conforme veremos adiante) são tomadas tendo como referência esse futuro. Como disse José, "*eu em mim não penso mais, penso nos filhos...*". Desse modo, é importante considerarmos a seguinte proposição de Wanderley (1999):

"Para além da garantia da sobrevivência no presente, as relações no interior da família camponesa têm como referência o horizonte das gerações, isto é, um projeto para o futuro. Com efeito, um dos eixos centrais da associação camponesa entre família, produção e trabalho é a expectativa de que todo investimento em recursos materiais e de trabalho despendido na unidade de produção pela geração atual possa vir a ser transmitido à geração seguinte, garantindo a essa as condições de sua sobrevivência. Assim, as estratégias da família em relação à constituição do patrimônio fundiário, a alocação dos seus diversos membros no interior do estabelecimento ou fora dele, a intensidade do trabalho, as associações informais entre parentes e vizinhos, etc. são fortemente orientadas por esse objetivo a médio ou longo prazo, da sucessão entre gerações". (Wanderley, 1999, p.29)

E também as colocações de Stanek (In: Lamarche, 1993), quando o mesmo aponta que,

"os projetos que os agricultores acalentam para seus filhos traduzem provavelmente, mais fielmente do que qualquer outro indicador, a avaliação que fazem da situação global da sociedade na qual vivem, assim como sua visão das perspectivas do estabelecimento agrícola e do futuro das coletividades onde moram. Basta que uma corrente significativa se oriente para o exterior, que comece a preparar seus filhos para outras profissões e para a emigração, para que possamos apostar que o setor agrícola ou o mundo rural atravessa, senão uma crise, pelo menos importantes dificuldades". (In: Lamarche, 1993, p.119)

Partimos, então, do pressuposto que as ações dos pais no presente - o modo como procedem em suas escolhas e definições - são orientadas pela perspectiva de garantir a vida futura da família, principalmente dos filhos. Isso fica claro quando José completa a frase acima: *"Eu em mim não penso mais, penso nos filhos. Estou esperando eles fazerem 18 anos, terem uma cabecinha melhor, para resolverem o que vão fazer. Vai depender deles para saber onde investir (se vão querer ficar no sítio ou na cidade)"*.

Ou mesmo quando Neusa explica a situação de sua família, e suas preocupações com o futuro dos filhos:

"para nós está tudo bem, com o que nós temos hoje dá para nós vivermos bem. O negócio é que os meninos estão crescendo, daqui a pouco o João Luís já está na idade de querer as coisas dele. E do jeito que vivemos hoje dá bem para nós, mas não dá para os três. Então, quando pensamos em ter um negócio mais certo, é por causa deles. Por nós não vamos embora nunca do sítio, eles também gostam. Sabemos que a vida aqui é mais saudável, melhor. Mas temos que pensar antes de tudo nos meninos".

Para esses pais pode ser que a manutenção do patrimônio, ou o aumento do mesmo, apresente-se como estratégia possível para assegurar um futuro para os filhos. No entanto, em virtude das dificuldades enfrentadas no cotidiano da vida de sitiante - principalmente em função da mudança pela qual este meio rural, bem como o município, vêm passando com a chegada de pessoas "de fora", além dos fatores que afetam de forma mais geral o mundo rural tradicional,

como exposto nos capítulos anteriores -, é possível que outras estratégias, como o incentivo aos estudos, passem a tomar conta do imaginário desses pais¹⁶⁷.

Apesar de quase todos os sitiantes terem interrompido seus estudos muito cedo, estudando no máximo quatro anos nas escolas rurais dos bairros, muitos vêm procurando investir na educação dos filhos, principalmente dos mais novos que, conforme descrito, têm a possibilidade de se locomover todos os dias para a cidade para completar os estudos após a 4ª série do ensino fundamental. É importante lembrarmos que as crianças por volta de oito anos de idade, ou mesmo antes em alguns casos, começam a ajudar (no sentido descrito no capítulo anterior) os pais em atividades do sítio (até então tinham como atividades ir à escola e brincar). É desta forma que eles se formam também sitiantes, agricultores familiares. São "iniciados" nas atividades do sítio ajudando mais nas atividades da casa, do mangueiro, no trato dos animais e nas atividades do terreiro (galinhas, porcos, horta). A partir dessa "iniciação", ou socialização, passam a dividir seu tempo entre ir à escola, brincar, e ajudar no sítio, o que os torna, em certa medida, essenciais ao trabalho cotidiano da família na propriedade. Liberá-los por um longo período para que se desloquem para a cidade para estudar significa perder uma "ajuda" importante em pelo menos metade do dia, senão mais, pois os estudantes saem de casa por volta de meio-dia, após o almoço, retornando apenas depois das 18:30h. No caso das escolas rurais, até a 4ª série, as aulas são no período da manhã, entre 7:30h e 11:30h, quando parte dos filhos fica fora de casa. Mesmo assim, a importância dos estudos vem prevalecendo, em detrimento de uma visão que em larga medida orientou a criação da maioria dos pais. Para os mais velhos, poucos anos de estudo bastavam para os filhos, pois como seu futuro era na terra, de nada adiantariam muitos anos de estudos. Além disso, havia a dificuldade para a continuação desses estudos, que só eram oferecidos na cidade. Para continuar a estudar após completar a 4ª série, os estudantes, até 1991, precisavam morar na cidade, pois não havia transporte diário para a mesma.

Observamos a importância que os estudos vêm ganhando para algumas famílias, quando ouvimos o que pensam sobre isso e, conseqüentemente, sobre o futuro dos filhos.

¹⁶⁷ As diferenças de idade entre nossos sitiantes levam-nos a diferentes caminhos no que se refere a suas estratégias e projetos. Certamente um casal jovem, com filhos em idade escolar, não pensa e nem age do mesmo modo que um casal cujos filhos são mais velhos, ou estão todos casados. Contudo, destacaremos aqui algumas falas que nos levam a compreender as estratégias gerais desses sitiantes com relação ao futuro dos filhos.

1 - Para alguns, cujos filhos não estudaram além da 3ª série, o futuro dos mesmos será no sítio, sem necessidade de estudo...

Seu Ico e dona Maria Antônia: Na família de seu Ico e dona Maria Antônia os pais ainda resistem à importância dos estudos: "*para este trabalho aqui não precisa de estudo, só para outros trabalhos, na cidade*" (seu Ico). Esperam que os filhos fiquem no sítio, que prossigam com o mesmo, embora digam: "*mas não pode dar muita certeza*".

2 - Para outros, com filhos em idade escolar, e estudando, o futuro ainda é incerto mas, para trabalhar no sítio, não há necessidade de estudo...

Lucinéia e Aílton: Para esse jovem casal, que incentiva o estudo dos filhos (o mais velho, Marco Antônio, inclusive estuda na cidade), isso não será tão importante caso eles decidam ficar no sítio: "*para trabalhar no sítio não precisava estudar não, mas eles vão estudando, até onde puder*" (Lucinéia). No entanto como consideram o futuro ainda bastante incerto, pensam os estudos como uma possibilidade de colocação na vida, seja no sítio, ou na cidade: "*não consigo nem ver o futuro, vai depender da vontade deles, dos acontecimentos. Pode estudar, pode até arrumar um emprego, e ter que ir*" (Lucinéia).

3 - Para outros o futuro dos filhos será melhor no sítio, pois os mesmos não prosseguiram com os estudos...

Dona Bernadete e seu Sebastião: Esse casal, cujos filhos, já casados e com filhos, pouco estudaram, dizem ter se esforçado para que eles estudassem mais, "*quando foi a época, mas eles não quiseram. Eles diziam que iam fugir de casa*". Para dona Bernadete, o futuro dos filhos vai ser no sítio, como vêm tentando, e argumenta: "*se a agricultura melhorasse seria uma coisa boa, é o que eles sabem fazer*".

Seu Otávio e dona Jani: Eles ressaltam a importância dos estudos, embora nenhum de seus filhos, dois casados e um solteiro, tenha prosseguido com os mesmos: "*Importante porque sabe uma coisa a mais, uma oportunidade a mais. Se não estudou, tem que dedicar por aqui mesmo*". Pensam que o futuro dos filhos vai ser no sítio, trabalhando na agricultura mesmo: "*O meu gosto é que eles formassem, mas já que não formaram, o único recurso é este mesmo*" (seu Otávio). Dona Jani disse: "*esperar ele esperava que fosse diferente, mas ninguém quis continuar estudando*".

4 - Para outros, o futuro dos filhos será no sítio, com o estudo para ajudar a aperfeiçoar e abrir-lhes outras alternativas...

João e Maria Lúcia: Este casal, cujos filhos mais velhos (apenas um é casado) já pararam de estudar (um na 8ª e o outro na 4ª), embora o mais novo ainda prossiga, acha importante os filhos estudarem, porque "*a pessoa estudada é até mais fácil para tocar as coisas. É quase uma necessidade (estudar). Até quando der... Hoje até a 8ª série é necessário, precisa mesmo*" (João). Quanto ao futuro dos filhos, Maria Lúcia, mesmo com um viés um pouco fatalista, acredita que vai ser no sítio:

"porque acho que o cerco está apertando mais na cidade. Porque você imagina hoje, as pessoas que têm facilidade não estão tendo campo de serviço. Depois você vê, hoje está sendo tudo trocado pela máquina, pela computação. O serviço que ia várias mãos de pessoas, hoje uma máquina faz. Acho que a gente vai ter que se contentar aqui, com o feijão, o arroz, e a pamonha!"

Dona Aparecia e seu Sebastião: Eles consideram a importância do estudo dos filhos (embora só a filha mais nova tenha prosseguido com os estudos) **inclusive** para continuar na propriedade, aperfeiçoando o trabalho familiar na mesma: "*importante estudar, mas continuar trabalhando aqui mesmo, para melhorar o trabalho na propriedade*". Açam que o futuro dos filhos, 2 solteiros e 1 casada, vai ser "*no sítio mesmo, para fazer continuidade do terreno. Quando nós pararmos, eles continuam. Por enquanto estamos ensinando, porque enquanto não*

tem 30 anos não cria juízo. O certo é aprender a coisas com os pais, e depois vai melhorando, aperfeiçoando" (Dona Aparecida).

Neusa e Luís: com os três filhos estudando, pensam o estudo como algo que pode ser importante para o futuro: *"talvez daqui a dez anos, seja melhor ter um estudo guardado do que não ter. Aí tem a opção de ser o que quiser: veterinário, agrônomo, ou nada! É bom eles poderem escolher: se querem ficar aqui, ficam; se não, têm para onde ir"*. Para eles, o ideal é que o futuro dos filhos fosse no sítio mesmo, *"mas com o estudo de lá"*.

Regina e Marinho: os filhos vão à escola, e o casal faz força para que os mesmos estudem. Para Regina, o estudo *"é sempre bom, é importante nem que seja para cuidar da terra"*. Ela pensa que o futuro dos filhos *"a Deus pertence"* mas, seu filho, por exemplo, só quer estudar até a 8ª série: *"Aí, o destino dele é aqui mesmo, mas queremos que eles façam o que quiserem, que por enquanto, é ficar aqui!"*.

Valdir e Lucélia: com os filhos ainda pequenos demais para a escola, apresentam opiniões diversas sobre isso. Segundo ela, *"para ficar no sítio não é importante estudar, fazer até a 4ª série está bom. Na cidade é importante"*. Mas para Valdir, o estudo é importante pela possibilidade que pode oferecer para que os filhos possam optar por seu destino, mesmo que isso signifique permanecer no sítio: *"se tiver terminado o colegial, tem a opção de escolher depois, se quer ficar no sítio ou fazer outra coisa. E para fazer outras coisas, só com estudo"*.

5 - Para outros o futuro dos filhos vai ser no sítio, com estudos, e uma estreita ligação com a cidade...

José e Penha: Com a mãe professora, os dois filhos estudando, e uma relação bastante próxima com a cidade, dizem que: *"isto (importância dos estudos) não tem dúvida. O sítio é a segurança, mas o estudo prepara"*. O casal têm projetos de permanecer no sítio, na agricultura, *"dependendo dos filhos"*. Para eles, o futuro dos filhos, *"se eles tiverem juízo vai ser como estou pensando hoje, lá e cá"* (José), ou seja, no sítio e na cidade (como apoio).

6 - Para outros ainda, o futuro dos filhos seria melhor se não fosse no sítio...

Jair e Olga: Eles são bastante fatalistas. Acham *"muito importante os filhos estudarem, a melhor herança para eles. Para ter um futuro melhor, para não precisar ficar na roça"* (Olga). Com relação ao futuro dos filhos, esperam *"que seja uma vida melhor, que não seja uma vida sofrida. A gente vê que a vida aqui é difícil. Se a filha casar com alguém daqui, vamos incentivar, mas queremos que todos estudem antes"*.

Apesar das divergências com relação à importância dos estudos, podemos constatar a importância dos mesmos para a formação dos filhos desses sítiantes. O estudo aparece quase que como um outro patrimônio que se deixa para os filhos, como parte da estratégia de formação desses filhos para um futuro próspero e, ao que parece, preferencialmente no sítio.

Alguns lamentam que os filhos não tenham estudado, e esperam que isso não atrapalhe seu futuro no sítio, reconhecendo que estudar é importante, independente do local que se escolha para viver e da profissão. Outros valorizam os estudos pela possibilidade que abrem de **escolha** da profissão¹⁶⁸ e, conseqüentemente, do local de moradia (sítio ou cidade). Para eles, sem estudo a única opção - ou absoluta falta de opção - para esses jovens rurais é ficar no sítio. Com o estudo, podem continuar no sítio, tendo outra profissão (*"agrônomo, veterinário, ..."*), ou simplesmente aperfeiçoando os conhecimentos tradicionais para tocar o trabalho no sítio (*"importante estudar, mas continuar trabalhando aqui mesmo, para melhorar o trabalho na propriedade"*), ou ainda podem escolher ir embora, e ter uma profissão urbana, o que quase todos os pais esperam que não aconteça (*"se tiver terminado o colegial, tem a opção de escolher depois, se quer ficar no sítio ou fazer outra coisa. E para fazer outras coisas, só com estudo"*). Ademais, para alguns (Penha e José), a importância dos estudos é inquestionável, e possibilitará uma maior integração com a cidade, com a qual poderão contar cada vez mais para melhorar a vida no sítio.

Além disso, quase todos os pais imaginam o destino de seus filhos no sítio - apenas para seu Ico e Lucinéia estudar não é importante para quem vai ficar no sítio. Para ele, que pensa

¹⁶⁸ E não da "impossibilidade de realizar um projeto pessoal". (Abramovay, 1998)

como os antigos sítiantes da região, os estudos são importantes para quem vai morar na cidade. Para ela, os estudos são importantes pois possibilitam outras escolhas que não necessariamente significam permanecer no sítio, muito embora venha preparando seus filhos para ficar, de diversas maneiras, principalmente através do trabalho e da atribuição de responsabilidades para cada um na propriedade.

Com uma exceção, esses pais imaginam o futuro dos filhos com mais preparo e maior acesso à informação, o que o estudo pode proporcionar, mas no sítio. Apenas Olga e Jair, que vêm passando por processos bastante complicados como a divisão do sítio do pai de Jair entre os treze irmãos, a sobrecarga de trabalho (os filhos são pequenos e os recursos para contratação de diaristas são escassos), a dificuldade de obtenção de ganhos somente com o trabalho no sítio, preferem que os filhos não fiquem no sítio, embora não se oponham a isso.

É importante destacar que as "trajetórias possíveis" para os filhos, aqui, incluem a possibilidade de escolha e opção por parte dos mesmos, que se viabilizaria, segundo os pais, somente com os estudos (pois quem não estuda, para eles, não pode escolher, não tem como conseguir espaço fora). Diferentemente deles próprios (pais), que salvo exceção, tiveram como única alternativa permanecer no sítio, sem formação, esses filhos podem optar entre permanecer no sítio com ou sem formação (preferencialmente com), ou ir embora, para exercer alguma ocupação urbana. Os estudos ganham importância para eles, então, não somente por representarem a escolarização de seus filhos, o acesso aos conhecimentos proporcionados pela educação formal, mas principalmente por essa possibilidade de escolha e opção, de seguir outros destinos que não os deles próprios. Isso não significa que os pais desejam para esses filhos um futuro urbano, ao contrário, quase todos acreditam que permanecer no sítio (aperfeiçoando o trabalho no mesmo) pode ser melhor, e fazem força para que isso aconteça, afinal, a vida no e do sítio para eles significa muito mais do que uma simples atividade profissional, é um projeto e um modo de vida singular, do qual fazem parte. Mas, se para reproduzir esse modo de vida, para viver melhor, for necessário a mudança, os filhos terão a opção de partir para uma atividade que

pode vir a ser pessoal e financeiramente mais satisfatória, o que também pode acontecer no caso de decadência da família, ou de inviabilização da propriedade¹⁶⁹.

Da mesma forma, é importante ressaltar que essa possibilidade de escolha representa um fenômeno de "individualização crescente no interior da família" (Carneiro, 1999).

Até algum tempo atrás as escolhas não podiam ser feitas, e não era somente por falta de estudos. A família sitiante tinha projetos coletivos, que incluíam sua perpetuação no tempo, através de gerações. Lembro-me de seu Antônio, marido de dona Bernardina e pai de José, contar de quando veio de Minas para Joanópolis. Os pais e irmãos de dona Bernardina vieram antes, e ele ficou com a família para cuidar do que ainda restava, e terminar de vender os bens do sogro. Na época, havia a possibilidade de ele ficar com sua família por lá, não só por ter recursos para manter uma propriedade com sua família, mas por ter ofertas de trabalho que poderia realizar paralelamente ao seu próprio (ofereceram para que ele cuidasse da compra e venda de gado de outras propriedades, dentre outros), o que lhe parecia bastante próspero. No entanto, por ter assumido o compromisso com o sogro de se mudarem para Joanópolis, deixando este vir na frente, não pôde ficar. Embora na visão dele ficar em Minas se apresentasse como alternativa mais promissora, a garantia de mudança (do acordo com o sogro) fez com que sua família fosse também para Joanópolis, para se juntar à família da esposa, cujos pais tinham projetos de expansão (ou de reprodução) para toda a família (filhos casados e não, e até mesmo os parentes colaterais dos filhos, como no caso de seu Dutra) no novo município. Da mesma maneira, seu Antônio ensinou a todos os filhos o trabalho no sítio, e colocou-os na terra, garantindo um sítio para cada um que se casava e não havia possibilidade de obtê-lo por si ou pelo cônjuge. A única filha que saiu para a cidade o fez bastante tempo depois de casada (por opção do marido). José, o mais novo, por ter de ajudar o pai na propriedade, nunca teve escolha. O mesmo aconteceu noutra família aqui citada: Jair (que se mudou para a cidade quando se casou com Olga) apesar de ter outros irmãos, teve de voltar com sua família para o sítio, pois o pai adoeceu e pediu-lhe que voltasse para cuidar da propriedade e da mãe. O mesmo aconteceu a vários outros filhos que foram escolhidos para ajudar os pais. No entanto, quando observamos esses filhos (hoje pais), pensando no futuro de seus próprios filhos, percebemos que a preocupação maior é com a

¹⁶⁹ Hoje, muitos dos moradores dos sítios que se mudam para a cidade trabalham como pedreiros, ou no laticínio (atividade que consideram extremamente penosa), ou ainda nas oficinas de costura.

garantia de um futuro próspero para os mesmos, preferencialmente na propriedade, mas também, se for o caso, fora dela.

Se por um lado a individualização no interior da família (representada principalmente por essa possibilidade de escolha) vem de encontro aos projetos coletivos da tradicional família sitiante, por outro ela pode representar a realização pessoal de cada indivíduo no interior dessa mesma família, o que não ocorre quando a coletividade (ou um projeto coletivo moral e coercitivo) impera. A partir do momento em que se abre espaço para as vontades e trajetórias individuais se realizarem no interior da família, ocorre uma restrição às estratégias coletivas. Assim, os pais querem que os filhos fiquem no sítio; preparam-nos e traçam planos para isso, incentivando o estudo para que os mesmos se aperfeiçoem e possam melhorar o trabalho na propriedade. Todavia, esse mesmo estudo possibilita, para os filhos, a escolha, a individualização de projetos. Isto significa, por um lado, que a realização dos mesmos pode não ser na vida e trabalho no sítio; e por outro, que se a opção for de ficar, ela não necessariamente resultará da impossibilidade de escolha, da impossibilidade de realizar um projeto pessoal, mas justamente da realização deste (sem nos esquecermos aqui que ainda impera uma coerção muito grande para que estes filhos dêem continuidade à vida da família no sítio, e à propriedade).

Conforme Abramovay (1998), a profissão de agricultor passa a ser uma possibilidade dentre outras, uma vez que perde o "caráter moral" que tinha no passado:

"Diferentemente do que ocorreu com a geração anterior, em que ser agricultor era, como vimos, um compromisso moral com um certo modo de vida, **a agricultura aparece cada vez mais como escolha entre outras possibilidades, inclusive a migração**". (Abramovay, 1998, p.44) (grifos do autor)

Desta forma, os projetos de que falamos aqui incluem uma preocupação com a garantia de um futuro próspero para os filhos; preferencialmente no sítio (na propriedade familiar), mas também, se for o caso, fora dela. Para eles, essa possibilidade de escolha só os estudos podem garantir.

III.4. Sítio e cidade.

Pelo que pudemos ver, uma questão continuamente colocada para esses sitiante (que se reflete tanto em suas vidas presentes como no futuro dos filhos), é: ficar nos sítios, o local ideal para se viver, ou ir para a cidade? Muitos fatores - a política de desvalorização da produção de alimentos em pequena escala, a valorização turística da região, a valorização de um modo de vida urbano, dentre outros - parecem conspirar para que a cidade venha a ser o destino de boa parte deles. Alguns, todavia, apesar de todas as adversidades, resistem sobremaneira a isso, insistindo na qualidade da vida no sítio, planejando investir e perpetuar seu modo de vida rural, com as transformações que se fizerem necessárias.

As orientações que norteiam os investimentos realizados pelos sitiante passam tanto pela aplicação de recursos nas propriedades, para consolidação das mesmas, como fora dela. Encontramos situações como as dos produtores de sementes, que encontraram, na "integração" com uma empresa, alternativa viável para prosseguir com seus investimentos no próprio sítio (até aumentando-o), e na vida rural. Ou mesmo famílias cujas mulheres investem em produtos artesanais rurais não-agrícolas, que através disso encontraram um meio de gerar renda e investir também em suas propriedades (Neusa, que com o dinheiro dos doces e queijos, comprou um trator e mais vacas; Lucinéia, que com o dinheiro da pamonha, comprou mais algumas vacas de leite e fez melhorias na propriedade; Regina; Maria Lúcia). Ainda há os que preferem investir também na produção tradicional dos sítios, como é o caso de João, marido de Maria Lúcia (que faz pamonhas), que investe na qualidade de suas vacas e na compra de mais terras. Contudo, parece-nos bastante interessante e importante de se considerar o modo como José (casado com Penha, a professora), proprietário de uma casa na cidade, define a estratégia para realizar seus investimentos, o modo como vem aplicando seus recursos para garantir o futuro de seus filhos, conforme colocado no 1º capítulo. Segundo ele, a família "*tira do sítio para investir na cidade, porque investir no sítio é a mesma coisa que investir no morto!*".

O empobrecimento no campo, a desvalorização social e financeira da agricultura, e do espaço rural¹⁷⁰ ficam claras em algumas falas de José, como acima. Para ele, hoje, “investir (financeiramente) *tem que ser na cidade*”, pois somente lá pode haver algum retorno. Com isso, está se referindo à valorização dos terrenos e aluguéis na área urbana de Joanópolis, em detrimento dos produtos do sítio, bem como dos investimentos no mesmo.

No entanto, é interessante notar que José e Penha, ao mesmo tempo em que direcionam seus investimentos para a cidade (visando mais lucro) não pensam em se mudar para a mesma e valorizam a vida no sítio por diversos aspectos: solidariedade da comunidade do bairro, tranqüilidade para criar os filhos, local de trabalho, economia que proporciona e pela propriedade da terra: “*tem que investir na cidade (porque é lá que se tem retorno), mas manter o sítio (porque aqui é o lugar para se viver e trabalhar), tem que balancear. A gente tem que sempre ter o pé de apoio, aonde ir depois da ventania (no caso, o sítio)*”. José ainda pretende investir mais no sítio, “*mas para investir aqui, tem que primeiro investir lá, porque a casa da cidade compra a parte do Dito Mariano aqui*¹⁷¹”, ou seja, uma pequena casa na cidade vale mais que 11 alqueires de terra, portanto, é melhor investir lá e acumular algum dinheiro, para depois comprar aqui, onde os investimentos não dão retorno imediato, e sim de longuíssimo prazo.

É importante resgatarmos o motivo consciente que levou José a direcionar seus investimentos para a cidade¹⁷², pois a explicação traz consigo uma clara percepção sobre a questão da autonomia, da escolha/coerção familiar e do problema da sucessão entre agricultores familiares¹⁷³.

¹⁷⁰ O espaço rural desvalorizado é o mais agrícola e menos turístico, mais espaço de vida e trabalho de sitiantes e menos espaço de lazer e descanso temporário de cidadãos.

¹⁷¹ A parte de terra que José arrenda e almeja comprar (11 alqueires), vizinha de sua propriedade, é de sua irmã, Lurdinha (que mora na cidade) e do marido da mesma, Dito Mariano.

¹⁷² Não podemos nos esquecer do modo como nossa sociedade valoriza um modo de vida urbano em detrimento do rural tradicional (local de vida e trabalho de sitiantes, e não de grandes fazendeiros), muitas vezes tido como arcaico, atrasado. Interessante notar que esse rural tradicional só passa a ser valorizado (inclusive financeiramente) quando se torna importante para os urbanos, local de lazer e objeto da especulação imobiliária dos mesmos.

¹⁷³ Abramovay coordenou recentemente importante estudo sobre os processos sucessórios entre agricultores familiares de um município da região Sul (Abramovay et al., 1998). Preocupado com o envelhecimento e masculinização do campo na região, ele realiza a análise desses processos com um enfoque de gênero e geração. Para ele, a formação de uma nova geração de agricultores passa pela maneira como se desenrolam os processos sociais de “sucessão profissional, transferência hereditária e aposentadoria” (op. cit., p.15). Segundo o autor, um processo complexo e duradouro, composto por três outros importantes processos (partes) definem a formação de novas gerações de agricultores:

Ele contou-nos que resolveu começar a investir na cidade quando percebeu que estava trabalhando para os irmãos, e que tinha dois filhos para garantir o futuro. Enquanto seus irmãos já produziam com suas famílias em terras próprias, ou que o pai lhes havia destinado, ele (José), o mais novo, que ficou morando com os pais, trabalhava com o pai nas terras que seriam de todos os irmãos. Naquele momento, investir na cidade era o único meio de usar seu dinheiro sem colocar na propriedade que ainda era de todos. Em geral, aqui os pais costumam destinar um pedaço de terra para que os filhos cultivem para si dentro de uma propriedade maior (como é o caso de alguns dos que falamos aqui: Lucinéia, Valdir, Marinho, e os outros que atualmente já são proprietários, como João e Maria Lúcia). No entanto, quase sempre um dos filhos fica para cuidar dos pais e trabalhar com eles enquanto os mesmos não param, não se "aposentam", enquanto as terras ainda são de todos. Este filho pode terminar demorando mais tempo para conquistar sua autonomia, para começar a constituir seu próprio patrimônio familiar, para trabalhar só com sua família e direcionar seus investimentos para o futuro dos filhos.

Para José, *"os antigos tem um jeito de lidar com as coisas que não dá mais certo. Por exemplo, os filhos deles só "deslancham" quando começam a andar por si"*, quando o pai dá autonomia para que eles decidam sobre seu trabalho, o que significa, quando o pai lhe dá sua própria parte de terras para que ele faça por si, comece a tomar suas decisões sozinho, e pensar em sua família, não mais comandado pelo pai. Cita o exemplo dos filhos do seu Dutra: *"só depois que o pai separou tudo é que começaram a crescer"*, tanto os filhos do primeiro casamento, que moram no Bom Sucesso, quanto os outros, que moram na mesma propriedade que ele. *"O Marinho e o Luizinho (que moram perto do pai) estão comprando mais terra, crescendo, mas isso foi só depois que separaram. Lembra também de Chiquinho, (filho de Chico Amaro, sobrinho dele), que está percebendo isso também, pois trabalha com o pai. Mas como o pai ainda não lhe passou terras para que trabalhe por si (como fez com a irmã Lucinéia), este ainda "não tem muito*

-
- "A **sucessão profissional**, isto é, a passagem da gerência do negócio, do poder (e da capacidade) de utilização do patrimônio para a próxima geração.
 - A **transferência** legal da propriedade da terra e dos ativos existentes.
 - A **aposentadoria**, quando cessa o trabalho e, sobretudo, o poder da atual geração sobre os ativos de que se compõe a unidade produtiva". (op. cit., p.18)

No entanto, com os pais ainda mantendo a concentração das decisões de como, onde e quando passar o controle da propriedade ao(s) sucessor(s), a formação de novas gerações de agricultores vai se dando cada vez mais tarde, uma vez que os pais não se aposentam nem deixam de trabalhar tão cedo, gerando uma instabilidade e afastando cada vez mais os jovens com aspirações pessoais de se realizar a partir do próprio trabalho (principalmente mulheres, que têm menos acesso ainda ao poder de decisão na propriedade) para outros caminhos fora da agricultura.

o que fazer" (José). Recentemente Chiquinho começou a produzir húmus para vender, enquanto sua esposa, Benta, faz queijos.

Ainda segundo José, *"os filhos não renovam porque está tudo nas mãos do pai"*. Só quando adquirem autonomia é que as coisas caminham. *"O pai não deixava os filhos se lançarem. Como pode uma renda para 7 famílias? Quando os filhos começam a andar por si, aí é que vai. O tipo antigo, os pais queriam os filhos trabalhando junto, e não dá. Agora, por si só, cada um toma seu rumo, e aí vai"*. Ele conta que tem alguns proprietários que são considerados "fazendeirões", como é (ou era) o caso de seu Antônio, Chico Amaro, e que os filhos destes ficam com fama na cidade (como é o caso dele). No entanto, logo ele adverte: *"Mas é só fama, vai ver não tem nada. Filho de fazendeirão, fica com fama. Mas só começa a produzir, a andar, depois que pode ir por si"*.

Segundo ele, investir diversificadamente, inclusive na cidade (como vem procedendo), é uma alternativa de investir que faz parte do mundo dos mais jovens. *"Já os antigos, os mais velhos, não têm esta visão. Para eles o que importa é terra, e dinheiro na poupança. Acham que investir é só na poupança"*. De acordo com José, assim pensam os mais velhos do bairro dos Pretos: seu Antônio (pai dele), seu Dutra, Chico Amaro (cunhado), Joaquim Amaro, seu Antônio (marido da Araci, irmã dele) e João (irmão dele). Para ele, o exemplo de seu Chico ilustra como agem estes homens mais velhos: este

"tem uma grande quantidade de terras, e tem bastante gado, mas o gado dele é muito ruim, não vale nada. Agora está pensando em trocar umas cabeças, agora está percebendo que as coisas mudaram, que não adianta ter muita terra e vacas ruins, que tem que ter qualidade. Ele só investia em quantidade e na poupança. Já teve dinheiro para comprar uma bruta casa na cidade, e não quis para por o dinheiro na poupança. Hoje, se quiser comprar uma casa na cidade tem que bem dizer vender um sítio. E agora que estão tendo que desembolsar quantias elevadas de dinheiro por causa do inventário, estão vendo".

José é, dentre seus irmãos (além de Lurdinha) o que tem menos terra. Mas *"é o único que tem o dinheiro quando precisa, o que está se saindo melhor. Os outros tem que espremer, tiram da poupança, vendem alguma coisa"* (José). Isso é porque sua família, segundo o próprio,

encontrou na diversificação dos investimentos, inclusive fora do sítio, (agora tem a renda da cidade - casa e salário da Penha - , além da renda da parte dele do sítio - leite) sua estratégia de produção. Como já colocamos, José e Penha não tiram da cidade para por no sítio, a não ser para comprar mais terras, se e quando for o caso. Para eles, o sítio tem que se manter e manter a família. O que recebem da casa na cidade, bem como o salário de Penha, guardam para uma emergência (como o caso do inventário), ou para investir no futuro dos filhos (comprando mais terras no bairro rural ou lotes na cidade).

Outro exemplo que ele ilustra para justificar seus investimentos na cidade é o de um de seus compadres:

"o compadre Vinícius, que hoje é um dos homens mais ricos de Joanópolis, porque, de uns tempos para cá, resolveu começar a investir na cidade. Ainda tem o sítio dele, isso não vende. Tem terra espalhada por todo o município, e os filhos moram no sítio. Mas só conseguiu tudo o que tem porque começou a investir na cidade. Ao contrário, o pai (seu Antônio), que podia ser dos mais ricos de Joanópolis, parou no tempo. Uma vez era para ele comprar uma fazenda, e deixou de fazer negócio por causa de um cavalo velho, que o homem não quis colocar no rolo. Isso é porque o pai é muito "turrão". E por achar que está sempre certo, que sabe muito, não ouve ninguém, investe tudo o que tem na poupança".

José também fala de João, seu cunhado, pois este investiu muito no sítio, e quando precisou do retorno, quando precisou de dinheiro para o casamento do filho (Francisco), não tinha. *"Não podia fazer uma casa para o Francisco, nem na cidade nem no sítio (uma obrigação moral dos pais para com os filhos que se casam). E ele tem um terreno na cidade, que é de herança do pai. Mas não investiu nada ali. Agora está percebendo que não dá para investir só no sítio. Mas apesar que ele tem uma vacas muito boas, renovou bem, comprou mais terras. Mas o que adianta isso, se na hora que precisa não tem nada!"*.

Apesar das considerações de José (de todo seu pessimismo com relação à área rural), e até mesmo relativizando-as, percebemos que ele mesmo e todos os entrevistados, se pudessem, comprariam mais terras¹⁷⁴, como muitos deles vêm fazendo quando podem, continuando sua

¹⁷⁴ José manifestou claramente sua intenção de comprar as terras da irmã, Lurdinha ("a parte do Dito Mariano"), ao lado das suas.

vida **no e do sítio**. Para esses sitiantes, viver **no e do sítio** é, mais que apenas uma forma de produzir, uma forma de vida social (ou um modo de vida rural). E é isso, também, que os leva a buscar alternativas para viabilizar seu espaço de vida e trabalho, como vêm fazendo as mulheres que transformam os produtos dos sítios ou os produtores de sementes. Desta maneira, investir na cidade, como acredita José, pode ser mais um meio de manter a vida e o trabalho no sítio, mais um recurso para manutenção da vida **no e do sítio**, uma alternativa frente ao modo como o espaço rural é desvalorizado em nossa sociedade.

Com uma exceção, caso de Olga e Jair¹⁷⁵, todos os entrevistados preferem a vida no sítio, esperam que seus filhos ali continuem e prosseguem sua formação e educação com esse direcionamento. Para quase todos eles, apesar das adversidades, o futuro ideal para seus filhos seria no sítio, um lugar melhor para se viver, onde existe a possibilidade de se materializar o que de fato consideram trabalho, aperfeiçoado por esses filhos que agora têm acesso a uma educação formal mais completa. Isso pode ser observado nos depoimentos a seguir, resultantes das respostas dadas por estes sitiantes quando perguntados sobre:

- O que é melhor, campo ou cidade?
- Pensam/ pensaram em ir para a cidade? Por que não foram?
- Têm projetos para o futuro/ projetos de permanecer no sítio, na agricultura?

Seu Dutra e dona Tina: Lembrando que este é o casal mais idoso dentre os entrevistados, destacamos que seu Dutra nem pensa em morar na cidade, embora dona Tina, justamente por causa da idade, tenha vontade de se mudar para lá. Ela disse já estar cansada, "*no sítio tem muito trabalho*". Ele acha que "*no sítio tem sempre alguma coisa para fazer, na cidade não*". Não têm planos de sair do sítio, mudar para a cidade, e gostariam que os filhos também continuassem no sítio ("*por mim, é tudo no sítio*"), como vêm fazendo. Também não têm casa na cidade.

¹⁷⁵ Apesar de gostarem do sítio, preferem que a vida de seus filhos seja em uma atividade "menos penosa", embora reconheçam que não se oporiam ao casamento de algum de seus filhos com pessoas do sítio mesmo, para continuarem ali. A intenção deles é investir as economias montando uma venda no Bairro do Sabiaúna, antes de comprar mais terras ou qualquer outra alternativa.

Lucinéia e Aílton: Esse casal, que frequenta a cidade em média 2 vezes por semana, não pensa em sair do sítio. Para eles, embora o futuro dos filhos seja em alguma medida incerto, pois os mesmos, diferentemente dos pais, podem escolher uma profissão urbana, o local ideal para se viver (embora com dificuldades) é o sítio: "*eu jamais penso em ir embora e levar meus filhos para a cidade. Quem sabe quando eles crescerem, se quiserem estudar, mudar, aí é da vontade deles. Eu não pretendo sair não. Para mim, é o sítio. A vida não é as mil maravilhas, mas necessidade não passa!*" (Lucinéia).

Seu Ico e dona Maria Antônia: Preferem o sítio à cidade, e não pensam nem pensaram em se mudar para ela. "*Preferimos o sítio porque nós fomos nascidos e criados aqui, já conhecemos tudo, já demos certo. Aqui muita coisa não compra, é uma fartura. E é tudo puro*". Além disso, pretendem "*aumentar, comprar mais um pedacinho de terra*" (seu Ico).

Dona Bernadete e seu Sebastião: Apesar da pouca distância da cidade, e da frequência com que se deslocam até ela, não pensam em sair do sítio para morar lá: "*nasci e cresci no sítio, a vida é toda no sítio, na cidade é só passeio*" (Bernadete). Não têm "vontade" de ir para a cidade. Dona Bernadete disse-nos que até tinha desanimado com o sítio, mas desistiu, porque o marido não quer se mudar para a cidade. Inclusive, tanto o casal como os filhos têm intenção de permanecer no sítio. E começaram com as estufas justamente como tentativa para continuar ali: "*como as coisas estavam difíceis, estivemos pensando em montar uma padaria, mas agora estamos tentando as estufas*".

Seu Otávio e dona Jani: Sobre o que é melhor, campo ou cidade, seu Otávio disse: "*no caso nosso, que precisamos daqui, é aqui mesmo*". Já dona Jani prefere a cidade, "*porque tem mais recurso para quem vai ficando de idade*". Ela sempre pensou em ir para a cidade, ele nunca quis.

Eles têm planos de continuar no sítio mesmo. *"Se tivesse outro tipo de ramo na cidade, um comércio, até mudaria. Mas para morar lá e trabalhar no sítio não dá, vira bóia-fria. Tendo um comércio ou uma profissão daria"* (seu Otávio), mas não têm.

João e Maria Lúcia: Ambos valorizam muito o sítio, tanto para viver como para trabalhar. João acha que *"não tem mais jeito de morar na cidade, foi o tempo"*. Maria Lúcia diz "detestar" a cidade. Segundo ela,

"para quem é jovem, que está estudando, tudo bem. Mas para a gente, não dá. Eu vou ser sincera, detesto cidade. Eu gosto da cidade para ir vender as coisas, profissionalmente, para trabalhar. Se eu morasse na cidade... Para ir para a cidade eu tenho que arrumar um emprego primeiro, porque eu não suporto aquele negócio de mulher ficar para a rua, para os portões. Acho aquilo horrível. Eu vou à cidade, acabo de fazer o que tenho que fazer, minha compra lá, visito as pessoas que quero visitar, já me dá ansiedade, fico desesperada para vir embora. Para trabalhar sim, que nem a minha irmã que mora lá, sai cedo e chega de noite. Mas descansar na cidade, jamais. Olha, e eu conheço uma prima minha, a Nilda, ela é fazendeira (é esposa do compadre Vinícius, a que José se referiu há pouco). É uma das famílias mais ricas daqui do município. Ela morava aqui no bairro do Couto. (...) Eles têm uma propriedade lá para frente, fora outras que tem em outros lugares, e na cidade nem sei quantas casa de aluguel, e telefone. É gente muito bem, você olha assim não diz, é pessoa que nem a gente assim. Ela sempre trabalhou que nem nós, trabalhava que nem eu, era uma mulher que nem eu assim no serviço. E agora os filhos casaram, ela foi embora para a cidade. Olha, ela envelheceu tanto, que eu acho que quando ela trabalhava era bem mais saudável para ela. Porque eu acho que a pessoa que gosta de trabalhar, não digo se matar. Se matar não, ser escravo do serviço jamais. (...) Mas eu acho que trabalhar para mim é terapia. Terapia de pobre é trabalho! (...) Eu acho que a cidade é bom para quem está bem empregado, garantido. Mas para ir hoje... Aqui no sítio a vida é mais dura, mas eu acho que é mais tranqüilo. Pelo menos aqui do nosso lado, aqui nesse bairro, dos Pretos, no Salto, não existe gente pobre. Tem muita gente que tem propriedade mas não trabalha na propriedade, daí não produz. Porque na terra, tem que se saber explorar, porque se não souber não dá mesmo. Porque dificuldade está em geral, mas dá para ir tocando".

Apesar da situação difícil, então, não pensam em sair do sítio. Maria Lúcia diz: *"mas mesmo assim, eu acho que só para quem não tem mais o que perder para ir embora para a cidade. Porque todo mundo que vendeu aqui, e foi embora para a cidade, acabou, não tem nada mais"*.

Dona Aparecia e seu Sebastião: Para eles, como a cidade é pequena, é *"a mesma coisa do sítio, não tem crime"*. Mesmo assim, preferem a vida *"no sítio, porque para a gente que é acostumado é melhor, porque o serviço é aqui. Cidade é só para ir ao banco, compras. Não tem nem como ficar muito na cidade, porque o serviço é aqui"*. Nunca pensaram em se mudar para a cidade, e querem continuar no sítio, na agricultura e *"do jeito que está mesmo. Tem que continuar no que está dando. Facilitar as coisas para ficar aqui"*. Têm planos de comprar um telefone celular rural (*"já está assinado"*) para facilitar as coisas, e diminuir as *"viagens"* à cidade.

Neusa e Luís: Já pensaram em se mudar para a cidade de Joanópolis, para mudar de ramo, abrir um comércio. Justificam não ir pelo medo de não dar certo: *"vender tudo aqui, e depois lá não dar certo"*. Entretanto, valorizam bastante o sítio, principalmente para a educação dos filhos: *"a educação dos filhos eu fico com o sítio, o ambiente é melhor. A cidade é boa para algumas coisas, o sítio para outras: precisa os dois"*. Atualmente pensam em continuar no sítio: *"se melhorar a situação, por que não ficar? Se registrar o doce, melhorar"*.

Regina e Marinho: Têm uma casa na cidade, que está alugada, mas não pensam em mudar para lá: *"não temos intenção de morar na cidade, só se as crianças quiserem, mas eles não querem"* (Regina). Têm projetos, sim, de permanecer no sítio, e pensam inclusive, em comprar um pouco mais de terra (a que arrendam hoje): *"não pode acabar a esperança"*.

Valdir e Lucélia: Ao mesmo tempo em que dizem que, *"desanima de morar no sítio, é muito trabalho e pouco ganho"*, acham o sítio melhor do que a cidade, *"principalmente por causa das crianças"*. Gostam de morar no sítio *"porque é calmo"*. Não têm projetos de ir embora, pensam *"em ficar no sítio mesmo. É difícil a vida, mas preferimos ficar aqui. Só se não puder mais, as coisas ficarem mais difíceis. Na cidade tem que comprar tudo, é muito gasto"*. Mas argumentam: *"no momento o sítio está sem futuro, não tem renda"*. A renda que obtém ali mantém a família, *"mas não dá para pagar um camarada para ajudar. Precisaria investir, mas não tem como"* (Valdir).

José e Penha: Já pensaram em se mudar para a cidade, mas não foram porque quando um queria ir, o outro não queria, e não deu certo, pois dizem que "*o trabalho é aqui*" (embora o de Penha seja na cidade). Hoje, ao contrário, pensam em "*manter a propriedade e se possível aumentar*", mesmo que os filhos decidam ir para a cidade quando puderem optar (o que é difícil, visto ambos os filhos, apesar de um ser criança e o outro adolescente, já manifestarem claramente suas intenções de continuar a vida da família no sítio mesmo).

Jair e Olga: Para eles, o sítio é bom por um lado, e a cidade por outro. No sítio há o ar puro, na cidade "*possibilidade de aumentar os ganhos, o futuro*". Pensaram em ir para a cidade em algum momento, no meio de uma longa briga familiar em que eles eram o principal alvo de fofocas dos outros irmãos de Jair. Os problemas tinham relação ao uso da terra, ao modo como eles vinham conduzindo o trabalho no sítio e ao fato de estarem concentrando renda que poderia ser de todos, uma vez que a propriedade ainda não está dividida entre os herdeiros. Porém, em dado momento, alguns irmãos acharam que eles tinham razão, por isso resolveram ficar. Agora pretendem continuar no sítio, porém abrindo um comércio ali mesmo, onde de fato falta um ponto de apoio, pois o mais próximo fica a 7 quilômetros em uma difícil estrada de terra: "*Pondo a venda, que é o que planejamos, pretendemos continuar*". Querem abrir a venda ("*mercearia, para ter de tudo*") em frente à casa deles porque, além de não haver nenhuma no bairro, podem continuar no sítio e melhorar a renda familiar, não se desfazendo do patrimônio que, como de costume, pode ir "*passando de geração para geração*" (Olga). Nesse caso, Olga diz que, se eles resolverem ir embora, aí os filhos resolvem se vendem ou não.

A diferença entre o sítio e a cidade existe, claro, e não é pequena. Afinal, neste município, é só na cidade que se tem acesso aos equipamentos básicos de saúde, à escola depois da 4ª série, ao banco, a todos os outros serviços públicos destinados à população em geral, além do supermercado, feira, lojas de produtos agrícolas; é lá que se vende os produtos dos sítios, *in natura* ou transformados pelas mulheres (ou seja, é lá que são realizados os negócios), dentre

outros. É na cidade que moram alguns parentes, é lá que são realizados os casamentos e batizados, a festa de São João. O espaço rural, espaço de vida e trabalho de famílias rurais, representado pelos sítios e bairros rurais do município, continua, por um lado, associado ao espaço da precariedade, da distância, do aparente isolamento, do trabalho duro; e por outro, ao espaço da solidariedade, o local ideal para se viver e trabalhar, para criar e ensinar os filhos, o espaço natural e socialmente rústico e belo, ideal para o lazer de famílias urbanas.

Contudo, a linha que separa os espaços rural e urbano no município de Joanópolis é, em alguma medida, e para muitos, um tanto quanto tênue. Mudar-se para a cidade aqui significa mudar para a cidade de Joanópolis, continuando com o sítio ou não. Como já dissemos, as relações vividas dentro desse que chamamos aqui um "modo de vida rural" perpassam os limites de sítio/bairro rural e cidade. Fica claro que, se pudessem, e em melhores condições, quase todos fariam planos para permanecer e estabelecer seus filhos, com ou sem estudo, no sítio, espaço de vida e trabalho que garante algo além da sobrevivência física e social de cada geração: a autonomia, e possibilidade de continuidade da família em seu espaço de vida e trabalho tradicionais. O que parece importar, e muito, é poder viver onde se trabalha, onde existe a possibilidade de garantir o sustento e a prosperidade da família. Alguns colocam, entretanto, que se fosse preciso mudar para a cidade, "mudar de ramo", para garantir um futuro melhor para os filhos, o fariam. Preferencialmente, não. Mas caso fosse necessário abandonar o sítio (pela cidade de Joanópolis), por este não dar mais o retorno necessário para se manter ali, o fariam. Como último recurso, pois, como disse Maria Lúcia, vendendo o sítio você corre o risco de perder tudo, porque ninguém garante que na cidade o negócio vai dar certo (e para muitos já não deu). Certamente não é isso, uma submissão aos destinos impostos pelo sistema econômico¹⁷⁶, que as famílias vêm buscando. Eles tentam, de muitas maneiras, manter a vida **no e do sítio** em condições dignas, o que inclui o recurso constante à cidade. Para eles importa viver da melhor maneira possível, seja no sítio (preferencialmente), ou na cidade. Para alguns, inclusive, o ideal seria viver no sítio, com uma relação bastante estreita e próxima com a cidade, o que lhes garantiria a qualidade de vida de se morar no sítio, a proximidade com a família e o trabalho, o pertencimento ao bairro e à comunidade, e ao mesmo tempo a possibilidade de acesso às necessidades e facilidades oferecidas na cidade, a possibilidade de investir também ali, o

rompimento com a especificidade dos limites espaciais - de sítio ou cidade, para sítio e cidade - para garantir um futuro próspero para a família, para os filhos.

III.5. Viver no e do sítio.

Podemos constatar que as estratégias que estes sítiantes vêm adotando para viver **no e do sítio**, bem como para se manter e à sua família no decorrer do tempo, ou seja, para realizar seus projetos, passam:

- por essa relação bastante próxima com a cidade, o que não significa mudar-se para a mesma, mas muito mais ter acesso aos recursos oferecidos na mesma;
- pela educação dos filhos;
- por estratégias econômicas.

A educação dos filhos parece significar, mais que a simples educação formal (o que já não é pouco neste contexto), a possibilidade de escolha por parte dos filhos (o que seus pais nem sempre tiveram), de que estes se estabeleçam onde tiverem melhores condições de se desenvolver e à sua família (seja no sítio, com mais conhecimento para desenvolver e aperfeiçoar as atividades do mesmo, ou na cidade, em profissões urbanas). A educação pode facilitar, ainda, a organização destes sítiantes, o acesso à cidadania, aos direitos, a busca por melhores condições de vida e trabalho no campo.

Enquanto isso, as estratégias econômicas passam tanto pela diversificação da produção (agrícola e não agrícola), como por investir¹⁷⁷ na pequena cidade de Joanópolis, que pode garantir mais retorno financeiro que o investimento na propriedade familiar, conforme explicado por José.

¹⁷⁶ Que submete esses sítiantes a uma penosidade crescente do trabalho para garantir padrões razoáveis de sobrevivência, o que pode ser observado até mesmo pelo fato de "o trabalho ser mais familiar do que nunca", ou seja, pela dificuldade de se contratar diaristas para ajudar no trabalho.

¹⁷⁷ Lembro aqui que nem todos vêm conseguindo investir, em virtude, dentre outros, da grande descapitalização e submissão a que estão sujeitos.

Viver no e do sítio não significa apenas manter sua atual condição de sitiante, mas manter esta condição como possibilidade de melhoria dos atuais padrões, seja através da educação dos filhos, da diversificação da produção, ou da realização de investimentos.

Apesar de todas as dificuldades impostas a estes sitiantes, mais a alguns do que a outros, eles esperam que, mais cedo ou mais tarde, sua situação venha a se tornar melhor, e lutam, individualmente, para isso. Não é a toa que as mulheres estejam se mobilizando para garantir a sobrevivência de suas famílias e sua permanência **no e do sítio**. Ou que homens e mulheres estejam buscando diversificar sua produção (seja através da produção de sementes, seja através do processamento artesanal dos produtos agrícola da propriedade) e seus investimentos (incluindo até mesmo o investimento na cidade) para ter maior retorno e poder manter a propriedade e a família de maneira digna. O projeto de ser sitiante, agricultor familiar, aqui se renova, e talvez diferentemente de outras realidades, passa pela inserção ativa da mulher no processo produtivo da propriedade, por sua participação na formação e destino da renda familiar. E apesar das desigualdades ainda vigentes, o desempenho da mulher na produção familiar passa a ser reconhecido socialmente, e passa a ser fundamental para a manutenção e desenvolvimento desta produção. Afinal, não basta mais apenas plantar, colher, e vender. É preciso transformar os produtos, é preciso traçar estratégias de produção e investimento que garantam a reprodução da família e de cada um de seus membros (pais e cada filho) no decorrer do tempo, bem como uma integração mais digna ao mercado. Como me disse certa vez a professora Emília Pietrafesa de Godói, "o campesinato muda para permanecer".

Porém, estes sitiantes sabem também que esta mudança depende de um conjunto de fatores que passam por instâncias bem longínquas do município de Joanópolis: desde as decisões políticas e governamentais, até a (des)regulamentação do mercado diante da globalização financeira. Afinal, não é por acaso que seus produtos (milho, feijão e leite) não alcançam preços dignos de venda, a ponto de não compensar produzir alguns deles, assim como não é por acaso que estes sitiantes têm pouquíssimo acesso ao financiamento rural (pegar um financiamento é algo que os assusta por antecipação, pelo medo de dever para os bancos). Além disso, dentro em breve a produção de leite deve ser regulamentada de tal maneira que esses pequenos produtores familiares que não tiverem a possibilidade de mecanizar o processo sejam excluídos. Como disse dona Euzira, mãe de Neusa, em julho de 1997, "*daqui a pouco não vai mais ter esse negócio de*

tirar o leite assim, vai ser tudo máquina. Mas, para a gente, que tira pouquinho, não vai mudar nada, não vai compensar ter uma máquina só para tirar este pouquinho de leite". Ou seja, talvez não possam mais contar com o leite *in natura* - o produto principal de muitos - como produção, como fonte de renda.

Desta forma, pensamos que o viver **no e do sítio** significa viver no sítio, mas não somente das atividades agrícolas no mesmo. Passa também pela possibilidade de dedicar-se às atividades não agrícolas da propriedade, de diversificar os investimentos, de que os filhos possam estudar, de ter acesso aos recursos da cidade, mantendo a qualidade de vida do sítio e dos bairros rurais, com tudo o que isso significa.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Brandão (1999) apresenta uma justificativa importante de se considerar sobre o "ficar na terra", permanecer "agricultor familiar". Segundo ele isso se deve, também, ao "afeto da terra", à ligação do homem, camponês, com a natureza, com o mundo natural e, mais especificamente, com a terra. Ele diz:

"mas, ao pensar o lado de dentro dos modos de ser e imaginar um mundo de trocas através do trabalho, se a face do afeto, das sensibilidades ditas e vividas no cotidiano não for levada em conta, o lado talvez menos sociologicamente reconhecível, mas o também mais socialmente vivo, poderá ficar não revelado. Como esconder que entre os velhos homens do campo a terra é amada? Como não dizer que eles dizem isto, e subordinam as respostas às perguntas mais operativamente práticas e consensuais a este estofo interno; a esta face nunca facilmente confessável do lado inferior das lógicas e das éticas do mundo rural? Somente entre os produtores já muito modernizados, já bastante separados de um contato corporal e rusticamente ritualizado entre a pessoa do produtor agropastoril e a terra, e a água, e as pedras, ventos e árvores, entre ele próprio e 'seus bichos', uma carga de sentimentos para além da utilidade e interesse começa a ser, também ela, pragmaticamente relativizada e substituída por um sistema de valores regido por uma lógica que retira da natureza para o mercado e das trocas entre os homens e seus seres para os homens e as suas coisas, a tessitura dos afetos, o poderoso mistério das lembranças e as forças dos sentidos das virtudes rústicas que costumam compor a épica da cultura e a lírica da vida do campesinato". (Brandão, 1999, pp.65-66)

No entanto, sabemos haver outras dimensões a serem consideradas, como vimos tratando até aqui.

Nossa intenção, no primeiro capítulo desta dissertação, foi apresentar as famílias de sítiantes com quem trabalhamos nesta pesquisa, contar um pouco sobre elas, seu modo de vida rural, sua vida no sítio e no bairro, seus trabalhos, suas histórias, as dificuldades. Já a partir deste primeiro capítulo pudemos perceber as mudanças pelas quais o município vem passando, assim como a diferenciação cada vez maior que vem se estabelecendo entre seus sítiantes.

Uma parte destas mudanças se deve às transformações gerais da sociedade que, de alguma maneira, terminam afetando a vida e o trabalho nos sítios dos bairros rurais dessas encostas da

Mantiqueira. Até mesmo a mudança nas relações de trabalho praticadas no meio urbano das grandes cidades, como São Paulo, afetam a vida local. O exemplo claro disso é o trabalho mecânico de costura realizado por algumas mulheres dos sítios e da cidade de Joanópolis. Trabalho este que poderia perfeitamente ser realizado em qualquer local do planeta, e o é ali por ser um local em que se encontra mão-de-obra barata e disposta para o trabalho.

A introdução de estufas para produção de sementes é também reflexo das mudanças mais gerais que chegam ao município. Praticar o que se chama de "plasticultura" é algo um tanto quanto diferente para sítiantes que historicamente viveram da pequena pecuária leiteira, e das plantações, seja de café, no início do século, seja de milho e feijão, mais recentemente. No entanto, com a desvalorização crescente destes produtos, ainda mais quando produzidos em pequena escala, como acontece aqui, as lavouras e cultivos mais comerciais tendem a ocupar espaço. A produção de sementes é um cultivo absolutamente comercial, que implica até mesmo em contrato com uma grande empresa, ou a condição de se tornar meeiro de um intermediário com a mesma. A introdução deste tipo de cultivo apresenta-se como opção para a diversificação da produção do sítio, uma alternativa de renda para permanecer ali e, ao mesmo tempo, um estilo muito mais comercial de se pensar a relação com o sítio, com a terra, principalmente para a família de seu Sebastião, que fez disso um "negócio" bastante lucrativo. No entanto, algumas vezes, principalmente para os meeiros, pode representar, no longo prazo, a perda de parte da autonomia que caracteriza a vida e o trabalho ali.

Outro fator de mudança, importantíssimo de se considerar, e que afeta estes sítiantes de maneira por vezes perversa, é a valorização turística do município, e as implicações da chegada de pessoas "de fora" no mesmo. Como colocamos, com a chegada dessas pessoas "de fora", moradores de grandes cidades, principalmente São Paulo, as terras passam a ser bastante mais valorizadas, a mão-de-obra eventual encarece, e muitas vezes isso que chamamos de transformação do espaço de produção em espaço de lazer termina por inviabilizar a permanência das famílias de sítiantes ali, questionando a própria perspectiva do rural como espaço histórico de produção e reprodução deste sítiantes. O que parece preocupante não é o fato desta área rural tradicional, em processo de mudança, passar a ser valorizada como espaço turístico. Na verdade, isso poderia ser até mesmo um novo modo de se pensar o local, de se pensar a vida e o trabalho ali, inserindo seus moradores em uma nova dinâmica que pudesse lhes trazer mais benefícios,

tanto sociais como econômicos, em virtude principalmente da desvalorização de parte da produção agrícola e da pequena pecuária leiteira. O que preocupa é o fato desta área estar sendo valorizada não em conjunto com, mas **em detrimento de** seus moradores tradicionais, ou seja, na valorização turística desse território não há espaço para seus moradores, que muitas vezes para ficar ali precisam se tornar caseiros de seus próprios sítios. É importante perceber como esse espaço rural natural e rústico deixa de ser considerado o espaço do aparente vazio, da ausência¹⁷⁸, da precariedade, espaço de vida e trabalho de famílias tradicionais de sítiantes, e passa a ser valorizado quando se transforma em espaço de lazer de famílias urbanas. O que não se percebe é o fato de ser justamente a presença destas famílias de sítiantes ali o que garante o espaço natural e rústico, atrativo, tal como se apresenta para as famílias urbanas.

Para alguns sítiantes (principalmente os mais descapitalizados, conforme pudemos constatar), resta ir para a cidade de Joanópolis, encontrar outro trabalho, o que, lembramos aqui, não necessariamente significa sair do bairro rural, uma vez que a cidade é considerada, por muitos, um sítio, a extensão do bairro, onde todos, quando não são parentes, ao menos se conhecem. Para outros, contudo, somente a vida e o trabalho no sítio é que fazem sentido. E para manter a si e sua família **no e do sítio** desenvolvem algumas alternativas, conforme pudemos observar principalmente nos capítulos subseqüentes (II e III).

No capítulo II buscamos compreender mais especificamente o modo como a categoria trabalho vem sendo apropriada entre as famílias entrevistadas, e também as mudanças pelas quais esse trabalho vem passando. Observamos que as mulheres saem da esfera exclusiva da ajuda, passando para a esfera do trabalho, da responsabilidade pela formação da renda familiar, junto com seus maridos, o que lhes abre a possibilidade de ter voz e poder de decisão na família, de ter seus próprios trabalhos e até mesmo receber ajuda para as tarefas domésticas. Não queremos com isso desenfatar a dimensão do conflito, da subordinação a que muitas mulheres rurais estão sujeitas (assim como suas famílias o estão em um contexto mais global), mesmo porque estamos falando de uma sociedade bastante tradicional e conservadora. No entanto, é importante considerarmos que, por vezes, como pudemos perceber nesta dissertação, é justamente o trabalho dessas mulheres, as atividades desenvolvidas pelas mesmas que, de certo modo, viabilizam a permanência de suas famílias **no e do sítio**, como nos casos em que elas passam a realizar o

¹⁷⁸ Lembro que até mesmo o Censo deixa de considerar os moradores das áreas rurais do município, e apresenta Joanópolis como

processamento artesanal dos produtos agrícolas dos sítios. Percebemos que as mulheres passam a ter algum poder, inclusive de decisão sobre a aplicação dos recursos, quando trabalham em atividades próprias, suas (ainda que de alguma maneira contem para isso com a mão-de-obra do restante da família), que geram recursos essenciais para a formação da renda familiar, para os investimentos da família, na propriedade ou fora dela, sem os quais a reprodução dessa família no meio rural seria inviabilizada. De certa forma, são elas que garantem a permanência de suas famílias em condições dignas no meio rural. Daí a importância de se criar e direcionar políticas específicas para as mulheres, também neste meio. Pensamos que, investir nas mulheres rurais significa lhes dar espaço dentro da família e na sociedade, lhes dar algum poder, e pode significar investir em suas famílias, criando condições para a permanência desta, e das próximas gerações, no campo.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, procuramos dar conta dos projetos e estratégias dos sitiantes para se manterem **no e do sítio**, em complementação às descritas no capítulo 2. Desta forma, procuramos caracterizar o que chamamos de um "modo de vida rural" específico, no qual estas famílias (e muitas outras do município) estão inseridas, e que, em parte, orienta suas escolhas. Lembramos que este modo de vida específico, que leva em conta tanto as tradições, como os projetos de vida destes sitiantes, não é limitado espacialmente à área rural do município, mas perpassa todo seu território, e inclui uma relação bastante estreita com a cidade, e o constante acesso aos recursos oferecidos na mesma. É este modo de vida que faz com que esta seja uma "sociedade de interconhecimento". Neste contexto é que introduzimos uma pequena discussão sobre os projetos e estratégias destes sitiantes para se manter e à sua família **no e do sítio**, o que, segundo colocado, passa: pela tentativa de estabelecer uma relação mais próxima com a cidade de Joanópolis, para ter acesso aos recursos oferecidos na mesma; pelo investimento na educação (escolarização) dos filhos, com o objetivo de lhes oferecer tanto mais conhecimento formal, que pode ser utilizado para aperfeiçoar o trabalho no sítio, dentre outros (pode facilitar a organização destes sitiantes, seu acesso à cidadania, aos direitos, a busca por melhores condições de vida e trabalho no campo), quanto a possibilidade de escolha da profissão e conseqüentemente do local de moradia (sítio ou cidade); por estratégias econômicas que incluem tanto a diversificação da produção - representada pelo trabalho das mulheres e inovações como a produção de sementes - como dos investimentos - que incluem a possibilidade de investir na

uma localidade essencialmente urbana, em contradição com o que seus próprios moradores pensam do município.

cidade, para uma maior capitalização, pelo menos no curto prazo, o que o trabalho agrícola nem sempre possibilita.

A vida **no e do sítio** parece ser um ideal perseguido pelos sitiantes de Joanópolis entrevistados nesta pesquisa. Para eles, o sítio, inserido em um bairro rural, é o espaço ideal para se viver, para criar os filhos. É lá que têm a possibilidade de trabalhar da maneira que sabem, desenvolver o que aprenderam com seus pais, tornando produtivos os espaços de terra nua. Entretanto, as dificuldades da vida no sítio também são muitas: há que se enfrentar a precariedade (algumas propriedades, como a de João e Maria Lúcia, não tem nem mesmo energia elétrica), o trabalho familiar penoso e intenso, a dificuldade em vender os produtos a preços dignos, a incerteza de um futuro promissor para os filhos. Assim, para eles o sítio é sim o local ideal para se viver, onde podem manter sua qualidade de vida. No entanto, para continuar vivendo ali, para manter a sua família e estabelecer seus filhos, manter essa qualidade de vida não significa a simples manutenção dos padrões atuais, mas a diversificação, a possibilidade de melhora, de maior acesso à informação, e aos direitos de cidadão. Faz sentido o que Maria Lúcia nos disse quando procurávamos entender a intensificação do trabalho de sua família, conforme reproduzido no capítulo anterior: *"Antigamente não existia esse negócio (...) de querer as coisas, conforto. E hoje, se não trabalhar não tem. E todo mundo quer ter"*.

Desta maneira é que o viver **no e do sítio** deixa de significar apenas o viver das atividades agrícolas e pecuárias do sítio. Significa, também, dedicar-se às atividades não- agrícolas da propriedade (o que pode ser mais rentável, e envolver outros membros da família que não o chefe masculino do estabelecimento, trazendo a mulher para a esfera das decisões), a possibilidade de diversificar os investimentos, o estudo dos filhos (e, dentro das possibilidades, a escolha da profissão dos mesmos), o acesso aos recursos oferecidos na cidade, mantendo a qualidade de vida do sítio e dos bairros rurais.

Ficar no sítio, hoje em dia, na condição de sitiante, significa, principalmente, produzir mercadorias. Ademais, também não basta criar, plantar, colher e vender. Há que transformar a matéria prima, há que diversificar a produção, dentre outros. Isto é, ficar no sítio, na condição de sitiante, implica em produzir mercadorias numa sociedade competitiva e com condições desiguais de competição. Ficar no sítio é um projeto de vida que reclama a adoção de políticas de desenvolvimento rural que considerem na sua elaboração e execução tanto a desigualdade destas

condições sociais e econômicas, quanto, e principalmente, a consideração de que os agricultores familiares são sujeitos de direitos, e as suas aspirações são legítimas e merecedoras de reconhecimento. Sujeitos de direitos, cidadãos e cidadãs, não podem ser tratados como mera reserva de mão-de-obra cujo destino já está traçado pelas inexoráveis forças cegas do mercado e do capital. Além disso, as muitas formas de integração local, as relações vicinais, as reciprocidades, o interconhecimento, a solidariedade, as complementações entre e no interior das famílias (em que pese as persistentes desigualdades de classe e de gênero) devem ser também contempladas e consideradas na elaboração destas políticas de desenvolvimento.

É preciso que haja uma valorização do espaço rural. É perverso o modo como nosso rural, como espaço de vida e trabalho, é desvalorizado (o que nem sempre acontece com o rural como espaço de lazer, ou fuga do trabalho de famílias urbanas), em detrimento da valorização dos espaços urbanos. Para isso, o reconhecimento da existência de municípios (ou cidades) rurais, bem como de um modo de vida correspondente (modo de vida rural), conforme tratado aqui, é mais que necessário. Assim como é necessário que os cidadãos do campo tenham acesso à cidadania, aos bens e serviços públicos e privados que, quando disponíveis, o são apenas para os urbanos (desde educação e saúde até documentação e acesso a bancos). É preciso tornar o campo - tomado como espaço de vida e trabalho de sítiantes, agricultores familiares - mais cidadão, menos precário e rústico, garantindo uma vida digna para suas populações. Assim já dizia Antonio Candido:

" o caipira é condenado à urbanização, e todo o esforço de uma política rural baseada cientificamente (isto é, atenta aos estudos e pesquisas da Geografia, da Economia Rural, da Agronomia e da Sociologia) deve ser justamente no sentido de urbanizá-lo, o que, note-se bem, é diferente de trazê-lo para a cidade". (Candido, 1971, p.225)

V. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Mauro W. B. "Redescobrimo a família rural". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.1, nº1, junho de 1986.

ABRAMOVAY, Ricardo (coord.); SILVESTRO, M.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I.T.; FERRARI, D.; Testa, V.M. **Juventude e agricultura familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

_____. **Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. IPEA, Projeto BRA/97/013: Interrelações entre as transformações demográficas e a agenda social, São Paulo, Rio de Janeiro, junho de 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

Brumer, Anita et alli. In: Lamarche, Hugues (coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v.1: Uma realidade multiforme.

Brumer, Anita. **"Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul"**. Trabalho apresentado no XXII Congresso Internacional da LASA. Miami, 2000. Mimeo.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 2ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CARNEIRO, Maria José. "Ruralidade: novas identidades em construção". In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n.º 11, p.53-75, outubro de 1998.

_____. "Agricultores Familiares e Pluriatividade: Tipologias e Políticas". In: Costa, L.F.; Moreira, R.; Bruno, R. (org.). **Mundo Rural e Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1999.

CASSALHO, Valter. **Memórias de um gigante adormecido**. Joanópolis, 1994. Mimeo.

ECHEVERRIA, Thaís Martins. **Caipiras e samurais modernos**. Campinas, 1993. Dissertação de mestrado - IFCH, Unicamp.

FUKUI, Lia. **Sertão e bairro rural**. São Paulo: Ática, 1979.

GARCIA Jr., Afrânio. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **O sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social.** São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora Unb, MCT-CNPQ, 1989

GARCIA, M. F.; GARCIA Jr., A.R.; HERÉDIA, B. A.. "O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas". In: AGUIAR, Neuma (org.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas.** Petrópolis: Vozes, 1984.

GODÓI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

HARRIS, Terry Gonçalves. **Ecossistemas distantes: primórdios e evolução histórica de Joanópolis.** São Paulo: EDICON, 1996.

HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JACINTO, Andrea Borghi Moreira. **Afluentes de memória: itinerários, taperas e histórias no Parque Nacional Grande Sertão Veredas.** Campinas, 1998. Dissertação de mestrado, IFCH - Unicamp.

LAMARCHE, Hugues (coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v.1: Uma realidade multiforme.

_____. **A agricultura familiar: comparação internacional.** Campinas: Editora da Unicamp, 1998. v.2: Do mito à realidade.

LIMA, Roberto Cunha Alves de. **Nas trilhas do tempo: no mundo de Campo Redondo.** Campinas, 1997. Dissertação de mestrado - IFCH, Unicamp.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis, Vozes: 1983.

MOURA, Margarida M. **Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural.** São Paulo: Hucitec, 1978.

MÜLLER, Nice Lecocq. **Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim 132, Geografia nº 7. São Paulo, 1951.

PALACIOS, Guilherme. "Campepinato e escravidão no Brasil: uma proposta de periodização para a história dos cultivadores pobres livres do Nordeste Oriental do Brasil (1700-1875)". **Dados - Revista de Ciências Sociais,** Rio de Janeiro, nº 30, p. 325-356, 1987.

PAULILO, Maria Inez S. "O peso do trabalho leve". In: Grassi, E. **La antropologia Social y Los Estudios de la Mujer.** Buenos Aires: Humanitas, 1986.

PESSOA, Jadir de Moraes. **A Revanche Camponesa.** Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros Rurais Paulistas: dinâmica das relações bairro rural - cidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

_____. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1976.

ROLIM, Iara Cecília P. **Mulheres e homens no campo: na perspectiva do gênero**. Campinas: 1993. Mimeo.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do Vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SUÁREZ, Mireya. **A perspectiva de gênero no desenvolvimento rural: fundamentos teóricos metodológicos**. Brasília, s/d, mimeo

VEIGA, José Eli da *et alii*. **O Brasil Rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Convênio FIPE-IICA (MDA/CNDRS/NEAD), 2001.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção**. In: **REFORMA AGRÁRIA**, vol. 25, mai-dez 1995, p. 37-57.

_____. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. 2000, mimeo.

_____. "Raízes históricas do campesinato brasileiro" In. Tedesco, J.C. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

WOORTMANN, Ellen F. "O sítio camponês". In: **Anuário Antropológico/81**. Fortaleza/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 164-203, 1983.

_____. "Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades 'pesqueiras' do Nordeste". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº18, p.41-61, fevereiro de 1992.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres**. Brasília: Hucitec/Editora da Unb, 1994.

Woortmann, Klass. "Com parente não se 'neguecia': o campesinato como ordem moral". In: **Anuário Antropológico/87**. Brasília: Ed. da UnB, 1990.

ANEXO I: Questionário

I - Identificação do entrevistado

Nome:

Idade:

Estado civil/ Tempo de casamento:

Origem da família:

II - Composição da família do entrevistado:

Estado civil dos filhos	Situação	Sexo	Idade	Escolaridade	Local de residência/ Destino
	Chefe				
	Cônjuge				
	Filho 1				
	Filho 2				
	Filho 3				
	Filho 4				

- Planejamento familiar (Se a família for pequena: Decidiram ter esta quantidade de filhos? Por que?)

III - Acesso à terra

3.1 - Quantos irmãos já casados moram na mesma propriedade?

3.2 - A quem pertence a propriedade? (pai, herdeiros - É proprietário ou trabalha nas terras do pai?)

3.3 - Como a terra foi adquirida

Área em propriedade Herança:

Área em propriedade Compra:

Área em arrendamento:

Área em parceria:

3.4 - Por que ficou com este pedaço da terra? (Arranjos sobre o "uso" da terra - pai, filhos, filhas)

3.5 - Quem construiu/mandou construir a casa, o pai ou o filho? Em que ocasião (casamento do filho, etc)?

IV - Estrutura produtiva:

	Área	Tempo de atividade	Destino produção (gasto/venda/ambos)	Destino produção vendida ¹
4.1 - Culturas				
4.2 - Pecuária				
4.3 - Produtos transformados				

V - Trabalho da família no estabelecimento

- Quem decide sobre as coisas na propriedade em relação à produção, ao trabalho, à ocupação do espaço? (pai, filhos, etc)

-Se há irmãos já casados morando na mesma propriedade, fazem algum trabalho em conjunto? E as esposas, fazem?

	Chefe	Cônjuge	Filho 1	Filho 2			
Agricultura							
Pecuária							

¹Venda direta em casa/na propriedade, venda direta na rua/entrega, comerciante, feira, indústria com contrato, indústria sem contrato.

	Chefe	Cônjuge	Filho 1	Filho 2			
Pequena criação							
Transformação							
Trabalho doméstico (casa/filhos)							
Venda dos produtos							
Administração							

VI - Trabalho externo da família

Atividades fora do sítio	Quem realiza (chefe, cônjuge, filhos, etc)	Tempo de trabalho externo
Atividades extra-sítio feitas a domicílio	Quem realiza	Tempo de trabalho dedicado à atividade, no sítio

VII - Renda familiar

- Proporção de cada atividade (sítio e extra-sítio) na formação da renda

- Destino da renda obtida com o trabalho das mulheres

.transformação:
.venda pequena criação:

.trabalho a domicílio:

VIII - Relação com a cidade

- Que cidade? (Joanópolis, Campinas, São Paulo, etc)

- Para onde vão os que saem?

- O que encontram na cidade de Joanópolis?
.Os que saem:

.Os que moram no sítio mas vão à cidade com frequência

- Têm casa ou filhos que moram na cidade?

- Com que frequência vão à cidade?

- Meios de transporte:

- O pessoal da cidade vem ao sítio?

IX - Vida da comunidade

- O que existe (bens e serviços) no seu meio rural

- O que fazem juntos
.No trabalho:

.Festas religiosas/ comunidade:

.Lazer:

- Tém amigos, outros parentes na cidade? Costuma visitá-los?
- O que é melhor, campo ou cidade?

X - Destinos

- Pensam/ pensaram em ir para a cidade? Por que não foram?

- Razões da migração (Por que saíram, foram para a cidade?)

- Projetos para o futuro/ Projetos de permanecer no sítio, na agricultura?

- Importância do estudo para ficar na agricultura ou não:

- Como acha que vai ser o futuro dos filhos e filhas, no campo ou na cidade? Fazendo o que (o que esperam dos filhos)?

- Se os filhos forem para a cidade, e o destino/ futuro da propriedade, da família?

- Importância do casamento:

- “Influência”/ “Herança cultural” de seus pais e avós no modo de vida da família (organização da casa, do trabalho, da própria família)

* Tecnificação (A introdução de alguma tecnologia colaborou para a permanência no sítio?)

ANEXO II: Mapas



- Região Norte
- Região Nordeste
- Região Centro-Oeste
- Região Sudeste
- Região Sul

São Paulo

(divisão por municípios)

■ São Paulo

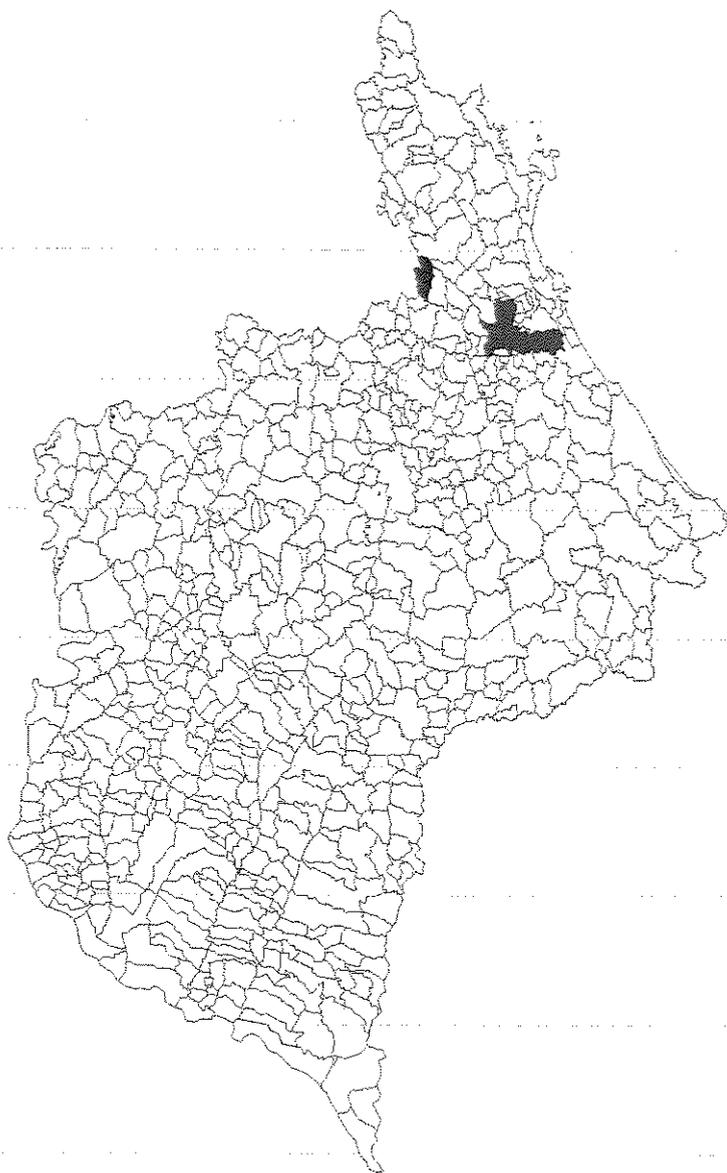
■ Joanópolis

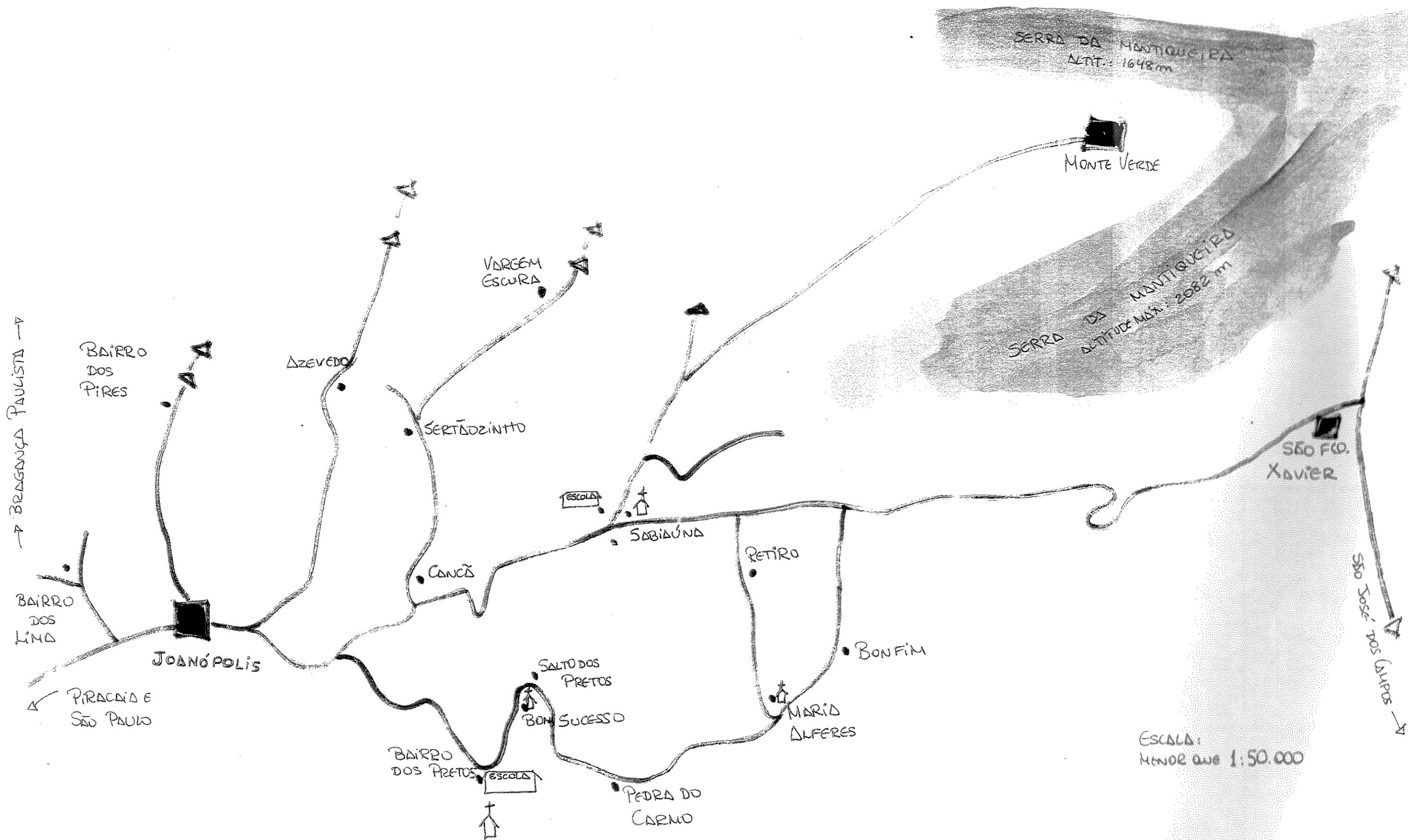
-53°

-44°

-20°

-25°

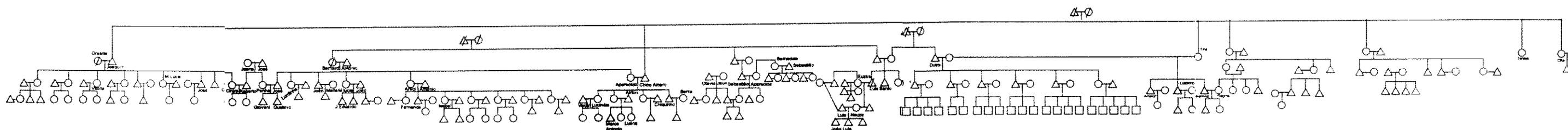




ESCALA:
MENOR QUE 1:50.000

ANEXO III: Genealogia

Geneologia das Famílias Entrevistadas



- △ = Homem
- = Mulher
- = Sem informação